

" O SOLAR DOS ALVARENGAS "

- Um programa de Roberto Lis.

2a. Fase - 1ª Capítulo.

Em 5/3/944

( Característica musical forte, fazendo depois fundo às palavras do Speaker )

SPEAKER : - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM:

Roberto : - O SOLAR DOS ALVARENGAS!... ( Característica sobe por momentos, baixando logo a seguir )

Speaker : - Um delicioso e emocionante romance que bem se poderia chamar: " A luta dos sentimentos " Porque nele se entrecrocão, a cada momento, uma lagrima e um sorriso, doces palavras de amor e soluços de revolta!...

Roberto : - É a vida que se repete na diversidade dos seus aspectos, na variedade dos seus instantes emotivos, na complexidade de cada uma das suas horas!...

Speaker : - Todo ele é um contraste de fulgurações e de sombras porque é um retrato da propria vida e a vida nada mais é do que uma eterna sucessão de contrastes!...

Roberto : - É uma historia essencialmente humana, como são humanas todas as historias que as criaturas veem escrevendo, com os seus variados destinos, no livro grande da vida!...

Speaker : - Nos seus personagens vive um pouco de cada um de nós e a luta imensa em que se debatem é a mesma heroica luta que enfrentamos para resolver a complexidade dos nossos inumeros problemas.

Roberto : - O Solar dos Alvarengas é o balançar constante entre o prazer e a magoa, o vai e vem entre a certeza e a duvida, alternativa entre o beijo e a lagrima... toda a historia entre um berço e um túmulo!

( Característica musical forte, baixando depois para fazer fundo )

Speaker : - Damos inicio hoje á segunda fase do Solar dos Alvarengas, dez anos depois dos acontecimentos desenrolados anteriormente, quando então habitava aquela velha mansão o Comendador Carlos Alvarenga, que ainda hoje, na saudade dos seus descendentes, é a imagem viva da austeridade e do preconceito.

Em sua nova fase, o Solar dos Alvarengas obedece á seguinte distribuição:

Suzana Alvarenga - A desilusão - .....	Carmen de Alencar.
Dr. Rubens - A inconstancia - .....	Roberto Lis.
Seu Felix - O coração - .....	Claudio Real.
Prima Aurora a Razão - .....	Branca Margarita.
Donguinha - A bondade - .....	Lilia Maria.
Alberto - o consolo - .....	Raymundo Gray.
Zacarias - A lealdade - .....	Carlos Moré.
Maribel - A renuncia - .....	Lilia Maria.
Ronald.....	Pitágoras.
Martinha.....	Edna Castro.
Coronel.....	Carlos Moré.
Otavio.....	Antonio Salgado.
Glodomira Monteiro.....	Circinha Milano.
Selanira Monteiro.....	Gissela Castro.
Rogério.....	.....
Comendador Vasco.....	Roberto Lis.
Encarregado do Estúdio.....	Emilio Belo.
Sonofonia de.....	W

( Característica musical forte, baixando depois aos poucos até desaparecer ).



- Suzana - ( lendo ) " O que vale querer-se muito intensamente a alguém que se dilúe e desaparece? Não sei dizer mais a você - a quem fiz meu verdadeiro confidente por não crer na sensibilidade das criaturas que me cercam, dentro da vida exclusivamente utilitária que ridiculariza o amor. Si eu estivesse escrevendo diretamente a ele, eu diria muito mais - tudo que de pena, de pudor e de erros ocorreu." ( pausa )
- Rubens - Continue, Suzana. Porque interrompeu a leitura?
- Suzana - Porque tive a impressão de que o Carlinhos chamou por mim. Você não ouviu?
- Rubens - Foi impressão, apenas. Ele já está dormindo há muito tempo.
- Suzana - Tome o livro. Eu vou dar uma espiadinha na porta do quarto. ( passos que se afastam ).
- Rubens - ( lendo ) " Desse outro lado da vida, você bem viu que o meu verdadeiro amor veio tarde demais. Veio quando eu já não tinha mais o direito de quere-lo. Entretanto eu o quize e a ele me entreguei, não exclusivamente sentidos, mas mulher inteiramente, com toda a dedicação, fazendo-o minha única razão de viver, do amor pelo amor. (Pausa) E como tudo me foi adverso! Os momentos bons foram curtos e fugazes, embora intensamente vividos; raros momentos, ampliados, na recordação, ao infinito... Eu agora tenho, neste momento, raiva e piedade de mim, dele, da vida, de tudo. E gritaria se não fosse os outros, a casa dos outros, a vontade dos outros, os outros sempre, os fantasmas que povoam a vida, amargurando-a, tornando-a, ainda, mais difícil de viver. ( Pausa ) Você já gostou de alguém, talvez de mim; sabe que a gente pensa que morre. Eu estou pensando que já não poderei mais viver. ( Pausa ) ( passos que se aproximam ). Ele estava acordado?
- Suzana - Não. Tinha razão em dizer que fôra impressão minha quando julguei que me chamára. Está dormindo profunda e tranquilamente. Queres que continue a leitura?
- Rubens - Não. Deixemos o resto para amanhã. O livro está quasi a terminar e é tão bonito que eu prefiro fazer com as crianças quando ganham um doce e saboreiam-no aos pouquinhos com prazer de que termine.
- Suzana - Se visses como estava querido o nosso Carlinhos com o pijama novo!... Tão faceiro que estava! A sua maior satisfação era o pijama ser do mesmo feitio dos que o papai usa. Foi depressa mostra-lo á tia Maurícia e Donquinha. É um amor o nosso filho, não é verdade?
- Rubens - Realmente. Carlinhos veio trazer-nos, enfim, a felicidade que ambicionávamos.
- Suzana - Ele foi a concretização de um sonho lindo que alimentei desde o instante em que unimos para sempre os nossos destinos.
- Rubens - Só nos resta agora pedir ao Pai de Misericórdia que a sua vida toda seja uma continuação deste sonho e que jamais tenhamos que despartar para as cruas realidades que a vida quasi sempre nos oferece.
- Suzana - Sabes que ele me disse um dia destes que desejava ser médico como tu?
- Rubens - E que lhe respondeste?
- Suzana - Que era cedo demais, ainda, para deliberarmos sobre um futuro tão distante.
- Rubens - Distante dizes tu? A vida passa tão depressa minha querida!... Só mesmo a presença do nosso filho, o seu desenvolvimento e os fios de prata que embranquecem as minhas têmporas me fazem pensar na realidade do tempo que transecorreu desde o nosso casamento. Não fôsse isto sempre me pareceria que tudo foi ontem.



- Suzana - De qualquer forma não me parece aconselhável precipitar deliberações. Ele hoje alimenta o desejo de seguir a mesma carreira que tu, o que aliás é natural pela influência que a tua vida deve exercer no seu espírito infantil, amanhã, entretanto, poderá desejar algo deferente. Assim deixemos o tempo correr e para tomarmos qualquer deliberação quando ela se tornar inadiável.
- Rubens - O que está me parecendo em tudo isto é que tu não desejas que ele siga a medicina.
- Suzana - Realmente não. Além de que a vida de um verdadeiro médico é muitíssimo sacrificada, as responsabilidades são enormes e as decepções constantes. Tenho a certeza de que ele mais tarde se arrependerá.
- Rubens - É preferível que tenhamos por nossa própria culpa uma decepção no destino que escolheu a viver toda uma vida insatisfeitos e a pensar que teríamos sido mais felizes se tivéssemos seguido os ditames do nosso coração. (Patem dez badaladas espaçadas).
- Suzana - O que?!...Dez horas já? Vamos tratar de descansar, Rubens. Amanhã é a festa de aniversário da Martinha e preciso levantar-me muito cedo porque há muito e muito que fazer.
- Rubens - Ela já está deitada?
- Suzana - Desde as oito e meia. Está radiante com a ideia de que vai botar pela primeira vez um vestido de mocinha. Hoje a costureira veio experimentá-lo. Se visses a sua satisfação! Andava de um lado para outro, olhava-se ao espelho, sorria...Sabes que acho-a cada vez mais parecida com Lucília? Não só fisicamente como até mesmo na sua maneira de ser. Lucília fez exatamente as mesmas coisas que ela na véspera da sua festa de quinze anos.
- Rubens - Queira Deus que não apareça amanhã um outro avião americano que a roube ao nosso convívio.
- Suzana - Avião não creio mas que um galã surgirá isto eu não tenho dúvidas por que ela mesma já o convidou. É Otávio, o filho do Dr. Rogério, nosso vizinho.
- Rubens - É o que faz ele?
- Suzana - É estudante. Primeiro ano de direito. Naturalmente é um namoro de crianças, não poderemos levá-lo a sério e não precisas te preocupar.
- Rubens - Já pensaste no presente que lhe vamos dar?
- Suzana - Já o comprei, até. Um jogo de cristal para toilet. Era uma das coisas que ela mais desejava ter. Ela vai ficar radiante.
- Rubens - Nada a alegraria tanto como uma visita de Lucília.
- Suzana - Bem sei mas como isto não é possível nada nos adianta desejar. Lucília está na cama há vários meses e a minha impressão, infelizmente, é de que ela não tornará mais a levantar. Tu, como médico, conheces a gravidade do seu estado e se nunca me deste uma esperança é porque também não a possues.
- Rubens - Realmente, a enfermidade de Lucília é muito grave e os males do coração quando atingem o grau em que o dela se encontra não se pôde alimentar qualquer ilusão. Só lastimo que ela esteja tão longe e não seja possível a Martinha ir fazer-lhe uma visita antes de que cerra definitivamente os seus olhos para a vida.
- Suzana - Eu sempre disse á Lucília, quando meninas, que ela ainda morreria pelo coração. É certo que quando dizia coração referia-me ao seu tomperamento amoroso, ao seu anseio louco de felicidade mas, de qualquer forma, foi este mesmo anseio que, a meu ver, enfermau o órgão coração.
- Rubens - Bem, querida, vamos dormir. É tarde e a noite nos espera para emba-



- lar-nos na carícia brande de um sono suave e reparador.

( CORTINA MUSICAL )

- Otávio - Dá licença, papai?
- Rogério - ( de longe ) Entra, meu filho. ( passos sempre a mesma distancia do microfone )
- Otávio - Não virei, por acaso, interromper as suas cogitações?
- Rogério - O que trabalho, queres dizer? Não, meu filho. Pódes dizer o que de-sejas.
- Otávio - Eu queria falar com o senhor alguns momentos.
- Rogério - Senta-te e fala. ( pausa ) O que desejas tu?
- Otávio - É que...eu queria poder uma coisa ao senhor...
- Rogério - Porque não pedes? Estás embaraçado. Acaso alguma vez neguei-te qual-quer coisa que me tivesses pedido?
- Otávio - Não, papai, não é isto...é que...francamente, eu não sei como começar.
- Rogério - Fala sem constrangimento. Bem sabes que tenho procurado sempre ser para ti um companheiro, um confidente da tua vida e conselheiro tam-bem. Não ha razão para embaraços, pois. Desejas um aumento da meza-da, talvez?
- Otávio - Não, papai. Não se trata de dinheiro. O que me dás chega perfeítamen-te para as minhas despesas até mesmo para as minhas extravagancias. É que eu estou convidado para uma festa amanhã...
- Rogério - Uma festa? Mas não me parece que isto seja razão para embaraços.
- Otávio - É que...essa festa...é em casa da minha namorada.
- Rogério - Da tua namorada? Como?!...Tu tinhas uma namorada e não me havias di-to nada?
- Otávio - Sim, meu pai...e exactamente por isto é que me sinto assim tão cons-trangido. Tenho a impressão de que incorri numa grande falta com o senhor.
- Rogério - Bem, antes de mais nada quero que me digas quem é essa namorada.
- Otávio - É Martha. Uma vizinha nossa. Creio que o senhor a conhece.
- Rogério - A mocinha do Solar dos Alvarengas? Sobrinha do dr. Rubens?
- Otávio - Exatamente. Ela mesma. Tem alguma advertencia a fazer, meu pai?
- Rogério - Não. É gente de boa casta, educação aprimorada...Um tanto orgulhosa, talvez. Conheci o velho Alvaranga. Nunca tivemos relações estreitas mas nos tratavamos cordialmente quando nos encontravamos. A mãe des-sa menina, a Lucília, foi muito bonita. Onde está ela agora?
- Otávio - Na Argelia. Casou em segundas nupcias com um oficial mutilado da guerra que hoje possui lá um bazar.
- Rogério - Aquela moça foi infeliz no seu primeiro casamento. Saiu de casa pa-rra casar, deu um enorme desgosto ao Avô e finalmente esteve tão pou-co com o marido. Em menos de um ano, parece, ela morreu em combate. Ela se fez Samaritana, foi para a Africa e hoje, segundo acabaste de dizer, está novamente casada. ( pausa ) Com que então a tua namora-da é a filha de Lucília Alvaranga?
- Otávio - Sim, meu pai.
- Rogério - Ela faz anos amanhã?
- Otávio - Quinze anos, meu pai. Vai fazer uma festa e disse-me que faz que...



- questão da minha presença. O senhor permite que eu vá, não permite?
- Rogério - Sim, podes ir. Não vejo nenhuma inconveniência nisto. O que é necessário, entretanto, é que não tomes nenhuma atitude que te possa comprometer deante da família dela. Lembra-te que tens apenas dezoito anos e é cedo demais para assumires qualquer compromisso. As atitudes, muitas vezes, nos comprometem mais do que as palavras.
- Otávio - Mas meu pai, eu gosto muito da Martha e pretendo casar-me com ela.
- Rogério - Mas é cedo demais para pensares em casamento. Vai á festa, brinca, diverte-te e deixa essa questão de casamento para quando tiveres completado os teus estudos. Já pensaste no presente que lhe vais dar?
- Otávio - Não, meu pai. Era exatamente uma outra coisa que desejava combinar com o senhor. O que pensa que devo dar-lhe?
- Rogério - Flores ou bonbons. É o que me parece mais apropriado. Ou se preferes, também, poderás mandar-lhe um vidro de perfume.
- Otávio - Muito bem. Desejava então, neste caso, que o senhor me desse um adiantamento de mesada.
- Rogério - Quanto desejas tu?
- Otávio - Parece-me que duzentos cruzeiros será suficiente.
- Rogério - Muito bem. ( pausa ) Aqui tens os duzentos cruzeiros. Vai escolher o presente da tua namorada e ás sete horas estejas em casa para o jantar.
- Otávio - Obrigado, meu pai. Até logo.
- Rogério - Até logo. ( passos que se afastam ) Meu filho!... ( pausa ) Que extraordinária sensação ele me fez sentir ao falar, constrangido e entusiasmado, na sua primeira namorada. Ao princípio recebi a sua confissão como uma advertência do velho tempo ao meu desejo de lutar contra ele, de resistir á sua ação destruidora, de não envelhecer, em suma. A pouco e pouco, porem, aquele entusiasmo que eu sentia brilhar nos seus olhos claros foi me contagiando e eu voltei, por instantes, á minha primavera, ao tempo que, como ele hoje, entusiasmava-me pelas meninas bonitas da vizinhança. E a revolta que a principio senti invadir-me o coração foi substituída por uma ternura infinita, nascida certamente, do grande amor que consagro a meu filho e do desejo que nunca me abandona de que ele possa ser muito emuito feliz. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ ( ouve-se o toque das Ave Maria ao O que?!... É o toque das Ave Maria? Seis horas já? ( pausa ) É, é isto mesmo. ( continua o toque do sino ) ( Depois de uma pausa em que sou se escutou o sino ) Interessante! Nunca, como hoje, esse toque me causou uma sensação tão profunda. Nunca como hoje, o cair da tarde me pareceu tão belo!... Nunca, como hoje, pude sentir tão profundamente essa hora de recolhimento e de saudade! Ave Maria!... ( tom de prece Ave Maria sagrada, Mãe de Deus, Mãe das mães! Senhora nossa!... Tu que viste rolar do alto do calvario as lagrimas de teu filho, o meigo Jesus crucificado. Tu que sabes o que é a dor porque a sentiste, Tu que sabes o que é o pranto porque o verteste, Tu que podes penetrar o coração de teus filhos e auscultar-lhes os anseios, protéje-nos, ampara-nos, inspira-nos. Derrama em nossos corações os efluvios do teu amor infinito, a tua misericórdia e o teu perdão! Abre sobre nós o teu manto celeste e abriga-nos de todos os males, de todas as lagrimas e de todas as faltas. Amen! ( novamente o sino toca á distancia por alguns momentos, sendo abafado finalmente pela. )

## ( CORTINA MUSICAL )

( vozerio discreto, gargalhadinhas, alegria e uma valsa antiga fazendo fundo á cena. )

- Martha - Como titia, aqui parada? Porque não vai dançar com titio? Pedi exatamente que tocassem uma valsa para os mais velhos dançarem.



- Suzana - Não posso dançar, minha querida Martinha. Bem sabes que preciso fazer as honras da casa. E tu porque não danças?
- Martha - Otavio não sabe dançar volsa. Deixei-o a conversar com Cleonice e Tereza e vou retocar um pouco o meu penteado. Estão muito desfeitos os meus bucles?
- Suzana - Não. Estão bem. Estás línea como sempre.
- Martha - Titia, veja! Veja quem chegou.
- Suzana - Seu Felix! Vá recebe-lo, querida. (passos que se afastam rápidos)
- Vasco - ( após uma pausa ) O que faz Madame aqui tão pensativa?
- Suzana - Oh Comendador, é o senhor?
- Vasco - Eu, sim. Estava a observar sua graciosa sobrinha, não é verdade?
- Suzana - Realmente. Estava pensando que, cada vez mais, se parece com a mãe.
- Vasco - Efetivamente. Os mesmos traços de beleza, a mesma graciosa maneira de andar e até a expressão dos olhos perfeitamente idêntica aos da senhora Lucília.
- Suzana - Não dança, Comendador?
- Vasco - Não, senhora. As pernas já não me ajudam e prefiro não abusar das suas possibilidades. Bem, senhora, com a vossa licença. Vou dar ali uma trela às senhoras Monteiro. A senhora Clodomira e a Senhora Celanira. ~~Suzana~~
- Suzana - À vontade, Comendador Vasco. O senhora está em sua casa. ( passos que se afastam )
- Vasco - Senhoras, muito boa noite.
- Clodomira - Oh Comendador Vasco, que milagre vê-lo numa festa!
- Celanira - É verdade, a Clodó tem razão. Que milagre, vê-lo numa festa.
- Vasco - É realmente uma coisa muito fóra dos meus hábitos, entretanto não poderia faltar à festa dos quinze anos da filha dum homem que foi meu grande amigo na mocidade. Admiro-me também de encontra-las aqui. Raramente veem a festas, não é verdade?
- Clodomira - Sim, efetivamente. Desde que a Edelvira faleceu, a coitadinha, nunca mais pizamos num salão. É esta a primeira vez depois de trez anos e meio.
- Celanira - A Clodó disse a verdade. Desde que a Virinha faleceu é esta a primeira vez que aparecemos em sociedade.
- Vasco - E a senhora Dejanira cá não está?
- Clodomira - Não, Comendador, ela não veio. A Deja, coitadinha, está tão atacada das varizes que foi obrigada a ficar em repouso.
- Celanira - É sim, a coitadinha da Deja ficou em repouso.
- Clodomira - Imagine que até vestido ela tinha mandado fazer para a festa. Veja, Virinha, veja, eu não disse a você que a Martinha estava de namoro com o filho do seu Rogerio? Lá-estão os dois sózinhos conversando.
- Celanira - É sim, Clodó, tens razão. Eles estão conversando mesmo.
- Clodomira - Admiro-me que o doutor Rubens e Suzana consinta um namoro destes.



- Vasco - Porque? O rapaz não é bom?
- Clodomira - Ora, Comendador, ela é uma Alvarenga, não esqueça, e todo o mundo sabe como o dr. Rogério fez a fortuna dele. Era sócio de uma casa de jogo.
- Celanira - É verdade, a Clodô tem razão. Era sócio de uma casa de jogo.
- Vasco - Isto é o que diz a plebe mas se lhe vamos a dar crédito....
- Clodomira - Nirinha, veja!...Veja quem está lá. O senhor seu Felix, o nosso cunhado!....( chorosa ) Coitadinha da Virinha!....
- Celanira - ( chorosa também ) Tem razão, mana Clodô. Coitadinha da Virinha!...
- Vasco - Ora, ora, senhoras, deixem-se de choradeiras. Afinal já lá vão tres anos e meio e devemos concordar que o homem tem o direito de procurar distrair-se. Ademais ele sempre foi muito amigo da familia, não podia faltar á festa de quinze anos da menina Martinha.
- ( a este tempo a volsa que fazia fundo ao dialogo já deverá ter terminado ).
- ( ouve-se tres batidas ao longe e a voz de Martinha, a uma certa distancia, a hora de arte que vai começar ).
- Martha - ( longe falando forte ) Meus amigos: Vamos dar inicio a alguns momentos de fina espiritualidade, ouvindo, inicialmente, Maria Tereza num sólo de piano. Ela interpretará a Rapsódia Hungara numero 2, de Litz.
- ( aplausos. Ouve-se o sólo de piano. Novamente aplausos )
- Martha - Gostaste?
- Otavio - Muito. Ela toca muito bem, com muito desembaraço.
- Martha - Formou-se o ano passado na Capital.
- Otavio - Deve ter começado muito cedo, então. É tão jovem ainda.
- Martha - Sim, desde os oito anos ela aprende. Fez dezeseite em Setembro. Com licença um momento, Otavio. Vou anunciar o segundo numero.
- Otavio - Quem é que vai tocar?
- Martha - O Sergio Albano. Já tiveste ocasião de ouvi-lo?
- Otavio - Não.
- Martha - É esplendido. Nunca ouvi ninguem tocar violino com tanta alma. Com licença um momento, sim?
- Otavio - Pois não. ( passos sempre á mesma altura do microfone. Tres batidas. )
- Martha - Atenção. Em prosseguimento ao nosso programa escutaremos agora Sergio Albano interpretando a Reverie de Schumann em sólo de violino. Acompanha-o ao piano Maria Tereza.
- ( aplausos. Sólo de violino. Novamente aplausos e risadinhas/ felicitações e passos sempre a mesma altura do microfone á medida que o ruído vai se apagando até desaparecer quasi totalmente. Fazendo fundo ao dialogo que segue, ouve-se, muito em surdina, uma voz feminina cantando o "Rosario" ou qualquer outra musica romantica )
- Suzana - Seu Felix!...O que faz aqui? Não isolado de todos?
- Felix - Minha boa amiga, o que pôde fazer um velho como eu quando fôge de um ambiente alegre, onde ha musica, alegria, mocidade e se recolhe a um canto, cabisbaixo e tristonho? Converso com a minha saudade. Lembro-



- me de uma festa como esta, ha ~~trinta e dois~~ <sup>trinta e dois</sup> anos passados, quando era a mãe desta menina que comemorava os seus quinze anos. Naquele tempo vivia ainda o meu bom amigo Carlos, o teu avô. Vivia ainda a boa tia Esperança e o nosso Jorge era uma criança-com a alma povoada de sonhos, repleta de ilusões. Hoje....
- Suzana - ( após uma pausa ) Home, em todos os cantos deste velho casarão vive o espectro da saudade atormentando o coração dos que ficaram.
- Felix - Dos que ficaram e não esqueceram aquele tempo bom que vai tão longe! ( pausa ) Tua mãe, teu irmão, Lucília a encher a casa toda com a sua alegria contagiante, seu riso sonoro, suas ingenuas brincadeiras!... Como passa o tempo e como tudo muda!...
- Suzana - Pobre Lucília!...Tão moça ainda e presentindo a morte rondar-lhe os passos, sem a esperança, sequer, de poder vir exhalar o seu ultimo suspiro na velha casa onde nasceu e foi criada, longe, tão longe da sua unica irmã, dos seus amigos...da sua filha!...Como deve ser triste - morrer assim!...
- Felix - Nós deveríamos, á medida que vamos envelhecendo, cada vez nos habituarmos mais com a ideia da morte, mas, ao contrario, quanto mais perto a sentimos de nós, quantos mais parentes e amigos ela nos vai roubando, maior é o pavor que ela nos inspira. Vou te confessar uma coisa, minha querida Suzana: Desde que a Edelvira morreu que não consegui ainda passar uma unica noite sem pensar no pavor que me causa a solidão em que vivo.
- Suzana - Acredito, sim, seu Felix. É horrivel a solidão. A mim, pelo menos,não ha nada que mais me desespere.
- Felix - ~~Acordo-me~~ - e isto ha tres anos e meio - duas, tres vezes por noite, e fico a pensar na tortura da minha vida inutil e vasia, no abandono a que <sup>eu</sup> proprio me entreguei, na tortura infinita de ~~viver só~~ viver só, exposto a tantas coisas, sem alguem que suavise a minha velhice, que me afague os cabelos brancos e que empreste á tristeza dos meus olhos embaciados um pouco daquela luz que só foi propria destes mesmos olhos nos verdes anos da minha mocidade!...Se ao menos eu pudesse ter Alberto ao meu lado...a vida não seria hoje tão triste para mim.
- Suzana - Seu Felix, porque não volta a morar connosco? O senhor sabe que seria tão grande o nosso prazer! No dia em que dona Edelvira morreu lembro-me perfeitamente que Rubens lhe fez este mesmo convite. O senhor recusou nós não quizemos insistir. Podia ter sido um pedido que ela lhe tivesse feito...Se não ha, entretanto, um motivo maior que lhe faça ainda hoje persistir nessa recusa, lembro-lhe que o seu quarto está hoje tal como o senhor o deixou ha dez anos passados. ( pausa ) E então? O que me diz? O senhor estará mais acompanhado e nós mais alegres em casa com a sua presença. A casa é tão grande!...Ficou tão vasia de uns anos para cá! Vamos, diga que sim.
- Felix - Vou pensar, Suzana. Amanhã responderei qualquer coisa.
- Suzana - Era menos uma porta fechada. Era menos uma saudade em nosso coração!...
- Felix - ( engasgado ) Minha querida Suzana!...Que vontade...que vontade exquisita de chorar.
- Suzana - ( chorando ) É a mesma vontade que eu sinto, seu Felix, porque é o mesmo mal que nos atinge. É a saudade que nos fere. Chore. Chore sem - constrangimento. Deixe escorrer o pranto que lhe inunda os olhos porque depois ha de sentir mais aliviado o seu velho e cansado coração!  
( choram os dois por um momento. Passos que se aproximam ) Cuidado, procure disfarçar. Al vem Martinha.
- Martha - Como? O que fazem os dois aqui tão isolados?
- Suzana - Estavamos...estavamos conversando.
- Martha - Parecem tristes. Tem os olhos vermelhos. Porque? Estavam chorando?



- Felix - (disfarçando) Ora esta, Martinha, porque havíamos de estar tristes num dia de tanta alegria? Porque havíamos de estar chorando? Que lembrança é esta? Estamos até muito contentes, muito satisfeitos. Não faz muito estávamos aqui os dois a dar boas gargalhadas relembrando... o que estávamos mesmo relembrando, Suzana?
- Suzana - Como? Já esqueceu? Estávamos ~~relembrando~~...relembrando as suas brigas com a Prima Aurora.
- Felix - Exatamente. Era isto mesmo. Estávamos relembrando minhas brigas com dona Aurora. Dona Aurora era mesmo gozada! (começa a rir exageradamente Suzana ri também, procurando disfarçar e Martinha entra no círculo, sendo dos tres, a unica que ri realmente com vontade)
- Martha - (quando as gargalhadas cessam) Vamos para o salão. Vim busca-los. Vão tocar outray valsa e o senhor vai dançar comigo, seu Felix.
- Felix - Eu dançar com você, menina? Mas e as minhas pernas? Elas já não me ajudam. Estão muito enferrujadas. (rompe uma valsa antiga ao longe)
- Martha - Não quero saber. O senhor vai dançar comigo, já disse.
- Felix - Está bem, tu hoje és a aniversariante não debes ser contrariada. Vamos, vamos dançar.

( CORTINA MUSICAL )

- Clodonira - Já fizeste o chá de tília para a Deja, Nirinha?
- Celanira - Já, mana, Clodó. Agazalhei-a bem por causa do resfriado e enrolei os seus pés naquele chalesinho de lã cor de cinza. Agora ela vai dormir.
- Clodomira - Espirrou tanto essa menina hoje durante o dia que eu já estava ficando até aflita.
- Celanira - A mana Dejanira ~~abusa~~ muito. Ela já não é criança para expor-se ao tempo como se expõe. Está com quarenta e oito anos. Exatamente a idade perigosa. Eu que sou mais moça dois anos não faço isto de saís de manhã cedo para a igreja sem um abrigo qualquer.
- Clodonira - O que estavas conversando com ela ha pouco?
- Celanira - Ajudava-a a rezar o seu Rosario.
- Clodonira - Sim, eu ouvi, mas de vez em quando vocês intercalavam qualquer coisa.
- Celanira - Comentários da festa de hontem. Ela queria saber então eu ia contando aos poucos tudo que vimos.
- Clodomira - Por falar nesta festa eu ainda estou impressionada do luxo em que se apresentou a Maria Alexandra. Até anel de brilhante. Não viu mana - Celanira?
- Celanira - Como não ia ver? Se todo o mundo viu.
- Clodomira - É o pai no estado de quasi penuria que todos nós sabemos. Com várias letras protestadas no banco. É até falta de respeito aos credores a filha se apresentar num luxo daqueles. Uma verdadeira ~~afroada~~.
- Celanira - E a Margarida Alteran com broche de diamantes e vestido de tafetá?
- Clodomira - É por isto que o seu Joaquim suspendeu os fornecimentos do armazem. Só querem usar luxo e não se lembram de pagar o que devem. O mal da sociedade actual está no desejo de ostentação, de quem doar. Não interessa. O que interessa é poder aparecer. Fazer figuração. Destacar-se das outras pelos tecidos mais caros e as jóias de mais alto preço.
- Celanira - No nosso tempo não era assim.
- Clodonira - Que esperança. No nosso tempo só usavam seda as cocótes. As moças



- recatadas só usavam fustão ou cambraia. E não vê que punham as costas nuas como estavam todas as que lá se encontravam. Aquilo é que era tempo! Aquilo é que era decência, relig do homem que pudesse enxergar dois dedos além dos nossos tornozelos.
- Celanira - Dizem que é moda.
- Clodonira - Moda! Pouco vergonha é o que é. Sob o pretexto de moda as moças de hoje vão dando vasão a todas as suas tendências de descarada luxúria.
- Celanira - Credo em cruz, mana Clodó. Que palavra tão feia.
- Clodonira - É a única que encontro para expressar a verdade.
- Celanira - Ah, mana Clodó, é verdade: hoje na trezena de Santo Antonio o senhor vigário extranhou a sua ausencia. Expliquei-lhe que você ficára em casa para cuidar da Deja que estava enferma e ele mandou lhe pedir que não falte amanhã para contar-lhe as novidades da festa.
- Clodonira - Está bem, eu irei amanhã. Preciso mesmo dizer-lhe o ridículo papelão que fez o nosso encantador cunhado. Dansando, um velho daqueles. O sr. vigário vai ficar escandalizado. ( batidas na porta, longe) Ué, quem será? O que quererão a esta hora da noite em nossa casa? ( alto para longe) Quem é?
- Felix - ( de longe) Sou eu, o seu cunhado. Abra a porta.
- Clodonira - ( alto para longe) O senhor está louco? Vir a esta hora da noite á casa de tres moças solteiras?
- Felix - ( longe) Ora, dona Clodomira, deixe de bobagem. Não são ainda nove horas da noite e as "moças" depois dos quarenta anos deixem de ser senhoritas.
- Clodonira - ( Para longe furiosa) Atrevido!...Mal educado!...Retire-se. Não - lhe abro a porta. E depois do papel grotesco que o senhor ontem representou não o reconheço mais como cunhado.
- Felix - ( de longe) Está bem. Vá plantar favas, então.
- Clodonira - O desaforo!...O atrevimento desse urango tanto!...Dizer que não somos mais senhoritas. Ai, Celanira!...Ai!....
- Celanira - O que foi, mana Clodó? O que foi? Acalme-se, por favor.
- Clodonira - Os meus saís. Vamos, depressa os meus saís que está me dando uma - coisa. Ai! Ai! Ai!.....

## ( CORTINA MUSICAL )

- Donguinha - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, ermã Filicidades.
- Aurora - Para sempre seja louvado, Donguinha. E o Zacarias como vai?
- Zacarias - Com a graça de Deus bem, minha ermã. A sinhora tem passado bem?
- Aurora - Nesta casa vamos sempre bem, Zacarias. Jesus está conosco.
- Donguinha - Nós era pra vim de minhãzinha trazê esses doce da festa da dona Martinha que a dona Luana disse que era pra nós trazê, mais tivemo tanto que fazê lá em casa que num foi pussivi vim mais inhante.
- Zacarias - Era tanta coisa prá arreglá. Tanto tapete prá batê. Tanto móvi prá butá nos lugá que pur mais que a gente fizesse não deu pre triminá o selviço inhante das cinco.
- Donguinha - É nós tava afrito porquê sabia que depois das seis a gente não podia mais intrá.
- Aurora - Esteve bonita a festa da Martinha?



- Zacarias - Tava uma gustuzura.
- Aurora - Muita gente, com certeza, não?
- Donguinha - Chi!...Uma imundicia de gente. O salão grande chagô a ficá apeltado.
- Aurora - Mesmo na minha clausura eu não a esqueci. Rezei o meu terço da tarde em intenção á felicidade dela.
- Zacarias - Ela vai ficá sastifeita quando subé.
- Donguinha - Óia aqui, dona Órora....
- Aurora - Oh Donguinha, será possível que em todos estes anos você ainda não se tenha habituado a chamar-me pelo nome que adotei?
- Donguinha - Descurpe, dona Óro...qué dizê, ermã Filicidades.
- Aurora - Estás desculpada. Diz o que ias dizer.
- Donguinha - A senhora sabe quem é que tava na festa? O seu Félix.
- Aurora - Seu Felix?!...Tu dizes que ele estava na festa? Não estarás enganada Donguinha?
- Donguinha - Uái, enganada. Puis si ele tava. Num tava Zacaria?
- Zacarias - Tá só num é nada. Ele inté dansó.
- Aurora - O que é que tu estás me dizendo?!...O seu Felix dansou?
- Donguinha - Dansó, sim senhora.
- Zacarias - É verdade, dansó.
- Aurora - Veja só!... E este era o homem que não se consolava por ter perdido a mulhersinha do seu coração.
- Zacarias - Tá bão, dona Órora, tombem já vai prá mais de treiz ano que isso acunteceu.
- Aurora - Mas quando se sente sinceramente as coisas não ha tempo que altere os nossos sentimentos.
- Donguinha - Entonce qué dizê que a senhora ainda gosta dele, dona Órora?
- Aurora - Oh Donguinha, que sacrilegio! Esqueces que eu hoje não pertenco mais ao mundo profano em que ele vive?
- Donguinha - O que é que tem isso, dona Órora? Deus nosso Sinhô tombem tá notro mundo deferente e não se esquece da gente. Isso num tira.
- Aurora - Escuta aqui, Donguinha, com quem foi que ele dansou, heim?
- Donguinha - Quando o seu Zacaria me chamô pra vê ele tava dansando com a dona Maltinha. Foi só com ela que eu vi.
- Zacarias - Mais dansó com as otra tombem. Tinha uma que tava toda dirritida, toda dirriada pro lado dele. Eu só de longe manjando.
- Aurora - É Zacarias? E quem era ela, tu não sabes?
- Zacarias - Frá le dizê quem é num sei porque num conheço. Qué dizê, cunheço de vê na rua mas o nome num sei.
- Donguinha - Ele tá a mesma coisa sabe dona Órora? Nem parece que se passo-se tantos anos.
- Aurora - É Donguinha? E será que ele ainda pretende casar-se?



- Donguinha - Num sei não, mas vô le dizê que é capalz.
- Zacarias - É só ele querê, porque moça num é de le fartá.
- Aurora - Ele devia mesmo casar-se. Vive tão só, coitado!...E como é triste a vida quando não se tem ninguém!...
- Zacarias - Ele agora parece que vai morá otra veiz com nós.
- Aurora - É verdade?
- Zacarias - Foi o que eu uvi a dona Zusana dizê pro dotô Rube hoje da minhã.
- Aurora - Ah, então ele volta para o Solar? É, faz muito bem. Lá foi que ele coitado viveu toda a sua vida. Já estava habituado com a casa, com as pessoas, nem sei como poudê viver tanto tempo longe.
- Zacarias - Se a dona Órora tombem quizesse vortá nós ~~la~~ ficá ainda mais sasti-feito.
- Aurora - Não fale, Zacarias. Não fale assim por favor. ( ouve-se uma sineta longe ) Está na hora de rezar as vespervas. A superiora está nos cha-mando. Adeus, Zacarias, adeus, Donguinha. Voltem amanhã e me tragam mais novidades.
- OS DOIS - Lovado seja Nosso Sinhô Jisuis Cristo.
- Aurora - Para sempre seja louvado. ( começa um sino a bater, longe, as Ave Maria. )
- ( CORTINA MUSICAL )
- Ronald - Mãesinha, as flores que tu encomendaste a florista não recebeu hoje.
- Maribel - Que pena, filhinho. Que flores ~~ela~~ mandôu?
- Ronald - Rosas vermelhas. Gostas?
- Maribel - São bonitas, sim, mas desde que teu pai morreu não tenho posto outras flores no seu túmulo que não sejam perpetuas ou saudades.
- Ronald - As saudades nós levamos sempre com a nossa visita, mãesinha. Mesmo que deixamos rosas sobre o seu túmulo.
- Maribel - Sim, meu amor, é isto mesmo. Vamos levar-lhe as rosas, então. Faz ho-je dez anos que ele foi arrebatado ao nosso cariátóe
- Ronald - Tu gostavas muito do papai, não é mãesinha?
- Maribel - Muito, meu querido, muitissimo! Ele era tão bom, tão bom!...
- Ronald - Outro dia um menino me disse que tu tiveste uma porção de maridos, É mentira não é mãesinha?
- Maribel - Meu filho querido: Nunca dês ouvidos ao que disserem os outros meni-nos. O unico marido que sua mãesinha teve foi o seu Pai.
- Ronald - Eu quando for homem tambem quero ser Capitão Amador como ele era. Eu posso ser, mãesinha, posso?
- Maribel - Se estudares bastante poderás.
- Ronald - E depois quando eu me casar e tiver um filho eu vou botar o nome de Ernani.
- Maribel - Meu amor! Meu filho querido!... Como teu pai se orgulharia de ti se estivesse vivo.
- Ronald - Escuta aqui, mãesinha. Um gury me disse que as passadas hãas que mor-rem vão praó céo e as mãs vão para o inferno, é verdade?



- Maribel - ~~maxta~~ Sim, meu filho, deve ser mais ou menos assim.
- Ronald - Neste caso o papai deve estar no céu. Tu dizes que ele era tão bom.
- Maribel - Deve estar, sim, meu filho. Ele era boníssimo.
- Ronald - E estando no céu ele pôde falar com Nosso Senhor e pedir para Ele nos ajudar, não pôde?
- Maribel - Acredito que sim, Porque?
- Ronald - Porque então hoje no cemiterio eu vou pedir a ele que me ajude bastante pra que eu possa tambem um dia ser capitão aviador como ele foi.
- Maribel - Está bem, filhinho. Vamos agora. Vamos levar ao túmulo de teu pai estas rosas vermelhas.
- Ronald - E com elas deixaremos tambem lá as nossas saudades, mãesinha.

( CORTINA MUSICAL )

- Uma voz - ( falando alto de longe, num fone ) Decolará dentro de poucos instantes o avião Guanabara que seguirá viagem para o Rio de Janeiro. Os senhores passageiros tem cinco minutos para se despedir.
- ( vozerio discreto, despedidas, etc. )
- Felix - Parece mentira, que eu esteja tão nervoso!
- Suzana - Será medo, seu Felix?
- Felix - Eu não direi que seja medo propriamente...
- Rubens - Eu sei o que é. Não é bem medo. É receio.
- Felix - Afinal de contas voces tem que concordar que a gente vencer um percurso tão grande assim pelo ar, suspenso, é uma coisa que sempre causa apreensão.
- Suzana - Se fosse a primeira vez que o senhor voasse eu compreenderia o seu nervosismo mas afinal o senhor já voou uma ocasião quando o seu filho foi ferido naquele desastre.
- Felix - Bem mas naquele momento tudo que eu desejava era estar perto dele. Nem me lembrei que pudesse acontecer isto ou aquilo. Tambem, francamente, o Alberto bem me poderia ter avisado desta promoção dele com maior antecedencia para que eu tivesse tempo de ir de trem.
- Suzana - Vá descansado, meu amigo. Vá descansado que nada lhe acontecerá.
- Felix - Muito bem, então até breve, minha querida Suzana. Não me demorarei muito no Rio. Não gosto daquilo lá. Aquilo é muito bom para os moços e não praos velhos como eu.
- Suzana - Até a volta, seu Felix. Faça uma boa viagem e no dia da promoção do Alberto dê um apertado abraço nele que eu mando.
- Rubens - Nós passaremos um telegrama de felicitações a ele.
- Felix - Até a volta, meu amigo.
- Rubens - Até á volta, seu Felix. Coragem e muito boa viagem. Um grande abraço ao Alberto.
- Felix - Muito obrigado, muito obrigado.
- Uma voz - ( falando alto, de longe num fone ) Alô, Alô, senhores passageiros para o Norte. Queiram embarcar.

( scentua-se o vozerio, destacando-se as vozes de Suzana e Rubens, dan até a volta boa viagem )



- Suzana - Coitado, ele vai tão nervoso. Louco de medo de viajar de avião.
- Rubens - ( rindo) É verdade. Quasi lhe ofereci o meu chapéu.
- Suzana - Queres ir?
- Rubens - Vamos esperar um pouco. Assistiremos o decolar do aparelho.
- Suzana - Lá vai o seu Felix embarcando.
- Rubens - Foi o ultimo a entrar no avião.
- Suzana - Eu sei porque. Ele sempre foi da teoria de que os ultimos são os primeiros.
- Rubens - Nada disto. Foi para criar coragem vendo os outros entrarem na frente.  
( ouve-se o ruído de um avião que vai sair. Levanta voo, ouvindo-se o motor a principio mais forte, embora um pouco a distancia e depois afastando-se pouco a pouco até desaparecer completamente. )
- Suzana - Pronto. Lá se vai o seu Felix.
- Rubens - A esta hora o seu coração estará mais pequenino do que um níquel de dez centavos.
- Suzana - Em compensação, dentro de quatro horas mais o mundo será pequeno para conter a sua alegria!...

( CORTINA MUSICAL )

( um clarim tocando sentido 9 )

- Coronel - Meus comandados: Ainda vive dolorosamente no meu coração, como deve viver tambem nos vossos, a explosão de um dos nossos aparelhos e em consequencia da quel foi completamente destruido um dos nossos hangars. Nessa tragedia, que custou a vida de dois dos nossos companheiros, des tacou-se, pelo sangue frio e pelo espirito de sacrificio, o tenente aviador Alberto Ferreira de Novais que com o risco da propria vida e desafiando o furor do incendio precipitou-se em meio do terrivel elemento, dele conseguindo arrancar um dos seus companheiros, que felizmente, graças ao seu destemor e á sua coragem, poude ser salvo. Tomando conhecimento deste feito heroico o Ministério do Ar houve por bem condecora-lo com as insignias de heroi da nossa Força Aérea, promovendo-o, ainda, ao posto de Capitão. ( palmas prolongadas ) Tenente Alberto Ferreira de Novais, convido-vos a aproximar-vos desta mesa para receber a condecoração com que fostes agraciado. ( passos que se aproximam. Pausa longa, Nova salva de palmas. )
- Alberto - Meu comandante; Não tenho palavras com que vos possa agradecer os elogios que me fizestes.
- Coronel - Vos <sup>os</sup> merecestes, Capitão Alberto.
- Alberto - Obrigado. Muito obrigado.
- Felix - ( com voz embargada) Meu filho!...Meu filho querido!...Como me sinto orgulhoso de ti!...
- Alberto - E eu feliz, meu pai, felicissimo por ve-lo assim impado de orgulho.
- Felix - Que Deus te proteja sempre e te inspire, em todos os momentos, a cumprir o teu dever de soldado.
- Alberto - Que assim seja, meu pai querido. ( beijo )

( ouve-se uma marcha patriótica, forte a principio e depois afastando-se até desaparecer completamente. )

( CORTINA MUSICAL )



(ouve-se um sólo de piano - de preferência um noturno de Chopin . Passos que se aproximam)

Donguinha - Sinhásinha Suzana. (cessa o piano repentinamente).

Suzana - O que é Donguinha?

Donguinha - Viero trazê esse telengrama pro dotô Rubi. A sinhásinha Maltinha já inscreveu um papesinho que ele disse que tinha que levá de volta.

Suzana - É o recibo. De quem será este telegrama?

Donguinha - Eu acho que se a sinhora abri ele deve de tá inscrivido de quem é

Suzana - Naturalmente que sim mas a questão é que ele não é para mim, é para o Rubens eu não tenho o direito de abri-lo.

Donguinha - Ariessa, sinhásinha Suzana, pois a sinhora num é casada cum ele? Si eu fosse casada com arguem que arrecebesse uma calta ou um telengramos eu abria eles. Pois si a gente é casado, tão bão como tão bão.

Suzana - Não, Donguinha, não é direito, e demais eu nunca fiz uma coisa destas. Se hoje estou com a tentação de o fazer é unicamente porque estou com o presentimento de que este telegrama nos traz uma notícia ruia.

Donguinha - Credo, sinhásinha, vira boca prá costa.

Suzana - Desde manhã que eu venho sentindo uma angustia dentro de mim, uma vontade exquisita de chorar, um medo extranho de ficar só. Se ha pouco encontras-te-me ao piano foi porque o silencio desta sala me enervando de tal forma que eu senti a necessidade premente de ouvir um ruído qualquer.

Donguinha - É neivoso, sinhásinha. Tarvez a sinhora cumeu alguma coisa ontí que não lhe assentô bem no istumugo.

Suzana - Não, não é nada d'isto. Agora deante deste telerrama que acaba de chegar eu já não tenho duvida alguma de que tudo que estou sentindo nada mais é do que presentimento de alguma coisa ruia que está para acontecer.

Donguinha - Puis entoncos, sinhásinha, pra acabá com essa agunia a sinhora abre o telengramas e depois insprica pro dotô Rubi.

Suzana - Tens razão. É isto mesmo que vou fazer. (pausa. Ruído de abrir um papel. Nova pausa longa.) Eu sabia. Eu tinha a certeza absoluta.

Donguinha - O que foi, sinhásinha? Discurpe priguntá.

Suzana - (com voz embargada) É do Jayme o telegrama. Diz que Lucilia está á morte.

Donguinha - (com voz tremula) Num diga sinhásinha! Coitadinha da dona Lucilia. (chorando) O que é que a gente vai fazê, sinhásinha Suzana?

Suzana - (chorando) Nada, infelizmente. Nada nos é possivel fazer. É muito grande a distancia que nos separa.

Donguinha - Pobre a dona Maltinha, ela vai ficá tão triste quando subé que vai ficá sem a mãsinha dela.

Suzana - (chorando) Se eu pudesse poupar-lhe este desgosto. Se eu pudesse esconder-lhe a verdade!..Mas não, não é possivel. É preciso que lhe diga tudo. Vai chama-la, Donguinha.

Donguinha - Sim, sinhásinha, eu vô (passos se afastam)



- Suzana - Pobre Lucília!...Eu bem sei que a morte, para quem teve a vida atribulada como a dela, é sempre um descanso, um ponto final nas agonias e torturas que nos foram reservadas aqui na terra, mas se ao menos ela pudesse cerrar os seus olhos ao lado dos seus, da sua filha principalmente, não seria tão grande e nem o seu desespero nem a nossa tristeza. Na tres anos que em suas cartas ela não manifestava outro desejo que não fosse rever esta casa e a sua familia. E esse desejo tão justo, infelizmente, Deus não permitiu que se realizasse!...  
(passos)
- Martha - Mandaste-me chamar, titia?
- Suzana - Sim, minha querida.
- Martha - Mas o que tens? Tu estavas chorando?
- Suzana - O que tenho...é uma noticia muito triste para todos nós e principalmente para ti. Acabo de receber um telegrama e...( pausa )
- Martha - ( suspensa ) Mãe?
- Suzana - ( após uma pausa ) Sim.
- Martha - ( desesperada ) Não!...Não!...Não é verdade!...Diga que não é verdade, tua Suzana. Diga que ela não morreu. Eu não quero. Eu não quero que ela morra!...Eu não quero que morra a minha querida mãesinha.  
( choro convulso )
- Suzana - Minha querida, ela ainda não morreu. O telegrama diz apenas que o seu estado é desesperador. Póde ser que Deus se compadeça dela...e de ti. Vamos rezar a ele.

## ( CORTINA MUSICAL )

- Zacarias - Adonde é que tá a sinhásinha Suzana?
- Suzana - ( longe ) Estou aqui, Zacarias, e que é que tu queres?
- Zacarias - Eu fui lá na dona Órora e trouxe um biete dela pra Sinhásinha.
- Suzana - Um momentinho que eu já vou aí.
- Zacarias - Tá muito bem, sinhásinha. ( pausa ) Veje só o que é <sup>qu</sup>êssa Donguinha fumo fazê cum as noxa cumvelsa lá pra otra que tava tão bem assucedada!... ( passos se aproximam )
- Suzana - Pronto, Zacarias, o que é?
- Zacarias - É esse biete que a dona Órora pediu pra entregá pra sinhora.
- Suzana - Vejamos o que ela quer. ( pausa, lendo ) " Suzana querida. Sei que a minha inesperada resolução vai surpreende-la e talvez mesmo escandalizá-la mas depois que soube de umas certas coisinhas não posso mais suportar esta vida de caausura. Manda-me amanhã, pelo Zacarias, o meu vestido vermelho, os sapatos de verniz, minha bolsa e meu chapéu. Estarei em casa para o jantar. Um apertado abraço da tua prima Aurora." "eu Deus! Eu estarei sonhando?!...A prima Aurora vai deixar o convento? Não póde ser. que coisinhas teria ela sabido?"
- Zacarias - Eu digo pra sinhora o que é. Nós contemo pra ela que o seu Féli vai voltá a morá nessa casa.
- Suzana - Ah!...Agora estou compreendendo tudo. Sempre o amor, em todas as épocas e em todos os corações!...Pobre da prima Aurora!...Bem dizem os poetas que a esperança é a ultima que morre!...

## ( CORTINA MUSICAL )

- Suzana - Que tarde vieste hoje, Rubens!...
- Rubens - E cansadissimo, minha querida. Fz d'us que a õ de alta cirurgia



mas uma nuvem lá no céu distante  
cobriu a branca lua num instante  
e apagou toda a minha exaltação.

A noite, como hoje, estava linda.  
Beixamos o jardim.  
Flutuava no ar uma saudade  
e trazias em ti toda a ansiedade  
que eu via palpitar dentro de mim.

Suzana - (quando a música termina) Oh Rubens, como é bom saber! Como é bom voltar ao passado!...

Rubens - E como é triste envelhecer!...

( CORINA MUSICAL )

Suzana - Prezada senhora: Quem lhe escreve esta carta é a pessoa que durante os últimos dois meses da vida de sua irmã, dona Lucília, foi a sua enfermeira, e a missão triste que estas linhas encerram é a de comunicar-lhe o seu falecimento. ( transição ) Lucília!... ( lamento ) Ele ocorreu precisamente há dez dias passados e só agora, tendo tido conhecimento de que o marido dela não se refizera do golpe sofrido e acabara enlouquecendo, foi que me lembrei que a senhora talvez ainda não tivesse tido comunicação dessa infausta notícia. Talvez sirva de consolo à senhora saber que a coitadinha muito vinha sofrendo e que ultimamente já desejava ardentemente a morte para seu descanso. Qualquer esclarecimento que a senhora desejar sobre a situação que perdurou depois da sua morte eu sobre a enfermidade de seu cunhado poderá dirigir-se a mim que terei prazer em poder servi-la. Meu endereço é o seguinte: Gabriele Duvernoi Ferreira, Hospital Americano - Argélia. Receba com sua família o meu abraço de sincera pesar pela morte da boa dona Lucília. Gabriele. ( chorando ) Há dez dias. Foi precisamente quando Martinha teve aquela visão. Agora sim, agora estou convencida de que foi ela mesma, coitadinha, que esteve aqui para despedir-se da filha. ( passos que se aproximam )

Martinha - O que é isto, titia, está chorando? De quem é esta carta?

Suzana - Minha querida, eu ia precisamente mandar chamar-te.

Martinha - Não me digas nada, titia. ( chorando ) Eu já sei tudo. Já senti tudo. Foi ela, não é verdade? Foi a minha mãezinha que morreu.

Suzana - ( chorando ) Foi, minha querida. Foi ela, sim.

Martinha - Eu sabia!... O meu coração não me enganou!... É aquele beijo que ela veio me trazer naquela noite, doí o seu beijo de despedida!... ( em pranto convulso ) Oh titia, titia!... Deixe que eu chore no seu peito essa grande desgraça que me feriu!...

Suzana - ( chorando ) Chora, minha querida, chora! A dor é sempre mais suave quando podemos desabafar e a nossa infelicidade não é tão grande quando sabemos que temos um peito amigo que nos compreenda e sofre conosco!...

( CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAILANDO A SEGUIR )

SPEAKER: Este foi, caríssimos ouvintes, o 3º Capítulo da 2ª fase do Solar dos Alvarengas, que Roberto Lis escreveu e interpretou com o seu modesto conjunto de Radio Teatro. Ouçam no próximo domingo às mesmas horas de hoje, mais um capítulo do Solar dos Alvarengas!

( CARACTERÍSTICA FORTE PARA O FINAL DO PROGRAMA )



para  
4-4-43

0070

" O SOLAR DOS ALVARENGA "

*Alvares*  
CHefe  
3-9-943

- O folhetim sonoro da PRF9 que Roberto Lis escreveu ea Radio Difusora apresenta .-

( CARACTERISTICA MUSICAL PRIMEIRO FORTE E DEPOIS EM FUNDO )

2ª Capitulo

**SPEAKER:** - Lucilla Alvarenga, a neta do velho comendador Carlos Alvarenga, apesar da educação severa e antiga que recebera no velho solar em que fora criada, era uma creatura de temperamento ardoroso e arrebatado. Facilmente impressionavel, deixava-se arrastar pelo entusiasmo que lhe despertavam as suas fantasias, não medindo sacrificios para realiza-las. Foram estes os fatores que a levaram a deixar o velho solar em que sempre vivera, abandonar seus irmãos e seu velho avô, para se deixar levar nas asas metálicas de um avião, ao lado de um homem que tão pouco conhecia, mas que a conduzia para o reino encantado que a sua fantasia creára. São decorridos alguns dias desde a sua fuga do Solar dos Alvarenga.

( NOVAMENTE A CARACTERISTICA FORTE? ATE DESAPARECER LENTAMENTE )

Padre - Davies Stuart recebe a Lucilla Simões Pereira de Alvarenga como sua legitima esposa, assim como manda ~~a Santa Madre Igreja Catolica Apostolica Romana?~~ *a nossa Santa Religião?*

Davies - Si.

Padre - Lucilla Simões Pereira de Alvarenga recebe a Davies Stuart como seu legitimo ~~esposo~~ *esposo* assim como manda ~~a Santa Madre Igreja Catolica Apostolica Romana?~~ *a nossa Santa Religião?*

Lucilla - Sim.

Padre - Em nome de Deus os considero casados. ( OUVER A MARCHA NUPCIAL EM ORÇIO CU ORCHESTRA FORTE A PRINCIPIO E DEPOIS SUAVE PARA PODER OUVIR O DIALOGO QUE SE SEGUE ).

Um popular - Que linda pequena, quem é ela?

Outro - É de uma familia do Sul. Dizem que o avô não queria o casamento e que ela fugiu com ele no avião. Ele ia lava-la para os Estados Unidos mas chegou aqui em Pernambuco recebeu ordem de suspender a viagem então resolveram casar por aqui mesmo.

Um popular - Ele é um rapaz simpatico.

Outro - É americano. Parece que a viagem dele foi suspensa em vista dos ultimos afundamentos dos nossos navios. Segundo consta o seu avião foi incorporado á esquadilha de patrulha das costas do Atlantico.

Um popular - Vamos espera-los á porta da Igreja para podermos vê-los mais de perto.

( NOVAMENTE A MARCHA NUPCIAL FORTE POR INSTANTES ATE DESAPARECER )

( CONGO )

( MARCHA DE JOSELYN FORTE A PRINCIPIO E DEPOIS FRAGA SERVINDO DE FUNDO AO DIALOGO ).

Enfermeira - Borge numero quatorze. Veja/os dados para registrar a pequena.

Outra - Martha Alvarenga Stuart. (choro de criança recém nascida) é que é isso? que choradeira é esta? Vamos, vamos, nada de choro. É um mo-



Enfermeira - (repetindo) Marta Alvarenga Stuart. Nascida em Recife á....  
 Outra - 12 de março de 1943.  
 Enfermeira - (repetindo e escrevendo) Doze de março de 1943. (pausa) Filha de...  
 Outra - Davies Stuart, capitão aviador americano...  
 Enfermeira - (repetindo e escrevendo) Davies Stuart, capitão aviador americano e de...  
 Outra - Lucilia Sinaes Pereira de Alvarenga Stuart.  
 Enfermeira - (escrevendo e repetindo) Lucilia Sinaes, de que?  
 Outra - Pereira de Alvarenga Stuart.  
 Enfermeira - (idem) Pereira de Alvarenga Stuart.  
 Outra - Brasileira.  
 Enfermeira - (Repetindo) Brasileira. (pausa) Está, pôde levar a menina. (choro de criança).  
 Outra - O que é isso nene. Tá com fomeinha, tá? A mãezinha vai dá maminha pro nene. (o choro vai se afastando com os passos da enfermeira até se separar) (Novamente a Berceuse forte e depois até desaparecer).

( UM TOQUE DE CLARIN AO LONGE )

Coronel - Acabastes de receber as instruções sobre o que tendes á fazer. Foi permitida a entrada de vossas mães noivas ou esposas que vieram a esta base trazer-vos o seu beijo de despedida. Tendes cinco minutos para estardes com elas. Ide, pois. Cumpri o vosso dever e que Deus esteja convosco. (pádua. Bater de saltos e passos cadenciados que se afastam) ( CHORO DE CRIANÇA) BEIJEZ A VALSA DA DESPEDIDA EM CANTO FORTE E DEPOIS FAZENDO FUNDO).

Lucilia - Não chora meu amor. O paisinho já vem aí. Tá com soninho, tá? Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum. ( segue acalentando até que o choro cessa. Ruído de uma porta que se abre. Passos que se aproximam. emocionada). Davies, meu querido, vim te trazer o meu beijo de despedida. Trouxe também Martha. Ele quer te pedir que tu voltes. (chorando) Ela veio te dizer que ficaremos aqui te esperando, rezando a Deus por ti e por todos que pertencem contigo no cumprimento de um dever sagrado. Lembra-te que és tudo para nós. Que não temos a mais ninguém senão a ti e que se tu nos faltares ficaremos a mercê de um destino ignorado. (soluços)

Davies - Minha querida Lucilia. Não chorra tanto. Eu não quero te ver triste assim.

Lucilia - Poupa-te pelo amor de Deus. Não te exponhas, eu te peço. Cumpre o teu dever já que as nossas Patrias estão unidas para lutar pelo mesmo ideal que é a liberdade. (soluçando) Mas por favor eu te peço ainda uma vez! poupa-te, meu querido, poupa-te.

Davies - Martha ficará cuidando da mãezinha. Não deixa a mãezinha chorar muito. Paisinho vai voltarr. Agorra dá um beijinho pro papae. (beijo) Agorra dá beijo você minha querrida. E não quero vêr você cherrrar.

Lucilia - (contendo-se) Não, Davies, eu já não estou chorando. Vai, meu querido. Vai e cumpre o teu dever de soldado. (beijos) (pausas passos que se afastam) Davies!... Davies, Davies! (desata a soluçar perdidamente. Quando os soluços se acalmam ouve-se o ruído de primeiro avião que vai passando e se afastando). Guerra! Guerra! Maldita sejas tu que apartas os corações que se amam! (passa o segundo avião). Maldita sejas tu que semeias o luto e o pranto em todos os recantos do mundo!... (Passa o terceiro avião, Maldita sejas tu que destróis a civilização e



- semeias a desgraça!... (passa o quarto avião). Maldita sejas tu que nos obrigas a matar para viver! (falca da despedida forte e depois baixando até desaparecer).

( SONDO )

( COYI- E A MISSA FUNERRE DE ESTROVEN, A PRINCÍPIO FORTE E DEPOIS SERVINDO DE FUNDO AS PALAVRAS DO SACERDOTE ).

- Padre - Meus irmãos: Acabastes de assistir ao sufragio dos irmãos que tombaram em defesa da Patria, no cumprimento de um sacrosanto dever. Dois dos nossos aparelhos de patrulha foram abatidos na luta contra os subversivos/traidores, do inimigo covarde e agressor. E as mães, esposas, noivas, irmãos e filhos destes valentes soldados tem hoje os seus lares envoltos em crepe e as suas esperanças feitas em retalhos. O tributo desses pobres corações foi bem pesado, é verdade, mas deverá restar-lhes o consolo de que seus filhos ou esposos, noivos ou irmãos deram a sua vida por uma causa abençoada e que o seu sacrificio não foi vão, uma vez que da semente que lançaram ao solo sagrado da Patria ha de surgir um dia- verde como a esperança que nos anima - a árvore bendita da liberdade á cuja sombra nos iremos abrigar. É possível que maiores sacrificios nos sejam impostos. É provável que horas ainda mais angustiosas nos estejam reservadas mas a tudo ha de sobreviver a nossa vontade inquebrantavel de lutar, o nosso desejo inflexivel de vencer! As Americanas nasceram para viver livres e pela liberdade estão dispostas a dar até o seu ultimo soldado. Que Deus recolha ao seu seio a alma dos nossos primeiros irmãos sacrificados nesta luta e que a centelha divina do seu amor possa manter sempre acesa a lampada votiva da nossa fé!...

( NOVAMENTE A MUSICA FUNERRE E DEPOIS SERVINDO DE FUNDO AO DIALOGO QUE SE SEGUE ).

- Uma voz - Receba as expressões do nosso profundo pesar, senhora Stuart.
- Luclia - ( com voz embargada ) Muito obrigada.  
( SINGE DOBANDO POR ALGUNS MOMENTOS ) ( CORTINA MUSICAL ).
- Felix - Bom dia, menina.
- Suzana - Bom dia seu Felix, como vai esse coração?
- Felix - Palpitando sempre apesar dos sessenta e tres anos de trabalho incessante. E seu Avô já saiu do quarto?
- Suzana - Não! pensei até que estivesse doente mas tia Esperança que foi levar-lhe o café disse-me que ele está com bom aspecto.
- Felix - Ele hontem parecia seriamente preocupado. Imagine você que perdeu todas as partidas de gamão que jogou comigo. Ele que é o campeão do gamão
- Suzana - É que ontem estava fazendo exatamente um ano que Luclia nos abandonou. Naturalmente a data não lhe passou desapercibida.
- Felix - Ah!...só agora estou percebendo. Um ano já? que Luclia se foi?
- Suzana - É verdade! ( pausa ) E em todo este tempo nem uma carta sequer! Ela que me prometira escrever todas as semanas.
- Felix - A felicidade é absorvente Suzana. Faz com que nos esqueçamos das tristezas alheias, ainda mesmo quando essas tristezas sejam ocasionadas por nós.
- Suzana - Se ao menos se tivesse mandado o seu endereço eu lhe poderia escrever, mandando dizer-lhe da tristeza que me causa a sua ausencia, do desconforto que é para mim viver neste solar entre a severidade de um velho de 74 anos e a animosidade de uma colzeirona de 49. Talvez que as minhas palavras lhe inspirassem pena e ela se resolvesse a me escrever. Não me confiera, seu Felix, ( chorando ) Parece sentira que minha irmã nos se tinha lembrado de mim uma vez.



Felix - Não faça assim, Suzana. Você sabe que eu não posso ver ninguém chorar!

Suzana - A principio eu ainda me dava ao trabalho de esperar o carteiro. A espera, porém, era sempre inutil e não mais isto eu faço hoje. Se ao menos eu tivesse a certeza de que naquele turbilhão de festas e distrações que não lhe devem faltar lá na America do Norte ela se lembrasse de mim de vez emquando, eu ficaria mais consolada. Mas eu não creio que isto tivesse acontecido nunca porque então haveria de achar ao menos cinco minutos para mandar-me um bilhetinho só que fosse. E dizer-me que 15 anos vivemos juntas - lado a lado - sentindo as mesmas alegrias e sofrendo os mesmos dissabores. Se soubesse o quanto soffro com tamanha ingratiidão, seu Felix!.....(chora)

Felix - Vamos, não chora. Eu já lhe disse que não posso ver ninguém chorar. Escute uma coisa. Você jura que será capaz de guardar segredo de uma coisa que lhe vou contar?

Suzana - Naturalmente que sim.

Felix - Será uma coisa que lhe dará grande alegria mas que você não contará para ninguém.

Suzana - Juro pelas cruzas de mamão.

Felix - Pois bem, sua irmã escreveu varias cartas.

Suzana - Hei! o que é que o sr. está dizendo seu Felix?

Felix - Sua irmã escreveu varias vezes. Ao seu avô, a você, ao Jorge e até mesmo a mim.

Suzana - Mas nunca nenhuma das suas cartas chegou ás minhas mãos.

Felix - Porque seu avô deu ordem á sua prima de destrui-las todas antes que chegasse ás mãos de qualquer um dos seus destinatarios. A dona Aurora parece que sente um prazer especial em cumprir estritamente as ordens recebidas. Todas as manhãs, ao sair da igreja, dá-se ao trabalho de passar ao Correio e revisar a correspondencia que o carteiro devará trazer ao solar.

Suzana - Vovô não tem o direito de proceder desta forma. Que mandasse queimar sem ler as cartas que lhe fossem dirigidas, vá lá. Mas as que são dirigidas aos outros com que direito ele as manda destruir? Vou dizer-lhe o que sinto francamente.

Felix - Você jurou que guardaria segredo, Suzana. Pense na situação em que se coloca.

Suzana - Sim, tem razão. Eu jurei... Mas eu daria tudo para ler uma dessas cartas.

Felix - Fale com sua prima. Póde ser que ela tenha guardado essas cartas em vez de destrui-las.

Suzana - O sr. pensa seriamente que eu poderia arranjar alguma coisa falando com prima Aurora? Ora, seu Felix, o sr. nem parece que a conhece a tantos anos.

Felix - Faça uma tentativa. Quem sabe? Dos pantanais nascem ás vezes flores de perfume delicioso. Mas não lhe diga nada do que sabe. Fale-lhe apenas da ingratiidão de sua irmã e do sofrimento que lhe causa o esquecimento em que a envolveu.

Suzana - Vou fazer o que me aconselha mas affianço-lhe que sem a menor esperança de ser bem sucedida. Prima Aurora é má, seu Felix. A sua revolta abrange a tudo e a todos.

Felix - Experimente, em todo o caso. (passos arrastados que se aproximam)



- Esperança - Bom dia, meu sinhô. Que a paz de Deus teje nesse coração.
- Felix - Que assim seja, tia Esperança. Então, como vai essa bizzarria?
- Esperança - Preta véia tá cansada, meu sinhô, muito cansada. Deus Nosso Sinhô num qué chamá ela, acha que ela ainda tem de vivê.
- Felix - Tem que viver sim, tia Esperança, como não. Ainda ha aqui muita gente que necessita da você.
- Esperança - Preta veia num presta mais, meu sinhô.
- Felix - Presta sim, como não? Presta e muito até. Escute, tia Esperança e o Carlos como está?
- Esperança - Tomô uns golinho de café com leite e agora tá lendo o jornal. Disse que era pro sinhô entrá quando se alivantasse.
- Felix - Está bom, eu vou lá, então. Até logo, Suzana.
- Suzana - Até logo seu Felix.
- Felix - Procure fazer o que lho disse. (passos que se afastam) (pausa. Suspiro profundo de Suzana)
- Esperança - O que é que a sinhásinha tem que tá tão triste? (pausa) Fala, conta pra néga véia.
- Suzana - Tia Esperança... (chorosa) Eu tenho uma dor aqui, uma dor!
- Esperança - Fruque que a sinhásinha já num disse pra preta veia, meu Deus! Preta veiz vai passá um macedinho de catianga de sulata, a dô vai miordá.
- Suzana - Não, tia Esperança, pra dor que eu sinto esses remedios não adiantam. A dor é interior. É aqui bem no fundo. É um cansaço de alma! Uma tristeza de coração. É dor moral, tia Esperança, não é dor física. Ah tia Esperança que se não fosse você e meu Felix o que seria de mim dentro deste enorme casarão escuro? Eu me sinto tão infeliz, tia Esperança! (chora) Tão infeliz!
- Esperança - (chorando) Fôbre da minha sinhásinha! Adelta aqui a cabeça no meu colo, minha fia. Adelta. Anessa. É só o que a preta véia pôde fazê pra aliviá a ingunia de coraçãozinho da sinhá. Preta véia faz carinho pra lanchá um suado a dô. Dera a preta véia enxugá os olhos da sinhá. (pausa) Uns óinho tão bunito todo moladinho pelas lágrima.
- Suzana - Tia Esperança, a senhora é muito minha amiga, não é verdade?
- Esperança - Que pergunta, sinhásinha. Entoces sinhá já num sabe?
- Suzana - Sei sim, e é por isto que te vou confiar um segredo. Em primeiro lugar quero que me digas uma coisa. Tem falado com Donguinha? (pausa) Diz a verdade sem ter nenhum receio.
- Esperança - Tenho sinhásinha. O patrão proibiu que arguem falasse com a negrinha mas a sinhásinha sabe que o diabo da pestinha é fia da minha fia. A gente num pôde dexá. A gente é nega mas toben tem coração.
- Suzana - Eu sei, tia Esperança. A cor não influe no sentimento. E depois ela foi tão boa para Lucilla que eu mesma se pudesse falaria sempre com ela. Foi a recomendação que Lucilla me fez, quando nos despedimos que se lho acontecesse alguma coisa que velasse por ela. E eu nada pude fazer pela coitada. Não houve suplicas nas lagrimas que demoveassem você da sua resolução de expulsá-la daqui.
- Esperança - mas não se preocupe, pua negrinha, sinhásinha. Ela tá bem acomodada lá adonde tá e os patrão diz que são muito bõe pra ela. Suzana



- tem sido muito bõo e sempre lêva os meus recado.

Suzana - Pois bem, tia Esperança, eu quero falar com Donguinha. Você vai mandar um recado pelo Zacarias para que ela nos espere do lado de fóra do muro á hora das Ave-Maria.

Esperança - O que é que a sinhásinha pretende fazê, conta pra preta véia, é mió.

Suzana - Logo mais tu saberás tudo, tia Esperança. Per ora eu te direi apenas que se trata de Lucilla. Tu vais mandar o recado, não é verdade?

Esperança - Vó, sinhásinha, vó.

Suzana - E vais consigo encontrar Donguinha tambem , não vais?

Esperança - Vó, sinhásinha, vó.

( CONTINUA MUSICAL )

Aurora - Titio, a correspondencia acaba de chegar. Quer que a leia?

Carlos - O que é que veio aí?

Aurora - Ha aqui uma carta do seu advogado.

Carlos - Veja lá, veja lá. (Ruído de rasgar envelope e abrir carta). Ha mais de dois meses que só me manda noticias ruins. Queira Deus que não seja mais uma delas.

Aurora - (após uma pausa) Diz que os negocios continuam muito embaraçados e que ele começa a perder as esperanças de resolve-los satisfatoriamente para o senhor. (Ruído de rasgar outro envelope e abrir papel)

Carlos - É só o que ele me sabe mandar dizer. Pudesse eu fazer uma viagem tão longa e tenho certeza que havia de resolver tudo como quero. Que mais ha?

Aurora - Ha uma carta do seu inquilino da Quinta Rosada pedindo desculpas de ainda não haver feito a remessa dos alugueis dos dois ultimos meses devido aos grandes prejuizos que a seca lhe ocasionou. Diz que o sr. saberá compreender e desculpar.

Carlos - Ele deveria tambem compreender que nós não podemos viver do ar. E exatamente agora tivemos a viagem de Jorge para o Rio, o seu ingresso na Escola naval e uma série de despesas de caxoval e outras coisas mais que teremos forçosamente de enfrentar. Não sei onde iremos parar deste jeito. Francamente não sei. (pausa) Bem, deixemos isto. Que mais ha?

Aurora - Uma carta...de Recife.

Carlos - Porque não faz o mesmo que tem feito com as outras?

Aurora - Caso ven em papel de luto....

Carlos - Não interessa igualmente. Póde queima-la.

Aurora - Está bom, titio. É só o que ha por hoje. Com licença então. (passos que se afastam)

Carlos - (como que chamando) Aurora! (passos que se aproximam)

Aurora - Titio?

Carlos - (após uma pausa) Nada. Póde ir.

( CONTINUA MUSICAL )

( SEIS BADALADAS COMPASSADAS )



- Aurora - Como é aborrecida essa hora do poente, meu Deus!
- Felix - Não diga isso, dona Aurora, uma hora tão linda!
- Aurora - Pois eu acho-a simplesmente enervante. Tenho horror ao crepúsculo.
- Felix - Compreendo. Ele precisa ser compreendido para que possamos encontrar-lhe a beleza.
- Aurora - Eu não sei que mania ridícula têm certas criaturas de encontrar beleza no que é triste.
- Felix - As criaturas de boa vontade são assim, dona Aurora. Nas peores causas como nas peores criaturas, procuram sempre ver o pouco que há de bom.
- Carlos - Felix, deixe de estar aí a discutir e venha dar comigo uma volta pelo jardim.
- Felix - Pois não, Carlos., podemos ir. Com licença dona Aurora.
- Aurora - Exis á vontade. (passos que se afastam) Velho antipático! Ainda um dia porco a paciência e cuspo-lhe toda a minha antipatia. (passos que se aproximam)
- Suzana - O que é isto, prima Aurora, está falando sózinha?
- Aurora - É o seu Felix que não faz outra coisa senão irritar-me os nervos.
- Suzana - Você antipatiza com ele, prima Aurora, e no entanto ela é tão bom!
- Aurora - Bom para o fogo. Com essa capa de santo não passa de um velho devasso.
- Suzana - Oh prima Aurora que horror!
- Aurora - Que horror porque? Eu quando digo as coisas é porque tenho razão em dizê-las.
- Suzana - Eu sei. A senhora tem sempre razão.
- Aurora - Sou dos poucos cérebros que pensam dentro desta casa.
- Suzana - ~~Oh~~, Salvez...mas falemos de outra coisa. Você onde está?
- Aurora - Foi dar uma volta pelo jardim.
- Suzana - Melhor assim Poderemos falar mais á vontade. Diga-me prima Aurora: em todo esse tempo que passou a senhora não modificou nem um pouquinho a sua opinião a respeito de Lucília?
- Aurora - Suzana: lembre-se que seu avô não quer que se fale neste nome aqui em casa. Não quer nem mesmo que se pense nela.
- Suzana - Você poderá proibir-nos de falar mas de pensar não nos pôde proibir. Confesso-lhe que penso nela todos os dias e em todas as horas.
- Aurora - E eu digo a você que obedeço cegamente as ordens do titio.
- Suzana - Crê a senhora que ela nos possa ter esquecido?
- Aurora - Esqueceu-nos desde o momento em que abandonou esta casa e manchou o nome ilustre e honrado dos Alvaranga.
- Suzana - Ora, prima Aurora, o que importa o nome deante do amor?
- Aurora - O que?!!...Tu também tens essas ideias loucas e nefastas? Proibo-te que me tornes a falar neste tom ou contarei tudo a titio.



- Suzana - Bem, prima Aurora, acabemos o assunto. Quero apenas que me responda uma coisa. A senhora tem queimado as cartas de Lucilia?
- Aurora - Cartas? Que cartas? Que cartas iria eu queimar se ela nunca as escreveu?
- Suzana - E seu eu lhe dissesse que tenho a certeza de que ela escreveu.
- Aurora - Eu lhe diria simplesmente que é mentira.
- Suzana - Nega então?
- Aurora - Não nego. Digo a verdade.
- Suzana - Está bem, prima. Quando vovô voltar faça o favor de dizer-lhe que fui à igreja com tia Esperança.
- Aurora - A Igreja?! O que vais tu fazer à igreja a esta hora?
- Suzana - O que poderia ir fazer eu à Igreja? Vou rezar.

(CORTINA MUSICAL)

(BATIDAS NA PORTA)

- Suzana - Pôde entrar. (ruído da porta que se abre e passos) Ah é você, Zacarias? e que há que há?
- Zacarias - Bom dia, patroa.
- Suzana - Bom dia, Zacarias.
- Zacarias - O que me traz na presença da patroa é o seguinte: nega Donguinha manda-lo dizer...
- Suzana - Fale baixo, Zacarias, pelo amor de Deus.
- Zacarias - (fala baixo) Que já teve hoje cedo no correio e que lá se informo-me de tudo que a patroa precisava saber. Manda-lo dizer que da America do Norte não veio até hoje nem uma carta pra esta casa.
- Suzana - Uma carta?
- Zacarias - Pule menos foi o que ela mandô dizer.
- Suzana - Então era tudo mentira do seu Felix? (pausa) Não, não pôde ser. É que talvez o Correio não queira informar.
- Zacarias - Diz que tem vindo vorta e mala é umas carta lá de Pernambuco.
- Suzana - De Pernambuco?!...De quem poderá ser?
- Zacarias - Bueno, isso não se dissero.
- Suzana - Olhe aqui, Zacarias, você diga a ela que continue a ir diariamente ao correio e que vá bem cedo, antes que termine a missa. O dia que tiver uma dessas cartas de Pernambuco que ela recolha e me mande trazer em seguida.
- Zacarias - As suas éde são comprida, patroa. Hay porea um pedacinho de recado que ainda le farta dá.
- Suzana - O que é?
- Zacarias - A nega Donguinha manda dizer também pra senhora que depois que a noite se fechar que deixe a janela aberta que ela vai lo fazer uma surpresa.
- Suzana - Será que ela pensa vir aqui? Isso é uma loucura que ela não deveria tentar. Você não terá como falar com ela agora e dissuadi-la desta idéia?



- Zacarias - Agora é um tanto difícil minha patroa. Se o patrão mandá daí tá tudo arranjado mais causeo contrario não hay desculpa que se le possa dá pra saf.
- Suzana - Está bem, então se você tiver que sair venha falar comigo antes senão... seja feito o que Deus quiser.
- Zacarias - E a patroa não manda mais nada?
- Suzana - Não, Zacarias, obrigada. O resto você já sabe; boca fechada.
- Zacarias - Num tenha arrevelo que o Zacarias sabe o que faz. Entences, inté.
- Suzana - Até logo, Zacarias, muito obrigada. (passos que se afastam) Oh meu Deus que tortura! Quando será que voltarei a ter tranquilidade! Agora não descansarei enquanto não tiver verificado de quem são as tais cartas que chegam de Recife. Para que possam ser de Lucilla não terá ele ido, então, para a América do Norte? E porque motivo teria isto acontecido? Terá ido e voltado, talvez? Que angustia, meu Deus que aflição! Que ansiedade de saber toda a verdade!
- Esperança - ( de longe) Sinhácinha! Zacaria já falou?
- Suzana - Já, tia Esperança, pôde entrar. (passos arreastados) Sabe que eu sa-tou desconfiada que Donguinha vem aqui esta noite? Mandou-me dizer que deixasse a janela aberta.
- Esperança - Essa nequinha é o demonho vistido de gente. Ela ainda é capaz de fazê sinhácinha se aburrecê.
- Suzana - É de fato uma arriscada de Donguinha vir até aqui mas ela é muito esperta e eu tenho confiança nela, tia Esperança. Não se preocupe.
- Esperança - Deus Nosso "inhô que ajude nois tudo. Tá bñ, deixa tratá do armoço que hay muita coisa pra fazê. Inté logo, mais, si Deus Nosso Si-nhô quizê, sinhácinha.
- Suzana - Até logo, tia Esperança.
- ( CONTINUA MUSICAL )
- Suzana - Não temos game hoje, seu Felix?
- Felix - Meu avô parece que não está disposto a jogar.
- Aurora - Aborrece-se de ganhar sempre. É natural. As partidas geralmente são interessantes quando os contendores tem o mesmo valor.
- Felix - É porque não serve a senhora de parceira ao seu Tio?
- Aurora - Porque já me enca rego de serviço de caixa, de abrir e ler a corres-pondencia para ele, de determinar as suas refeições e outras coisas mais. É natural que as tarefas sejam divididas. Na creaturas aqui em casa que não fazem mais nada do que comer e dormir.
- Suzana - Se a prima quizer poderose repartir a tarefa que lhe cabe. Ma po-deria... ler a correspondencia para o vovô, por exemplo.
- Aurora - Obrigada. O que tenho a fazer não me custa. Basta, entretanto, para que a minha obrigação esteja cumprida. Sobra-me portanto o direito de regeitar qualquer nova tarefa que me pretendem incumbir. A não ser que o proprio titio mostrasse desejos de que eu me encarregasse dela.
- Carlos - O meu desejo, neste instante, é muito diferente. Desejaria que vocês não discutissem para não me atordoar mais a cabeça.
- Suzana - Quem sabe o senhor quer deitar-se, vovô?



- Carlos - Nada disto, estou bem aqui. Só quero é que não discutam perto de mim.
- Aurora - Onde está seu Felix titio já sabe que ha sempre contradição.
- Felix - Onde estamos nós, devia a senhora dizer, porque uma pessoa não pôde discutir sosinha. Deve haver sempre um contendor.
- Aurora - O senhor nunca está de acordo comigo.
- Felix - Pela simples razão da senhora estar sempre em desacordo comigo.
- Carlos - Bem, se vão continuar muito tempo eu me recolho aoq meu quarto, que ao menos lá não ouvirei discussões.
- Aurora - Perdão, titio. Ha creaturas que nos fazem ás vezes perder a compostura.
- Carlos - Seria muito mais interessante que você ou Suzana tocassem alguma coisa que se ouvisse o tempo que estão aí a dizer bobagens.
- Suzana - Mas vovô eu estou calada. Não disse nada absolutamente.
- Carlos - Se você não disse não ha razão para se sentir atingida pelo que acabei de dizer. Váme, vá tocar alguma coisa para o vovô.
- Suzana - Sim senhor. (uma valsa de Chopin em solo de piano).
- Felix - Muito bem, muito bem, minha Suzana. Você toca com tal expressão que até se sinto comovido. Você estava tocando e eu estou me lembrando daquela poesia... do seu avocador da valsa linda - a saudade crescia mais ainda - (Repetindo como querendo se lembrar) A saudade crescia mais ainda... Não posso se lembrar do resto agora.
- Aurora - O senhor ao som da valsa lembrou-se mas a valsa parou e o senhor esqueceu não foi isto?
- Felix - Talvez não fosse o fato da musica parar que se tivesse feito esquecer mas a presença de alguém que me tivesse feito descer correndo do reino das ridiculas fantasias.
- Aurora - Ridiculas fantasias, disse muito bem. Até que safia parece que concordamos uma vez na vida.
- Suzana - Veja se consegue lembrar-se da poesia, seu Felix. Achei tão bonito o principio!
- Felix - Esqueci, minha Suzana. A minha memoria, infelizmente, já se apresenta traidora nos momentos em que apelo para ela.
- Aurora - E o sr. ainda se queixa da sua memoria? Só porque ao fim de sessenta e dois anos ela começou a trair-se? Olhe que é ser muito exigente.
- Felix - Ao fim de sessenta e dois anos não, dona Aurora. Sessenta e três. Não costumo aceitar favores que não pretendo retribuir.
- Aurora - O senhor é muito antipatico, sabe?
- Felix - Eu já tinha percebido isto.
- Carlos - Fosseam duas crianças que estivessem o dia todo <sup>de</sup> implicandita ainda se admitia, mas dois velhos! Fracamente!...
- Aurora - Oh titio!...
- Felix - Tem razão, meu amigo. (virando-se) Tem toda a razão. Agora é que você disse uma grande verdade!



- Carlos - Pois bem, então acabem com isto dum vez que vocês já estão principiando a irritar-me. (latido de cão, fôra)
- Suzana -  $\Delta$  Prima Aurora, deixe o tricot e toque um pouco o seu bandolim.
- Aurora - Ora, menina, eu não estou disposta.
- Suzana - Decididamente estou sem sorte hoje. Pedi ao meu Felix que declamasse ele não quis...
- Felix - Não diga que não quis. Entre não poder e não querer vai muita diferença.
- Suzana - Bem, de qualquer forma, eu não querendo eu não podendo o fato é que não ouvi a poesia. Desejei ouvir bandolim e a minha prima não está disposta a tocar.
- Felix - Bem, para que você não creia que é má vontade vou tentar mais uma vez. Se esquecer em meio, paciência. (pausa) (Fundo suave de valsa)  
 Ao som evocador da valsa linda  
 A saudade creiscia mais ainda  
 sob a tristeza branca do luar!  
 e voltavam então passados dias  
 e com elas as minhas fantasias  
 e um desejo infantil de sonhar!...
- Mas o meu coração se retraía  
 sem sentir como outr'ora a alegria  
 que tivera ao viver momentos tais  
 É que o batel da vida ergue o seu mastro  
 enfuna as velas, parte, deixa o rastro,  
 depois não volta nunca nunca mais!...
- Suzana - (batendo palmas sozinha) Muito bem, seu Felix, muito bem! Como é linda essa poesia e que grande verdade ela encerra! É isto mesmo: O batel da vida ergue o mastro, enfuna as velas, parte e vai deixando o rastro por onde passa mas não volta nunca mais! (para a valsa de fundo)
- Aurora - Quando eu digo ao senhor, titio, que o mal do meu Felix é contagioso o senhor não acredita. (começa a soar nove badaladas espaçadas)
- Suzana - Bem, é tarde. Vou me deitar que estou cansada. Vovôzinho até amanhã.  
 (beijo)
- Carlos - Até amanhã, menina.
- Suzana - Seu Felix boa noite. Prima Aurora boa noite. (ambos respondem. passos)
- Felix - Encantadora criança!
- Carlos - É a única que a vida ainda não me arrebatou.
- Aurora - Mas que não tardará a arrebatá-lo qualquer dia. Quando elas começam a gostar de poesia, e se deixarem embalar pela beleza da música, a nascer o luar e a contar as estrelas, pôde contar de certo que o microbio já está no coração.
- Felix - É lei natural da vida, não há como fugir dela!
- Carlos - Se ao menos ela casasse e ficasse comigo havia de imprimir um pouco de calor ao crepusculo gelado do meu inverno!

( CONTINUA NÓVIA )

- Danguinha - (baixo) Minhasinha Suzana!
- Suzana - Ai, Danguinha! Que susto!
- Danguinha - Tô aqui te esperando desde as nove horas. Fui lá no quarto dela,



- varejei tudo e encontrei a calta no papé de luto. Tinha essas  
outra que tava junto.
- Suzana - Deixa-me ver, depressa. Mas como conseguiste entrar no quarto da  
prima Aurora?
- Donguinha - Pois intrei p'la janela do meu quarto e depois quando ovi que ta-  
vum tocando musga lá em baixo fui bem rasteirinha pelo corredô e ga-  
nhei o quarto dela. Trupei o trinquis da janela e deixei ela encos-  
tada pra depois que ela tivé drumiado botá as calta lá de novo.
- Suzana - Donguinha! (pausa) Ela não foi para a America do Norte! (pausa) Ga-  
sou em Recife. Aqui está a primeira carta que escreveu a Vôvô. To-  
ma dobra-a e beta-a no envelope que eu já estou afrita para ler as  
outras.
- Donguinha - (ruído de papel) Se asinhora pudesse lê elas tudo ante que dona Oro-  
ra voltasse pro quarto era mais cilô. Ficava mais fardi de eu butá  
elas outra vez no lugar.
- Suzana - Donguinha! (pausa) Ela teve uma menina, Donguinha! (pausa) Chama-  
se Martha! (pausa) Martha! (pausa) O nome de Mãe! (pausa) De  
que data é esta carta? 26 de Outubro. A menina nasceu a 30. Está  
com dois meses e pouco.
- Donguinha - Que lindinha que é de tá, sinhá Suzana.
- Suzana - Coitada! Fede-lhe que lhe escreva. Como havia de escrever-lhe se nem  
siquer sabia onde é que andava. Dobra depressa esta carta enquanto  
leio a outra. (ruído de papel) Não posso mais conter a minha ansie-  
dade. Vou deixar as outras e ler a ultima. Pelo papel tarjado de  
preto presinto qualquer desgraça. Teria morrido a menina?
- Donguinha - Crede em cruz, sinhasinha. Não diga essas coisa ansia que num  
presta. (ruído de papel).
- Suzana - (lendo) Meu querido Vôvô. Sei que o sr. ainda não se perdoou mas  
não posso acreditar que se tenha esquecido. Apesar do silêncio q  
que manteem todos de sejar comigo, continuarei sempre a escrever-  
lhe para traze-los ao corrente da minha vida e provar-lhe assim  
que estão constantemente no meu pensamento e no meu coração. De-  
vo comunicar-lhe antes de tudo que estou viuva. (outro tom) Don-  
guinha!
- Donguinha - Misericórdia! O que vai sê de sinhá Lucía agora, meu Deus.
- Suzana - (continuando) (voz de choro) Davies morreu em combate no cumpri-  
mento de um dever sagrado que é a defesa da liberdade. Foi atingi-  
do na altura do peito por uma rajada de metralhadora. Dizer-lhe  
o que sofri com a sua morte e a falta que se tem feito será huma-  
namente impossivel porque não encontrarei palavras, por expressi-  
vas que sejam que possam traduzir o vazio em que se encontro.  
(chorando) Pôbre Lucilla. Mãeinha! tão longe de todos! (lendo e  
chorando) Não lhe peço para voltar. Sei que nao aceitará se so-  
lar a Alvaresa que levou á boca do povo - em sermões - o nome  
honrado e illustre que nos transmitiu. Peço-lhe, entretanto, que  
receba Martha - a vitima inocente de toda a minha tragédia. Edu-  
que-a com o mesmo carinho que nos educou. Bem poderá calcular a  
dor com que me separarei da minha filha, e ultimo éle que me li-  
ga a Davies, afóra a minha grande saudade. Preciso trabalhar, ena-  
tranto. E trabalhar para o Brasil que neste momento angustioso ne-  
cessita do esforço de todos os seus filhos. Alistei-me como enfer-  
meira de guerra e se o vovôzinho quizer tomar conta da minha Mar-  
tinha não se verei na contingencia de deixa-la num asilo. Tele-  
grafe dizendo apenas uma palavra: "Sim" e eu a mandarei pela se-  
nhora de um oficial brasileiro que embarcará dentro de 15 dias a-  
fia de passar o natal em companhia de seus velhos pais, aí. Antê-  
sa aguardo sua resposta. Beijes na Suzana e abraços para todos.  
Saudosamente beija-lhe os cabelos brancos com muito carinho a  
sua neto Lucilla. (pausa. choro por alguns instantes)



- Donguinha - (voz de choro) Num faça ansia, sinhasinha. Donguinha num pôde vê sinhasinha chorá. (soluções mais brandas) Dêxa vê a calta pra botá do novo no lugar.
- Suzana - (voz de choro) Sim, Donguinha, tem razão. Não podemos perdêrr tempo. Deixa-me tomar num instante o endereço de Lucilla. (ruído de na pel e ruído de escrever) Pronto. Vai coloca-as depressa no lugar e depois volta a qui que eu farei um telegrama a Lucilla dizendo-lhe que mande a menina. Tu irás passar este telegrama amanhã bem cedo na cidade.
- Donguinha - Sim, sinhasinha eu vô.
- Suzana - Uídedo e apressa-te o mais possível que prima Aurora não demorará a recolher-se. (passos que se afastam. Falando de longe á meia voz) Não faças ruído do corredor. (pausa) Pobre Lucilla. Quanto deve ter sofrido! Botar a menina num asilo! Isto nunca! Combinarei com tia Esperança e Zacarias e havemos de encontrar um meio de trazê-la para cá sem que vôvô saiba da sua verdadeira identidade. (passos longe que se aproximam e um pouco depois se afastam novamente) Misericórdia! É a prima Aurora que se recolhe ao seu quarto. Vai encontrar a Donguinha. E agora meu Deus? Será tudo descoberto. V Valha-se Minha Nossa Senhora dos Aflitos!...
- Aurora - (gritando longe desesperadamente) Socorro! Socorro! Ladrão no meu quarto! Venham todos! Socorro!... Socorro!...
- Carlos - (longe) O que foi isto menina? Que gritaria é esta?
- Felix - (longe) O que foi que aconteceu?
- Aurora - (longe) Um ladrão no meu quarto. Pulou a janela proo jardim quando viu que eu ia entrando. Mandem procura-lo. Ele deve estar aí pelo jardim!
- Suzana - Nossa Senhora dos Aflitos salvai a Donguinha! Os peões serão capazes de encontra-la e a coitadinha irá mais uma vez levar a culpa de uma falta que não lhe cabe.
- Donguinha - (de certa distancia) Sinhasinha!
- Suzana - (susto) Donguinha tu! Mas como conseguiste pular aquela janela tão alta e subir aqui sem escada.
- Donguinha - A neguinha é iscolada. Adeceu e assubiu pelas trepadeira.
- Suzana - Esconde-te depressa debaixo da minha cama. Vou passar a chave na porta. (passos ruído de chave, passos) . Vou fazer agora o telegrama para Lucilla e talvez conven mais que só saias agora pela madrugada.
- Donguinha - (certa distancia)(meia voz) Donguinha agora tá garantida. Tá da-baixo da cama da sinhá.
- Suzana - Fica quieta aí até que passe o perigo. Depois arrumarei uma cama para ti. Enquanto isto vou redigir um telegrama. (ruído de escrever).
- Donguinha - (baixo) O barulho parece que assorená lá fóra.
- Suzana - Com certeza a prima Aurora está desmaiada se não ainda estavamos ouvindo os seus gritos. (ruído de escrever) Pôde remeter Martha, a-viceando telegrama Donguinha. Sua príncipe dão Pedro 17, dia chegará, lugar deveremos procura-la. Segue carta maiores detalhes. Mil beijos scudoses Suzana. Creio que assim está bom. (batidas na porta) . Quem é?
- Carlos - Abra Suzana.



- Suzana - (baixo) Guidação Conguinha. Encolha-se bem lá proo cantiano. (passos ruído de abrir porta. passos) O que ha, Vóvô o senhor a esta hora ainda acordado?
- Carlos - Tua prima ao entrar no seu quarto avistou um ladrão pulando a janela para o jardim os peões estiveram procurando-o e encontraram folhas de era caídas em baixo da tua janela o que nos faz crer que ele se tenha refugiado aqui.
- Suzana - Um ladrão? Não diga Vóvô. Mas refugiou-se aqui de que forma se a janela estava fechada? Em todo o caso, pelas duvidas vou passar u-  
na revista. (pausa) Em baixo da cama não ha nada. Atraz do penteador, vejamos. (pausa) Também nada. Onde mais ele se poderia ocultar? Não vóvô, aqui não está felizmente.
- Carlos - Em todo o caso se ouvires qualquer ruído suspeito....
- Suzana - Não tenha duvidas de que gritarei.
- Carlos - Até amanhã então.
- Suzana - (beijo) Até amanhã, vóvô. Durma bem. (passos que se afastam ruído de chave na fechadura) Graças a Deus! Muito obrigada, minha Nossa Senhora dos Aflitos!...  
(CONTINUA MUSICAL)
- Carlos - Diga ao cocheiro que tenha o carro pronto para as onze e meia.
- Esperança - Sim simhê, meu patrão. (passos que se afastam)
- Felix - Você tambem vai a missa do galo, Carlos?
- Carlos - Claro que sim. Faço questão de ir como tambem fiz questão de que se armasse a arvore de Natal embora não tenhamos mais crianças em casa. É uma tradição que me esforço por manter. Só lamento que a nossa situação financeira esta ano não me permitisse comprar para Suzana uma bonita joia como lhe compo todos os anos.
- Felix - Ela saberá compreender perfeitamente. (passos que aproximam)
- Aurora - Titio, um telegrama.
- Carlos - Veja de quem é.
- Aurora - (ruído de papel) É de Jorge. (lendo) Saudosamente abraço a todos enviando a vóvô um carinhoso beijo, melhores votos feliz Natal.
- Carlos - Feliz Natal. (pausa) Nunca no solar dos Alvaranga houve Natal mais triste que este!
- Felix - Coisas da vida, Carlos.
- Carlos - Ainda tenho bem viva na lembrança a recordação dos natais que já passaram! Como tudo era diferente, então! A algazarra da creançada. A sua ansiedade pelos presentes que Papai Noel ia trazer. E as exclamações de espanto e de alegria ante a beleza da arvore iluminada e dos pacotes que desembrulhavam avidamente! Tudo passou. As crianças cresceram e uma a uma foram abandonando esta velha casa e este velho coração que sempre os quiz tanto!...
- Felix - Ainda lhe resta Suzana!
- Carlos - Mas não tardará muito o seu dia, tambem, e no proximo Natal talvez estejamos apenas nós os dois e Aurora! (passos que se aproximam)
- Suzana - Estou pronta, Vóvô. Avisou para que trouxessem o carro?
- Carlos - Sim, ele estará aqui ás onze e meia.



- Suzana - Então não deve demorar. Vou acender as velinhas da árvore.
- Carlos - É ano passado era ainda os três em volta da árvore a acende-la. Este ano só tu, minha Suzana. O ano que vem... Hum, quem pôde lá saber o que está por vir! (passos que se aproximam)
- Zacarias - Boas noites, patrão. Um feliz Natal pra todos é o que los desejo.
- Carlos - Obrigado, Zacarias. O que ha?
- Zacarias - O cocheiro manda avisá que o carro já tá preparado e postado de-ante da porta que a qualquer momento que o meu patrão quizer des-cer que pôde descer.
- Carlos - Muito bem, já vamos descer. (passos que afastam-se) Vamos então?
- Aurora - Um momento, titio, Vou buscar a minha mantilha preta e o livro de resa. Eu volto já. (passos que se afastam)
- Carlos - Suzana, minha filha, você entrará na igreja de braço comigo.
- Suzana - Sim, vovô. (passos que se aproximam)
- Esperança - Meu sinhô dá licença?
- Carlos - O que é que ha, tia Esperança?
- Esperança - Meu sinhô... a preta veia tava na cozinha e sintiu umas batida do lado de fóra da porta... preta veia foi vê non tinha ninguém. Quan-do a preta veia ia fechá a porta ois ansista pra baxo e viu esse ba-lainho.
- Carlos - Levante o pano. Veja lá o que é isso. (pausa)
- Suzana - Vovôsinho!... Uma criança, Vovôsinho!.. Uma enfeitadinha com cer-teza.
- Felix - Um belo presente de Natal para você Carlos.
- Carlos - Nada disto. Como seria uma deshumanidade deixa-la do lado de fóra ela ficará aqui esta noite e amanhã de manhã será enviada a um asilo.
- Suzana - Um asilo, Vovô? Não!... Porque manda-la a um asilo se poderá ficar tão bem aqui conosco.
- Carlos - Nada disto. Não sabemos quem é non de onde vem.
- Suzana - Coitadinha! Veja vovô que bonitinha!... É como dorme tranquila. Nem suspeita a pobrezinha que neste instante está em jogo o seu desti-no. (pausa) Vovô. Meu vovôsinho querido. Tu estavas triste, eu sei, porque este ano não te foi possível comprar uma bonita joia para mi-nha como fazias sempre nos anos anteriores. Queres dar-me um pra-zer muito maior? (pausa longa) Fala. Diz. Queres dar um prazer mu-ito maior á tua netinha? Deixa-se ficar com esta criança. Foi um presente de Natal que o céu nos enviou. Ela terá o nome de Mãe. Ha de chamar-se Martha. Fala. Constates? (pausa) Seria o melhor presente de Natal que tu se poderias dar, vovôsinho!
- Carlos - Está bem, seja. Mas serás tu a unica culpada se ela nos vier a dar aborrecimentos mais tarde!
- Suzana - (quasi sem voz) Obrigada, Vovô! Muito obrigada! Eu me sinto tão fe-liz! Não feliz! Que até sinto vontade de chorar!... (soluços de Su-zana.ouve-se ao longe o coro da Noite Feliz e o sino da igreja dando sinal para a missa de Natal. As vozes veem vindo de muito l-ongo e vão aumentando nos pontos até ficarem bem fortes agitando-se novamente a pouco e pouco até desaparecer completamente.ouve-se ainda por instantes, um sino batendo á distancia)



ESPEAKER : - Foi a seguinte a distribuição desta noite :

Padre.....Nero Leal.  
Davies.....Oto Brum.  
Um popular.....Tulio Martins.  
Outro popular.....Ruy Silva.  
Uma enfermeira.....Branca Margarita.  
Outra enfermeira.....Lilia Maria.  
Coronel.....Carlos Moré.  
Lucilia.....Lourdes Cotrim.  
Uma voz.....Tedy Rodrigues.  
Felix.....Claudio Real.  
Suzana.....Carmen de Alencar.  
Ria Esperança.....Branca Margarita.  
D. Aurora.....Marilú.  
Comendador Carlos Alvarenga...João Bergmann.  
Zacarias.....Carlos Moré.  
Donguinha.....Lilia Maria.

-----

Vejam no proximo domingo as mesmas horas de hoje o terceiro capitulo do "Olar dos Alvarenga, mais uma criação de Roberto Lis.

-----



Em 12-3-244.

3º Capítulo( Característica forte, fazendo depois fundo ás palavras do Speaker )

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM

ROBERTO: - O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Sóbe a característica, baixando a seguir)

Speaker: - Um romance que óra forte  
ou ca cõr esmaecida,  
nos pinta ás vezes a morte  
ou nos reproduz a vida!

Seus personagens se movem  
em torno do amor, sedentos  
e distraem ou comovem  
na " Luta dos sentimentos".

Um romance onde, alternadas,  
a alegria e a dor se sente;  
onde ha clarões de alvoradas  
e tristezas do poente!...

Uma historia onde reponta  
o amor, a beleza, a fé.  
Uma historia que nos conta  
a vida como ela é!...

( Sóbe a característica, baixa novamente pouco depois )

No capítulo de hoje teremos a seguinte distribuição:

Suzana Alvarenga - A desilusão.....	Carmen de Alencar
Dr. Rubens - A inconstancia.....	Roberto Lis
Seu Felix - O coração.....	Claudio Real
Prima Aurora - A razão.....	Branca Margarita
Bonguinha - A bondade.....	Lilia Maria
Alberto - O consolo.....	Raimundo Grey
Zacarias - A lealdade.....	Carlos Moré
Martinha - A inocencia.....	Maria Zita
Maribel - A renuncia.....	Lilia Maria
Ronald - A esperanca.....	Pitágoras
Augustita - A maldade.....	Circinha Milano
Carlinhos - O sonho.....	Gissela Castro
Rogério.....	Afonso Conali sob
Otávio.....	Antonio Salgado
Berenice.....	A Cavalcanté
Cirilo.....	Farido
Doutor.....	Sales Coelho
Encarregado do Estudio.....	Emilio Belo
Sonofonia de.....	

( Sóbe novamente a característica, baixando logo a seguir )

No último capítulo que escutamos, ficamos exatamente no momento em que Cirilo dizia ao Dr. Rubens:

Cirilo - Rubens: suplico-lhe que não me obrigue a tomar uma atitude violenta. Nossa mãe está á morte. Promettilhe que te viria buscar e que te levaria á sua cabeceira para que lhe assistisses os últimos momentos. Ela pôde ter sido o que foi, pôde ter cometido os erros mais abominaveis, as faltas mais reprovaveis, os crimes mais abjetos. É nossa mãe. Vin de longe para buscar-te e tu não poderás faltar a esse dever de humanidade de levar o consolo da sua presença ao seu leito de morte. Vem. Ainda que não lhe digas uma palavra, mas que ela te aviste, ao menos.

Rubens - Não Cirilo. Absolutamente não. Já te disse que minha mãe morreu para mim, desde o instante em que foi infiel a meu pai e abandonou-o. Foi tal o horror que guardei dessa sua maldade que evitei sempre de pensar nela. Nem mesmo a Suzana contei o que aconteceu e senti-lhe uma vez falando-lhe de minha mãe. Ela ignorou e ha de continuar a ignorar sempre essa historia horrorosa que é a minha vergonha. Volta e diz a essa mulher que eu não a perdooi. Que não a poderei perdoar nunca. Que hei de guardar sempre com horror a sua lembrança que só serviu para macular o nome honrado de meu pai!



*Fabrizio*

- Cirilo - ( violento ) Rubens!
- Rubens - ( violento ) Dize-lhe mais. Que em todo o resto da minha existencia hei de a amaldiçoar, hei de... ( para bruscamente )
- Suzana - ( após uma pausa ) Não diga nada, senhor. ( pausa ) Rubens: Eu estou pronta a acompanhá-lo. Irei contigo levar o beijo de perdão á tua pobre mãe moribunda!
- Rubens - ( com voz embargada ) Suzana! Suzana!....
- Suzana - ( muito doce ) Não me digas nada. ( pausa ) Vem. ( Rubens desata a chorar convulsivamente )

( CORTINA MUSICAL )

- Aurora - Você não sabe nada, Donguinha?
- Donguinha - Não sei, dona Órora, eu não vi nada. Hoje até me indimirei quando o Zacarias disse que foi levá elas cedo na estação.
- Aurora - E você não ouviu conversa nenhuma durante o trajeto até á Estação, Zacarias?
- Zacarias - Pur Deus que não, dona Órora. O dotô Rubi disse que era pra passar no Hoté e pegá um moço que tava lá. Nós passamo, ele inbalcó no carro, toquemo pra estação e eles não dissero quagi nada, duran a viagem. Chegemo lá, se despediro de mim, inbalcaram o Dotô Rubi, sinhásinha Suzana, o Carlinho e o tar de moço que nós fumo busco no Hoté.
- Aurora - Que coisa exquisita. Eu estou ardendo de curiosidade. Há um mistério em tudo isto que se eu não chegar a desvendar eu enlouquço. Quem seria esse tal moço que eles foram buscar no Hotel, voce não sabe o nome Zacarias?
- Zacarias - Não sei, dona Órora, quando nós chegemo no Hoté ele já tava na polta insperando e foi só embarcá.
- Donguinha - Quem sabe é aquele que ontem de noite teve aqui procurando o dotô Rubi?
- Aurora - Que geito tinha?
- Donguinha - Era um home.
- Aurora - Que era um homem sei eu. Pergunto se era alto, se era baixo, ro, moreno, em suma se era pessoa conhecida.
- Donguinha - Óia, dona Órora, era um cara que eu nunca vi aqui na vila. Pra zê a verdade eu até achei parecido com o dotô Rubi....
- Aurora - Quem será?... Eu estou intrigadissima.
- Zacarias - Tá bão, dona Órora, a sinhora num vai precisá do carro agora nhã?
- Aurora - Não, Zacarias, não vou. Amanhã sim que é dia de ir ao mercado.
- Zacarias - Tá bão, entonce vou vé se o seu Féli tambem não vai precisá do prá móde arrecolé dum veiz os alimar pra cochera. Com licença dona Órora.
- Aurora - Póde ir, Zacarias. ( passos se afastam ) Pois é, Donguinha, mas que descobrir o que foi que se passou aqui em casa durante a noite.
- Donguinha - Bem fazê folga mas é capaix que a gente num fique sabendo.



- Aurora - Ah não, isto não. Em ultimo caso eu pergunto mesmo á Suzana quando ela vier.
- Donguinha - A senhora tem corage, dona Órora?
- Aurora - Ora esta, porque não? Em familia não ha razão para segredos.
- Donguinha - Dona Órora, me lembrei duma coisa!...A senhora sabe quem é que deve de sabê tudo dereitinho? O seu Félix. (passos se aproximam) (Baixo) Óia, a gente falando no burro aponto logo as orcia.
- Aurora - (baixo) Vai saindo, Donguinha, vai saindo. Deixa-me a sós com ele que eu vou arrancar tudo que ele souber. Disfarça, disfarça e cai fóra.
- Donguinha - Tá bão, dona Órora, intão eu vô fazê o que a senhora mandô.
- Aurora - Pois é, arruma tudo lá dereitinho, depois eu vou ver como ficou. (passos que se afastam) Bom dia, seu Felix, como passou a noite?
- Felix - Toda ela sem fala.
- Aurora - Naturalmente. Se estava dormindo não podia falar.
- Felix - Ora essa porque não? Ha tanta gente que fala dormindo.
- Aurora - Bem, isto é verdade. Eu, por exemplo, dizem que falo muito quando estou dormindo.
- Felix - Geralmente é assim mesmo. As pessoas que falam muito falam até dormindo.
- Aurora - O senhor quer dizer com isto que eu falo muito, seu Felix?
- Felix - Muito não digo mas demais a senhora fala.
- Aurora - Ah seu Felix, o senhor sempre implicando comigo. Mas eu não me importo, isto é bom sinal. Ah seu Felix, é verdade, o senhor já soube da viagem inesperada de doutor Rubens com a familia?
- Felix - Soube ha pouco. O Zacarias me disse.
- Aurora - E não se surpreendeu?
- Felix - Não. Naturalmente foi algum chamado urgente que o Rubens teve.
- Aurora - Mas neste caso ele não precisaria levar a familia.
- Felix - Quem sabe Suzana resolveu aproveitar o passeio e quiz levar tambem o menino.
- Aurora - Não, seu Felix. Aqui tem coisa e o senhor que não se surpreendeu é porque sabe de alguma coisa.
- Felix - Dona Aurora eu não sei de coisa nenhuma e mesmo que soubesse a senhora estava perdendo o seu tempo porque eu não lhe diria uma só palavra. Está satisfeita agora?
- Aurora - Oh seu Felix, o senhor anda tão neurastenico, tão impossivel que a gente chega a ficar irritada com a maneira com que o senhor fala com a gente.
- Felix - Eu não gosto de gente curiosa, dona Aurora, é isto. Se eu lhe irritto com as minhas respostas fique sabendo que a senhora tambem me deixa irritado com as suas perguntas.
- Aurora - Está bem. De agora em diante eu juro que não lhe farei mais nenhuma pergunta. Nem uma.



*Felix*

- Felix - Eu quero ver.
- Aurora - De agora em diante eu hei de procurar ser como o senhor gosta e só farei aquilo que lhe agradar.
- Felix - É verdade? A senhora jura?
- Aurora - Juro pela minha felicidade.
- Felix - Está muito bem. Então começa agora mesmo fazendo uma coisa que me agradaria bastante.
- Aurora - O que é, seu Felix? Diga, diga que eu farei imediatamente.
- Felix - Desapareça o quanto antes da minha frente e deixe-me sózinho.
- Aurora - ( desapontada ) Está bem, seu Felix, eu vou. ( saindo ) Ah ingrato!... Ah malvado!... Que coração lapiedoso o deste homem, meu Deus. Que coração empedernido!... Mas eu hei de amoldá-lo. Hei de vencê-lo.
- Felix - Essa creatura não deveria ter adotado o nome de irmã Felicidade. Deveria ter adotado o nome de irmã Esperança. Tinha ficado muito mais de acordo com ela!...

( CORTINA MUSICAL )

- Cirilo - ( suave ) Mãesinha... Rubens chegou, mãesinha.
- Berenice - ( quasi sem voz ) Onde... está?... Não... o vejo...
- Cirilo - Ele está aqui no quarto ao lado. Trouxe também com ele a esposa e o filhinho.
- Berenice - Quero vê-los. ( Pausa ) Depressa... meu filho... antes que seja... tarde...
- Cirilo - Sim, mãesinha. Um momento só. Eu vou buscá-los. ( passos abafados ) Podem entrar. Ela está ansiosa por vê-los.
- Suzana - Vem filhinho. Vamos, Rubens.
- Rubens - Entre você primeiro com o menino, Suzana. Eu entrarei depois.
- Cirilo - Depois talvez seja tarde, Rubens. Não temos tempo a perder.
- Suzana - Venha comigo, Rubens. Vamos entrar todos juntos. ( passos abafados ) ( pausa )
- Cirilo - Mãesinha, aqui estão eles, mãesinha.
- Berenice - Rubens... meu filho... onde estás?
- Suzana - ( baixo, após uma pausa ) Fale com ela, Rubens. Diga-lhe alguma coisa.
- Rubens - Estou... estou aqui.
- Berenice - Meu filho... dá-me as tuas mãos... diz que me perdoaste....
- Suzana - ( após uma pausa ) Ela lhe perdoou, sim, mãe Berenice. Quem está aqui falando é Suzana, a sua neta. Rubens não pôde falar. Está muito emocionado.
- Berenice - Goltado... do meu filho!...
- Suzana - Estamos aqui para acompanhá-la, para confortá-la. Trouxe-lhe também o seu neto, o Carlinhos.
- Berenice - Onde está?... Quero... vê-lo.
- Suzana - Aproxime-se, meu filho. Dê um beijo na sua avózinha. ( beijo )



- Berenice - Cirilo...meu filho...onde estás?
- Cirilo - Estou aqui, mamãe.
- Berenice - Abre...todas...as janelas...do quarto...Quero ver... o meu neto... assim...no escuro...não póáso...vê-lo...
- Cirilo - (baixo) Coitada! Já não enxerga. Sim mãesinha, eu vou abrir todas as janelas.
- Berenice - Não é mais...preciso...começo a vê-lo a...agora. Que bonito...ele é...Interessante...porque...o vestiram de anjo? Porque...essas azas tão grandes...? Porque...essa roupagem... de seda azul...que ele veste? Ah sim...estou compreendendo...ele é o anjo...do perdão...Sinto-me feliz...agora...Obrigado...meu Deus...Muito obrigado... (contorções, respiração agitada que vai se acalmando até cessar completamente.)
- Cirilo - Mãe!...Mãesinha!...Mãesinha querida!...
- Rubens - Pronto, Cirilo, Está tudo acabado. Ela descansou. (soluços de Cirilo e de Suzana.)
- (CORTINA MUSICAL)
- Otávio - Pódes me dispensar alguns momentos de atenção, meu Pai?
- Rogério - Como não, meu filho, senta-te.
- Otávio - É a respeito do assunto de Augustita e Martinha que lhe desejo falar.
- Rogério - Sim, sim. Pensaste bem sobre o que eu te disse e chegaste á conclusão de qual das duas tu gostas mais?
- Otávio - Sim, meu pai, pensei. Quasi que nem dormi toda a noite pensando nisto.
- Rogério - E a que conclusão chegaste, finalmente?
- Otávio - Cheguei á conclusão de que realmente gosto é de Martinha. Só a ideia de perdê-la deixava-me em tão grande aflição que não pude ter a menor duvida. Agora queria que me aconselhasse o que devo fazer.
- Rogério - A situação está um bocado esbaraçada, meu filho. Tu magoaste profundamente a menina beijando a outra na sua frente.
- Otávio - Eu não beijei Augustita na frente dela, meu pai. Ela é que chegou precisamente no momento em que eu a beijava.
- Rogério - É a mesma coisa.
- Otávio - Não senhor, A meu ver é muito diferente.
- Rogério - De qualquer maneira feriste-lhe o amor proprio e de qualquer forma não te será muito fácil reconquistá-la.
- Otávio - O que eu devo fazer, meu pai? Diga-me, por favor.
- Rogério - Terás que procura-la uma, du s, tres, muitas vezes, até que ela se resolva a dar-te ouvidos. Quando isto acontecer terás que lhe pedir perdão outras tantas vezes até que ela se resolva a perdoar-te. Neste meio tempo ela procurará muitas vezes namorar na tua frente, fingir que não a interessas, desprezar-te, humilhar-te, mesmo se possível for e tu, para poderes vencer, terás que aguentar firme tudo isto até que ela se resolva voltar ás boas.
- Otávio - E isto quando será?
- Rogério - Quando ela achar que está suficientemente vingada. Antes não alimentes qualquer esperança. Por muito que ela goste de ti e por muito que tu a interesses ela preferirá perder-te a deixar de fazer tudo o



- que te disse e satisfazer o seu amor próprio.
- Otávio - Como podes garantir que seja assim meu pai?
- Rogério - Simplesmente por isto: ela é mulher, meu filho.
- Otávio - E todas as mulheres serão iguais, meu pai? Não haverá alguma diferente?
- Rogério - Neste particular não. São todas, todas iguais.
- Otávio - Bem, então não terei remédio senão sujeitar-me ao cativoiro.
- Rogério - A vida, meu filho, seria um verdadeiro paraíso se nós pudéssemos viver se as mulheres mas infelizmente nós preferimos estar no inferno com elas do que no céu sem elas. Vai, bota a tua cruz no hombro e arrasta-a com resignação porque a revolta é inútil e aumenta sempre o pezo da nossa dor.

( CORTINA MUSICAL )

- Suzana - Martinha, sente-se aqui. Preciso muito conversar com você.
- Martha - Comigo, titia? O que deseja a senhora?
- Suzana - Desejo ver-te menos preocupada e menos triste. Ha dois dias que as lágrimas vivem dansando á flor dos teus olhos e tu te esforças por oculta-las de mim. O que é que se passa contigo?
- Martha - Nada, titia.
- Suzana - Não mintas, Martinha. É inútil mentir porque te conheço desde pequenina. Crêste sempre como filha e conheço bem todos os refulhos da tua alma, todas as alternativas que vive o teu pequenino coração. Andas angustiada, aflita, preocupada, desorientada mesmo. Tens algo que muito te afflige e deves desabafar com tua tia que foi sempre tão tua amiga.
- Martha - Sim, titia, realmente... a senhora sabe que desde aquella noite em que tive a visao de minha mãe aos pés de minha cama nunca mais pude ter um instante de tranquillidade. Estou sempre sobresaltada, sempre a imaginar que aquilo aconteceu e que a noticia vai me chegar a qualquer instante.
- Suzana - Martinha, você não tem confiança absoluta na sua tia? Não cre que e ela seja efetivamente sua amiga?
- Martha - Ora, titia, claro que creio. Nem posso saber a propósito de que a senhora me faz uma pergunta desta natureza.
- Suzana - Porque tu não estás me dizendo a verdade. Sei que efetivamente o estado de saude de tua mãe muito te preocupa, como a todos nós. Nem poderia deixar de ser desta forma. Entretanto, o que tu ha dois dias vens sentindo é coisa completamente diversa e que tu por mais que pretendas negar não conseguirás convencer-me. Eu sou muito boa observadora, minha querida. O que tu tens se relaciona de qualquer forma com angustia, porque já pude observar que você nem mais se fala. E se por acaso o teu olhar, por um descuido qualquer, bem recair sobre ela, teus olhos enchem-se de lagrimas e a tua fisionomia, geralmente doce e serena, torna-se amargurada e escbria como as tardes ensolaradas de primavera cujo sol foi bruscamente occulto por pesadas nuvens cor de chumbo. Ha uma borrasca dentro de tu alma, minha querida e para que o sol volte a iluminar a primavera da tua vida é necessario que abras as represas do teu coração e dêe livre curso a todos os sentimentos que o amarguram.
- Martha - ( chorando ) Tens razão, titia. Eu sou muito infeliz.
- Suzana - Eu sabia, minha querida. Eu tinha certeza que alguma coisa estava te acontecendo. Fala, diz o que foi.



- Martha - Foi Augustita, sim. Foi ela. ( chorando ) Roubou-me o Otávio, titia.
- Suzana - Roubou-te o Otávio?!...Não, não pôde ser. Otávio gosta muito de ti. Naturalmente porque tu os viste a conversar já imaginaste que eles estavam se namorando.
- Martha - Não, titia, não foi só por isto. Ele até a beijou.
- Suzana - Otávio beijou Augustita? Não, minha filha, não pôde ser. Tu estás enganada.
- Martha - Eu vi, titia, eu vi. Eu os surpreendi exatamente no momento em que eles se beijavam.
- Suzana - Será possível que Augustita....uma criança....
- Martha - É verdade, sim, titia. Juro-te que é verdade.
- Suzana - Pois bem eu chamarei a atenção dela para o seu procedimento incorreto e ela será proibida de descer ao jardim sózinha. Quanto á Otávio não te deve preocupar a ideia de que ele te tenha abandonado. Como todo o rapaz que ve deante de si um terreno fácil de conquistar, atirou-se á aventura mas estou certa de que a esta hora já deve estar bem arrependido do que fez. Ele voltará para ti, estejas certa. Augustita não é concorrente que te possa fazer sombra.
- Martha - Mesmo que ele queira voltar eu não o quero mais, titia.

- Suzana - Isto tu dizes agora e eu compreendo bem que assim seja. Mas amanhã, quando já estiveres mais refeita do golpe que sofreste, has de sentir que o teu coração te arrasta célere ao perdão. O amor, quando é amor, minha filha, é mais forte que o orgulho, o amor proprio e a vaidade ferida. E ouve o conselho que te vou dar. Quando sentires que o teu coração te pede para que o recebas novamente, não escuta outra voz que não seja a dele, não sigas outra caminho que não seja o que ele te indicar. Agora seca estes olhinhos bonitos que não foram feitos para viver orvalhados de lagrimas e sim para se abrirem deslumbrados deante das paisagens maravilhosas que o amor descerra ás nossas almas!....

( CORTINA MUSICAL )

- Maribel - E então, doutor, o que me diz?
- Doutor - Nada, por enquanto, minha amiga. A temperatura ainda se mantém elevada e se não declinar até amanhã eu trarei comigo um colega para fazermos uma conferencia. Vamos esperar mais uma noite para ver se com a mudança de medicação o estado geral nos oferece amanhã algumas melhoras.
- Maribel - Ah doutor, eu estou desesperada!...Só a ideia de que possa vir a perder o meu filho me deixa quasi doída.
- Doutor - O estado dele é bastante grave, não vou dizer o contrário, entretanto ainda não me parece que se possa desesperar.
- Maribel - Faça tudo, doutor, tudo que lhe for possível e eu serei depois uma escrava aos seus pés.
- Doutor - Sobre este ponto pôde estar inteiramente descansada que eu hei de fazer tudo que estiver ao alcance da ciencia. Lembra-lhe, entretanto, de que existe um poder maior acima dela.
- Maribel - Eu tenho rezado tanto, tanto que acho ~~xxx~~ até impossível que Deus não tenha ouvido ao menos uma das minhas preces.
- Doutor - Bem, volte para junto de seu filho que ele está só. Amanhã estarei cedo aqui e se qualquer coisa de anormal acontecer durante a noite telefona para a minha casa.
- Maribel - Está muito bem, doutor, muito obrigada. Vou acompanhá-lo até á porta.



- Doutor - Não é necessário, eu irei só. Volte para junto de seu filho. (passos sempre á mesma altura do microfone.)
- Ronald - O que é que o doutor disse de mim, mãesinha?
- Maribel - Disse que estás melhor, meu querido.
- Ronald - Não me parece.
- Maribel - Porque? Dê-te alguma coisa?
- Ronald - Não é por isto. É porque eu te vejo muito triste.
- Maribel - A mãesinha está triste porque tu estás doente, meu querido, mas tu vais tomar direitinho os remédios que o doutor te receitou e vais ficar bom logo, logo.
- Ronald - Deus permita. Tenho mais vontade de ficar bom para te ver alegre do que mesmo por causa da minha doença.
- Maribel - Meu querido!... Ainda tens muita dor na cabeça?
- Ronald - Um pouquinho, sim, mas o doutor disse que vai passar com os novos remédios....
- Maribel - Ha de passar, sim. Deus é bom e não nos abandona.
- Ronald - Ontem de noite, mãesinha, eu rezei para este Nosso Senhor do Bon Fim que está na cabeceira da tua cama e pedi a ele que ajudasse o doutor a me curar e quando eu estava rezando ele olhou para mim e sorriu, mãesinha.
- Maribel - Foi para te fazer compreender que havia escutado a tua prece, meu filho querido.
- Ronald - E esta noite, um pouquinho que eu dormi, eu sonhei que o Paisinho estava aqui em casa connosco e que dizia pra tu não te assustares porque o que eu tinha não era nada.
- Maribel - Deus permita, meu filho, Deus permita que assim seja. (pausa) Não tens vontade de tomar um pouquinho de leite?
- Ronald - Não, mãesinha, não tenho vontade de tomar nada. O que eu tinha vontade tu sabes o que era?
- Maribel - Diz, meu querido.
- Ronald - Tinha vontade era de que tu cantasses para eu ouvir. Tenho a impressão de que a tua voz me faria tanto bem!....
- Maribel - Mas tu sentes dor de cabeça, meu querido.
- Ronald - Muito pouco e se tu cantasses eu tenho a certeza de que a dor desapareceria.
- Maribel - Eu não canto há tanto tempo, meu filho! E depois <sup>estou</sup> num estado de angústia tão grande por te ver assim doente que tenho certeza absoluta de que a voz não me sairia da garganta.
- Ronald - Que pena!...
- Maribel - Se tu quizeses eu posso tocar um disco que eu gravei há muito tempo e que desde que teu pai morreu eu nunca mais toquei.
- Ronald - Pois sim, mãesinha, toca esse disco, então.
- Maribel - Casualmente a vitrola está aqui e o disco também, mas se a música tiver te incomodando avisa-me que eu pararei em seguida.



Ronald - Pois sim, mãesinha, toca. Estou aflito para ouvir.

( Ouve-se o Bolero " Amor Amor" ou "Volverás" )

Maribel - ( quando a musica termina ) E então, gostaste? ( pausa ) Dormiu, Bem disse ele que a musica lhe feria bem. Póbre do meu filho!... Póbre do meu filho querido!... Faz tudo para poupar-me dissabores, o coitadinho. Quantas vezes eu estou vendo que ele está sentindo dores atrozes e dissimula para não me afligir. Oh meu Deus!... Oh meu Pai!... Porque sofrem assim as creancinhas? Porque já na alvorada da vida lhes dás a provar o fél que lhes ha dá envenenar o sabor da existencia? ( pausa ) Meu senhor do Bom Fim: ele me disse que ontem sorriste para ele. Sorri tambem ao meu coração angustiado, para que ele possa ter um pouco de paz e de tranquilidade! Salva o meu filho querido. Ele é tudo que tenho no mundo! Se ele me faltar desaparecerá para mim a luz do sol, o perfume das flores, a alegria da vida e a fé que em ti tenho depositado!... Faz com que rebrilhe no meu coração a luz infinita da tua misericórdia, para que apoiada no teu amor eu possa trilhar e vencer as escabrosidades do caminho!... E que Maria Santissima, a doce mãe de meigo Nazareno, a que sabe mais do que nenhuma outra mãe o que é a dor porque viu seu filho Jesus crucificado, possa interceder por mim junto ao Pai de amor e bondade e dizer-lhe que nele confio e que tudo espero da sua infinita misericórdia!... ( soluços desesperados )

( CORTINA MUSICAL )

- Augustita - Porque me olhas com desdem? Dig-te alguma coisa por acaso? Julgaste melhor do que eu?
- Martinha - Estás enganada, Augustita. Eu não te olho com desdem. Evito de olhar-te apenas.
- Augustita - E porque? Quererás fazer a fineza de me explicar?
- Martinha - Para esquecer um episódio muito desagradavel de minha vida que despui aos meus olhos o carater de duas creaturas a quem quiz muito bem.
- Augustita - Refezes-te, talvez, a mim e Otavio?
- Martinha - Exatamente.
- Augustita - Quererás culpar-me, talvez, por ele me ter preferido a ti?
- Martinha - Ele não te preferiu, Augustita. Ele apenas se deixou prender nas malhas de sedução que teceste em torno dele, com uma falta de pudor verdadeiramente chocante.
- Augustita - Que culpa tenho eu que a timidez e a pudicice exagerada das provincianas como tu não tenham o mesmo poder de sedução do destemor e desembaraço de uma moça da cidade?
- Martinha - Destemor e desembaraço? És muito benévola no teu auto julgamento. Benévola ou cinica. Nem sei bem o que dizer.
- Augustita - Martinha, mede bem as tuas palavras. Tu não tens o direito de ofender-me desta forma.
- Martinha - Da mesma maneira que tu não tens o direito de te atravessares no meu caminho para perturbar a minha felicidade.
- Augustita - Atravessar-me no teu caminho? Eu? Que culpa ~~xxxx~~ me sabe que ele tenha gostado de mim e tenha procurado beijar-me?
- Martinha - Se te desesses ao respeito e procedesses como menina de juizo ele teria feito o que fez.
- Augustita - Que fiz eu mais do que sentar-me no banco e procurar entretém.



- enquanto tu não chegavas? Eu bem que lhe disse, quando ele começou com aquelas coisas, que tu podias chegar de uma hora para outra e que aquilo era muito mal feito e que ele não deveria fazer.
- Martinha - Mentira. O que lhe disseste foi que ele tinha uns olhos sedutores e uma boca verdadeiramente tentadora. Terás coragem de negar agora?
- Augustita - Ah tu ouviste? Pois é verdade, disse-lhe sim. Disse-lhe o que tu também sentias e não tiveste a coragem de dizer-lhe.
- Martinha - O que eu nunca teria a coragem de dizer-lhe porque prezo muito a mim mesma e os princípios da educação que recebi jamais permitiriam que dissesse a nenhum homem, por mais que o amasse.
- Augustita - Educação falsa que tolhe os princípios de sinceridade das criaturas.
- Martinha - Educação baseada em princípios de pudor e de decência.
- Augustita - Vê lá como falas, Martha. É a segunda vez que me ofendes. Perdóte porque, finalmente, tu não passas de uma despeitada. Estás é com a vaidade ferida porque Otavio deixou-te por mim.
- Martinha - Estás enganada. Muito enganada, Augustita. A qualquer instante que eu queira ele voltará para mim.
- Augustita - Duvido.
- Martinha - Pois bem, aceito o teu desafio. Poderás despertar o seu interesse de homem com o teu despudor e a tua falta de respeito a ti mesma, nunca conseguirás, entretanto, possuir o seu verdadeiro sentimento de amizade, o seu interesse carinhoso porque este não se conquista com beijos fáceis e atitudes impuras.
- Augustita - Advirto-te, Martha, que não estou mais disposta a ouvir os teus insultos. (exaltedissim) Se continuares assim, eu serei até capaz de....
- Suzana - O que é isto? Que violência é esta Augustita? Porque a encontro assim tão exaltada e com atitudes tão agressivas? O que te faz Martha?
- Augustita - Ofendeu-me varias vezes e a minha paciencia exgotou-se.
- Martha - Ofendi-a, tia Suzana, porque lhe disse as verdades.
- Suzana - É feio estarem a discutir por causa de um namorado. E principalmente duas meninas que terão que morar juntas e que tornarão, com uma inimizade, um verdadeiro inferno essa convivencia de todos os dias.
- Augustita - Por esse motivo não se preocupe, dona Suzana, porque eu não pretendo ficar aqui muito tempo. Não tolero essa vida horrorosa de aldeia e principalmente a clausura em que se vive no Solar dos Alvarengas. Agora até de descer sózinha ao jardim eu estou proibida.
- Suzana - Comporte-se, tome juizo, proceda com retidão, com boas maneiras e não só no jardim do Solar mas até mesmo a cidade estará inteiramente aberta aos seus passeios. O que não póde ser, o que nós não podemos de forma alguma consentir é que você morando conosco e estando sob a nossa responsabilidade proceda levemente e pretenda depois queixar-se de que nós lhe cerceamos a liberdade. Vamos, Augustita, tudo é uma questão de adaptação e de boa vontade. Você diz que ficará pouco tempo no Solar mas até á idade de dezoito annos você só nos deixará se alguma parente de seu pai ou sua mãe vier reclamar a sua companhia, do contrario terá que viver aqui ainda que isto lhe desagrade. Procure então adaptar-se ao nosso meio, é nossa educação, aos nossos temperamentos e você terá, com certeza, em cada uma de nós, uma amiga. Até mesmo em Martinha que você feriu e magoou, você, reconquistando-a, terá uma boa companheira.



Fabry

- Augustita - Obrigada, agradeço e dispense a simpatia e a amizade de quem quer que seja aqui.
- Martha - É inutil, titia, procurar fazer compreender qualquer coisa a uma pessoa imbuída de tão má vontade.
- Suzana - Não é assim como dizer, Martinha. Não posso acreditar que seja assim. Augustita não pôde ser má porque sua mãe era uma creatura boníssima. Ela está nervosa, contrariada e por isto diz coisas que não sente. Amanhã, quando tudo isto houver passado, ela vai reconsiderar o que disse e acatará a nossa amizade porque ha de sentir que a oferecemos com toda a pureza das nossas almas, com toda a sinceridade dos nossos corações. E não ha nada melhor para reconfortar as nossas vidas, para povoar a nossa solidão, para perfumar e florir o caminho da nossa existencia do que uma amizade pura, sincera e desinteressada. Você tem toda uma noite deante de si, menina, para meditar nas palavras que lhe acabei de dizer. Medite profundamente e tenha certeza absoluta que amanhã, quando o sol voltar a inundar de luz as janelas do seu quarto e quando a sua fronte se tiver desanuviado, você virá aninhar-se nos braços amigos que extendemos a você e que você hoje repeliu.

## ( GORGINA MUSICAL )

- Otavio - Você deu o recado que eu lhe pedi? ( canto de passaros em fundo )
- Zacarias - Dei sim, sinhô mas ela num qué vim se encontrá com o sinhô. Diz que primeiro precisa se inscrever numa coisa que ela viu.
- Otavio - Eu já esperava que ela não quizesse vir e por isto escrevi-lhe este bilhete. Tu serás capaz de leva-lo? Eu ficarei aqui esperando a resposta.
- Zacarias - Póssio levá, sim sinhô.
- Otavio - Então val. Vai e traze-me qualquer resposta. Nem que não tenha resposta nenhuma.
- Zacarias - Tá munto vem, inté já, intonce.
- Otavio - Até já, Zacarias. ( pausa. Ouve-se por instantes mais forte um pouco o canto dos passaros. ) Ora que ás vezes nos acontece cada coisa!... Também esse diabinho dessa guria não tinha mais nada que fazer do que falar na beleza dos meus olhos e na tentação da minha boca? Também esta me serviu de lição. Outra vez ela pôde vir com mil anzóis e com mais finas iscas porque não ha de fregar tão fácilmente. Léva aí um cidadão uma porção de tempo para conquistar o coração de uma pequena interessantissima como é a Martinha para chegar, de uma hora para outra, uma diabinho de saias e botar tudo por aguas a baixo.
- Augustinha - O que é isto, Otavio, está falando sózinho?
- Otavio - É, quando a gente sente necessidade de desabafar e não tem com quem o fazer, desabafa mesmo sózinho. Era o que eu estava fazendo.
- Augustita - Quer dizer então que você anda mesmo abafado?
- Otavio - É, parece.
- Augustita - E o que é que lhe faz andar assim?
- Otavio - O remorso. O arrependimento.
- Augustita - O que?!.... É mesmo verdade? Sente-se aqui perto de mim. Venha contar-me esta historia.
- Otavio - Sentar-me perto de você, euf Não, minha filha, tenha a paciencia mas eu não me sento.
- Augustita - Porque? Tem medo de mim?



Em 16/4/1944.

- Um programa de Roberto Lis -

8º Capítulo(Característica forte, fazendo depois fundo às palavras do Speaker)SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM (Sóbe a característica por momentos)ROBERTO: - O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Sóbe novamente a característica por momentos).SPEAKER: - Um programa que nos apresenta episódios da vida de diversos personagens que já se nos tornaram familiares a ponto de nos fazer sofrer com eles as suas angústias, as suas incertezas, os seus instantes de revolta e viver igualmente com eles os seus momentos bons em que a felicidade lhes tenha avivado mais o brilho dos seus olhos ou entreaberto os seus lábios em sorrisos.

São histórias de diversos destinos congregados por laços de amizade ou parentesco e abrigados à sombra protetora de um velho casarão onde o nome de família foi sempre respeitado e cultuado.

Este é o Solar dos Alvarengas!...

(Característica forte por alguns instantes, baixando logo a seguir)

No capítulo desta noite teremos a seguinte distribuição:

Suzana Alvarenga - A desilusão.....	Carmen de Alehoar
Dr. Rubens - A inconstância.....	Roberto Lis
Prima Aurora - A razão.....	Branca Margarita
Seu Felix - O coração.....	Cláudio Real
Donguinha - A bondade.....	Lília Maria
Alberto - O consolo.....	Raymundo Graey
Zacarias-a Lealdade.....	Carlos Moré
Martha - A inocência.....	Maria Zita
Augustita - A maldade.....	Circinha Milano
Carlinhos - O sonho.....	Gissela Castro
Maribel - A renúncia.....	Lília Maria
Ronald - A esperança.....	Pitágoras
Rogério - .....	Coneli Junior
Otávio - .....	Costa Gama
Sofia - .....	Ligia Cavalcanti
Casemiro.....	Farido Germano
Encarregado do Estúdio.....	Emilio Belo
Sonofonia de.....	

(Característica forte, por instantes, baixando depois até desaparecer)SPEAKER: - No último capítulo deste romance ficamos precisamente quando Suzana dizia a Augustita:

Suzana - Já descobri que foi você quem escreveu aquela carta horrorosa ao pai de Otávio, falando mal de Martinha. Porque praticou essa monstruosidade? Vamos, responda, porque praticou tamanha infâmia?

Augustita - Porque a detesto, ouviu bem? Era isto o que a senhora queria ouvir? Pois bem, repito: detesto-a. E todas as vezes que Martha se atravessa no meu caminho, hei de procurar vingar-me "de qualquer forma".

Suzana - Você a detesta porque é má, porque é invejosa, ciumenta e despeida. Você a detesta porque os rapazes a estimam e respeitam e você, por dela, é sempre preterida. Você a detesta porque é uma ingrata, e o que a mãe dela fez por você e pela sua mãe, ao recia de você que você atravessasse a sua vida toda derramando gratidão em vez de estar cheio de ódio desse coração como você fez. Saiba que sua mãe, quando nasceu, era solteira e quis abandonar você em qualquer canto por gir a responsabilidade do seu crime.



Augustita - Minha mãe?!...

Suzana - Sua mãe, sim. E foi aí mãe de Martha que recolheu você e assumiu a responsabilidade do seu nascimento, custando-lhe esse gesto heróico e imenso a expulsão do Corpo de Samaritanas onde ela servia. Fez por você sacrifícios que só se fazem por uma filha verdadeira. Recolheu-se com você, coberta de lama, de insulto e de vergonha, a este Solar onde você viveu os primeiros anos da sua vida, onde você aprendeu os primeiros passos e onde todos aprenderam a querer bem você e estimar-lhe. Todos choraram o dia em que sua mãe, arrependida, reclamou seus direitos e levou-a para junto dela. E foi ainda pela memória da mãe de Martha que nós a recolhemos e abrigamos nesta casa, dando-lhe todo o nosso carinho em troca de toda a maldade que você procurava nos fazer. E agora, depois do que nos foi possível verificar...

Augustita - (furiosa, gritando) Basta, dona Suzana, Basta. Não continuarei ouvindo mais nem uma só das suas palavras. Chega de ofensas, de injúrias e de me atirar em rosto que me recolheram aqui aqui por caridade. Recuso essa esmola, entendeu? Recuso porque é uma esmola que humilha e ávila. E saiba que não ficarei nem mais um minuto desta casa onde fui miseravelmente insultada e ofendida a memória de minha mãe. (Passos rápidos que ~~saxafxtianix~~ continuam sempre á mesma altura do microfone).

Rubens - Onde é que você vai, menina?

Augustita - Vou-me embora desta casa maldita.

Rubens - Vae-se embora? Vae-se embora porque?

Augustita - Porque fui humilhada e ofendida pela sua mulher.

Rubens - Humilhada e ofendida por Suzana? Não acredito. Espere, menina. Tenha calma. Não se exalte e escute o que lhe vou dizer.

Augustita - Não escuto coisa ~~uma~~, doutor Rubens. Já ouvi demais. Ouvi desaforos e insultos ~~at~~ a memória de minha mãe. Retiro-me desta casa e nunca mais porei os meus pés aqui.

Rubens - Retira-se a esta hora da noite? E para onde irá você?

Augustita - Isto não interessa.

Rubens - Como não? Você não poderá sair assim.

Augustita - Não poderei sair? Tem graça! Admiro-me que o senhor se oponha á vonta de de todos nesta casa que é a de me verem pelas costas.

Rubens - Está redondamente enganada, menina. Todos desejam que você fique aqui.

Augustita - Eu sei.

Rubens - E todos desejam isto pela promessa que eu fiz á sua mãe em seu leito de morte. O que ninguém deseja, entretanto, é que você viva aqui dentro numa guerra viva com todos, contrariando os hábitos da casa pelo prazer de contrariar, escandalizando a sociedade em que vive pelo prazer de escandalizar, fazendo intrigas e maldades para gerar a confusão. Isto é o que ninguém deseja. Procure adaptar-se á maneira de viver de todos, ser dócil e cordata com todos que todos acabarão por perdoar o que você fez e querer-lhe bem. Porque todos aqui são bons, felizmente, Augustita.

Augustita - Eu sei. A que não presta sou eu e por isto mesmo retiro-me. A minha retirada, em vez de contrariá-lo, deveria enchê-lo de alegria, doutor Rubens, porque se todos aqui são bons, como o senhor diz, eu, sendo ruim, não deverei permanecer no meio deles porque uma ovelha ruim põe um rancho a perder.

Rubens - Eu não quero dizer que você seja ruim, Augustita. É possível que você, no fundo, seja uma criatura boa. O que você é, e meu ver, é uma criatura rebelde, cheia de vontades e muito mal educada.



- Augustita - Mal educada porque não me sujeito a convenções absurdas e rebelde porque tenho os meus pontos de vista e me bato por eles? Isto não é ser mal educada, doutor Rubens, aprenda. Isto é personalidade. Tenho, sim. Tenho personalidade e não permitirei que ninguém - ouviu bem? - ninguém tente sufocá-la.
- Rubens - Você confunde rebeldia e insensatez com personalidade, é o que é.
- Augustita - Bem, basta de palavras inúteis. Para o senhor o Solar dos Alvarengas é o sacrário de todas as virtudes, para mim ele é apenas o covil dos preconceitos e como, tendo pontos de vista tão opostos, nós nunca nos poderemos entender, o melhor que tenho a fazer será mesmo retirar-me.
- Rubens - Você não sairá, menina.
- Augustita - Não sairei? Porque?
- Rubens - Porque eu não consentirei que você saia a esta hora da noite e sem saber para onde. Espere até amanhã e então acomodaremos tudo da melhor maneira possível para todos.
- Augustita - Não ficarei nem mais um minuto nesta casa, já disse.
- Rubens - Augustita!
- Augustita - Não ficarei, já disse. Eu sairei.
- Rubens - Você não sairá.
- Augustita - Deixe-me passar. Não me obrigue a empregar a violência.
- Rubens - Você não passará.
- Augustita - (furiosa) Deixe-me passar. (Ruido de luta. Gritando) Solte-me! Solte-me!... O senhor está machucando os meus braços, solte-me.
- Suzana - (nervosa e assustada) Rubens! Augustita! O que é isto? (cessa o ruído da luta. Ouve-se apenas, por um momento, a respiração ofegante de Augustita).
- Augustita - (após uma pausa) Bruto. Veja como ficaram os meus braços.
- Suzana - O que foi isto, Rubens?
- Rubens - Nada, Suzana. Quis apenas ensiná-la a obedecer.
- Augustita - Mentira. Diga a verdade. Quis beijar-me e eu não consenti. Opoz-se a que eu saísse desta casa porque há muito tempo se mostra apaixonado por mim, fazendo-me, sempre que pôde, as mais comovedoras declarações de amor. Como elas até hoje não me tivessem convencido acabou de me fazer as propostas mais indecorosas, esse devasso que se oculta sob a capa de um sentinho.
- Rubens - Cale-se, creatura infame ou eu...
- Suzana - (num grito agudo) Rubens! Por favor não, Rubens. Não faça isto.
- Rubens - Retire-se. Retire-se da minha frente que a sua presença me causa asco.
- Augustita - Pois não, doutor Rubens, eu sairei. Se ainda estou aqui foi porque o senhor me reteve. (Passos que se afastam)
- Rubens - Vai, creatura infame. Vai serpente venenosa. Segue a tua senda de infâmias e maldades e que Deus se compadeça de ti. (Pausa longa) Suzana: eu quero que você saiba...
- Suzana - Não é preciso dizer nada, Rubens. Eu sei, eu sei que tudo é mentira!

(CORTINA MUSICAL)

(Batem nove badaladas espaçadas)



- Sofia - Nove horas!... Creio que o menino já deve estar dormindo, em todo o caso não convem usar a chave falsa. Será melhor bater discretamente. Se ele estiver acordado ouvirá, abrirá a porta e eu lhe direi que me enganei. Se não atender é porque já dormiu. Aí então eu usarei o narcótico e agirei livremente, com tempo de sobra porque não acredito que ela volte antes das onze ou meia noite. E se isto acontecer Augustita está lá em baixo de guarda para me avisar. Não ha perigo. Vejamos. (Batidas discretas na porta) (Ruido de chave e porta se abrir).
- Maribel - O que deseja?
- Sofia - (atrapalhada) Ah, desculpe... eu me enganei... não era este o quarto que eu procurava. Desculpe, sim? Foi engano.
- Maribel - Foi então um engano providencial para mim. Eu desejava mesmo falar com a Senhora. Quer ter a bondade de entrar um momento?
- Sofia - Pois não. Desejava falar comigo, foi o que a senhora disse? (Fechar porta)
- Maribel - Sim. Mas tenha a bondade de sentar-se.
- Sofia - Eu já sabia que a senhora estava aqui, pelo seu menino. E até já tinha dito a ele que qualquer noite viria visitá-la.
- Maribel - É, porque a primeira vez que a senhora me visitou, ainda no meu apartamento lá no Rio, eu infelizmente não estava em casa.
- Sofia - No Rio? A senhora não estará enganada?
- Maribel - Não senhora. Tenho certeza absoluta.
- Sofia - É engano. Posso afiançar-lhe que é engano. Eu nunca a procurei, no Rio.
- Maribel - Espere um momento. (Passos que se afastam. Ruido de abrir gaveta longe e fechar em seguida. Passos que se aproximam) Este cartão não é seu?
- Sofia - Sim, mas... eu não tenho a menor ideia de ter ido ao seu apartamento lá no Rio. Não posso saber como pôssa este cartão ter vindo parar às suas mãos.
- Maribel - Eu lhe farei saber num momento. Ele caiu da sua bolsa, com outras coisas mais, no momento em que a senhora procurava arrebatá-las das mãos do meu filho uma certidão, uma apólice e outros documentos que me pertenciam.
- Sofia - Eu não estou compreendendo nada do que a senhora está dizendo. Que história é essa de certidão, de apólices e de documentos? Juro-lhe que não sei nada.
- Maribel - A senhora representa bem mas ainda não é suficiente para me convencer. Meu filho contou-me tudo.
- Sofia - Seu filho mentiu.
- Maribel - Meu filho não mente. Ele diz sempre a verdade.
- Sofia - Quem pôde lá dar crédito ao que diz uma criança? Pense um pouco e terá que concordar comigo. Para que havia eu de querer papéis que lhe pertencessem?
- Maribel - Para me prejudicar. A senhora e os seus nunca se conformaram de Ernani se ter casado comigo. Nunca me perdoaram o passado. E embora soubessem depois que eu soube honrar e respeitar o nome que ele tão generosamente me concedeu, nem assim se conformaram, conservando-se sempre afastados dele, de mim e do nosso filho. Porque assim não continuaram depois da sua morte? Porque tentaram aproximar-se com intenções criminosas?
- Sofia - A senhora está perturbada e nervosa e a perturbação lhe faz dizer coisas sem nexos. Juro-lhe que jamais estive em sua casa e que nunca me aproximei de seu filho que não fôsse com a intenção de acariciá-lo, apenas.



- Maribel - Eu sei. Este engano de hoje foi realmente um engano porque a senhora imaginou que ele estivesse sósinho no quarto e vinha repetir a tentativa criminosa de roubar os meus papéis, mas felizmente eu tive quem me avisasse das suas intenções e resolvi ficar para esperá-la.
- Sofia - Quem lhe matou na cabeça uma coisa dessas, creatura?
- Maribel - Um amigo. O nome não lhe direi. Se a senhora tem creaturas inescrupulosas que lhe ajudam na pratica da maldade eu tenho também corações generosos que me auxiliam na defesa da minha tranqüilidade. Diga-me: porque quer roubar ao filho de seu irmão o pecúlio que lhe ficou da morte do pai e que tão justamente lhe pertence? Ele precisa educar-se, fazer-se homem e esse pecúlio tem sido empregado por mim escrupulosamente neste particular.
- Sofia - A senhora está louca. Está completamente transtornada com essa ideia de perseguição da nossa parte. (Passos que se aproximam).
- Maribel - Eu sei perfeitamente o que estou dizendo, dona Sofia... Oh meu filho por que se levantou? Porque não ficou na cama, direitinho como a mãezinha lhe deixou?
- Ronald ~~meu~~ - Porque ouvi que tu estavas discutindo com a tia Sofia e vim aqui para te auxiliar.
- Maribel - Não era preciso, meu querido. A mãezinha sabe se defender sósinha.
- Sofia - Defender-se de ataques imaginários porque ninguém procurou lhe fazer mal.
- Ronald - Ataques imaginários não senhora. A senhora esteve na nossa casa no Rio e procurou roubar documentos que pertenciam à minha mãe. Se não chegou a rouba-los foi porque eu não consenti.
- Sofia - Deixe de ser tolo, menino, você não sabe o que está dizendo.
- Ronald - Sei muito bem o que ~~é~~ e sei melhor o que faço. A senhora vá-se embora daqui antes que eu me suba o sangue à cabeça e eu faça qualquer coisa que a senhora não vai gostar.
- Sofia - Veja só. Um pirralho destes ameaçando-me.
- Ronald - Saia, já disse. Dou-lhe dois minutos para se retirar. Se não sair dentro deste prazo eu hei de obrigá-la a se retirar pela violência.
- Sofia - Não é preciso. Nada mais tenho que fazer aqui. Deixo-lhes, entretanto, um conselho. Tenham mais prudencia e menos fertilidade de imaginação no futuro. Isto poderá um dia prejudicar-lhes muito.
- Ronald - Prudencia tenha a senhora quando voltar a se meter connosco porque senão a sua aventura poderá lhe custar muito caro. Eu hoje tenho os olhos bem abertos e não sou mais aquele garoto bobinho que a senhora encontrou ha mezes atraz naquele apartamento lá do Rio. Na proxima vez a senhora terá que enfrentar um homem.
- Sofia - Está bem, "grande homem" boa noite. Vá dormir que o seu mal é sono. (Passos que se afastam)
- Ronald - E a senhora vá tomar juizo porque idade não é o que lhe falta. (Pausa)  
Viste mãezinha?
- Maribel - Vi, meu querido e sinto-me cada vez mais orgulhosa de ti. Respondeste a todos os ataques com tal precisão e tal acerto que nemtive a necessidade de interceder.
- Ronald - Sim, porque eu agora já sou um homem e quem quizer te fazer mal terá que passar primeiro por cima de mim.
- Maribel - Ah meu filho!... Que saudade você me faz sentir de seu pai!... Quando os seus olhos se inundavam de cólera eu me parecia estar vendo aqueles mesmos olhos que é uma contrariedade qualquer perdiam logo a sua expressão suave e acariciadora. É a energia que ele tinha nos momentos em que ela se fazia necessária, você a tem igual, igual.



Ronald - Falta ainda ficar grande como ele, ser como ele aviador e herói brasileiro também. Eu quero ser herói, sabes mãezinha?

Maribel - Tu has de ser, sim, meu filho, ou melhor, tu já és um herói. Mas vamos voltar para a cama, meu querido. É tarde e tu precisas dormir.

(CORTINA MUSICAL)

Donguinha - Uai, seu Fêli, que cedo que o sinhô se alivantô hoje. O sinhô vai viajar?

Felix - Vou. Vou pra China.

Donguinha - Credo, seu Fêli, o que é que o sinhô vai fazê lá, inda que mar prigunte?

Felix - Vou brigar contra os japonezes. Vou matar japonês a grito.

Donguinha - Matá japoneiz a grito? Eu sei! O sinhô tá é me impuiando, é o que o sinhô tá. Quê que perpare o café pro sinhô eu incendio o fogo num momentinho e perparo.

Felix - Não, Donguinha, não quero. Eu estou meio indispôsto, não passei muito bem a noite, não quero tomar nada. Já tomei um copo d'agua e chega.

Donguinha - Quem sabe quê um cháinho de cidrão ou de macela, a Donguinha pôde fazê.

Felix - Não, obrigado, não precisa nada, não. Vou caminhar um pouco que isto passa. Não é nada demais. É o motor que já está muito gasto e de vez em quando começa a falhar. Dou-lhe um descanso de dois trez dias ele entra novamente nos eixos.

Donguinha - Tá bão, seu Fêli, intão desejo as miôra e passe muito bem.

Felix - Mã, creatura, onde é que você vai? Agora sou eu que pergunto: você vai viajar?

Donguinha - Não seu Fêli, vô percurá um emprego na cidade.

Felix - Mas como? Você não voltou definitivamente para cá?

Donguinha - Não sinhô, eu só pidi pra sinhasinha Suzana pra me dexá pousá uma noite aqui pra môde que o meu patrão me mandô simbôra e eu não tinha adonde drumi. Agora vô percurá uma casa pra ficá.

Felix - Deixe de bobagem, menina. Fique aí que é o seu lugar. Esta é a casa onde você nasceu, onde nasceu e morreu sua mãe, a casa onde sua avó viveu tantos anos. Porque se afastar daqui?

Donguinha - A sinhâzinha Suzana não me quê mais dispois daquilo que eu fiz.

Felix - O que é que você fez?

Donguinha - Uai, o sinhô num sabe? Eu robei, seu Fêli.

Felix - Você roubou mesmo, Donguinha?

Donguinha - Robei, seu Fêli.

Felix - Não acredito. Vá enganar a outro que a mim você não engana. Você não roubou coisa nenhuma. Você adison-se de um roubo que não praticou com a intenção de salvar Martinha, ~~mas~~ acreditando que fôsse ela quem o tivesse feito. É verdade ou não é verdade o que estou dizendo?

Donguinha - Credo, seu Fêli!...

Felix - Responda: é verdade ou não é verdade o que estou dizendo?

Donguinha - Deus que me peldê. O sinhô intã parece feiticeiro.

Felix - Parece não, que eu sou mesmo. Faço uma resinha, tal e coisa, e porque torço - porque deixa na mesma borinha eu estou descobrindo o que quero.



- Donguinha - É, seu Fêli? E qual foi o espírito que disse pro sinhô que tinha sido anssim?
- Felix - Qual foi o espírito? Ah foi... foi... foi o espírito do coisa.
- Donguinha - Do coisa, é seu Fêli? Crêdo! Misericórdia! Como ele foi contá tuão de reitinho. De caito ele tava me seguindo.
- Felix - O coisa? Ah estava. O coisa segue tod o mundo. Pois bem, Donguinha, você não vai embora não. Você vai ficar aí.
- Donguinha - Mais a dona Suzana não qué que eu fique, seu Fêli, como é que eu vô fazê?
- Felix - Ela quer, sim. (Passos que se aproximam) Olhe: casualmente ali vem ela Vá para a cosinha e espere lá que eu vou conversar com ela.
- Donguinha - Sim sinhô. (Passos que se afastam)
- Felix - Ai, ai, esta vida tem cada coisa. Ora o coisa descobrindo as coisas da Donguinha. Só mesmo uma creatura de muito boa fé poderia acreditar numa coisa destas!...
- Suzana - Bom dia seu Felix.
- Felix - Bom dia Suzana.
- Suzana - O que foi isto? Porque levantou tão cedo hoje?
- Felix - Por um caso verdadeiramente extraordinário. Imagina tu que eu sonhei que a Donguinha tinha vindo aqui, como realmente veio, pedir para ficar uma noite por não ter onde dormir. Que quando chegou de manhã, muito cedo, levantou-se, fez a sua trouxinha para ir embora e já abandonava esta casa pela porta lateral quando uma pessoa - que no sonho eu não pude distinguir bem quem era - veio acordar-me e pedir-me que não a deixasse sair porque ela estava completamente inocente do crime de que se acusava. Que insistisse com ela que ela me contaria a verdade e depois, de posse do seu segredo, intercedesse junto a você para que você não a deixasse sair. Acordei-me repentinamente e sem saber porque pulei da cama e dirigi-me à porta lateral do Solar. Lá estava realmente Donguinha, com um pacotinho das suas roupas em baixo do braço, pronta para ir embora. Fiz com que ela entrasse novamente, contei-lhe o meu sonho e fiz com que ela confessasse a verdade.
- Suzana - É ela confessou?
- Felix - Sim. Disse-me que como a joia fôra encontrada no meio das roupas de Martha, ela, imaginando que pudesse ter sido realmente a menina quem a tivesse tirado, resolveu salvá-la do vexame e da vergonha. Acusou-se então.
- Suzana - Ela confessou isto, seu Felix?
- Felix - Confessou, Suzana.
- Suzana - Pois olhe: ontem, quando o Carlinhos veio me pedir para que a deixasse ficar aqui essa noite, fiz com que ela entrasse no meu quarto e insisti para que me contasse toda a verdade, dizendo-lhe mesmo que não acreditava que ela tivesse feito aquilo. Ela não se desviou um milímetro da sua confissão anterior. Confirmou tudo, tudo, tudo que havia dito antes. Diante disto, por melhor boa vontade que eu tivesse, fui obrigada a manter a minha deliberação anterior.
- Felix - Pois é, mas você não dá para padre confessor, por isto não conseguiu nada. Eu disse a ela que um espírito me havia contado tudo e ela, na boa fé que caracteriza a gente dessa classe, acreditou em seguida e despejou tudo.
- Suzana - Mas então o sonho... o senhor o teve realmente ou foi apenas um pretexto para arrancar-lhe a confissão?
- Felix - O sonho? (Pausa de indecisão) Tive-o, sim, Suzana.



- Suzana - E ela? Onde é que está?
- Felix - Lá na cosinha. Não a deixei sair até que você se levantasse e deliberasse sobre o seu destino.
- Suzana - Vou até lá, então.
- Felix - E o que vai dizer a ela, poderei saber?
- Suzana - Vou dizer-lhe que fique.
- Felix - Muito bem, muito bem. Vá Suzana, vá. (Passos que se afastam) (Pausa)  
Meu Deus! Se menti me perdôa. É pecado mentir mas a intenção foi boa!...

(CORTINA MUSICAL)

- Martha - Você deve voltar, Otávio.
- Otávio - Não, eu já disse que não. Eu só voltarei o dia que Papai se confessar arrependido de ter feito mau juízo de você.
- Martha - Mas ele não fez mau juízo de mim, Otávio. Tio Rubens foi falar com ele e ele explicou que havia pegado a carta como pretexto para acabar o nosso namoro porque achava que era muito cedo ainda para você se dedicar a uma pequena e que sendo você ainda um estudante não deveria assumir qualquer compromisso amoroso porque ele teria, por força, que atrapalhar os seus estudos.
- Otávio - Pois então ele que me dissesse a verdade em vez de me magoar, como magoou.
- Martha - A verdade talvez você não a tivesse aceito por achar que poderia perfeitamente namorar e estudar ao mesmo tempo.
- Otávio - E poderia mesmo, por que não? Você não acha?
- Martha - Não sei, Otávio. Nada posso lhe dizer porque enquanto estudei nunca caídei de namoros. Basta dizer que vou fazer dezesseis anos e você foi o meu primeiro namorado.
- Otávio - Fui não, sou o seu primeiro namorado. Ou quem sabe você já tem outro?
- Martha - Não, mas...
- Otávio - Mas o que?
- Martha - Seu pai não quer, Otávio. Quer que você estude. Você deve fazer-lhe a vontade.
- Otávio - Mas eu poderei fazer as duas coisas a um só tempo, Martha. Eu não vou passar o dia inteiro debruçado em cima dos livros nem vou ficar todas as horas ao lado de você. Por mim eu bem sei que ficaria, mas afinal compreendo que isto não é possível.
- Martha - Sim, bem sei, mas... pense na minha situação sabendo que seu pai não concorda em que você faça as duas coisas ao mesmo tempo e não desejando deizar de contentar a você nem contrariar a vontade dele?
- Otávio - Meu pai não tem mais nada que ver com os assuntos que me dizem respeito. Deixei a sua casa, a sua companhia, vivo à minha própria custa, à custa dos rendimentos da herança que me deixou a mamãe, não lhe devo, pois, nenhuma satisfação dos meus atos. Sou livre e independente.
- Martha - Não fale assim, Otávio, que me desagrada. Um filho deve sempre satisfação da sua vida ao seu pai, à sua mãe ou aos dois, se tiver a felicidade de possuí-los. São tantos e tão grandes os sacrifícios que eles fazem por nós, que toda uma vida que levamos depois de obediência, de renúncias, de satisfação aos seus desejos, não pagam as preocupações e cuidados que lhes demos quando eramos pequeninos. Ouça mais: se mandei pedir a você que viesse aqui para falar comigo não foi com outra intenção senão a de lhe pedir que voltasse para junto de seu pai.



- Otávio - E você volta a insistir, Martha?
- Martha - Sim, Otávio, e insistirei sempre até que você se resolva a me fazer a vontade ou eu me zangue seriamente com você.
- Otávio - Você agora me coloca num dilema terrível. Você devia compreender que meu orgulho e o meu amor próprio...
- Martha - Ora, Otávio nem fale nisto. Entre um pai e um filho não podem existir sentimentos dessa natureza. Depois seu pai tem sofrido muito com a sua ausência. Ele mesmo confessou isto a tio Rubens e declarou mesmo que só não ia ao Hotel pedir a você que voltasse para a sua companhia porque não desejava que você voltasse ~~mas~~ sem o desejo de voltar e simplesmente para fazer-lhe a vontade. Estava mesmo disposto a renunciar a sua companhia para sempre, embora você constituísse o pão que ele se alimenta e o ar que ele respira, desde que você sentisse maior prazer em morar sozinho, em completa liberdade, sem ter a quem dar a satisfação da sua presença. Veja, veja por isto, ao que é capaz de chegar um pai para dar uma satisfação a seu filho. E você não quer voltar ainda? (Pausa) Volta, não é verdade? (Pausa. Muito terna) Você não vai me dizer que não, não Otávio. (Pausa) Volta, sim?
- Otávio - (depois de uma pausa) Sim.
- Martha - Promete?
- Otávio - Prometo.
- Martha - Obrigada, Otávio. Muito obrigada.

(CORTINA MUSICAL)

- Aurora - A senhora é que veio buscar as roupas de Augustita?
- Sofia - Sim, minha senhora.
- Aurora - Mas é muita coisa, a senhora não poderá levar tudo.
- Sofia - O carregador está aí em baixo, minha senhora. Ele é que vai levar.
- Aurora - Ah bem, então é diferente. (Campainha de chamada) Vou dizer ao empregado para entregar tudo a ele. (Passos que se aproximam)
- Zacarias - A senhora chamô, dona Ororôa?
- Aurora - Você não ouviu a sineta?
- Zacarias - Uvi, sim senhora.
- Aurora - Pois se você ouviu a sineta é porque eu chamei. Ela não ia tocar sózinha.
- Zacarias - Mas a quistã é que podia tê sido outra pessoa que tocasse ela e eu de lá.
- Aurora - Basta, Zacarias. Como é que você se atreve a argumentar comigo?
- Zacarias - Discurpe, dona Orora, nam foi por má. Eu tava só insplivando pra senhora a rezão praque eu priguntei si era a senhora que tinha batido o badalo.
- Aurora - Está bem, chega. Lá em baixo está um carregador que veio com esta senhora. Você baixe as malas de Augustita e entregue-as a ele. Diga-lhe que é para levá-las a... Onde é mesmo que ele tem que levar as malas?
- Sofia - Ele já sabe, minha senhora.
- Aurora - Bem, mas... nunca é demais dizer, não é? Ele pôde ter esquecido.
- Sofia - Não senhora, ele sabe.
- Aurora - Às vezes a gente pensa que eles sabem eles nem prestaram atenção ao que a gente disse. Essa gente é assim mesmo. Muito sem atençaõ, muito descuidada. Seria melhor a senhora mandar dizer.



- Sofia - Não senhora, não se preocupe. Ele beva direitinho lá.
- Aurora - Lá onde?
- Sofia - Onde tem que levar.
- Aurora - Está muito bem, a senhora não quer ouvir o meu conselho... Não é que eu tenha interesse de saber para onde vão as malas. Eu pouco me importo, não tenho nada com isto...
- Sofia - Eu compreendo...
- Aurora - Mas a questão é que eu já tenho muita prática delidar com essa gente e sei que não basta dizer-lhes as coisas uma vez. Duas, três que se diga, ainda é pouco.
- Sofia - Pois é, mas eu já disse muitas vezes, não é preciso repetir mais.
- Aurora - Está bem. Então, Zacarias, simplesmente entrega as malas de Augustita ao carregador que está lá em baixo. (Baixo) Pergunta para onde vão.
- Zacarias - Tá munto bem, dona Orôra. Cum licença. É só intregá, entonce?
- Aurora - É, a senhora aqui acha que não é preciso repetir. (Passos que se afastam)
- Sofia - Bem, minha senhora, então era só. Muito obrigada...
- Aurora - Um momentinho, eu desejava fazer-lhe um pergunta: Como vai Augustita?
- Sofia - Bem, felizmente.
- Aurora - Ela... Ela está morando com a senhora, é?
- Sofia - Sim.
- Aurora - E... e a senhora onde é que está morando?
- Sofia - ~~XXXXXXXXXXXX~~ Na cidade.
- Aurora - Sim, eu sei, mas... no Hotel?
- Sofia - Não senhora. Aluguei uma casa.
- Aurora - Ah!... É é boa a casa? Está satisfeita?
- Sofia - É boasinha. Estou satisfeita, sim.
- Aurora - Onde é que fica?
- Sofia - Na cidade.
- Aurora - Sim, eu sei, a senhora já disse. Eu pergunto a rua.
- Sofia - Ah, a rua... Olhe minha senhora eu nem sei lhe dizer que rua é aquela. Nós nos mudamos ontem para lá de formas que eu ainda nem tive a curiosidade de saber o nome dela.
- Aurora - Meu Deus, mas que falta de curiosidade!... Bem, eu também sou assim. Eu não sou nada nada curiosa, nem um pouquinho.
- Sofia - É, vê-se logo.
- Aurora - Se as pessoas querem me contar as coisas, contam, se não querem não contam porque eu perguntar não pergunto. Sem pre fui assim, desde pequeninha. (Passos que se aproximam).
- Zacarias - As mala já foram entregue, dona Orôra.
- Sofia - Bem, eu vou então que estamos quasi na hora do almoço. Passe bem, minha senhora e desculpe, sim?
- Aurora - Passe bem. (Passos que se afastam) Vê acompanhar a moça até à porta, Zacarias, (baixo) Antes, porém, diga-me para onde vão as malas dela.



- Zacarias - (baixo) Num pude sabê, dona Orora. O home num quiz dizê nada.
- Aurora - Desgraçado! Ah mas eu assia nesta dúvida não ficarei. Não pôsso ficar, eu acabo doente. Não é que eu seja curiosa, mas - que diabo! - a gente sempre tem vontade de saber. Zacarias.
- Zacarias - Pronto, dona Oróra.
- Aurora - Acompanhe de longe o carregador e veja onde essas malas entram. (Passos que se afastam).

(CORTINA MUSICAL)

- Rogério - Dona Martha poderá atender-me um momentinho?
- Zacarias - Acho que pôde, sim sinhô. Eu vô avisá ela num instante.
- Rogério - Diga-lhe que a demora é pouca, que não lhe roubarei muito tempo.
- Zacarias - Tá munto bem, sim sinhô. O sinhô se assente um mucado que ela num demora.
- Rogério - Obrigado. (Passos que se afastam) Preciso beijar as mãos desta moça pelo serviço que me prestou. Se Otávio persistisse em viver longe de mim, creio que a tristeza e a saudade me matariam. É tão triste a solidão. As horas peçam e os dias se arrastam lentamente num rosário interminável de angustias e de aflições. Tudo nos faz mal. Tudo nos irrita. Tudo nos dóe no coração. Até mesmo o silencio que nos rodeia. E graças a ela, graças à sua providencial interferencia, meu filho está de novo ao meu lado, enchendo de luz o meu coração e de alegria a casa que se tornou tão soturna depois da sua ausencia. (Passos que se aproximam)
- Martha - Boa tarde.
- Rogério - Boa tarde, senhorita. Sabe quem sou eu?
- Martha - Sim, já o conhecia de vista.
- Rogério - Pois bem, melhor assim. Ficam dispensadas as apresentações. Sabe o que me traz aqui?
- Martha - Não senhor, mas de qualquer forma é um prazer para mim a sua presença em nossa casa.
- Rogério - Obrigado. A senhorita é muito gentil.
- Martha - Tenha a bondade de sentar-se.
- Rogério - A minha demora é pouca. Creio mesmo que a hora não é lá muito própria para visitas. Eu queria apenas manifestar-lhe a minha enorme e profunda gratidão pelo bem que me fez fazendo o meu filho voltar a viver em minha companhia.
- Martha - Óra, seu Rogério, francamente, não vejo porque tenha o senhor alguma coisa a me agradecer, por causa disto.
- Rogério - Muito, muitissimo porque conheço bem o temperamento de meu filho e tenho a certeza absoluta de que se não fôsse por sua interferencia ele jamais teria voltado.
- Martha - Ele voltaria, sim. Talvez não tão depressa mas voltaria. Seu filho é bom e a ~~boa~~ ideia de que o senhor estava só, sofrendo a ausencia dele, não lhe permitia permanecer ausente por muito tempo. Talvez demoras se um pouquinho mais mas voltaria, tenho a certeza.
- Rogério - De qualquer forma cada dia a mais que passasse em sua ausencia seria um ano a menos de vida para mim. Nem pôde avaliar, senhorita, o que eu sofri.
- Martha - Pôssso bem avaliar, sim e foi por isto, exatamente, que fiz o que me foi possível para terminar este capricho.



Rogério - E com isto prestou-me um favor que me tornará seu escravo para o resto da vida. Deus ha de lhe dar um dia a recompensa desse gesto. Eu não te<sub>n</sub>ho com o que lhe possa pagar.

Martha - Dê-me a sua amizade.

Rogério - É sua.

(CORTINA MUSICAL)

Aurora - Seu Felix, está tudo pronto. Já afinei o meu violino, já abri o piano e já botei a Ave Maria na estante. Quer fazer a grande gentileza de me ensaiar? Tem que se pedir assim porque senão não se arranja nada.

Felix  
~~AURORA~~ - Escute aqui, dona Aurora, é ensaio mesmo ou é a senhora que está com vontade de tocar e arranjou essa desculpa?

Aurora - Seu Felix, quantas vezes eu já lhe disse que é um ensaio? Se eu estivesse com vontade de tocar, chegaria para o senhor e diria: Seu Felix, estou com vontade de tocar, venha acompanhar-me.

Felix - E eu não ia só para não lhe fazer a vontade.

Aurora - Eu sei, eu sei. Não precisa dizer que eu sei como o senhor é.

Felix - Então é ensaio?

Aurora - É, seu Felix.

Felix - Ensaio para que?

Aurora - Meu Deus, quantas vezes eu já lhe disse? Ensaio para tocar na igreja, no dia do casamento da filha da Pidindinha.

Felix - Ah vai casar aquela menina?

Aurora - Vai, seu Felix.

Felix - Uma criança!... É uma injustiça casar cedo assim. É cedo demais.

Aurora - Antes cedo demais do que tarde demais, seu Felix.

Felix - Ah bom, não sei porque eu acho que me casei em muito boa idade.

Aurora - Seu Felix, quer fazer a gentileza de me ensaiar?

Felix - Óra, dona Aurora, porque não, a senhora manda nesta carcassa!

Aurora - Comece, comece dum vez e deixe de brincar com o coração dos outros.

(Ouve-se uma Ave Maria em violino e piano, ou violino e órgão. Ela toca até o fim).

Felix - Está bem. Quer passar de novo? Se quiser aproveite a minha boa disposição.

Aurora - Não seu Felix, obrigada. Infelizmente a minha disposição não é a mesma. Essa Ave Maria tocada assim ao entardecer, exatamente ~~nessa~~ nesta hora em que o sol se apaga e as lembranças se acendem, fez um mal tão grande aos meus nervos que eu não quero mais tocar. Obrigada, muito obrigada. Eu vou ao quarto cheirar os meus saís antes que me assalte qualquer coisa.

Felix - Vá, vá vá cheirar os seus saís. (Passos que se afastam) Se aqui em casa a Ave Maria lhe fez mal, imagino na igreja com o cheiro do incenso, o perfume das flores de laranjeira e o quadro do noivo e da noiva de braço, a sorrirem amorosamente um para o outro. Coitada, é uma doença séria essa!... É difícil, muito difícil de curar na idade dela!...

(CORTINA MUSICAL)



- Ronald - (Ofegante) Mãezinha... água, mãezinha. Tenho... tanta sede, tanta!... Um calor... um fogo aqui por dentro... que parece que me queima.
- Maribel - Está aqui a água, meu querido. A mãezinha te levanta a cabeça para beberes.
- Ronald - (após uma pausa) Chega... mãezinha. Obrigado.
- Maribel - De nada, meu querido. Fecha os olhinhos e vê se dormes um pouco para descansar. Ainda te dói muito a cabecinha?
- Ronald - Um pouco, sim, mãezinha, mas não ha de ser nada. Eu hei de ficar bom.
- Maribel - Ficarás bom, sim, meu querido, tenho a certeza. O doutor não demora. Ele vai te dar um remédio que tu ficarás logo bom. Procura dormir para descansar.
- Ronald - Canta, então... mãezinha. Gosto tanto... quando tu cantas para eu dormir...
- Maribel - (cantando) Nãã meu querido, nãã meu amor, que a faca que corta, dá talho sem dor. Nãã, querido, que a mãã está aqui. Ela está cantando e vela por ti. (Canta mais um pouco de boca fechada. Batidas leves na porta. Passos abafados. Ruído de abrir a porta) Ah é você Casemiro? Ele vem?
- Casemiro - Não, Madame, o doutor Leonel não está na cidade. Foi atender uma senhora que mora distante e parece que só voltará amanhã de manhã.
- Maribel - Meu Deus, que horror!... Como é que eu vou esperar até amanhã com o menino desse jeito? A febre aumenta de momento a momento. Ele está escaldando. E o outro medico? Quem sabe chamaríamos o outro?
- Casemiro - O doutor Carlos? Ele está doente, Madame. Ha trez dias que não vai ao consultorio. Mas porque não chama o doutor Rubens? Ele é tão bom medico. Todos aqui o apreciam tanto! Tenho certeza de que ele viria em seguida.
- Maribel - O doutor Rubens? (Pausa) Sim, não terei outro remédio senão recorrer a ele. Que horas são, Casemiro?
- Casemiro - Sete e meia, Madame.
- Maribel - No consultorio ele já não está mais a esta hora.
- Casemiro - Eu poderei ir á casa dele, se a Madame quizer. É um pouco longe mas eu sei onde fica.
- Maribel - Sim, vá então. Peça para falar com ele mesmo e explique-lhe a minha situação. Diga-lhe que, pelo seu filho, eu mando pedir que ele venha atender o meu. Conte-lhe que eu estou numa angustia terrivel! numa situação verdadeiramente desesperadora e que mando lhe supliar que venha o quanto antes.
- Casemiro - Perfeitamente, Madame. <sup>já</sup> Vai agora mesmo.
- Maribel - Deus ha de lhe recompensar pela caridade que me presta. Vá.

(CORTINA MUSICAL)

- Felix - Vai sair, doutor Rubens?
- Rubens - Não sei, seu Felix. Acabo de receber um chamado urgente para atender o filho de dona Maribel que está passando mal.
- Felix - O Ronald está doente?
- Rubens - Sim. Disse-me um empregado do Hotel que veio me procurar.
- Felix - E você não vai atendê-lo?
- Rubens - Não sei... estou numa indecisão terrivel. Não sei o que faça.
- Felix - Indecisão porque?
- Rubens - Sim, porque... O senhor sabe...



Felix - O que sei é que você, como médico, deve atender a todos que necessitarem dos seus serviços. Se Maribel mandou chamá-lo é porque está desesperada. Ela só faria isto em último recurso, tenho a certeza absoluta.

Rubens- Sim, foi o que me disse o rapaz que me veio procurar.

Felix - E você ainda está indeciso se irá ou não? Palavra de honra que estou lhe desconhecendo.

Rubens- O senhor compreende, seu Felix... é por Suzana.

Felix - Ela não poderá impedir que você atenda um doente que necessita dos seus serviços. Nada poderá impedir que você cumpra o sacerdócio que abraçou.

Rubens- Sim, seu Felix, eu compreendo, mas... Diga-me uma coisa: o senhor acha que eu devo dizer a Suzana onde é que vou?

Felix - Para que? Não há necessidade. Diga-lhe, apenas, que vai atender um doente.

Rubens- Tem razão, seu Felix. É isto mesmo. Eu vou, então.

(CORTINA MUSICAL)

Alberto- Fique um pouco mais. A noite está tão linda!... Eu me sinto tão feliz perto de você, Martha.

Martha - Estou sentindo um pouco de frio, Alberto, era por isto que ia entrar.

Alberto- Ponha a minha capa pelos ombros que, tendo os braços abrigados, já não sentirá mais frio. (Pausa) Está melhor assim?

Martha - Estou bem agora, mas... e você?

Alberto- Estou de roupa grossa a capa não me fará falta nenhuma. Não se preocupe.

Martha - Sabe que horas são?

Alberto- Oito e um quarto, apenas. Porque? Acha que é tarde para estarmos a sós no jardim? Ou terá algum compromisso com hora marcada?

Martha - Nem uma coisa nem outra. Titia sabe que estamos aqui, tão perto de casa e demais tem bastante confiança em mim e em você para se aborrecer porque tardemos um pouquinho mais. E quanto a ter qualquer compromisso com hora marcada você bem sabe que não, Alberto. Que compromisso poderia ser esse?

Alberto- Algum encontro com Otávio, talvez.

Martha - Nunca me encontrei com ele à noite, você sabe disto. As poucas vezes que isto aconteceu foi à tarde e com pleno conhecimento de todos aqui em casa. Admira-me, até, que você pense uma coisa destas.

Alberto- Desculpe, Martha. É que depois de ter insistido para que você permanecesse aqui, lembrei-me que o frio talvez pudesse ser um pretexto para você se afastar de mim.

Martha - Neste caso eu não aceitaria a sua capa.

Alberto- Sim, é verdade. Perdôe, Martha. O coração que ama desconfia sempre. Principalmente aqueles que, como o meu, amam sem esperança.

Martha - Sem esperança porque?

Alberto- Porque chegamos ao ponto de destino demasiadamente tarde. Quando já não havia lugar para que eles ali permanecessem.

Martha - Há sempre lugar para os corações nobres como o seu, Alberto.

Alberto- Mas nem sempre é o lugar que desejáramos ter alcançado.



Martha - Você bem sabe que um oficial ao completar os seus estudos inicia a sua carreira como aspirante. Depois, pelo seu esforço, pela sua maneira de se conduzir, pelos seus atos ele vai então galgando posto por posto até atingir aquele que constituiu o seu grande sonho. No amor também é assim. Pense que há três meses atrás eu recusava a sua corte e que hoje não só aceito-a como confesso que ela é muito agradável para mim.

Alberto- Mas... e Otávio?

Martha - Otávio já não constitui na minha vida a razão de ser de todos os meus sonhos, como acontecia há tempos atrás. Não porque eu seja volúvel mas por que magoou-me profundamente o seu afastamento total logo após o recebimento daquela carta que escreveram ao seu pai. Essa mágoa, eu hoje posso constatar, afastou-nos bastante.

Alberto- Martha, eu já disse a você que quem ama desconfia sempre. Vou por isto fazer agora, à luz desta lua que nos ilumina e nos ouve, um apêlo á sua lealdade. Quando você sentir que a minha dedicação e o meu carinho por você a enfatiam, tenha a sinceridade de me dizer sem nenhum receio de me fazer mal porque eu sou dos homens que pensam que é mil vezes peor a dú vida de um amor correspondido do que a certeza de um amor desenganado. Promete-me que fará o que lhe peço?

Martha - Prometo, Alberto.

Alberto- Jura?

Martha - Juro, sim. Pela luz desta lua que nos ilumina e nos ouve.

Alberto- Obrigado, Martha.

Martha - Vamos entrar?

(CORTINA MUSICAL)

(Campainha de telefon~~o~~ duas ou tres chamadas) (Passos que se aproximam)

Aurora - Pronto, quem fala aí?

Sofia - É do Solar dos Alvarengas que estão atendendo?

Aurora - Sim. Com quem deseja falar.

Sofia - É a esposa do doutor Rubens que está no aparelho?

Aurora - Não. Quem fala aqui é a dona Aurora. Quem é que está falando aí?

Sofia - Eu desejava falar com a esposa do doutor Rubens. Quer ter a bondade de chamá-la?

Aurora - Pois não, um momentinho que eu vou chama-la. (Chamando) Suzana! Oh Suzana querem falar contigo no telefone.

Suzana - (de longe) Um momentinho, prima Aurora, eu já vou.

Aurora - A senhora espere um momentinho que ela já vem, mas quem é que deseja falar com ela?

Sofia - A senhora não conhece. É uma amiga dela.

Aurora - Mas essa amiga não tem nome? Não foi batizada?

Sofia - Ora, minha senhora, faça o favor de não ser impertinente. É com a senhora do doutor Rubens que eu desejo falar e portanto só a ela deverei dizer quem sou.

Aurora - Impertinente é a senhora porque o direito das coisas, quando se fala ao telefone é dizer-se logo quem é que está falando.

Sofia - Como a senhora é curiosa, hein? Pois eu não lhe direi quem sou e está acabado.



- Aurora - Pois nem eu preciso saber, fique sabendo. Faça muito bom proveito do seu nome. (Passos que se aproximam) Ora já se viu que mulhersinha sem educação? Além de tudo, atrevida e malcriada. Ah que se não fôsse pelo telefone não vê que ela me dizia o que me disse.
- Suzana - Quem é que quer falar comigo, prima Aurora?
- Aurora - Não sei. É uma atrevida qualquer que não quis dizer o nome. Disse que para mim não dizia, só para você. (para si mesma) Mas espera aí, eu conheço essa voz. Deixa eu me lembrar de onde.
- Suzana - Pronta. Quem fala aí?
- Sofia - É a senhora do doutor Rubens que está no aparelho?
- Suzana - Sim, é ela mesma. O que deseja a senhora?
- Sofia - Lembra-se quando ha tempos atraz lhe avisei que á tal artista de cabaré que estava morando em sua casa tinha ido ao consultorio de seu marido encontrar-se com ele?
- Suzana - Sim.
- Sofia - Pois bem hoje telefonei-lhe para dar-lhe um aviso parecido. A única diferença é que hoje foi ele quem veio ao quarto dela.
- Suzana - É metira.
- Sofia - Mentira? Pois olhe: é facil verificar o que estou dizendo. Ele chegou ha pouco e possivelmente irá demorar um bocado. Vista-se, venha até cá, fique cuidando do lado de fóra do Hotel e ha de ver o seu marido quando ele se retirar.
- Suzana - Nunca. Nunca farei uma coisa destas.
- Sofia - Está bem. Talvez seja o melhor mesmo para a senhora. É sempre preferivel a gente viver na ilusão.
- Suzana - Passe bem e obrigada pelos seus avisos. Dispensoo-os, entendeu? Empregue melhor o seu tempo, minha senhora, com coisas mais proveitósas. (Ruído de desligar com raiva). Ora veja só! Uma creatura telefonar, perturbar a tranquillidade da gente e negar-se a dizer o seu nome.
- Aurora - O que foi que ela te disse?
- Suzana - Uma porção de coisas desagradáveis que eu nem quero repetir, prima Aurora.
- Aurora - E tu não conhecestes a voz?
- Suzana - Como poderia conhecer se apenas falei duas vezes com ela e ambas pelo telefone?
- Aurora - Pois eu conheci. Parafusei, parafusei, martelei e encontrei. Sabes quem falou contigo? A tal amiga de Augustita que mora no Hotel da Cidade. Conheci perfeitamente a voz e até a teimosia em dizer o seu nome foi a mesma em me dizer para onde levava as malas de Augustita. E elas estão as duas no Hotel da Cidade porque eu mandei o Zacarias seguir o carregador e as malas entraram lá.
- Suzana - A senhora tem certeza de tudo isto, prima Aurora.
- Aurora - Meu Deus!... Eu quizera ter certeza de que ainda me casaria com ele da mesma maneira como tenho certeza de que estou te dizendo.
- Suzana - Está bem, prima Aurora, obrigada. Muito obrigada pelo favor imenso que me prestou. Eu sei o que vou fazer agora.

(CORTINA MUSICAL)

Carlinhos- Onde é que nós vamos, mãezinha?



Suzana - Vamos encontrar o seu pai no Hotel da cidade.

Carlinhos- Que bom, eu nunca sai de noite. Tinha tanta vontade.

Suzana - Pois é, mas você vai sair hoje por motivo de força maior.

Carlinhos- Eu vou botar o chapéu e a capa?

Suzana - Sim, e depressa que a Mãezinha ainda tem que se arrumar. Não podemos chegar atrasados.

Carlinhos- Eu vou te esperar lá na ~~sua~~ sala de jantar, sim mãezinha?

Suzana - Está bem. Mas veja lá, hein? (Passos que se afastam) Não vá fazer nenhuma arte. (Seguem os passos)

Carlinhos- Que bom, eu vou sair de noite. Nunca me deixaram sair de noite. Dizem que crianças não andam de noite na rua mas eu sei que andam. Seu Felix, seu Felix, eu estou tão contente. Vou sair coma mãezinha agora.

Felix - Agora?!... Não pôde ser. Suzana está maluca. Uma noite fria como está levar você para a rua?

Carlinhos- Ah, não diga nada pra ela, seu Felix, senão ela não me leva e eu quero ir.

Felix - Mas o que é que vocês vão fazer? Onde é que vão?

Carlinhos- A mãe disse que nós vamos encontrar o papai no Hotel da Cidade.

Felix - Ah, já sei. É o resultado da tal telefonada que a dona Aurora acabou de me falar. (Passos que se aproximam)

Suzana - Ande, meu filho, vamos depressa que o Zacarias já deve estar com o carro pronto à nossa espera.

Felix - Suzana, você não vai, Suzana. Eu não consinto.

Suzana - Ora esta, seu Felix, porque?

Felix - Porque você vai praticar uma segunda injustiça.

Suzana - Quem me pôde afirmar?

Felix - Eu. Seu marido está realmente no Hotel da cidade no quarto de Maribel mas está lá a conselho meu, atendendo o filhinho dela que está à morte. Está lá como medico, amprindo o seu sacerdocio e ~~mas~~ o seu direito de esposa, não pôde chegar até ao ponto de impedi-lo do cumprimento de se dever.

Suzana - Quem poderá garantir que essa doença não seja um méro pretexto para um encontro?

Felix - Suzana, não se deixe cegar pelo ciume sem razão. Você já sabe quem lhe telefonou. Você já viu que essa creatura está aliada àquela outra que foi o anjo mau desta casa. E sabe bem do quanto aquela menina é capaz. Não vá, Suzana, fique.

Carlinhos- Vamos, mãezinha, vamos.

Suzana - Vou, sim, seu Felix. Vamos meu filho.

(CORTINA MUSICAL)

(Batidas forte na porta. Ruído imediato de porta que se abre)

Maribel - (quasi chorando) Por favor, não bata forte assim, meu filho está... Oh!... É a senhora, dona Suzana!...

Suzana - (perturbada) Eu, sim...



\* Maribel - (Chorando) Perdõe se insisti com o doutor para vir atender o meu filho. Não havia outro medico na cidade. Um está doente e outro foi atender uma cliente fóra e só voltará amanhã. Eu não podia esperar. A senhora é mãe e ha de compreender o meu desespero. Eu não podia colocar o meu amor proprio e o meu escrupulo em confronto com a vida de meu filho. Ela vale mais que tudo para mim. Mandei chamá-lo, insisti para que ele viesse e seria capaz de muito mais. Seria capaz de ir ao Solar, arrojar-me a seus pés e suplicar-lhe em lágrimas que atendesse o meu filho se ele por acaso se tivesse negado a vir. Mais ainda: seria capaz de matá-lo se ele recusasse. (Passos abafados que se aproximam).

Rubens - (em voz abafada) Dona Maribel, a febre não baixou quasi nada. Vamos colocar as faixas frias. A senhora veja uns lençóis e coloque-os... Suzana!... O que fazes aqui?

Suzana \* Soube que o Ronald estava doente... e trouxe o Carlinhos para visitá-lo.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXANDO DEPOIS AOS POUCOS PARA FALAR O)

SPEAKER - Este foi, meus amigos, o 8º Capitulo do Solar dos Alvarengas, em sua 2ª Fase. O Solar dos Alvarengas é um romance que Roberto Lis escreve, dirige e interpreta com os seus artistas de Rádio Teatro. Ouça, no proximo domingo, ás mesmas horas de hoje, mais um capitulo do Solar dos Alvarengas.

(CARACTERÍSTICA FORTE PARA O FINAL DO PROGRAMA).



Em 23/4/1944.

- Um programa de Roberto Lis -

9º Capítulo(Característica forte, fazendo depois fundo às palavras do Speaker)SPEAKER - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM (Sóbe a característica por momentos.)ROBERTO - O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Sóbe novamente a característica por momentos.)SPEAKER - Um punhado de emoções diferentes, óra orvalhadas de pranto, 'ora iluminadas pela graça de uma risada cristalina.ROBERTO - Um anseio de felicidade!...SPEAKER - Um sonho que se realiza, a par de outro que se esfuma e se desfaz!...ROBERTO - Uma saudade... uma súplica... um gemido de angústia... uma gargalhada sonora... uma queixa de amor que morre na garganta!...SPEAKER - Momentos inesquecíveis de ternura, de suave enlevo, de ciúme, de revoltas, de âncias incontidas... desejos insatisfeitos!...ROBERTO - Todo aquele cortejo de emoções que nos faz sentir o velho amor, sempre novo nos seus momentos de encantamento e de beleza!...SPEAKER - Assim é o Solar dos Alvarengas!(Característica forte por alguns instantes, baixando logo a seguir)SPEAKER - O capítulo desta noite terá a seguinte distribuição:

Suzana Alvarenga - A desilusão.....	Carmen de Alencar
Dr. Rubens - A inconstância.....	Roberto Lis
Prima Aurora - A razão.....	Branca Margarita
Seu Felix - O coração.....	Claudio Real
Donguinha - A bondade.....	Lilia Maria
Alberto - O consolo.....	Raymundo Gray
Zacarias - A lealdade.....	Carlos Moré
Martha - A inocência.....	Maria Zita
Augustita - A maldade.....	Circinha Milano
Carlinhos - O sonho.....	Gissela Castro
Maribel - A renúncia.....	Lilia Maria
Ronald - A Esperança.....	Pitágoras
Rogério.....	Conclí Junior
Otávio.....	Gosta Gama
Sofia.....	Ligia Cavalcanti
Casimiro.....	Farido Germano
Custódio.....	Saul Marques
Encarregado do Estúdio.....	Emilio Belo
Controle de som.....	

*ao piano: Adorbal d'Avila*(Característica forte por alguns instantes, baixando depois até desaparecer).SPEAKER - No último capítulo deste romance ficamos justamente quando...(Batidas na porta. Ruído de porta que se abre em seguida)Maribel - (quasi chorando) Por favor, não bata forte assim, meu filho está... Oh! É a senhora, dona Suzana?!...Suzana - (perturbada) Sou eu, sim...Maribel - (chorando) Perdõe se insisti com o doutor para vir atender o meu filho. Não havia outro medico na cidade... bem que os quis chamar, mas... Um está doente e o outro foi atender uma cliente fora, só voltará amanhã. Eu não podia esperar. A senhora é mãe e ha de compreender o meu desespero!...



Suzana - Maribel, eu...

Maribel - (continuando, sem dar ouvidos) Eu não podia colocar o meu amor próprio e o meu escrúpulo em jogo com a vida de meu filho. Ela vale mais que tu do para mim! Marici chamá-lo, insisti para que ele viesse e seria capaz de muito mais: seria capaz de ir ao Solar, arrojá-lo aos seus pés e suplicar-lhe, em lágrimas, que atendesse o meu filho, se ele por acaso se tivesse negado a vir. Mais ainda: Seria capaz de matá-lo se ele recusasse. (soluços) (Passos abafados que se aproximam)

Rubens - (À meia voz) Dona Maribel, a febre não baixou quâsi nada. Vamos colocar as faixas frias. A senhora veja uns lenções e coloque-os... Suzana!... O que fazes aqui?

Suzana - Eu... soube que o Ronald estava doente... e trouxe o Carlinhos para visitá-lo.

Rubens - Mas a esta hora, Suzana? É com a noite assim fria como está? Foi uma loucura que fizeste. Este menino poderá adoecer. Leva-o para casa.

Carlinhos - Oh, paesinho, não. Eu fiquei tão contente da mãezinha me trazer e agora tu queres que eu volte para casa? Estou zangado contigo.

Rubens - Mas meu filho, um menino como tu não anda na rua a estas horas da noite. Você está com as mãos frias, frias.

Maribel - Deixe-o entrar, doutor. Eu farei um cafésinho que o aquecerá num instante.

Suzana - Não, Maribel, não é necessário. Você precisa atender o seu que está doente. Ouvi o Rubens dizer que iam botar faixas frias. Eu é que irei ajudá-la. Vamos. O Carlinhos ficará sentadinho aqui nesta sala, até que a Mãe volte.

Rubens - Não, Suzana. Eu irei levá-lo em casa enquanto você ajuda dona Maribel a botar as faixas frias no menino. Venha, meu filho, vamos.

Carlinhos - Deixa-me ao menos ir ver o Ronald então, paesinho.

Rubens - Não. Ele está dormindo e não convem você entrar no quarto.

Suzana - Vá, meu filho, vá bonitinho que amanhã a mãezinha traz você qui para ver o seu amiguinho. (beijo).

Rubens - Até já, então. Você sabe como deve fazer, não Suzana?

Suzana - Sim, Rubens, sei. Vá descansado. (Passos que se afastam). Pronto, Maribel venha. Vamos tratar do menino.

(CORTINA MUSICAL)

(Batem trez badaladas espaçadas)

Suzana - Porque não se deita para descansar um pouco? Vá. Eu cuidarei do menino.

Maribel - Não posso, Suzana, não posso. Tenho a impressão de que se fechar os olhos a morte me surpreenderá dormindo e roubará o meu filho.

Suzana - Você está muito nervosa, Maribel. Já não ha razão para isto. A febre baixou consideravelmente depois das faixas.

Maribel - Sim, mas com todo isto eu não abandonarei a cabeceira de meu filho um só instante. Perdõe-me, sim? Poderá parecer falta de confiança nos seus cuidados mas você é mãe e ha de compreender perfeitamente a minha angústia.

Suzana - Compreendo, sim. Compreendo muito bem.

Maribel - Se soubesse o que tenho sofrido nestes dois dias!...

Suzana - Posso perfeitamente avaliar, Maribel.



- Maribel - Tudo que tenho sofrido em minha vida é nada comparado ao que estou vivendo de ante-ontem para cá.
- Suzana - E nesse quinhão de sofrimento que lhe tem sido destinado, muitas horas amargas você terá vivido por minha culpa. Por culpa do meu ciúme.
- Maribel - Não falemos mais nisto, Suzana. Felizmente você reconheceu que estava errada e a sua volta à minha casa é uma generosa compensação às lágrimas amargas que verti por sua causa.
- Suzana - Perdôe-me, sim? Eu estava cega, alucinada. A intriga foi feita com tal habilidade e enraizou-se tão profundamente no meu coração que não me permitiu reflexionar. Deus é bom, entretanto, e dispôs as coisas de tal modo que a mesma voz que me arrastou, desvairada e louca, ao consultório anda para insultá-la, trouxe-me esta noite ao seu quarto para que eu reconhecesse a minha injustiça e lhe suplicasse o seu perdão.
- Ronald - Ai!...
- Maribel - O que é, meu querido? Dói-te muito ainda a cabecinha?
- Ronald - Um pouquinho, só... mas já estou melhor, mãezinha.
- Maribel - Amanhã já estarás bom, se Deus quiser. A febre está baixando.
- Ronald - Dá-me... um pouquinho d'agua.
- Maribel - (Pausa. ruído) Pronto flhinho. Aqui a tensa. (Pausa) Estás com frio?
- Ronald - Não.
- Maribel - Procura dormir mais um pouco, então, para descansares.
- Suzana - Esta luz está um pouco forte, talvez o incomode, Maribel. Apague-a que eu acenderei aqui a lamparina. (Pausa. Ruído de chave elétrica. Riscar de fósforo). (Nova Pausa) O que foi?
- Maribel - Não, nada. É que a luz bruxoante da lamparina eu tive a impressão de que a Imagem de Nossa Senhora havia se movimentado em direção a mim.
- Suzana - Quem sabe? Talvez. É possível que o tivesse feito para abrigá-la em seu manto protetor. Que imagem é esta?
- Maribel - Nossa Senhora de Pompeia. É a ela que me dirijo todas as noites, pedindo-lhe a proteção para o meu filhinho.
- Suzana - Ela ha de ajudá-lo. Ele é tão bom!...
- Maribel - Auxilie-me, então. Peça também a ela.
- Suzana - Vamos rezar então. Faça você a sua prece que eu a acompanharei em silêncio.
- Maribel - Sim. (Pausa) Minha Nossa Senhora dos aflitos, doce mãe de Jesus, o nazareno, baixa até nós os teus olhos benditos e protege o meu filho tão pequenino! Abre-nos mãe, abrigo dos abrigos, os teus braços divinos, oh senhora!... que eles possam livrar-nos dos perigos e afastar as angústias desta hora!... Tens sido sempre o pão da minha fome e a água <sup>onde</sup> ~~que~~ meus lábios dissedentes, mitiga esta opressão que me consome e aumenta a minha fé que é o meu sustento! Atende o que te imploro, Oh mãe amada, pelo teu filho que morreu na cruz. Bem sei que o que hoje sofro é quase nada se comparar ao que sofreu Jesus. Por essa dor e pelo que sofreste, eu te suplico: não nos desampares e que a mesma coragem que tiveres te possa-a eu ter igual nos meus pezares!...
- Suzana - (após uma pausa) Que assim seja!



Aurora - Bom dia Suzana.

Suzana - Bom dia prima Aurora. Vai á missa hoje?

Aurora - Não. Levantei-me mais cedo porque pensei que ainda não tivesses voltado do Hotel. Como passou o menino?

Suzana - Felizmente melhorou bastante depois que o Rubens mandou aplicar-lhe as faixas frias. Mesmo assim passamos a noite inteira em claro.

Aurora - Vai deitar-te agora para descansar. Deixa a direção da casa que eu me encargo dela.

Suzana - Sim, era isto mesmo que ia lhe pedir. Estou exausta. Vou descansar até a hora do almoço.

Aurora - E porque, em vez de teres subido, ainda estás aqui sentada?

Suzana - É que eu tomei café e agora estava aqui á espera de que Donguinha voltasse lá de dentro para deixar-lhe um recado.

Aurora - O que é que tu querias?

Suzana - Isto, exatamente; que a senhora assumisse a direção da casa e um pouco antes da hora do almoço fizesse aquecer o meu banho e mandasse Donguinha despertar-me. No cansaço em que estou seria capaz de enfiar a tarde toda a dormir.

Aurora - Está muito bem, podes ir descansada que cumprirei fielmente a tua vontade.

Suzana - Obrigada então, prima Aurora e até logo.

Aurora - Até logo. Que descanses bem. (Passos que se afastam) Interessante como os tempos mudam e as criaturas também. Ontem, ainda, Suzana queria ver o diabo na sua frente e não queria ouvir falar em Maribel, hoje o menino adoece e ela vai lá passar a noite cuidando-o. Isto vem me provar que nunca devemos levar tão a sério os nossos primeiros impulsos. Eles são sempre precipitados e nos atacam muitas vezes a injustiças clamorosas. Felizmente nessa questão toda eu me puz de parte sem tomar este ou aquele partido. Sou muito ardorosa, muito exaltada e teria dito muita coisa desagradável a uma eu a outra e hoje elas voltaram a se dar as mãos e eu é que estaria numa situação difícil. (Passos que se aproximam).

Zacarias - Bom dia dona Oróia.

Aurora - Bom dia.

Zacarias - A senhora vai precisá do carro ou posso disatrelá ele?

Aurora - Não, Zacarias, não vou precisar. Hoje, até ao meio dia, eu não posso me afastar de casa. O que é isto aí?

Zacarias - A correspondença que eu fui buscá na Instação, sim senhora. Tem uma carta pra senhora.

Aurora - Uma carta para mim? De quem será? Deixa ver, Zacarias, depressa.

Zacarias - Tá aqui ela, dona Oróia. (Ruído de rasgar envelope e abrir carta).

Aurora - (lendo) Dona Aurora Simões de Alvarenga. Prezadíssima Senhora. Quem lhe escreve esta carta é uma pessoa a quem a Senhora ha muitos anos não vê e que talvez até já tenha esquecido. Lembra-se do Albertino, aquele menino ruivo, cheio de sardas que no Colegio da dona Mariana Pimentel, em Conceição do Sul sentava-se duas classes atrás da sua e que muitas vezes recebeu castigos da professora por lhe escrever bilhetinhos de na morado? (á parte) O Albertino!... Lembro-me dele, sim. Tinha o apelido de ranheta. (lendo) Pois bem, o menino ruivo, ridicularizado por todos os colegas e desprezado pela senhora, abandonou um dia Conceição do Sul, embarcado num navio cargueiro que aportou a Recife. Aqui desembarcou, trabalhou muitos anos humildemente e por fim a fortuna sorriu-lhe e ele







Casemiro - Exatamente.

Augustita- Eu sei, porque a encontrei lá em baixo no momento que entrava. Mas não me pareceu que ela viesse lá com muito boas disposições. A cara não recomendava muito e da maneira que ela fez certas perguntas ao porteiro eu cheguei a imaginar que viesse tomar alguma satisfação da outra.

Casemiro - Creio que não porque ela mesma passou aí a noite ajudando a cuidar o menino.

Augustita- É estranho... Bem, é só. Obrigada. Pode se retirar.

Casemiro - A madame parece que desejava alguma coisa, não é verdade?

Sofia - Não, não, era exatamente isto: saber notícias do menino. Gostamos muito dele e é natural que a gente se interesse.

Casemiro - Solara. Com licença então, Madame. (Passos que se afastam e ruído de porta que se fecha longe)

Augustita- Que coisa interessante!... O que terá acontecido, Sofia?

Sofia - Não sei. O que sei, apenas, o que está me parecendo, pelo menos, é que o tiro nos saiu pela culatra.

Augustita- Ah mas isto não tem importancia. Este golpe não pegou arma-se outro.

Sofia - Essa creatura parece que nasceu empelicada. Tudo que desejo fazer contra ela é cortado na metade. Não posso chegar a fazer um serviço completo. Olhe ao tempo que eu luto para me apossar de certos papéis que ela tem em seu poder e ainda não consegui. Sempre ha de aparecer alguém ou alguma coisa para atrapalhar.

Augustita- Sofia: e se nós dessemos um golpe de audácia, à moda dos gangsters americanos?

Sofia - O que? Quererás entrar lá de revolver em punho e obrigar a que ela te entregue esses papéis à força?

Augustita- Não, não é propriamente isto, mas vem a ser quasi isto.

Sofia - Tu está louca, Augustita? Nós nos arriscariamos a terminar na cadeia.

Augustita- Não sejas medrosa. Olha, Sofia: o medo não resolve coisa nenhuma e a audacia venceu sempre, em todos os tempos. Depois o meu plano não é assim tão arriscado. É claro que dentro de tudo isto eu preciso defender o meu couro. Que diabo, um material desta ordem não foi feito para viver encerrado numa cadeia.

Sofia - Vamos a ver. Expõe o teu plano.

Augustita- É simples, muito simples mesmo. Raptariamos o menino e depois exigiríamos a entrega dos documentos em troca dele. (Pausa) O que é que tu achas?

Sofia - Bem, a ideia não é má. Mas raptá-lo como?

Augustita- Meu Deus, da maneira mais simples possível. Era só forçar a saída de Maribel uma noite, penetrar no seu quarto, narcotisar o menino e dar-lhe sumiço por dois ou tres dias. Ela entregava os pontos em dois tempos.

Sofia - Mas se conseguissemos entrar no seu quarto e narcotisar o menino, seria mais fácil roubar os papéis do que a criança.

Augustita- Os papéis já não estão mais lá. Ela depositou-os no cofre forte do Banco. Casemiro em conversa me disse certas coisas que me permitiram tirar estas conclusões.

Sofia - Muito bem, mas... e o narcótico como o conseguiríamos? Sabes que não é fácil?



- Augustita - Para mim não ha nada difícil. Principalmente isto. Sabes que estou de namoro com o farmaceutico ha muitos dias?
- Sofia - Com o farmaceutico, Augustita? Ele é casado, menina. Casado ou noivo.
- Augustita - e a mim que me importa? Se é noivo não é casado e se é casado não é morto. Para mim tanto faz.
- Sofia - Bem e para os nossos planos esse detalhe não interessa.
- Augustita - É claro. O que interessa é que ele me dê confiança e ele dá.
- Sofia - Muito bem mas ha ainda uma dificuldade. Onde/ esconderiamos o menino?
- Augustita - Não te preocupes que eu arranjaré tudo. Vamos realizar este plano?
- Sofia - Sósinha eu não teria a coragem para tanto mas confio em ti que és ardilosa e machiavélica como ainda não vi segunda. Onde aprendeste tanta coisa, menina?
- Augustita - Ouve, Sofia: isto não se aprende. Nasce com a gente. O que foi?
- Sofia - Nada. ~~QUANTO A ESTE ASSUNTO~~
- Augustita - Tu olhaste para a porta como se tivesses visto alguem...
- Sofia - Não, foi impressão minha. Eu pensei que ia entrar alguem... tive a impressão de que o trinco havia se mexido mas foi engano meu.
- Augustita - Bem, vamos tomar o café.

(CORTINA MUSICAL)

- Rogério - O que tens, meu filho? Não te sentes feliz em tua casa? Quem sabe te ha tuaste ao movimento, ao borborinho do hotel e a solidão te causa pena?
- Otávio - Não, meu pai, não é nada disto. A razão da minha preocupação é diferente.
- Rogério - Ela, ainda?
- Otávio - Sim. Ainda e sempre porque a quero muito e não pôsso resignar-me a ser esquecido e abandonado.
- Rogério - Não me consta que tenhas sido esquecido nem abandonado. Vamos, conta-me o que se passa. Sabes que sou teu amigo e só desejo a tua felicidade e o teu bem estar.
- Otávio - O que se passa nem eu mesmo sei. Sei, apenas, que Martha está completamente diferente comigo e já nem mais parece a mesma que conheci em outros tempos.
- Rogério - Desconfiança tua, talvez.
- Otávio - Não é desconfiança, não, meu pai. Ha vários dias que a venho observando e tenho notado uma modificação muito grande na sua maneira de ser, nos seus gestos e até mesmo nas suas atitudes.
- Rogério - Que modificações são estas? Conta-me.
- Otávio - Antes, quando ela estava perto de mim, eu a sentia efetivamente perto. Era toda atenção para o que eu dissesse, toda carinho e ternura nos seus gestos, toda interesse pela minha vida e pelo que me pudesse suceder. Sua voz era cariciosa e terna, como se deixasse escapar por ela todos os sentimentos que, por mim, abrigasse no seu peito. Quando lhe dizia que era hora de voltar para casa ela mostrava o seu pesar imenso e me pedia logo que ficasse ao menos um pouquinho mais. Hoje...
- Rogério - (após uma pausa) Hoje...
- Otávio - Tudo mudou, tudo é diferente.



Rogério - Diferente porque? Explica.

Otávio - Hoje, a meu lado sinto que ela está distante. Não mais lhe interessam os meus projetos de futuro e provejo, a cada momento, que vai descerrar seus lábios para dar-me a sentença final do meu grande sonho de felicidade. Às vezes falo-lhe e ela nem me escuta ou se as minhas palavras chegarem a ecoar nos seus ouvidos, não lhe tocaram, sequer, nem de longe, o coração. Já não me pede mais que fique ainda um pouquinho e muitas vezes é ela própria que a pretexto do frio ou de qualquer afazer, despede-me do jardim. Diga, meu pai, diga se eu não tenho razão para estar preocupado com essa sua atitude?

Rogério - Se tudo é assim realmente como dizem, não ha dúvida nenhuma de que tens razão. Resta saber agora se tudo isto não será produto de imaginação por força da tua desconfiança.

Otávio - Não, papai. Infelizmente tudo é assim tal qual acabei de dizer ao senhor. O que devo fazer, meu pai? Por favor, aconselhe-me. O que devo fazer?

Rogério - Esperar, meu filho. Não precipitar os acontecimentos. Tive sempre por lei ma o seguinte: Não parar. Não recuar mas não precipitar. Vamos dar tempo ao tempo e o que fôr soará.

Otávio - Mas é essa expectativa da espera, justamente, que me deixa assim acobardado. É uma angústia que nos vai matando lentamente. Preferia mil vezes a dor violenta de saber, de uma vez por todas, que ela não me queria mais.

Rogério - Queres que eu vá conversar com ela? Saber alguma coisa de positivo?

Otávio - Sim, mas... não será precipitar? Não foi o senhor que acabou de me dizer que não devemos parar nem recuar mas também não precipitar?

Rogério - Sim, é a minha opinião mas se tu te sentes assim tão angustiado, como dizes, e se a indecisão te faz maior mal do que a certeza de que ela não te quer mais...

Otávio - E se assim fôr, papai? O que farei?

Rogério - Tratarás de esquecê-la, meu filho. Tu és moço, bonito, rico, não te não de faltar muitas e muitas pretendentes.

Otávio - Mas irá custar tanto! Tanto!...

Rogério - Nos primeiros tempos. Depois acostuma. Felizmente a vida é assim. Até a dor faz vama no coração da gente. Uma viagem te fará grande bem e te trará reconfortado e pronto para nova luta.

Otávio - Obrigado, meu pai, pelas suas palavras. Sentia-me tão desarvorado! Elas trouxeram um pouquinho de luz às minhas trevas.

(CORTINA MUSICAL)

(ouve-se palmas e gargalhadas das crianças e Donguinha)

Carlinhos - Mãezinha não vamos partir o bolo grande?

Suzana - Não, meu querido, primeiro temos que acender as velinhas. E você mesmo é que as vai acender. Aqui tem os fósforos. (Ruído)

Ronald - Quantas velinhas! (contando) Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze. Onze velinhas.

Carlinhos - Pois é, eu faço onze anos, tem que ser onze velinhas. (Passos que se aproximam).

Suzana - Aí vem a criança que faltava na mesa. (risos).

Felix - Obrigado pelo elogio, minha amiga, muito obrigado.

Aurora - E ele ficou todo bobó. Pensa que é mesmo verdade.



Felix - Pense não, eu sei que é verdade por que a gente depois de velho volta outra vez a ser criança.

Aurora - Isto quando se chega a estar caduco.

Felix - Não. Eu conheço muita gente que diz que não está caduca e no entanto faz cada creancice que só vendo.

Aurora - Esta indireta foi pra mim.

Suzana - Não foi, não, prima Aurora. Por favor não vão começar agora com brigas. Não deem mau exemplo às crianças de verdade.

Carlinhos-Tio Felix, o senhor viu o livro de historias que o Ronald me deu?

Felix - Vi, sim. Muito bonito. Isto é trabalho para mim, depois. Ler todo para você ouvir.

Aurora - Ele já me pediu para ler. Quem vai ler sou eu.

Felix - Está bem, está bem. Melhor para mim.

Suzana - Você mesmo é que devia ler os seus livros, meu filho. Você sabe ler.

Carlinhos-Sei, mas gosto mais quando os outros leem.

Ronald - Eu não, eu gosto mais de eu mesmo ler.

Carlinhos-Pronto, mãezinha, as velas estão todas acesas.

Donguinha-Que bunito que ficou o bolo anssim. Parece um presépo.

Zacarias- É neguinha bem burra. Cala essa boca, não faz fiasco na frente dos braco.

Donguinha-Dexa, seu Zacaria, eu quis dizê. Eu acho mesmo.

Carlinhos-Ah mãezinha tu sabes? O Ronald disse que decorou uns versos para me dizer hoje.

Suzana - É?! Muito bem. Vamos, então, Ronald, diga os versos que você decorou.

Ronald - Eu vou dizer mas tenho que dizer em pé porque foi em pé que eu ensaiei os gesto e dizendo sentado eu me atrapalho.

Suzana -Pois muito bem, levante-se e diga.

Ronald	- ( <u>declamando</u> )	Carlinhos:	
		Que os dias da tua vida	Que auxilias sempre os fracos
		sejam de bens um rosário	e aos fortes não mostres medo
		é o presente que te trago	pois essas virtudes fazem
		pelo teu aniversário.	vencer da vida o segredo.

Que possas, quando crescer,	Que vivas sempre contente
dar alegria aos teus pais;	em toda a tua existencia,
que por tua causa nunca	com saúde e alegria
seus lábio exclamem ai!	e muita paz de conciencia!

Teu amigo Ronald. (Palmas, vivas, alegria)

Suzana - Muito bem, muito bem! Foi você que fez esses versos?

Ronald - Não senhora, foi a mãezinha.

Suzana - Formidaveis!... Diga a ela que eles foram muito apreciados.

Felix - Bem, agora a Donguinha e o Zacarias tem também uma surpresa. Vamos.

(Zacarias e Donguinha cantam, acompanhados ao piano, "Feliz aniversário". Ao terminar são muito aplaudidos por todos).

Zacarias- Viva o seu Carlinho!...



Todos - Viva!...

Ronald - Viva o Solar dos Alvarengas!...

Todos - Viva!... (Palmas, risos, vivas)

(CORTINA MUSICAL)

Felix - Escrevendo?

Aurora - É verdade.

Felix - Não venho interrompê-la?

Aurora - O que é que o senhor deseja?

Felix - Apenas procurar um livro aqui no bureau.

Aurora - Livro aqui tem apenas este. É o que está procurando?

Felix - Não, não é este. É outro. Interessante eu tinha ideia de o ter deixado aqui.

Aurora - Veja se alguém o pegou. Eu quando me sentei aqui para escrever o único livro que vi foi este.

Felix - Esse é do doutor Rubens. (Pausa) Então está escrevendo uma carta?

Aurora - É, seu Felix, uma carta.

Felix - Para alguma amiguinha?

Aurora - Não senhor. Porque? Interessa-o?

Felix - Não, nada. Perguntei simplesmente por perguntar.

Aurora - Não mas não é para amiguinha nenhuma, não. Esta é a carta que vai resolver finalmente o meu destino.

Felix - Como assim? Não estou percebendo.

Aurora - Já vai perceber. Esclarecendo: é a carta em que dou sim ao pedido de casamento que me fizeram.

Felix - Ah, sim. Vai aceitar então o ranbeta?

Aurora - O Albertino. Ele tem nome seu Felix. O Albertino. Vou aceitá-lo, sim, porque? Tem alguma objeção a fazer?

Felix - Tenho, sua senhora.

Aurora - Diga então. Terei curiosidade de conhecer as suas objeções.

Felix - Em primeiro lugar acho que a senhora está muito bem aqui e é uma tolice pensar em ir morar em qualquer outra ~~XXXXXX~~ parte. Em segundo lugar sou contrário a esses casamentos à distancia, sem que ao menos possamos imaginar com que cara estará a creatura a quem nos vamos unir. Terceiro que a senhora já não está mais em idade de tentar qualquer aventura amp rosa...

Aurora - Acha que estou muito velha para me casar?

Felix - Eu não disse isto. Disse que acho que a senhora não está mais em idade de tentar uma aventura amorosa. Isto é diferente do que dizer que a senhora esteja velha para casar. E em quarto lugar, ainda, eu sempre fui avesso aos casamentos de conveniencia.

Aurora - E como pôde o senhor imaginar que o meu casamento com o Albertino seja um casamento de conveniencia?



Felix - Óra, dona Aurora, isto é uma coisa que entra pelos olhos de qualquer um. Se a senhora nem sabe com que cara está esse homem, nunca mais o viu, nunca mais teve notícias dele, nem sequer se lembrava que ele pudesse existir.

Aurora - Isto é o senhor dizendo, porque muitas vezes eu me lembrava dele, sim.

Felix - Está bem, vamos admitir que fôsse assim, mas se ele escrevesse uma carta á senhora dizendo que estava velho e pobre mas que desejava casar-se com a Senhora, a senhora aceitava?

Aurora - Não sei. Era capaz que aceitasse.

Felix - Aceitava nada. Havia de aceitar tanto como me aceitou enquanto eu não herdei os bens da Natércia. São os engenhos e os canaviais e as casas e os cruzeiros nos bancos que a levam daqui para Pernambuco numa aventura de que talvez um dia a senhora se arrependa.

Aurora - Não faz mal. Deixe. É preferível a gente arrepender-se do que fez do que daquilo que teve vontade de fazer.

Felix - Bem, dona Aurora, eu não tenho nada com isto. Estava apenas dando a minha opinião. Se a senhora aceitar muito bem, se não aceitar melhor para a senhora. Repito entretanto um conselho de pessoa que muito a estima. ~~XXX~~ Não faça isto. É uma loucura.

Aurora - Óra, seu Felix que tem? Numa vida de loucuras como dizem que tem sido a minha, uma loucura a mais ou a menos que influencia poderá ter? Faça sim.

Felix - (furioso) Pois então faça!... (Passos fortes que se afastam).

Aurora - Viram? Viram como ele saiu furioso? Oh meu Deus, como eu sou feliz!... Amada por dois ao mesmo tempo. Dois!... Dois!...

(CORTINA MUSICAL)

(Soam oito badaladas espaçadas. Ouve-se um noturno de Chopin ao piano).

Rubens - Continúa tocando. Não interrompas. Gosto muito deste <sup>noturno</sup> noturno e quero ouvi-lo até o fim.

Suzana - Está bem. Far-te-ei a vontade.

Rubens - Sabes o que é isto?

Suzana - Não.

Rubens - Um presente pela data de hoje.

Suzana - Pela data de hoje?

Rubens - Sim. Não te lembras mais que foi no dia de hoje, ha onze anos passados, que nos conhecemos?

Suzana - Meu querido. (Beijo) Se não queres que eu interrompa o noturno abre depressa esse pacotinho porque não posso mais conter a minha curiosidade.

Rubens - (depois de uma pausa e ruido de papel) Pronto. É uma pulseira.

Suzana - Maravilhosa, meu amor!... Um verdadeiro encanto. Estou louca para botá-la em meu braço.

Rubens - São onze brilhantes, exatamente. Este é maior do que os outros porque representa o ano em que nasceu o nosso Carlinhos.

Suzana - Tu és um encanto, meu querido. Uma joia mais muito mais valiosa do que esta que me acabas de dar. Baixa-te um pouco, quero dar-te outro beijo. (Pausa. Ruido de um beijo).

Rubens - Estás contente?

Suzana - Muito contente. Contentíssima.



Rubens - Satisfeita com a pulseira?

Suzana - Sim, mas muito mais satisfeita por não teres esquecido a data de hoje.

(CORTINA MUSICAL)

Augustita - Boa tarde seu Custódio, como vai?

Custódio - Boa tarde, senhorita. Muito bem obrigada. A que devo o prazer da sua presença em minha farmácia?

Augustita - Vim vê-lo apenas e conversar um pouco.

Custódio - Oh, o prazer assim é maior ainda.

Augustita - Isto é, eu vou querer alguma coisa, sim. E assim também não ficará tão mal eu sair daqui com as mãos abanando.

Custódio - Porque? Preocupa-lhe o que os outros possam dizer ou pensar?

Augustita - Absolutamente. Convenção é coisa que eu não dou bola. Preconceito social para mim não é barreira. Eu sou uma creatura muito sincera, seu Custódio. Muito sincera mesmo. É por isto que não sou compreendida. A humanidade é toda muito laisa e extremos se chocam sempre. O senhor quer ver a que ponto eu desprezo os preconceitos e convenções sociais? Disseram-me que o senhor era casado e no entanto eu não deixei de manifestar-lhe a mesma simpatia que lhe manifestava antes de saber isto.

Custódio - Eu casado? Não senhorita, é engano. Eu não sou casado.

Augustita - Noivo então?

Custódio - Nem isto.

Augustita - E essa aliança o que faz em seu dedo? É para enfeite?

Custódio - Esta aliança? Não... esta aliança não é minha. Era a aliança de minha mãe, eu puz no dedo quando ela morreu e fui ficando com ela e não tirei mais.

Augustita - Mesmo que o senhor fôsse casado pensa que eu me privaria de olhá-lo, desde que isto me desse prazer? Não. Olharia do mesmo jeito. Agora só porque outra olhou primeiro do que eu, unsacerdote e um escrivão deram-lhe a exclusividade dos seus olhos, eu sou obrigada a sufocar o meu desejo de olhar também? Está errado. Não me sujeito a determinações absurdas. Atendo aos imperativos da minha vontade e está acabado. Doa em quem doer e falem o que quiser.

Custódio - Muito bem, é isto mesmo. A senhorita está com a razão.

Augustita - Ah seu Custódio, antes que me esqueça... depois nós continuaremos a conversar. Eu precisava que o senhor me arranjasse aí um pouco de narcótico.

Custódio - Narcótico? Para que? Quer entontecer alguém? A senhorita não precisa de narcótico. Bastam os seus olhos.

Augustita - Obrigada. Não seu Custódio, fôra de brincadeira. Eu vou precisar mesmo de um pouco de narcótico. Vou operar a patinha de uma cachorrinha que eu tenho e quero dar-lhe narcótico para que ela não sofra as dores. O senhor me arranja?

Custódio - O narcótico nós não podemos vender sem receita médica mas para a senhorita eu não posso negar nada.

Augustita - Muito obrigada. O senhor é gentilíssimo. Eu sabia, eu tinha certeza que com o senhor eu me arranjava.

(CORTINA MUSICAL)

Zacarias - Já vô sai, sinhásinha Matinha. A sinhora pediu que lhe avisasse.



- Martha - Sim, eu queria que você passasse na farmácia e me comprasse uma caixa de pó daquele que ele está acostumado a me mandar sempre. Diga assim que ele sabe.
- Zacarias - Tá muito bem, sinhazinha. É só?
- Martha - Sim, Zacarias, é só.
- Zacarias - O seu Alberto tá lá no jardim, a sinhazinha já viu?
- Martha - Já vi, sim, porque.
- Zacarias - Não, por nada. É que a sinhazinha acostuma ir lá convulsá com ele no café da taladina, eu quiz avisá que ele já tava aí.
- Martha - Pois é mas eu hoje não vou lá que a tarde está muito fria. Vou tocar um pouco de piano que ele subirá em seguida.
- Zacarias - Tá bõ, intonce eu vô andando. (Passos que se afastam)
- Martha - (após uma pausa) Lá está ele. Eu sei como o fazer subir.  
(Começa a ouvir-se o Réve d'amour de List, em sólo de piano)
- Alberto - (quando a música termina) Quem é?
- Martha - Estas mãos... estas mãos... ah, conheci agora pelo anel. É o Alberto. Quando foi que chegou?
- Alberto - Estava lá em baixo, no jardim, esperando que você descesse quando ouvi esta música maravilhosa que adoro quasi tanto como a você. Não pude resistir á atração que ela exerce em mim e subi. Entrei nas pontas dos pés para que você não se apercebesse e fiquei ali recostado áquela coluna esperando que ela terminasse.
- Martha - Esteve sonhando enquanto eu toquei?
- Alberto - Sim, sonhando um sonho muito lindo. Mais lindo, talvez, que o proprio sonho de amor de List.
- Martha - Conte-me esse sonho. Gostaria de ouvi-lo.
- Alberto - Sonhei com uma casinha branca, no alto de uma colina, você na moldura verde da janela a fitar o sol se escondendo por detrás do monte distante e duas ou trez crianças a brincar no riacho serpenteando a planície em curvas caprichosas. Os gerânios a subir, trescalantes de perfume, dando aqui e ali o colorido vivo das suas pétalas a se destacar na brancura da parede. A capelinha ao longe, fazendo soar o tóque nostálgico da Ave Maria, emprestava ao ambiente um tom estranho de mística saudade que a voz evocadora do sino trazia de longe, de muito longe, de um passado perdido na distancia. Eu cheguei depois, por traz de você, e assim como agora, tapei os seus olhos com as minhas mãos. O sol morria naquele instante lindo mas dentro de minh'alma havia um outro sol que era a luz maravilhosa do seu amor, Martha.
- Martha - Lindo sonho... Muito lindo, mesmo.
- Alberto - E quando, Martha? Quando o realizaremos?
- Martha - Não sei Alberto. Não sei ainda. Esperemos um pouco mais.
- (CORTINA MUSICAL)
- Rubens - O que tem seu Felix?
- Felix - Nada meu amigo.
- Rubens - Não minta. Tenho notado que o senhor de uns dias para cá já não é mais o mesmo que sempre foi. Parece preocupado, abetido e não raras vezes o tenho surpreendido alheio a si mesmo e ao ambiente, como se extranhas cogitações dominassem inteiramente os seus sentidos.



- Felix - Essas coisas acontecem muitas vezes, doutor Rubens, sem que nós saibamos como nem porquê. São ideias absurdas que nos assaltam, tomam conta de nós, dominam os nossos sentidos e ficam a nos fazer mal sem qualquer razão justificada.
- Rubens - O que o senhor acabou de dizer, seu Felix, xaxa é uma confissão de que tinha razão em achá-lo estranho.
- Felix - Sim, é verdade. Para que negar? Afinal, nós somos amigos não há razão para segredos. Tenho sim, doutor Rubens, tenho qualquer coisa em mim que anda me fazendo um mal terrível.
- Rubens - Vamos, homem, diga logo o que é. Às vezes é uma coisa atoa que meia dúzia de palavras ditas por um coração amigo são suficientes para desmanchar a impressão que ela produziu.
- Felix - Eu ando muito preocupado, doutor, muito preocupado.
- Rubens - Preocupado com que?
- Felix - Com a sorte de dona Aurora.
- Rubens - Ah!... Bem se parecia que o motivo era de coração. Preocupado com a sorte de dona Aurora, porque seu Felix? Ela está encantada de vida. Felicíssima.
- Felix - Pois é isto exatamente o que mais me preocupa. Temo uma decepção em grande escala. Depois o doutor terá que concordar comigo que é uma arriscada enor me essa senhora abalar-se daqui para Pernambuco afim de casar com um homem que ela a bem dizer nem conhece. Vamos que ele seja um doente, um bebado ou um louco... não será uma coisa terrível para ela?
- Rubens - Sim, mas se ela que vai espontaneamente ao encontro dessa decepção o que temos nós que nos preocupar?
- Felix - Ora, doutor, afinal é uma pessoa que tem vivido aqui sempre conosco e a quem nós - embora lhe reconhecendo os defeitos, não podemos deixar de querer bem.
- Rubens - Porque o senhor não procura impedir que ela parta? Acho que ninguém melhor do que o senhor teria forças para isto.
- Felix - Engana-se. Já fiz ver tudo isto a ela mas ela permanece inalterável na sua resolução.
- Rubens - Proponha-lhe casamento e estou certo de que ela não partirá.
- Felix - O senhor acha?
- Rubens - Tenho certeza absoluta.
- Felix - Não sei, não sei... É o diabo isto. Tenho muito medo de dar um golpe errado, doutor Rubens. Tenho muito medo. Quem sabe se o senhor lhe falasse?
- Rubens - Eu poderei fazer isto, não me custa mas o que eu preciso saber antes é se o senhor estará mesmo resolvido a casar-se com ela. Só com este argumento é que eu poderei levar a certeza de que ela me atenderá.
- Felix  
xaxax - Pois bem, o senhor jura que não dirá nada a ninguém mais senão a ela de que lhe vou dizer?
- Rubens - Ora, seu Felix, pôde confiar em mim.
- Felix - Pois bem, eu gosto dela efetivamente.
- Rubens - Bem, então não precisa mais ter preocupações porque ela não partirá.
- Felix - E quando o senhor falará com ela?
- Rubens - Hoje mesmo. Estája descansado.



Felix - Obrigado, meu amigo. Muito obrigado. (Passos que se afastam)

Rubens - (após uma pausa) Óra vejam só ao que me reduziram. Virei agora a Santo Antonio casamenteiro.

(CORTINA MUSICAL)

Donguinha - A sinhásinha me chama-me?

Suzana - Chamei, sim, Donguinha. Estás muito ocupada agora?

Donguinha - Não, Sinhásinha Suzana, não tô.

Suzana - O que é que tu estavas fazendo?

Donguinha - Tava lá na cozinha discascando as ervia pro armoço aminhã. A sinhásinha precisava de alguma cousa?

Suzana - Sim. Queria que tu fôsse ao Hotel levar este pratinho de arroz de leite para o Ronald. Ele gosta tanto.

Donguinha - Tá muito bem, Sinhásinha, vô levá já, já. Pôde me dá aqui ele.

Suzana - Diga-lhe que nós fizemos este arroz para sobrezeza do jantar e eu me lembrei dele.

Donguinha - Tá muito bem, Sinhásinha. Vô pedi inhante ao seu Zacaria pra módê aten dê a janta se eu não vortá muito logo.

Suzana - Está bem. (Passos que se afastam) Você não viu prima Aurora, Martinha? Durante toda a tarde não lhe puz os olhos em cima. Teria saído?

Martha - Não, titia, passou a tarde inteira no seu quarto. Está arrumando a mala para a sua proxima viagem.

Suzana - Proxima viagem? Mas ela me disse que só iria daqui a um mez ou mez e meio.

Martha - Sim, mas a senhora sabe perfeitamente o quanto ela é afobada... Pelo me nos um mez antes ela precisa estar com tudo pronto.

Suzana - Eu tenho a impressão de que ela está perdendo o seu trabalho porque o seu Felix não a deixará partir.

Martha - Eu penso que ele tentará impedi-la mas acredito que ela vá. Ela está tão entusiasmada!

Suzana - Deus queira que não se arrepende se cõegar a ir. Será uma loucura eno me a meu ver. Ela tem vivido a vida toda aqui, sem nunca se afastar, a não ser naquele período em que esteve no convento... Vai extranhar muitô.

Martha - Mas ás vezes as creaturas mudam de terra e se adaptam perfeitamente aos novos hábitos e costumes. Maribel é um exemplo disto. Ainda outro dia estive conversando com seu Felix a propósito disto. Uma creatura que fo habituada sempre nos grandes centros e em locais onde havia muito movimento, muito barulho, muita luz... veio para cá e nem quer pensar mais em sair daqui.

Suzana - Sim, é verdade. Mas esta vive agora exclusivamente para o filho e onde ele se der bem ela estará satisfeita.

Martha - A senhora teve noticias dele hoje?

Suzana - Não. Agora quando Donguinha voltar é que irei saber. Felizmente agora ele já vai mas forte. Creio que não tardará muito em ter voltado á sua situação anterior.

Martha - Deus permita, coitada. Ela é tão boa e quer tanto áquele filho. Se lhe acontecesse alguma coisa ela seria capaz até de enlouquecer.



- Suzana - Deus foi bom para ela. Tirou-lhe o marido mas deu-lhe um filho que é um amor verdadeiro.
- Martha - Deus é bom para todos, tia Suzana. Veja comigo. Tirou-me a minha querida mãezinha mas não terei eu na senhora uma mãe muito amiga e carinhosa?
- Suzana - Minha querida!...
- Martha - E assim é em tudo e com todos. Aos cegos ele rouba a visão mas dá-lhes em troca a agudez do tato. Aos mudos tira-lhes a voz mas aviva-lhes a eloquência dos gestos e assim por diante em cada um dos castigos que impõe às criaturas, dá-lhes, por outro lado, uma prova de que não se abandonou.
- Suzana - Dens razão, minha querida, tens toda a razão. Deus é bom e misericordioso.

(CORTINA MUSICAL)

- Augustita - Está tudo pronto para a execução do nosso plano. O menino será conduzido de automóvel para uma cabana a dois quilómetros daqui. Já falei até com a mulher que cuidará dele nos dias que tiver que ficar lá.
- Sofia - Agora falta-nos o mais difícil. Afastar Maribel do quarto durante a noite.
- Augustita - Deixa comigo, não será assim tão difícil como te parece. Para que pensas que compramos aqueles dois revólveres?
- Sofia - Cuidado, Augustita, não devemos nos envolver de forma nenhuma com a polícia. Vê lá o que vais fazer.
- Augustita - Que diabo, Sofia, não tens confiança em mim?
- Sofia - Tenho, sim, mas é que... uma advertência nunca é demais.
- Augustita - Estás cansada de me ouvir dizer e de verificar com os teus próprios olhos que vencem no mundo os que são arrojadados. Os covardes nada conseguem. (Transição) Sofia!
- Sofia - (assustada) O que foi Augustita?
- Augustita - Olha quem vem lá. (Ruído de abrir janela) Vou chamá-la. É hoje mesmo que vamos liquidar o nosso plano. (gritando) Donguinha! Oh Donguinha! Vem cá. Entra aí e chega aqui no quarto que eu preciso muito de falar contigo. (Paz a) Hein? É um momentinho só, vem. (ruído de fechar a janela) Os revólveres, depressa.
- Sofia - Para que queres tu os revólveres, menina?
- Augustita - Faz o que eu estou te dizendo e não discute. Vê depressa os revólveres e coloca-os aí bem à mão. (Ruído de abrir gaveta). Bota um aí em cima da mesinha, cobrindo-o com o jornal. O outro aqui. Tira esse guarda-chuva por depressa e bota por cima. Ah uma coisa: assim que ela tiver entrado, enquanto eu a distraio com perguntas tu vais à porta, passas o fardamento a chave, pegas o revólver sem que ela se aperceba e vais te colocar encostada ali naquela janela para impedir que ela tente fugir por ali. Entendeste bem as minhas instruções?
- Sofia - Perfeitamente. (batidas na porta)
- Augustita - Mas não faças essa cara de assustada. Vai abrir a porta. (Passos, ruído de abrir porta).
- Donguinha - (de longe) A dona Augustinha me chamou, eu vim vê o que é que ela queria.
- Augustita - (falando para longe) Entra, Donguinha, eu queria falar contigo um momentinho. ~~Saxaxaxax~~ (Passos que se aproximam) Como tens passado.



Donguinha - Cum a gracia de Deus, bem, agardicida e a sinhora dona Ogustinha?

Augustita - Eu muito bem. Mandei chamar-te porque preciso que tu me faças uma coisa. Tu vais telefonar para a Maribel, aqui do nosso quarto e vais mentir a ela que a Suzana está muito mal, que sofreu um acidente...

Donguinha - Misericórdia, dona Ogustinha, eu num vô fazê uma coisa dessas?

Augustita - Tu não vais fazer? Vai fazer sim. Estás vendo isto aqui?

Donguinha - Credo em Cruz, Válgé Maria, dona Ogustinha. Vira isso pra lá. O diá bo atenta, ás veiz e isso dispara. Vira pra lá por favô. Eu num posso nem ciá pra isso.

Augustita - Vais telefonar ou não vais telefonar.

Donguinha - Telefoneio, sia sinhora.

Augustita - faz a ligação, Sofia. (Ruido de discar quatro vezes) Parás uma voz muito aflita, dirás a ela que Suzana sofreu um acidente, que está á morte e deseja vê-la. Que ela vá em seguida.

Sofia - E se ela levar o menino?

Augustita - Não. O menino não pôde sair á noite ela não o levará.

Sofia - (baixo) Pronto, está atendendo.

Augustita - (baixo) Vamos, fala.

Donguinha - (nervosa e chorando) A dona Suzana? A dona Maribé, qué dizê? (Pausa) Aqui é a Donguinha que tá falando. A Sinhazinha Suzana caiu um tombo dum acidente, tá quaga á morte e qué que a sinhora venha agora memo aqui pra ela se adispidi da sinhora. (Pausa) É a Donguinha que tá falando. (pausa) É que eu tô nelvosa, tô chorando... (Pausa) É, sim sinhora. Foi sim sinhora. A sinhazinha Suzana, si, sinhora. É, sim sinhora, ela caiu um tombo. Tá muito bem, sim sinhora. (desliga)

Augustita - O que foi que ela disse?

Donguinha - Ela disse que já vai já já.

Augustita - Vou cuidar da janela a sua saída. Toca a vitrola para disfarçar, Sofia. (Pausa. Ouve-se um disco qualquer que depois fará fundo ao diálogo) Agora fica aqui tomando conta desta negrinha que eu preciso estar desembaraçada para agir. Qualquer tentativa que ela fizer para fugir dá-lhe um tiro. (Por momentos só se ouve a vitrola e os soluços de Donguinha) Pronto, lá vai sim. Eu não demoro muito.

Sofia - Olha o narcótico, não esqueças.

Augustita - Já está aqui comigo. (Passos sempre á mesma altura do microfone e a voz da vitrola vai se apagando até desaparecer). Pronto. Aqui está a chave falsa. O silencio é grande. Creio que o menino deva estar dormindo. (ruido de dar volta á chave. trinco que se abre. Pausa.) Eu deveria ter trazido uma lanterna. (Ouve-se um tiro forte e um grito agudissimo, entrando em seguida a)

(CARACTERÍSTICA FORTE PARA O FIM DO PROGRAMA)

SPEAKER - Este foi, caríssimos ouvintes, o 9º Capítulo do Solar dos Alvarengas, o romance que Roberto Lis escreve, dirige e interpreta com os seus Artistas de Rádio Teatro. Ouça, no proximo domingo ás mesmas horas, o 1º Capítulo do Solar dos Alvarengas.

(Novamente a característica forte)



Em 28/5/1944

14º Capítulo

(Característica musical forte, baixando depois aos poucos para falar o Speaker)

SPEAKER: ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM: (Sóbe a característica)

ROBERTO: O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Sóbe novamente a característica)

SPEAKER: Um programa que desde o seu primeiro episódio vem empolgando os nossos ouvintes de rádio teatro, pela originalidade do seu enredo, a emotividade e a graça de suas cenas e mais do que tudo isto pela vida que vive cada uma das suas personagens e que nada mais é do que uma cópia fiel da mesma vida que estua e palpita em cada um de nós.

ROBERTO: É uma luta de sentimentos igual á que todos nós somos obrigados a enfrentar, dia após dia, nas diversas situações que se nos deparam, nas mais variadas circunstancias que nos envolvem cerebro e coração.

SPEAKER: É o relógio grande do destino a marcar compassadamente todas as suas horas, iluminadas, umas, pelo sol resplandecente das alvoradas, entristecidas, outras, pela nostalgia dos poentes.

ROBERTO: É a brisa que sópra suavemente e o vento que esbraveja furioso! Aguas mortas de um lago adormecido; ondas bravias de um revolto mar! Luz suave e opalina dos luares; clarões de incendio a estremecer as almas!...

SPEAKER: É a historia da vida, vivida por personagens que riem e choram, se revoltam ou se resignam, como todas as creaturas que teem alma, como todos os que vivem pelo amor!...

ROBERTO: É o romance do amor, onde as personagens vivem e se agitam, sorriem ou soluçam, revoltam-se ou se resignam como todos os que teem alma, como todos os que vivem dentro da vida!...

SPEAKER: Este, é o solar dos Alvarengas!...

(Característica forte, baixando depois aos poucos)

SPEAKER: No capítulo desta noite, teremos a seguinte distribuição:

- \* Suzana Alvarenga... A desilusão..... Carmen de Alencar
- \* Dr. Rubens... A inconstrancia..... Roberto Lis
- ~~Prima Aurora - A razão.....~~
- \* Seu Felix... O coração..... Claudio Real
- \* Donguinha... A bondade..... Lilia Maria
- \* Zacarias... A lealdade..... Carlos Moré
- \* Carlinhos... O sonho..... Gissela Castro
- \* Augustita... A maldade..... Circinhs Milano
- \* Sofia... A ambição..... Ligia Cavalcanti
- \* Alberto... O consolo..... Raymundo Gray
- \* Maribel... A renuncia..... Lilia Maria
- \* Martha... A inocencia..... Maria Zita
- \* Ronald... A esperança..... Pitágoras
- \* Luiza..... Maria do Céu
- \* Clecy.....
- \* Rodolfo.....
- \* Rogério.....
- \* Otavio.....
- \* Prima Aurora - A razão..... Branca Margarita
- \* Cusócio..... Feride Germano
- \* Encarregado do Estúdio..... Emilio Belo
- \* Sonofonia de.....
- \* Ao piano..... Aderbal d'Avila.

(Característica forte, baixando depois aos poucos até desaparecer)

SPEAKER:- No último capítulo deste romance ficamos exatamente quando Carlinhos dizia:

Antonio - Paulo Neto.



- Carlinhos - (com voz débil) Mãezinha...
- Rubens - A mãezinha está descansando, meu querido. Está dormindo. Mas aqui está o paizinho para te atender. O que é que tu queres?
- Carlinhos - Agua...
- Rubens - Agua filinho? Está bem, o paizinho vai te dar. (Ruido) Pronto, aqui está. Deixa o paisinho levantar um pouco a tua cabeça. (gemido fraco) Assim. Agora bebe devagarinho. (Pausa) Chegou?
- Carlinhos - Chegou... paizinho... Obrigado.
- Rubens - Vê se dormes um pouquinho agora, meu querido. Tens dormido muito pouco hoje.
- Carlinhos - Não tenho... sono... paizinho.
- Rubens - O paizinho vai te dar uma injeção e tu vais dormir em seguida. Queres?
- Carlinhos - Sim... paizinho.
- Rubens - Não dóe nada, nada. O Paizinho dá bem ligeiro e quando ele tiver terminado de dar já tu estarás dormindo. (Pausa) Esta ampoulinha aqui que tu estas vendo, vai te dar um descanso muito grande. (Pausa) Está. Vamos ver o bracinho. (Pausa) (Ruido de esfregar) Está doendo, filhinho?
- Carlinhos - Não...
- Rubens - Ela vai te fazer dormir a noite toda e amanhã tu vais te sentir muito melhor porque descansas. (Pausa) Está. Agora o paisinho vai fazer uma massagem no teu bracinho para que não te dóa nada, nada. (Ruido de esfregar por alguns instantes) Está doendo meu querido? (Pausa) Carlinhos! (Pausa) Já está dormindo. Ao menos isto eu posso fazer: diminuir-lhe por algumas horas o seu sofrimento!... Mas e eu, meu Pai? E eu? Até quando, meu Deus!?... (chorando) Até quando!?... (Soluços desesperados). (Passos abafados que se aproximam)
- Martha - (muito suave e comovida) Titio... não chore assim, titio.
- Rubens - (contendo-se) Oh Martha... és tu? Que susto me deste! Pensei que fôsse Suzana... Se ela me visse neste desespero haveria de compreender que o mal é sem remedio.
- Martha - Tia Suzana está dormindo profundamente. Vim agora mesmo do seu quarto. E o senhor vai dormir tambem, titio. O senhor precisa descansar e eu ficarei aqui tomando conta do menino.
- Rubens - Não, Martha, obrigado. Eu não tenho sono. Não poderei mesmo dormir, nervoso assim como me encontro... Isto é horrivel, Martha, isto é horrivel!
- Martha - O senhor precisa ser forte, titio. Vamos, então...
- Rubens - Se pudesses saber o que representa para mim ver meu filho sucumbir aos poucos, sem que me seja permitido encontrar entre todas as minhas drogas uma só que seja capaz de restituir-lhe a vida e a saúde!... Se pudesses avaliar a tortura infinita que me invade sabendo-o inutilizado para o resto da vida e compreendendo que serão inúteis todos os meus esforços para movimentar outra vez as suas pernas!... Se eu pudesse um dia ter calculado que me estaria destinado um tal castigo jamais teria me dedicado ao estudo da medicina porque então neste momento eu não poderia compreender, como compreendo, a sua sentença de morte e o meu desespero desta hora não seria tão cruciante porque na minha ignorancia o coração teria sempre uma esperança de que um dia ele se pudesse restabelecer. É o momento mais doloroso da nossa vida, Martha é aquele em que a esperança nos fôge irremediavelmente. É aquele em que se apaga para sempre a luz que nos iluminava o caminho que deveriamos seguir, e em que nos sentimos perdidos, desesperados, tontos a debatermo-nos na treva imensa que nos rodeia. Este, é o momento mais trágico de uma vida!...

(CORTINA MUSICAL)



(Ruído de bater um garfo no prato, como quem bate merengue)

(Cantarolando, à meia voz)

Aurora - Soltei meu primeiro pombo correio, com uma carta para o homem que me abandonou, soltei o segundo o terceiro, o meu pombal terminou, ele não veio e nem o pombo voltou.

Felix - Voltei, sim, minha pombinha, estou aqui. (Cessa o ruído do prato)

Aurora - Credo, seu Felix, que susto que o senhor me deu.

Felix - Ora esta, assustou-se porque eu voltei?

Aurora - Assustei-me porque não ouvi os seus passos e o senhor fala assim de repente nas minhas costas, eu sou nervosa...

Felix - A senhora estava se queixando que o pombo não tinha voltado... ele voltou, sim, está aqui bem pertinho da senhora.

Aurora - Pois é, mas ele voltou muito tarde, o pombal já está desfeito. O vendaval da desilusão foi arrancando táboa por táboa e hoje já nada mais resta.

Felix - Ingrata!... Se você quizesse bem que poderíamos reconstruir o pombal.

Aurora - Para mais tarde outro tufão desfazê-lo? Não vale a pena seu Felix.

Felix - Eu sei, não vale a pena porque a senhora agora arranjou uma gaiola de ouro.

Aurora - Graças a Deus, seu Felix, graças a Deus!... A quem Deus promete não falta. E ao tempo que ele vinha me prometendo! Meu Deus, nem tem conta! (continua abater o merengue e cantarolar) Soltei meu primeiro pombo correio, com uma carta para o homem que me abandonou, soltei o segundo o terceiro, o meu pombal terminou...

Felix - A senhora está muito alegre, hoje, está cantando. (Cessa o ruído do prato)

Aurora - Quantas vezes a gente canta para espantar as mágoas, seu Felix, não sabe disto? (Cantarolando e batendo) Soltei o segundo o terceiro, o meu pombal terminou, ele não veio e nem o pombo voltou.

Felix - O que é que a senhora está fazendo, algum bolo para o chá? (Cessa o ruído)

Aurora - Não. Estou batendo uns merengues para o Carlinhos.

Felix - Merengues ou suspiros?

Aurora - É indiferente. Como quiser. Se prefere suspiros eu direi suspiros. Não custa

Felix - Não, prefiro merengues, mesmo. Chega de suspiros. De uns tempos para cá eu não faço outra coisa senão viver suspirando.

Aurora - É bom. Eu já fiz isto doze ou quinze anos. Nem sei. Perdi a conta.

Felix - Ouvi dizer que está para breve a sua viagem, é verdade?

Aurora - Não sei, seu Felix, pretendo que seja mas já nem gosto de dizer que sim porque cada vez que marco o dia da minha viagem acontece uma coisa. Agora eu não marco mais. O dia que me der na veneta tomo o trem toco-me para o Rio Grande e de lá sigo no primeiro vapor.

Felix - Então é certo que a senhora continua com a ideia de nos abandonar?

Aurora - O que é que eu vou fazer? O destino me impels para longe e cá corro em busca da minha felicidade.

Felix - E vai ter coragem mesmo de fazer isto, dona Aurora? Já não digo por mim mas por Suzana.

Aurora - Suzana já está mais habituada com o que lhe aconteceu e embora tenha ainda as suas crises de desnorreamento elas já não são tão frequentes e a sua duração é momentânea. O menino chegou ao máximo das suas melhoras e aí estacionou porque todos nós sabemos que não é possível melhorar mais. O Albertino espe-



ra-me ha mais de trez mezes e não é justo que o deixe assim ao abandono. Para substituir-me no Solar virá Maribel com seu filho. Não ha razão, portanto, que eu continue aqui prejudicando os meus interesses. Sim, porque afinal vamos supor que o Albertino canse de esperar e desista da proposta que me fez? E depois o senhor compreende... eu já fiz até as minhas despedidas. O que não vai dizer de mim essa gente se eu agora não partir? Eu sei que já andam murmurios por aí a este respeito. Ouvi dizer até que na casa das Monteiro já se comentou que toda esta historia do casamento foi forjada por mim. Eu preciso provar-lhes que não é mentira. Em barco, sim, seu Felix, em barco. Quando ainda não sei mas pôde ser a qualquer momento. É só me dar na veneta, já lhe disse.

Felix - Não ha rógos nem supplicas que a façam ficar, dona Aurora?

Aurora - Não.

Felix - Que penal... Eu vou sentir tanto a sua falta!... Eu preciso ter alguém com quem brigar, dona Aurora, a senhora não compreende?

Aurora - Pois brigue com o diabo, óra esta. E eu a comover-me a/a pensar que era por me querer bem que ele não queria que eu partisse.

Felix - A senhora me disse que eu brigue com o diabo, dona Aurora?

Aurora - Disse. Disse e repito.

Felix - Mas e o diabo quem é, dona Aurora? Não é a senhora mesma?

Aurora - Vá amolar outra, ouviu seu Felix? Eu tenho que bater estes merengues e não pôsso estar aqui a perder tempo ouvindo as suas tolices. O forno esfrie e depois não sai nada que preste. (Batendo e cantarolando) Adeus, eu vou partir, deixando a noite em meu logar e a tua voz vai colorir o nosso adeus crepuscular. Um lenço branco acenando querendo a dor sufocar, um sonho bom naufragando, na branca espuma do mar e eu te direi ~~que~~ num queixume que a felicidade é sempre um vago perfume no vesperal da saudade!...

Felix - Um sonho bom naufragando na branca espuma do mar!... Queira Deus, dona Aurora, queira Deus que não naufrague o seu sonho!... (cessam as batidas)

Aurora - Credo! Cruz! Te esconjuro. Te esconjuro trez vezes. Vá pra longe o agouro! Totofum!

(CORTINA MUSICAL)

Suzana - Não sei, Maribel, ainda não perdi totalmente a esperança de que o meu filho volte a caminhar mas confesso-lhe que dia a dia enfraquece mais a minha fé. Dois mezes, já!... Dois mezes interminaveis de um supplicio horroroso e a medicina falhando sempre, lamentavelmente.

Maribel - Mas Suzana, você precisa reconhecer que ele está muito melhor agora. Está mais gordinho, com melhor côr e se não fôsse a imobilidade das pernas poder-se-ia dizer que ele havia retornado ao que foi. Você vê que ele já conversa, como antes, lê, interessa-se pelas visitas que recebe e muitas outras coisas.

Suzana - Eu sei, sim, Maribel, eu sei. Reconheço tudo isto. Mas eu não quero o meu filho paralítico, está entendendo? Eu não o quero assim para o resto da vida em cima de uma cama. Sei que muitas mães preferiam isto a perder o seu filho. Eu não. Eu preferia vê-lo morto porque compreendo o sofrimento horroroso que ha de ser para ele, um menino vivo e inteligente, viver numa cama cu numa cadeira de rodas enquanto os outros brincam, correm e se divertem pelas calçadas ou pelos jardins. Ele coitadinho não se queixa, acredita ou finge acreditar que ficará bom mas no fundo dos seus olhos eu vejo refletida a grande tristeza da sua alma de anjo. Eu advinho a pergunta muda do seu coraçãozinho angustiado a procurar saber o motivo de um castigo tão cruel! Isto é uma tortura que mata, Maribel, é uma dor que crucifica!...

Maribel - Eu a compreendo muito bem, Suzana porque tambem tenho o meu filho e sei o que seria capaz de sofrer e de sentir se ele estivesse nas condições em que se encontra o seu. O que me parece pior, em tudo isto, é que você esteja perdendo a sua fé, como me disse ha pouco. Ela é necessária a você, Suzana. Absolutamente necessária. Agora mais do que nunca. Não consinta que ~~la~~ ela lhe abandone. Prenda-se a ela com todas as suas forças, com o que ainda lhe possa restar de energia.



- Suzana - E se ela me abandonar mesmo assim?
- Maribel - Reze. Reze muito. Peça a Deus que a fortifique cada vez mais, que a enriqueça mais no seu coração em cada hora que passe. Deus é bom e ha de se apressar a ajudar de você.
- Suzana - Eu compreendo, Maribel, que ~~em~~ o único refúgio em que me posso abrigar para fugir um pouco ao meu sofrimento é a religião, é a prece. Tenho rezado sempre. Tenho rezado muito. Mas o que poderá adiantar o nosso culto a um Deus que sabemos surdo e que temos a certeza de que não nos atenderá
- Maribel - Oh Suzana, por favor, não diga sacrilégios. Como pôde você acusar de surdo a um Deus tão grande e tão misericordioso que nos ~~faz~~ ouve pela voz da prece e o perfume do incenso e nos fala pelo canto dos pássaros, pelo sussurro da brisa, pelo bramir das ondas e pela voz dos sinos que tangem? Como pôde você acusar de surdo a um Deus que no perfume de uma flor ou no brilho de uma estrela nos revela toda a sua grandeza, toda a sua onipotencia, toda a sua perfeição? E os milagres da cura dos enfermos, da ressurreição dos mortos e os milagres do amor de onde provém? Dele, só dele, Suzana e da sua infinita misericórdia!...
- Suzana - O que será necessário fazer para que ele me escute, Maribel?
- Maribel - Ter fé, minha amiga. ~~Pedir~~ com fé. Rezar com fé. Vês ali aquela imagem de Nossa senhora da Conceição com o menino Jesus ao colo? Reza-lhe para que te atenda. Mas reza com fervor, contritamente, desejando sinceramente que a tua prece suba até o seu coração, partindo diretamente do teu coração. Reza e espera. Ela é mãe também. Saberá compreender a tua dor e não te deixará ao desamparo se verificar que dentro do teu coração existe fé.
- Suzana - Sim... é o que eu vou fazer... mas será que ela estará no céu agora? Capaz que não esteja... são tantos a pedir... se eu soubesse onde poderia encontrá-la neste momento!...
- Maribel - Meu Deus!... Que expressão estranha a dos seus olhos!... Suzana!
- Suzana - Tu saberás me dizer onde poderei encontrá-la agora? Sabes sim. Porque não me dizes? Tu te finges amiga mas não és. Se fosses minha amiga me dirias. Sim, tu não és minha amiga. O que vens fazer então na minha casa? Vens rir de mim? Gozar a minha dor? Tu és malvada, és perversa...
- Maribel - Suzana!...
- Suzana - Sai. Anda, sai. Não te quero mais aqui. Vamos, não estas ouvindo? Sai já te disse. Se não me obedeces mando-te enxotar pelos criados. (gritando) Sai, não ouves? O que fazes ainda aqui. Sai, eu quero que saias.
- Maribel - (gritando) Doutor Rubens, por favor, venha depressa. (Passos que se aproximam) Meu Deus que coisa horrível. Seus olhos parecem presos de uma alucinação!...
- Martha - O que foi, titia?
- Maribel - Veja, Martha, veja como ela está. Dizendo coisas sem nexos. Alterada nervosa.
- Martha - Titia querida: o que é que tu queres? Fala para mim. Diz.
- Suzana - (Soluçando) Quero o meu filho!... O meu filho que ela me roubou!... (desata a soluçar perdidamente).
- Martha - Chore, titia, chore. Chore que isto lhe faz bem. Deixe-a chorar, Maribel. Depois que tiver desabaixado a sua angustia, a razão voltará.

(CORTINA MUSICAL)

Donguinha - Mecê quiria falá cumigo, seu Zacarias?

Zacarias - Quiria sim neguinha. Quiria pidi pra mecê me emprestá o seu santo Ispridi. Éo um mucado que eu vô precisá dele.



Donguinha - Ariessa, seu Zacaria, pra que é que mecê qué o meu cantinho?

Zacarias - Eu perciso fazê uma promessa pra ele.

Donguinha - Uma promessa, seu Zacaria? Uai, eu intê tô indimrada de le ovi dizê isso. Mecê num querdita em promessa, feiz troca de mim uma feiz que eu tava fazendo uma. rensa que eu não me alembro?

Zacarias - Puis é mais o que é que a gente vai fazê? Eu memo num quiria fazê, nem tinha me alebrado disso mais o seu Callinho pidiu e eu num ia dizê pro inucento que não fazia.

Donguinha - O seu Callinho pidiu pra mecê pra fazê uma promessa, seu Zacaria?

Zacarias - Pidiu. Eu tava lá cunvelsando cumele e ele disse anssim pra mim que já tava inguniado de tá tanto tempo anssim em riba duma cama sem pudê mexê as pelninha. Que num dizia nada nem se quexava pra môde a Sinhá-zinha Suzana num ficá mais triste.

Donguinha - Pobre do inucentinho.

Zacarias - Ai ele falô anssim: Zacaria tu aquerdita em Deus Nosso Sinhô? Eu fui arrespondi: Aquerdito como não. Ele disse anssim: e nos santo tu tom-tem aquerdita, Zacaria? Eu num aquerdito munto mais disse pre ele que aquerditava. Foi ai ele pidiu anssim: Entonce tu pede, Zacaria prum santo que xege mais da tua divoção pra eu ficá bão munto logo que eu já tô cansado de sofrê. Eu disse pre ele que ia pidi. Agora tenho de pedi porque num fica dereço inganá o pobresinho.

Donguinha - De celto, tem que pidi, sim.

Zacarias - Pur isso é que eu vim pedi pra mecê me emprestá o Santo Ispridião pul-que bem dizê é o santo que eu tenho mais cunhecimento. Os otro tudo eu quagi que nem cunheço bem, e não sê aquele que é preto cumo nós. Esse eu cunheço bem mas pra ele num vô pidi. Num vô dexá de pidi prum branco pra pidi pra um decô.

Donguinha - Isso num qué dizê nada. O de cô pôde le atendê da mema forma que o ~~br~~ branco. Mecê num sabe que lá no céu nós semo tudo ingual?

Zacarias - Puis é, mas eu num gosto de pidi favô pra negro. Dexa pidi pro branco memo.

Donguinha - Vê? Nós memo, os nego, semos os premero a fazê poco causo dos que são da nossa cô. Dispois quando os branco faiz a gente que se burrecê. Num pôde.

Zacarias - Tá baô, negrinha, dexa de cunvelsa e vai trazê o santo que eu le pedi.

Donguinha - Tá ali ele, home, na partelera, no cantinho. Mecê num tá enxelgando?

Zacarias - Tá bão, intonce mecê sai um mucado que eu perciso cunvelsá cum ele.

Donguinha - Tá bem, eu já ia sai memo. Eu tenho que perpará o suco de laranja pro seu Callinho bebê ele que já tá quagi na hora.

Zacarias - Se arguem percurá por mim mecê vem aqui me chamá.

Donguinha - Tá munto bem. (Passos que se afastam) (Pausa).

Zacarias - Santo Ispridião - Óia pra mim e bota bem sântido no que eu vô te dizê. Eu tenho munta amizade naquele minino que se chama Callinho e que tá lá em riba daquela cama no telcero qualto da dereço, no andá de riba. Eu vô de prometê uma coisa pra môde tu curá ele que ele possa andá e corrê cumo ele andava inhante de levá aquela rodada daquele amardicoa do daquele petiço. Quando tu tivê um tempinho disponive tu dá usa chéegada aqui, inzamina ele e vê o que é que tu pôde fazê. Si tu curá ele pur essa luz divina que te dô um presente bem bunito. Mando desmanchá todas as medala ~~de~~ de prata da minha corrente de relógio que foi o falicido patrõesinho que me deu e que eu tenho munta instima pur ela e mando te fazê uma coroa de prata bem bunita pra môde te butá na tua



cabeça. Mas porem se tu não me fizés • que eu tó te pidindo eu te agarro e te boto dentro de uma tina cheia d'agua e te deixo lá fóra no relento, treis dia que é pra ti standê aprendê a atendê os afrito. Agora tu iscóie O que tu achá mais melhor tu faiz que eu aqui fico esperando pra vê o que é que eu vô fazê. Pur J'isuis Cristo Nosso Sinhô, Amen J'isuis.

(CORTINA MUSICAL)

Rogério - O Marcelino já levou a charrete á Estação para esperar os meus sobrinhos, Antonio?

Antonio - Sim senhor, patrão, ele já saiu ha mais de uma hora. Creio que não deve demorar. Faz mais de quinze minutos que eu ouvi o apito do trem chegando.

Rogério - E você botou mais dois lugares á meza?

Antonio - Sim senhor e botei-os com satisfação porque me dava pena vôlo tão sósinho, senhor Rogério.

Rogério - De agora em deante estarei mais acompanhado. Não digo por meu sobrinho que é já um rapaz e provavelmente pouco estará em casa, mas por minha so brinha que é uma menina e as meninas, por não poderem ter a mesma liber dade, sempre param mais em casa.

Antonio - Todos ficaram satisfeitos com a noticia da vinda de mais duas pessoas para esta casa, até mesmo a cosinheira. Ela ficava aborrecida de ver vol tarem da mesa quasi intactos os pratos que preparava com tanto esmero.

Rogério - Tinha razão, sim, mas o que fazer? Se já era pouco o meu apetite no tempo em que tinha a companhia de Otávio á mesa, menor ainda agora que esta va sósinho. Os quartos dos meus hóspedes estão completamente em ordem? Não lhe falta nada?

Antonio - Nada, senhor. Até mesmo os toalhões de banho e os sabonetes já se encontram em seus respectivos lugares.

Rogério - Muito bem. Jantaremos então depois que eles tenham chegado e feito as su as toaletes.

Antonio - Muito bem, meu patrão. Com licença então. (Passos que se afastam)

Rogério - E eu devo fazer alguma coisa até que eles cheguem para que o tempo não me custe tanto a passar. É tão triste esta hora do entardecer quando estamos sósinhos!... Parece que, com o lusco fusco do ocaso, as recordações se acercam de nossa alma e começam a bailar em torno de nós. Esta hora em que o sol se apaga e as estrelas no céu acendem suas luzes, bem se poderia chamar a hora triste da saudade!... (Um sino ao longe começa a bater Ave Maria) Ave Maria!... Hora em que a nossa alma se ajoelha e o coração -nosso sino - chama á prece. (Ouve-se, em sólo de piano, a Ave Maria de Gounod ou de Schubert.)

Antonio - (quando a musica terminou) Dá licença, patrão?

Rogério - Oh Antonio, estavas aí?

Antonio - Sim. Estava esperando que o senhor acabasse de tocar para avisá-lo que seus sobrinhos já estão aí.

Rogério - Quando chegaram?

Antonio - Nestes poucos minutos.

Rogério - Porquem não me avisaste logo? Manda-os entrar para cá.

Antonio - Sim senhor. Com licença. (Passos que se afastam)

Rogério - Creio que não mais os reconhecerei. A ultima vez que os vi a menina ainda nem caminhava. Não sei porque, sinto-me nervoso e emocionado. Influencia, talvez, da hora em que chegaram. (Passos que se aproximam) Ei-los, enfim.



- Rodolfo - Tio Rogério, não nos conhece mais, não é verdade?
- Rogério - Realmente, se te visse assim sem saber que vinhas não seria capaz de te reconhecer. Estás um homem. (Ruído de abraço)
- Rodolfo - Esta é a sua sobrinha. É a minha Clecy.
- Rogério - Está uma moça também. Deixa que te abraçe e que te beije. És filha de um irmão a quem muito quizes. (Beijo. Pausa) O que é isto? Está chorando? Porque?
- Clecy - Não é nada, não. O senhor me desculpe. Estou comovida, é natural.
- Rogério - Compreendo, sim, compreendo. Eu também estou com vontade de chorar. Parece mentira, não é? Mas é verdade. Sinto vontade de chorar, acreditem. Não sei se será pelas recordações que a presença de vocês me despertam ou pela satisfação de tê-los agora perto de mim, o caso é que estou profundamente comovido. E contente também. Contento por terem aceite o meu convite de virem morar aqui. Creio que seremos muito bons amigos e nos daremos muito bem todos três.
- Rodolfo - Estou certo que sim, titio. Quando deixamos a casa que papai e mamãe construíram e onde ambos morreram, deixamos lá todas as nossas vontades, todas as nossas impertinências de crianças mimadas, todas as nossas teimosias. Anima-nos um só desejo. Obedecê-lo. trazemos uma só intenção: agradá-lo.
- Rogério - Obrigado, obrigado. Vejo, só por isto, que nos daremos esplendidamente bem mas quero que se sintam à vontade em minha casa. Não vejo necessidade de que renunciem a todas as vontades, basta que tenhamos sempre a franqueza de dizer uns aos outros o que sentimos e o que desejamos e na vemos de acuar sempre uma fórmula que satisfaça a todos. vocês são de bõa origem, bem educados eu não vejo razão alguma de impor a minha autoridade. Seremos tres amigos. Combinado?
- Rodolfo - Combinado, titio.
- Rogério - E você, o que me diz?
- Clecy - Que estou disposta a fazer tudo para lhe ser agradável e para que nos tornemos muito bons amigos.
- Rogério - Quero que sejas a rainha dentro desta casa. Não uma rainha autoritária disposta a se fazer obedecer pela violencia mas disposta a transpor todos os impecilhos com as armas poderosas do beijo e dos carinhos.
- Clecy - Obrigada, titio, muito obrigada. Confesso-lhe que a recepção que acaba de nos fazer afastou todas as minhas dúvidas todos os meus receios. Já agora tenho a certeza absoluta de que viveremos muito bem aqui.
- Rogério - Assim espero e desejo. Vocês naturalmente estão com apetite, não é verdade? Depois de um dia inteiro de viagem é natural.
- Rodolfo - Sim, realmente e este cheirinho agradável que nos vem da cozinha ainda mais nos convida a satisfazer o estômago.
- Rogério - Bem, o Antonio inda cará a cada um o seu quarto, tomem lá o seu banho, prepare-se cada um e quando estiverem prontos faremos o nosso primeiro jantar. Daremos início á nova vida que passaremos a viver de ora em diante.

(CORTINA MUSICAL)

- Ronald - Tu estás deente?
- Luiza - Não, não tenho nada.
- Ronald - Não queres brincar de coisa nenhuma e estás tão triste, porque?
- Luiza - Estou com saudades do Carlinhos.
- Ronald - Tu estás sempre lá com ele um dia que saís já sentes saudades?



- Luiza - Su gosto tanto dele! Fiquei tão triste quando a dona Suzana me obrigou a vir passar a tarde aqui!...
- Ronald - Porque tu não gostas de mim, então?
- Luiza - Gosto, sim, mas tu não estás doente podes brincar e te distrair com qualquer coisa. O coitadinho não, eu saindo ele não tem quem brinque com ele.
- Ronald - Eu sei porque ela te obrigou a vir. Ela disse para a minha mãe que tu estavas muito fraca, muito impressionada com a doença do Carlinhos e que ela ia fazer tu vires passar uma tarde aqui para te distraires. A mãezinha até ofereceu que se tu quizesse vir passar uns dias que podias.
- Luiza - Eu gostaria muito noutra ocasião. Agora não, não desejo me afastar ~~de~~ de pertodele, coitadinho. Ele se distrai tanto comigo! Leio historias para ele ouvir, o nverso, jôgo com ele, armamos casinhas, fazemos uma porção de coisas.
- Ronald - Eu acho que tu quando cresceres vais casar com ele, Luiza.
- Luiza - Tu estás louco, Ronald? Tu não vês que ele é filho de gente rica e eu não sou?
- Ronald - Óra, o que tem isso? A gente tem visto até patrões casando com as criadas e agora só porque tu és pobre e ele rico você não poderiam se casar? Eu quando tiver namorada não quero saber se é rica ou se é pobre. Eu gostando dela e ela de mim é o quanto chega.
- Luiza - E tu não tens nenhuma namorada ainda?
- Ronald - Não.
- Luiza - Mentira. Tens, sim, tu não queres me dizer.
- Ronald - Não tenho, não, se eu tivesse eu dizia. Logo que tu chegaste eu ia te convidar pra namorar comigo mas depois eu logo vi que tu gostavas mais do Carlinhos do que de mim então deixei pra ele.
- Luiza - Su gosto dos dois, mas eu moro na casa dele...
- Ronald - Ah mais para namorado tu não podes gostar dos dois. Tem que ser um só. Se tu quizesse ~~me~~ gostar mais de mim eu namorava contigo.
- Luiza - Mas não adeantava nada porque quando tu ficas grande tu ias procurar outra. Eu já sei que é assim.
- Ronald - Não procurava, não. Eu te juro como não procurava.
- Luiza - Mas e depois o Carlinhos? Ia ficar sem ninguem?
- Ronald - (após uma pausa) Ah, é mesmo!... E ele precisa mais do que eu porque ele está doente e eu graças a Deus estou bom. É, fica com ele, então. Eu arranjo outra moça para namorar comigo.
- Luiza - Moça? Tu não podes namorar moça, tu és um menino. Tens que namorar uma menina também.
- Ronald - Pois é, pois então eu arranjo uma menina.
- Maribel - (gritando de longe) Luiza, venha que já vieram buscá-la.
- Ronald - Oh, a mãezinha está te chamando. (gritando para longe) Ela já vai, Mãezinha.
- Luiza - Vamos, então?
- Ronald - Espera aí. Leva estas flores pra ti que eu te dou.
- Luiza - Não posso, Ronald, pois se eu não sou tua namorada como é que eu vou levar as flores?
- Ronald - Que bobagem!... Podes aceitar as flores como amiguinha. Não tem mal nenhum.



Luiza. - Ah bem, então eu aceito. (Pausa) Vamos agora?

Ronald - Vamos, sim.

(CORTINA MUSICAL)

(Batidas na porta. Passos e ruído de trinco)

Otávio - Boa tarde.

Sofia - (assustando-se) Seu Otavio!... Boa tarde. O senhor por aqui?!...

Otávio - Eu, sim. Está admirada, não é verdade?

Sofia - Sim, confesso que... quer dizer... para ser muito sincera eu devo dizer que não esperava a sua visita.

Otávio - Eu sei. Eu também confesso que não esperava encontrá-las em São Paulo. Já estava até com a minha viagem ~~xx~~ marcada para o Rio quando encontrei Augustita na rua e...

Sofia - Augustita? O senhor não estará enganado, seu Otávio?

Otávio - Enganado? Porque?

Sofia - Porque Augustita não está em São Paulo. Chegamos aqui numa semana e na semana seguinte ela embarcou para a Bahia.

Otávio - Desculpe dizer-lhe que não acredito ~~na~~ nessa história, dona Sofia.

Sofia - Juro-lhe como é verdade.

Otávio - Não jure. Não jure porque está pecando sem proveito algum porque não logrará convencer-me. Eu encontrei-a na rua outro dia.

Sofia - Não pôde ser, o senhor está enganado.

Otávio - Não tenho dúvida nenhuma de que estou absolutamente certo.

Sofia - Será possível? Ela terá voltado então? Onde a encontrou o senhor?

Otávio - Na rua Líbero Badaró. Ela está diferente, não ha dúvida mas com todos os artificios não conseguiu fazer desaparecer a antiga Augustita. Muda-se uma toilette, a maneira de andar, de fala, muda-se até a cor dos cabelos, mas os traços fisionomicos não se pôde mudar assim tão facilmente, por felicidade.

Sofia - Se o senhor tem assim tanta certeza de que ela está realmente em São Paulo, poderia me dizer onde ela está morando? Eu gostaria de saber. Teria até necessidade de falar-lhe.

Otávio - Pois não, se deseja saber eu lhe direi. Ela está morando aqui mesmo.

Sofia - Aqui? Mas o senhor está louco. (dando uma gargalhada) Ora tem graça. Então ela iria morar aqui sem que eu soubesse? Ah já sei do que se trata!... Lembrei-me agora!... Vai ver que está acontecendo com o senhor o mesmo que me aconteceu. Confundi uma francezinha que mora neste mesmo edificio com ela. Foi isto, não foi?

Otávio - Confesso que a farça á principio me deixou meio desnorteado mas agora já me certifiquei de tudo e não deixarei que me embrulhem assim tão facilmente. Quero falar com Augustita. Vá chamá-la imediatamente. É inútil qual quer evasiva porque sei perfeitamente com quem estou tratando e não me deixarei iludir mais.

Sofia - O senhor está completamente louco. Aqui não está Augustita alguma. Moro apenas eu neste apartamento e saiba que tenho mais que fazer do que estar aqui a aturar as suas impertinencias. Passe muito bem, sim. (Bate a porta).

Otávio - Está bem. Não ha maior pressa. Não pensem que hão de fugir-me mais uma vez. Não de me pagar agora a minha velha diferença!

(CORTINA MUSICAL)



- Alberto - Sabes o que venho fazer hoje aqui?
- Martha - Saberei se m'o disseres.
- Alberto - Venho apresentar-te um ultimatum.
- Martha - Um ultimatum? Tem graça. Do que se trata, Alberto? Vamos, estou curiosa.
- Alberto - Sabes que o Natal se aproxima, não é verdade?
- Martha - Sim, e o que mais?
- Alberto - Não te lembras da promessa que me fizeste? Prometesteste-me uma boneca muito linda e eu venho lembrar-te agora para que não a esqueças.
- Martha - Pois é, Alberto, prometi, sim. eu sei. não me esqueci, não. mas a questão é que você vê... Esta situação agora aqui em casa está tão desagradável... tanta coisa tem acontecido... você não acha que tudo isto perturbará a nossa alegria desse dia e que deveríamos deixar para mais tarde?
- Alberto - Eu estaria de acordo contigo, Martha, se visse a perspectiva de melhorarem as coisas aqui por casa, mas, como infelizmente parece que as coisas permanecerão neste pé por muito tempo, parece-me que não é justo que eu continue a anciar por este sonho sem conseguirmos realizá-lo.
- Martha - Eu compreendo a sua ansiedade e confesso-lhe sinceramente que também não desejo outra coisa, entretanto tortura-me a ideia de que titia não poderá comungar da nossa alegria e da nossa felicidade. Digo-lhe mais, Alberto, parece-me assim... - como direi? - parece-me quasi um desrespeito à dor e à tristeza em que ela vive.
- Alberto - Dona Suzana é compreensiva e boa e por certo não interpretará a nossa ansiedade de realizar este sonho como um desrespeito à sua angustia e o seu sofrimento. Ha de achar perfeitamente razoável a nossa intenção.
- Martha - Não sei, Alberto, não sei.
- Alberto - Fale com ela. Diga-lhe assim mais ou menos por alto o que estou pretendendo, podendo mesmo dizer os seus escrúpulos e verá como ela ha de protestar contra eles. Ela já foi moça, já teve as mesmas ilusões que alimentamos hoje e ha de compreender a situação e aceitá-la sem mágoa nem ressentimentos.
- Martha - Pois bem, Alberto, falarei a ela então na primeira oportunidade e depois de observar as reações que a noticia possam provocar no seu coração combinarei com você alguma coisa definitiva. Antes nada lhe quero prometer. Perdõe, sim. Você é bom, é justo e inteligente e não poderá deixar de compreender os meus escrúpulos. (Pausa) Agora eu desejaria saber o que faria você se eu tivesse recusado formalmente a sua proposta. Será capaz de dizer-me?
- Alberto - Digo-lhe, sim. Pensava pedir a minha transferencia para o Rio e embarcar imediatamente.
- Martha - Você teria a coragem de fazer isto, Alberto? Eu morreria de saudades.
- Alberto - É mesmo verdade isto?
- Martha - Juro-lhe.
- Alberto - E eu morreria de tristeza mas se chegasse a fazer uma coisa destas é porque me teria convencido de que você não gostava de mim e protelava a realização da promessa que me fez por não ter coragem de me dizer a verdade.
- Martha - Tolinho. Quero-te muito. Muito mesmo. Acredita.
- Alberto - Repete, Martha, Repete. Sinto-me tão feliz ouvindo isto que desejo que o digas mais uma vez.



Martha - Quero-te muito, sim, meu querido. Muito.

Alberto - E eu te adoro, Martha!... Eu te adoro, querida!...

(CORTINA MUSICAL)

Augustita- Eu já te disse que teremos que nos mudar daqui o quanto antes.

Custódio - Mas eu preciso saber os motivos que te levaram a tal resolução. Não compreendes que tenho contrato assinado com o proprietário do edifício, que terei uma multa enorme se o rescindir e que para passar o contrato adiante não será assim tão fácil como parece?

Augustita-Nada disto está me interessando. Nem contratos nem multas. O que me interessa é sair daqui o quanto antes e tu terás que dar um jeito.

Custódio - Mas ao menos explica-me a razão desta resolução tão rápida?

Augustita- Enjoei este apartamento. Sinto-me mal aqui dentro. Falta-me o ar. Sufoco.

Custódio - Mas Augustita, sê razoável ao menos por um instante. Tu passas os dias inteirinhos na rua. Só te recolhes nas horas de refeição e à noite para dormir. Que te custa fazer um pequeno esforço e ficarmos aqui ao menos até que eu tenha conseguido alguém a quem possa passar o meu contrato?

Augustita- Não posso, não posso e não quero. Já te disse que terei de sair daqui e sairei. Se não concordares em me acompanhar irei sózinha.

Custódio - Ah, isso agora é que tu não farás.

Augustita- Não farei? Pois então continua a contrariar-me e verás. Porque te parece que não farei? Vamos, responde. Porque te aparece isto?

Custódio - Porque não tens o direito de abandonar-me por um motivo fútil depois de eu haver gasto tanto contigo.

Augustita- Não tenho o direito de abandonar-te, dizes? Por acaso estou casada contigo? Vamos responde: por acaso estou casada contigo? Sou tua mulher legalmente? Estamos unidos por algum vínculo indissolúvel?

Custódio - Estamos.

Augustita- Ah sim? Pois olhe, eu gostaria de saber que vínculo é esse.

Custódio - O conhecimento de um crime que você tentou oraticar e do qual eu sei até mesmo os menores detalhes.

Augustita- Ah sim? Você ameaça denunciar-me, é? Pois faça. Não me importo. Não seerei eu só que pagarei por esse crime. Todos os meus cúmplices serão arrastados comigo. Até mesmo aqueles que alegarem que me forneceram isto ou aquilo na ignorância do meu intento. Saiba que terei a habilidade necessária para comprometer a todos. (Pausa) Vá agora denunciar-me, se é capaz. Vá. Pois bem, e já que você tocou neste assunto, com a sua falta de delicadeza habitual, saiba que é justamente por causa desse crime que pretendo mudar-me deste apartamento esta noite mesmo. Não assistirei daqui o raiar de nem mais uma alvorada.

Custódio - Mas o que houve, então? Fala. Dê-me a verdade.

Augustita- Otávio está em São Paulo e descobriu onde estou morando. Quando pinte os meus cabelos e fizeste aquele enorme estardalhaço porque preferias a sua cor anterior, já o fiz por ter sido reconhecida por ele na rua. Acreditei que, como loura, pudesse despistá-lo. Ele, porém, foi mais inteligente do que eu imaginava. Hoje pela manhã esteve aqui e falou com Sofia. Quer avistar-se comigo a toda força e sei que para coisa boa não será porque ele me detesta. Se permanecermos aqui a todo o momento poderemos ser surpreendidos pela policia a bater-nos na porta. A alternativa que nos resta é sumirmo-nos daqui. Pronto. Ai tens agora a verdade. Eu não queria te dizer para que não te preocupasses tanto. Quizeste sabê-la... (Pausa) Ainda teimas em querer ficar aqui?



- Custódio - Não, Augustita. Sairemos. Se é por motivo de força maior sairemos.  
. E para onde poderemos ir?
- Augustita - Não vejo outro remédio senão me resignar a voltar à vida de suburbio até que essa sombra desapareça da minha vida. Depois... veremos o que poderemos então fazer.
- Custódio - Pois bem, nos mudaremos esta noite, então, depois que todo o Edifício estiver recolhido à sombra da noite.
- Augustita - Não. É mais garantido mudarmo-nos pela madrugada.
- Custódio - Será pela madrugada, então.
- Augustita - Espera. Seria mais garantido deixarmos tudo como está e mudarmo-nos apenas nós. Levaríamos cada um a sua mala e ficaríamos uns dias numa pensãozinha modesta de suburbio até que tivéssemos encontrado uma casa mais ou menos. O que dizes?
- Custódio - Eu já não digo nada, Augustita. Já não tenho forças para contrariar-te. Faz o que quizeres.
- Augustita - Isto mesmo. Assim nos entenderemo perfeitamente. (baixo) Este está no papo.

(CORTINA MUSICAL)

- Suzana - Quer fazer o favor de me dizer as horas, prima Aurora? Eu daqui não pôsso avistar o relógio.
- Aurora - Quatro e meia, Suzana, porque?
- Suzana - Não, por nada. Era para ver se estava na hora de levar o alimento do meu filho.
- Aurora - É cedo ainda. Dei-lhe o suco de uva às trez e meia, agora só daqui a uma hora deverá tomar o mingau de aveia ou o chocolate.
- Suzana - Ele coitadinho já está enjoado de Aveia. O chocolate também já não o toma com o mesmo prazer. É natural. Afinal fazem já trez mezes que o pobresinho está nesta coiza horrível de não poder se movimentar. É lógico que não pôde ter maior apetite.
- Aurora - Assim mesmo a cadeira de rodas veio solucionar um grande problema. Tu vês que ele já não vive tão taciturno podendo movimentá-la para um lado ou para outro.
- Suzana - Mas é um quadro horrível a que ainda não consegui me habituar. A única coisa que me resigna é ver que ele realmente já pôde estar aqui ou ali sem o auxilio de ninguem mas quando o avisto a dirigir-se para mim aquelas rodas parece que esmagam o meu coração.
- Aurora - Mas isto será por algum tempo até que ele possa ficar bom. Essa ideia já deve servir-te de consolo.
- Suzana - Não sei, prima Aurora, não sei. Creio que a minha angustia é maior porque o meu coração começa a compreender que essa desgraça talvez seja irremediável.
- Aurora - Não digas assim, Suzana. É claro que a coisa está demorando muito mais do que nós esperavamos mas lá por isto não se deve perder a fé.
- Suzana - São trez mezes, já, prima Aurora.
- Aurora - Eu sei, mas verás que quando menos a gente esperar o milagre se realiza.
- Suzana - O milagre, sim, prima Aurora. A senhora agora disse muito bem. Creio que aí só mesmo um milagre.
- Aurora - Tu não és religiosa? Não cres em Deus?
- Suzana - Creio.



- Aurora - Pois quem crê em Deus, minha filha, não pôde deixar de acreditar também nos seus milagres. (Pausa) E a propósito de já se passarem trez meses do acidente que teu filho sofreu eu preciso falar-te uma coisa, Suzana.
- Suzana - Fale, prima Aurora.
- Aurora - É que... engraçado, eu estou embaraçada... não sei como começar...
- Suzana - Óra esta, prima Aurora, porque? Vamos fale.
- Aurora - É... é sobre o Albertino que eu te queria falar, sabes?
- Suzana - Sobre o Albertino? O que é que tem ele?
- Aurora - É que na última carta que ele me escreveu, mostrou-se já vivamente impaciente com a minha demora, chegando mesmo a perguntar-me até quando iria durar esta situação.
- Suzana - Compreendo. Ele está ansioso que a senhora vá, não é isto?
- Aurora - Exatamente. Eu não desejava ir assim sem que o menino estivesse completamente bom, mas a questão é que... você compreende, não é Suzana? Eu também não tenho o direito de deixá-lo assim tão sózinho, tão abandonado como ele mesmo diz que se encontra.
- Suzana - É claro, prima Aurora. Eu compreendo tudo isto perfeitamente e compreendo também que se a senhora ainda não foi, foi unicamente para me acompanhar. Mas a verdade é que a senhora já me acompanhou bastante e fez muito por mim e por meu filho. Exigir mais seria até uma ingratidão da minha parte. Não pense que eu ficarei aborrecida se a senhora nos deixar para ir ao encontro dele, não. É claro que sentiremos muito a sua ausência mas não seria justo que sob pretexto algum a retivessemos aqui. Vá, sim, dona Aurora. Se ele reclama a sua presença e a senhora sente desejo de viver o resto dos seus dias ao lado dele, vá. Eu só o que peço a Deus é que a senhora seja muito feliz e ele possa ser bom para a senhora como a senhora merece.
- Aurora - Ah, Suzana, tu és muito boa. Compreendeste tão bem a minha situação que nem foi preciso explicar-te com maiores detalhes os motivos que me levam a partir. Sinto, como já te disse, não deixar o teu filho completamente bom, como desejaria deixar, mas tenho esperança de que em muito breve espago de tempo receberei uma carta tua levando-me esta grata notícia.
- Suzana - Que assim seja, meu Deus. Desse dia em diante, minh'alma permanecerá eternamente ajoelhada diante desse pai de infinita misericórdia. (Pausa) Já marcou a data da sua partida, prima Aurora?
- Aurora - Ainda não, Suzana. Não desejava nem mesmo amadurecer a ideia de partir sem ter falado primeiro contigo. Receava que te magoasses e não queria nem de leve pensar em fazer isto num momento desses.
- Suzana - Nada disto, prima Aurora. É mais do que justo que a senhora vá cuidar da sua vida e dos seus interesses.
- Aurora - Pois bem, agora então eu vou pensar e marcar a data da minha partida. Sei que vai ser horrível para mim deixar a vocês todos e a esta casa onde vivi tanto tempo, onde vivi dias muito felizes e onde assisti a agonia de tantos sonhos bonitos e perfumados, mas que fazer? O destino me impele para longe, a felicidade acena-me do outro lado deste nosso Brasil e é tão triste morrer-se sem que se tenha um dia experimentado a sensação de um grande sonho realizado... Vou sim, Suzana, vou. Amanhã? Depois? Não sei. Só sei que vou de olhos cerrados, lábios entreabertos, coração arquejante de emoção, alma trêmula, ansiosa, suplicante!...

(CORTINA MUSICAL)

- Clecy - Fiquei muito satisfeita hoje pela manhã quando titio me apresentou á sua mãe na cidade e ela me prometeu que você viria passar a tarde comigo.
- Ronald - Eu também. Tinha muita vontade de conhecê-la. Desde que mamãe chegou em casa e me falou não pensei noutra coisa senão em conhecer você.



- Clecy - Titio é muito bom e me faz todas as vontades mas vivo muito sosinha aqui. Meu irmão passa quasi todo o dia estudando ou ocupado em administrar o serviço dos peões, pouco tempo dispõe para me fazer companhia.
- Ronald - Pena é que a casa seja tão retirada senão poderíamos estar mais seguidamente juntos.
- Clecy - Titito contou-me que aqui no solar ha um menino mas que está doente ha vários mezes, não é?
- Ronald - É, sim. É o Carlinhos. Ele caiu do cavallo e ficou paralítico.
- Clecy - Outro dia passei por lá e avistei-o numa cadeira de rodas. Tive tanta pena dele. Fiquei com uma vontade de entrar lá e ir conversar com ele! Só não fiz isto porque podia parecer mal e titio zangar-se comigo. Agora titi o me prometeu que qualquer tarde destas me levará lá.
- Ronald - Eu acho que muito breve virei morar outra vez aí no Solar. Aí estaremos mais perto e poderemos nos encontrar bem seguido.
- Clecy - Quando será isto?
- Ronald - Ainda não sei com certeza. Estamos esperando que dona Aurora embarque para nos mudar.
- Clecy - Quem é a dona Aurora?
- Ronald - É uma prima da mãe do menino que tu viste na cadeira de rodas. Tu sabes? Ela é uma velha e vai se casar.
- Clecy - O que é que tem isto. Tu achas que só os moços é que se podem casar?
- Ronald - Não, mas acho que ela é velha de mais para estar pensando em casamento. (Pausa) De quem é essa raquete, é tua?
- Clecy - É. Titito deu-me agora para que eu aprenda a jogar tenis. Diz que vai chamar tambem uma professora de francez e uma de piano para que eu comece a me preparar desde já para quando entrar em sociedade daqui a uns trez ou quatro anos.
- Ronald - Eu tambem já aprendi piano e francez, depois adoeci e o medico mandou parar os estudos por algum tempo. Assi mesmo ainda não esqueci tudo.
- Clecy - E tu já tocavas alguma coisa no piano?
- Ronald - Tocava, sim. Acho que ainda me lembro. Tu queres ver? Nunca toquei em piano assim grande, o meu era menor, mas acho que é a mesma coisa.
- (Toca uma musica de principiante, errando de vez emquando e voltando atraz)
- Viste? Não foi muito muito bem, em todo o caso ainda me lembro de alguma coisa. Ué!... O que é isto? Tu estás chorando? Porque?
- Clecy - Não, não é nada. Não faças caso.
- Ronald - Então tu ias chorar por nada? Não. Alguma coisa foi. Tu tens que me dizer, eu quero saber.
- Clecy - (chorosa) É que eu me lembrei da minha mãe, coitada. Ela tocava tão bem piano! E essa musica que tu tocaste ela uma vez tocou para eu ouvir, dizendo-me que seria a primeira que me ensinaria quando eu me dispuzesse a aprender. Ouvindo-a, agora, fechei os olhos e tive a sensação de estar na nossa sala, sentada no sofá de brocateado verde, escutando mamãe tocar para mim. Foi tão nítida esta minha impressão, tão real, tão viva, que até o seu perfume eu tive a impressão de estar sentindo. Tu paraste de tocar, eu abri os olhos, voltei á realidade e não pude conter as lágrimas que me fugiam dos olhos. (chorando muito) Era tão boa a minha mãezinha!... E eu sinto tantas saudades dela!...
- Ronald - Coitadinha!... Não chora mais que me deixas triste. Se eu soubesse disto não teria tocado. Desculpa-me, sim? Não foi de propósito que fiz.



Olecy - Eu sei, não te preocupes. Já não estou mais chorando. Vês? Passou. Não precisas ficar triste por isto.

Ronald - Se não queres que eu fique triste, ri, então. Quero te ver rir.

Olecy - Pronto, ó. Estou rindo, não vês?

Ronald - Mas não é assim que eu quero que rias. Quero que rias dando gargalhadas. Só assim me conformarei do mal que te fiz.

Olecy - (Dando gargalhadas) Pronto. É assim que tu queres que eu ria? (Gargalhadas) Pronto, estou rindo agora. (Dá gargalhadas)

Ronald - Assim, sim. É isto mesmo. Agora estou satisfeito (Gargalhadas) (Riem os dois juntos, por alguns momentos) Estou com vontade de correr no jardim agora, vamos?

Olecy - Vamos. (Riem muito e afastam-se correndo ás gargalhadas, os dois) (Cessam os passos e as gargalhadas ainda se ouvem, longe) (Passos que se aproximam).

Rodolfo - Como ríem felizes, os dois!... Que contentes estão!... (Pausa) Não ha tempo mais feliz do que este em toda a nossa vida!...

(CORTINA MUSICAL)

Aurora - (cantando) Meu periquitinho verde, tira a sorte por favor, eu quero resolver este caso de amor porque se eu não me caso neste caso eu vou morrer.

Felix - E é capaz de morrer mesmo. Se esse casamento góra eu não duvido nada que a senhora morra.

Aurora - Não seja bobo, ouviu seu Felix? O senhor faça o favor de me deixar em paz (Cantando) Meu periquitinho verde, tira a sorte por favor, eu quero resolver este caso de amor...

Felix - Já está resolvido, dona Aurora. A senhora vai casar sim, não é preciso morrer. O que é preciso é casar duma vez antes que a morte a surpreenda, isto sim.

Aurora - O senhor tirou hoje o dia para implicar comigo, foi seu Felix?

Felix - Não, dona Aurora. Estou disposto a brincar hoje.

Aurora - Pois eu não estou, fique sabendo.

Felix - Óra esta e eu que tenho que ver com isto que a senhora não esteja?

Aurora - Muita coisa. Brinque com quem esteja disposto a aturar as suas brincadeiras.

Felix - Meu Deus, dona Aurora, a senhora quanto mais velha fica, mais impertinente. Pois olhe, agora a senhora deveria estar muito bem disposta. Vai realizar seu grande sonho de felicidade!... Deixe o mau humor para mim que já não tenho mais esperanças.

Aurora - E o senhor pensa que eu não sei que o senhor anda mesmo de mau humor? O senhor é que finge disposição para não me dar o bracinho a torcer me e perde o seu tempo porque eu sei que o senhor anda com a alma amargurada.

Felix - Ora essa!... Alma amargurada porque? Diga porque?

Aurora - Porque eu vou me embora, aí está.

Felix - Óra, dona Aurora, deixe de ser convencida. Pouco se me dá que a senhora vá o que fique. Para mim tanto faz.

Aurora - Ah é? E porque então me pediu que não partisse? Porque? Porque?

Felix - Porque eu preferia inteiro, já lhe disse uma vez.



- Aurora - É, vá fazendo blague, vá. Vá fazendo blague mas no fundo eu bem que es  
tôu compreendendo que o senhor está sofrendo e muito.
- Felix - Não, não, dona Aurora. Vá tirar o seu cavalo da chuva.
- Aurora - O meu consolo é que o senhor ha de sentir falta minha.
- Felix - Eu sei.
- Aurora - O meu consolo é que o senhor ha de sentir saudades minhas!
- Felix - Eu sei.
- Aurora - E ha de chorar lágrimas de sangue quando na hora do meu embarque vier  
me pedir para não partir e eu não fizer caso do seu pedido.
- Felix - Olhe, dona Aurora, não se assuste que eu não lhe pedirei para ficar.  
Quer ir? Pôde ir. Se quiser ir amanhã, hoje, agora mesmo, por mim pôde  
ir que eu nemestou ligando?
- Aurora
- ~~Felix~~ - Isto é mesmo verdade, seu Felix? O senhor está dizendo isto de coração?
- Felix - Estou.
- Aurora - Pois muito bem, eu ainda não havia partido com pena do Senhor, mas ago  
ra fique sabendo que quando o senhor menos esperar eu terei embarcado.
- Felix - Está bem, tchau!... Boa viagem, dona Aurora, boa viagem e feliz regres  
so!...

(CORTINA MUSICAL)

(Ouve-se tres apitos de vapor, espaçados e o ruido de agua)

- Aurora - Agora sim!... Agora não ha mais remédio!... Ainda que me arrependesse  
seria tarde!... Só me resta esquecer. Esquecer o que deixei para traz!  
A minha terra, a casa onde fui criada, meus amigos, meus parentes...  
e ele!... Adeus, terra querida!... Parto não sei por quanto tempo!...  
Talvez para sempre!... Talvez que este adeus seja o último e que pela  
última vez meus olhos estejam fitando as tuas margens!... Levo-te comi  
go, dentro do meu coração. Ainda que me esqueças, estarás sempre dentro  
de minh'alma. Quero-te muito e soffro ao deixar-te. Sê boa para ele.  
Coitado! Vai ficar tão só. Agasalha seus queixumes. Consola-lhe suas  
mágoas e quando ele á tardinha, á hora do poente, tiver para mim um pen  
samento de saudade, leva-me até lá longe, onde então estarei, esse pen  
samento nas azas suaves da brisa murmurante. Tu vês, terra querida? Es  
tô chorando. São lágrimas que te deixo como recordação do muito que te  
quero e ainda te quero. Nada. Nada me fará esquecer-te, nem mesmo a maior  
e a mais sonhada de todas as felicidades!...

(Ouve-se novamente os tres apitos)

Parto e sinto partir-se-me o coração mas a felicidade me acena de longe.  
Chegarei a encontrá-la? Deus permita que sim!... Já antevejo o momento  
feliz da minha chegada. Ele no cáis, esperando por mim ansioso e apertan  
do-me depois nos seus braços talvez me beije. Só de me lembrar eu sinto  
um arrepião!... Que coisa engraçada a felicidade!... Que coisa engraçada!  
(Começa a dar gargalhadas que se vão afastando, afastando até ficarem dis  
tantes)

(Mais tres apitos longe e)

(CORTINA MUSICAL)

- Felix - O que foi Donguinha? Vens com uma cara tão assustada. Aconteceu alguma  
coisa?
- Donguinha - Num sei, seu Félix, eu bato, bato no qualto da dona Orôra, chamo pur ela e  
ela num arresponde. Será que ela teve alguma coisa?
- Felix - Não ~~me~~ experimentaste se a porta está fechada por dentro?
- Donguinha - Numtive corage. Ela pôde inda tá drumindo e ficá burricida sumigo.



Felix - Mas se você chama e ela não atende é preciso verificar que nada lhe ~~tenha~~ tenha acontecido. Vólte lá. Experimente a porta. (Passos que se afastam)  
É capaz que ela tenha tido alguma coisa durante a noite. Ela já é uma  
criatura de certa idade, o coração já não é um coração moço. Está cansa  
do de sofrer e desejar. (Passos que se aproximam um pouco)

Zacarias - (a uma certa distancia) Dá licença, seu Féli?

Felix - O que é Zacarias? (Passos se aproximam bem)  
talde

Zacarias - A dona Orora ontem de ~~manhã~~ manhã imbalcô no avião pra môde im pegá o vapô ho-  
je no Rio Grande e dexô essa calta pra môde eu intrégã ela pro sinhô só  
hoje de minhã. Aqui tá ela.

Felix - O que?!... O que é que tu estás dizendo!?!... A dona Aurora embarcou on-  
tem?!...

Zacarias - Imbalcô, sim sinhô.

Felix - Mas porque não me disse a verdade? Porque me ocultaram todos a verdade?

Zacarias - Di celto ela é de ispricá isso aí na calta. O sinhô abra ela e leia que  
ela é de dizê.

Felix - Não tenho coragem, Zacarias!... Não tenho coragem!... Agora sim!...  
Agora perdi toda a minha esperança. Está tudo acabado!... (num soluço)  
Tudo acabado!...

(Característica forte para o final do programa)

SPEAKER - Este foi, caríssimos ouvintes, o décimo quarto capítulo do Solar dos  
Alvarengas em sua segunda fase. Este é um program que Roberto Lis escre-  
ve, dirige e interpreta com os seus artistas de Rádio Tamar. Cuçam no proximo domingo, ás mesmas horas de hoje, mais um capítulo de  
Solar dos Alvarengas!...

(Novamente a característica forte para o final do programa)



XV Capitulo.

( Caracteristica musical )

SPEAKER : - Os nossos ouvintes devem estar lembrados de que no ultimo capitulo deste romance, Lucilia, ao chegar novamente ao Solar de seu Avô, foi procurar Suzana e encontrou-a ajoelhada aos pés do velho oratório que pertencera a sua Avó, pedindo ao bom Deus que lhe desse a coragem necessaria para poder acompanhar os demais na grande alegria com que recebiam Lucilia. É que ela temia que a convivencia entre Rubens e Lucilia viesse despertar novamente aquele entusiasmo que os aproximára, destruindo, assim, mais uma vez, a sua felicidade reconstruida a custa de tantas lagrimas e de tantos sofrimentos. Lucilia, entretanto, compreendendo o grande receio de sua irmã, jurou-lhe pelas cinzas de sua mãe que o passado estava completamente extinto e que o remorso dos sofrimentos que lhe causára não lhe permitiriam a repetição daquele desvario. E ficamos no momento em que o Dr. Rubens tendo ido ao Solar levar umas injeções para a pequena Martha encontra-se è sós com Lucilia que procura fugir á sua presença. Rubens, entretanto, procura retê-la dizendo-lhe que deveriam voltar a tratar-se como bons amigos, uma vez que ambos haviam verificado a loucura que tinham praticado. Chega seu Felix interrompendo o assunto. Logo a seguir vem Suzana e deparando com a irmã ali fica desconfiada do que estaria ela fazendo. A sua desconfiança vai ao ponto de não se conter e perguntar o motivo da sua presença naquela sala. Lucilia compreendendo que a desconfiança e o ciúme mortificam sua irmã resolve então mentir que passára por ali para ir deitar-se quando encontrou seu Felix e o Dr. Rubens conversando. Parára apenas para cumprimentá-lo. Suzana reanima-se, então, e vai acompanhar seu noivo até á porta enquanto seu Felix pergunta a Lucilia a razão daquela mentira so que ella responde: "Menti para não perturbar a sua tranquillidade". "E Mas tu ainda gostas dele", torna seu Felix ao que ella então balbucia: " Infelizmente sim." Vejamos o capitulo de hoje.

( Caracteristica forte, enfraquecendo depois até desaparecer )

- Jorge - Vais então partir?
- Maribel - Sim.
- Jorge - Para onde?
- Maribel - Não sei. Para onde o destino me levar. Preciso esquecer e talvez a distancia seja o melhor remedio para o mal que me tortura.
- Jorge - Espero que não guardes nenhum resentimento de mim, Maribel. Que não me fiques a querer mal pelo que aconteceu.
- Maribel - Não, Jorge, não te preocupas por isto. Compreendo que a culpa foi minha só. As creaturas são como são, simplesmente e não como a nossa alma apaixonada as imagina. Esse é o nosso grande mal, o mal dos amores: é transformar o objeto amado num ídolo, collocá-lo num altar e incensá-lo para depois sofrerem a mais profunda e dolorosa decepção quando um dia ele se parte em mil pedacinhos e os seus cacos vão confundir-se no barro escuro da vulgaridade.
- Jorge - Tu deves compreender que completo o meu curso no fim do ano e que...
- Maribel - É que não poderás continuar a manter relações com uma mulher da minha especie. Compreendo perfeitamente e não te censuro por isto. Precisas de uma esposa e esta deverá ser do mesmo nível social da tua familia, com uma posição financeira que garanta aos dois a independencia de vida tão desejada por quasi todos os jovens da tua classe, que seja moça, bonita e sobretudo que nunca tenha pertencido...

*Roberto Lis*  
25-6-1943



- do a outro homem. O amor? Isso não importa. Ven depois com a convicção - dizem - e se não vier que falta poderá fazer ele uma vez que haja fortuna, posição social e todos os outros requisitos de ordem material? Casa-te, Jorge, casa-te e se feliz com ela. É a vontade de teu avô, dizes, fazê-lhe essa vontade, então. Que tu nunca te arrependas desse gesto é tudo quanto te posso desejar.
- Jorge - Obrigado, Adeus, Maribel.
- Maribel - Adeus.
- Jorge - Não me das um beijo de despedida?
- Maribel - Não. Tenho medo de não me poder desprender dos teus lábios. E se o conseguisse, o calor do teu beijo ficaria a queimar-me a carne sabe Deus por quanto tempo. Pertemos as mãos, apenas, como dois bons amigos. Como duas criaturas que se quiseram muito e que o destino teimou em separar.
- Jorge - Poderias dar-me ao menos um abraço.
- Maribel - Não, Jorge, e por favor não insistas. Ajuda-me, por piedade. Se souberes o quanto isto me custa e o esforço que faço para reagir contra o sofrimento, nem mesmo terias voltado mais á minha presença. Terias sido muito mais generoso procedendo assim.
- Jorge - Desculpa, então...e adeus.
- Maribel - Adeus. Sai depressa e se por acaso os meus lábios pronunciarem o teu nome não voltes sobre os teus passos. (passos que afastam, choro, silêncio) As mulheres da minha espécie não deveria ser dada a faculdade de amar sinceramente. O que nos adoece querê-los com toda a força do nosso sentimento se eles já se habituaram a não crer na sinceridade do nosso amor? O nosso sentimento? Mentira. Pura comédia, pura farsa que nem sequer os comove. E a nossa dor torna-se ainda maior e mais torturante porque nos falta a solidariedade de alguém que em nós acredite. O melhor que tenho a fazer agora é fechar os olhos e esquecer. Sim, eu quero esquecer! Eu preciso esquecer

## ( CORTINA MUSICAL )

- Maribel - Faça-me o favor, sim?
- Zacarias - Pois não, dona. Em que te posso servir?
- Maribel - Eu queria que o senhor me prestasse uma informação...o senhor trabalha nessa casa?
- Zacarias - Trabalho, sim, dona. Qué dizê...só memo que pessoa da casa. Vim pra a pequenitôti.
- Maribel - Bonita casa! Quem é que mora aí?
- Zacarias - É o Comendadô Arvarenga, sim senhora. A senhora quirá falá cum ele?
- Maribel - Não, eu não o conheço. Vim passar uns dias aqui e agora saí a dar uma volta e conhecer o lugar. É muito bonito, muito pitoresco. Chamou-me a atenção a casa pela sobriedade e equilíbrio das suas linhas arquitetônicas e (tive curiosidade de saber quem a habitava. ( pausa ) Ela é enorme! Mora muita gente aí?
- Zacarias - Num é pouca, num senhora. Tem o comendadô, a dona Órora, o seu Váli, a sinházinha Lucía com a fia dela, a sinházinha Suzana e tem tambem o sinhô Jorge que tá estudando no Rio. Ele agora teve aí mas já foi embora faz um mez, poco mais o meno.
- Maribel - Eu me parece que já ouvi falar nessa moça Suzana.
- Zacarias - É a neta do comendadô. Muito boa menina. Muito instimada por todos.



- Maribel - Gostaria de conhece-la.
- Zacarias - Inda que mar prigunte, a sinhora quem é?
- Maribel - Sou cantora. Estou aqui em repouso. Enfraqueci muito e o medico aconselhou-me então a deixar o Rio e viajar para o sul. Disse que a mudança de ar haveria de fazer-me muito bem. E acredito que ele tenha razão porque estou aqui ha dois dias e tenho me sentido tão bem que estou admirada!
- Zacarias - Esse clima daqui dizem que é munto bão pra saude.
- Maribel - Bem, o senhor com certeza tem o que fazer e eu estou interrompendo o seu serviço.
- Zacarias - Num tem importancia, dona. Eu vô na Estação esperá o trem pra móde ar recoiê a correspondença mas é cedo ainda por móde que o trem ainda não chegô.
- Maribel - Disseram-me que vem sempre atrasado, não é verdade?
- Zacarias - Sempre, sempre num digo mas quagi sempre é verdade. Meia hora pulo meno.
- Maribel - Eu volto para o Hotel que já caminhei demais e não devo fazer excesso. Devo restabelecer-me o quanto antes para voltar a cumprir os meus contratos interrompidos. Bem, muito obrigada então pelas informações que me prestou e passe muito bem.
- Zacarias - Passe munto bem, dona. Aqui nessa casa tem um criado ás órdis.
- Maribel - Muito agradecida.
- Zacarias - ( depois de uma pausa ) Muito bonita moça. Meio madurôta mas bem bonita!

## ( CORTINA MUSICAL )

- Suzana - Chamou, o tio Felix, tia Esperança?
- Esperança - Chamei, sim, sinhásinha. Ele tá se alivantando e disse que já vem.
- Suzana - Agóra que ele está se levantando? Meu Deus que grande preguiçoso e ele me está ficando. Olhe que são quasi onze horas da manhã.
- Esperança - Pois é, eu dêsse pre ele. Ele disse ansim que a sinhora deixasse ele drumi mais um mucado porque tinha passado munto mal a noute com uma dô munto folte no istongo. Aí eu fiz um chásinho pre ele, ele já tumô e disse que tava alorando.
- Suzana - Eu sei do que é a dor de estomago. Seu Felix abusa. Ontem no jantar comtu carne de porco sabendo que lhe faz mal.
- Esperança - É ôle que eu avisei pre ele que a carne de porco tava munto temperada.
- Suzana - Ah isso não adianta avisar. Ele é pior do que creança. Quando se avisa mesmo é que ele come. Seu Felix é muito teimoso, muito cabeçudo. Quando quer fazer uma coisa, uzer porque quer.
- Esperança - Dona Órora é ansim tar quar, sinhásinha Suzana.
- Suzana - Ah, iguaisinha e é por isso mesmo que eu acredito no ditado que - "dois bicudos não se beijam".
- Esperança - Dona Órora e seu Félix tom sempre de ponta, sempre batendo boca, sempre arriliando um com o otro, mas meôé qué que lhe diga uma coisa, sinhásinha Suzana? Eles si gosta e ainda vão acabá se casando.
- Suzana - Você acha isso, tia Esperança?



- Esperança - Óia minha fia, a preta véia já cunhece o mundo como é, quando as pessoa principia ansia a fazê o que eles faz um pro otro é praque t tão se gostando e num qué se gostá. Mas no amô num adianta a gente não querê sinti ele, praque quando ele entra no curaçáo das pessoa entra sem avisá, sem as pessoa sabê ou querê. Entra e toma conta do coraçáo das pessoa e as pessoa já num pôde mais se guelvá. Tem só que obedecê ele.
- Suzana - É, sim, tia Esperança. O amor é assim. É como a senhora tem pratica, heim?
- Esperança - Ora, minha fia, a nega véia hoje tá desse jeito mas ela tambem já f foi moça e teve os seus dimiradô. Nega véia já sofreu munto pur arô. Ele já fez esses óio chorá munto! As veiz eu garro a me alembrá, a me alembrá e o óio ateima em querê chorá otra veiz.
- Suzana - Não vale a pena reviver o passado, tia Esperança. Não vale a pena p por uma razão. Os momentos bons que passaram não nos fazem voltar a alegria que sentimos na ocasião em que eles ~~xxxxxxx~~ foram vividos e as dores e tristezas essas voltam com a mesma intensidade. Assim, o melhor é deixa-los para traz onde ficaram, sem mexer nas cinzas porque estas conservam por muito tempo o calor das brazas embora extintas.
- Esperança - É memo, minha fia, é assim memo, tali e quali. É depois ainda hai gente que diz que é bô recordá. (passos se aproximam) Óia o seu Félix, ele já vem aí.
- Felix - Bom dia, Suzana.
- Suzana - Boa tarde, Seu Felix.
- Felix - Já sei, estás pretendendo chamar-me a atenção da hora que me levantei, estou compreendendo, mas se soubesses a noite que passei!...
- Suzana - Sei, tia Esperança já me disse. E sabe o senhor porque teve essa dor de estomago?
- Felix - Porque tenho estomago, óra essa é boa. Se não o tivesse ele não poderia doer.
- Suzana - Não é porque o tem, é sim porque abusa dele. O senhor sabe que a carne de porco lhe faz mal, porque insiste em comê-la?
- Esperança - É logo na hora da janta que o istomago sempre custa mais fazê digestô?
- Felix - Olhem aqui, vocês querem saber de uma coisa? Mais vale um gosto do que quatro vintens. Não me arrependo de haver comido. Estava ótima, estava esplendida.
- Suzana - Pois é, e agora por causa dessas suas creancices tia Esperança fica desde já avisada que não se fará mais carne de porco aqui em casa.
- Esperança - Tá munto bem, é isso memo. É uma cumida que só selve pra fazê mal.
- Felix - Deixem de tolices, fazer mal coisa nenhuma. Então é mal o prazer que ela nos dá quando a saboreamos?
- Suzana - Não, o mal vem depois, quando se passa a noite inteira sem dorair o dor no estomago.
- Esperança - Uma pena é que eu agora num sei o que é que vô fazê com toda aquela carne que tá lá gualdada da dispensia.
- Suzana - Dê aos peões e eles ficarão muito satisfeitos.
- Esperança - Tá munto bem, sinhásinha. E agora meô vai me dá licencia que a preta véia tem munto que fazê lá dentro. Tá quagi na hora de tirá o arpoço.
- Suzana - Vá, tia Esperança, vá. (passos que se afastam)
- Felix - É então, o que desejava de mim?



- Suzana - Saber o resultado da incumbencia que lhe foi entregue-a??
- Felix - Ora, Suzana, francamente! Está cansada de saber que um pedido seu é uma ordem para mim. Fui ontem mesmo tratar disto.
- Suzana - E o que soube? Conte-me.
- Felix - É uma artista dos Casinos do Rio de Janeiro que se encontra aqui em repouso. Dizem que é muito socegada e que tem maneiras de fidalga.
- Suzana - Falou-lhe alguma coisa para tomar parte em nossa festa?
- Felix - Não, não quiz falar nada sem saber primeiro o que pensaria seu avô a respeito. Preciso primeiro falar-lhe.
- Suzana - Então faça-o hoje sem falta, sim? Precisamos preparar o nosso programa o quanto antes. Não conseguiu saber o nome dela?
- Felix - Sim, disseram-me o nome...ora como é mesmo...esse diabo dessa cabeça...um nome até bonito, estranho...ôra...ôra, ôra...Agora não consigo me lembrar, pôde ser que depois. Sei que é uma artista de grande nome na Capital. Tem tido contratos até pelo estrangeiro.
- Suzana - Eu só tenho receio que ela estando em repouso não aceite o nosso convite.
- Felix - Não se preocupe. Eu tendo o consentimento de seu Avô hei de fazer compreender a ela, com jeito está claro, que cantar no Solar do Comendador Alvarenga é uma honra para qualquer artista.
- Suzana - Bem, confio na sua inteligencia. ( passos se aproximam )
- Felix - Pronto. Ai vem a sucury.
- Aurora - Ah, desculpem, não sabia que estavam conversando, senão não teria entrado.
- Suzana - Ôra essa, prima Aurora, o que tem isso? Estavamos conversando, realmente mas o assunto que estamos tratando não é segredo. Combinavamos o programa da festa de tia Ismenia.
- Aurora - De quantos numeros constará?
- Suzana - Não serão mais do que cinco. Cantará o barítono Deserval de la Costa, a senhora e seu Felix farão um numero, e eu outro, Rubens dirá uma poesia com um fundo musical e agora cogitavamos exatamente de convidar uma cantora da Capital que se encontra hospedada no Hotel da Cidade numa temporada de repouso.
- Aurora - Mas titio foi consultado sobre o convite a essa creatura? Ele concordará?
- Felix - Seu tio não foi consultado mas será, não se preocupe. Está claro que não iriamos convidar-la sem que ele assentisse primeiro.
- Aurora - Não creio que titio concorde em que se convide uma creatura a quem ninguém conhece.
- Felix - Seu tio não é tão intransigente como a senhora, dona Aurora. Apesar de ser um pouco mais velho que a senhora evoluiu muito mais.
- Aurora - O senhor chama evolução uma pessoa deixar-se corromper em seus principios?
- Felix - Ora, dona Aurora, não boboie, sim? O mundo hoje está completamente diferente do que era antes. Hoje o preconceito, felizmente, está sendo substituído por uma compreensão melhor das coisas. Julga-se as creaturas pelos sentimentos que se animam e não porque elas sejam isto ou aquilo e ganhem a sua vida desta ou daquela forma. E é assim que deve ser.







- Carlos - Mas o que entende Martha dessas coisas?
- Lucilia - Não sei. Sai apenas que estávamos todos conversando sobre o assunto e ela, sem ninguém esperar, disse que queria ver a moça cantar.
- Carlos - ( admirado ) Ela disse isto?
- Lucilia - Disse. ( pausa ) Deixa, então, não é vovôsinho?
- Carlos - Bem, se a menina tem vontade...eu não tenho remédio senão deixar.
- Lucilia - Muito obrigada, Vovôsinho! Muito obrigada!... ( beijos ) Vou correndo dar a notícia a Suzana! ( passos rápidos que se afastam )
- Carlos - Eu não tinha vontade...mas a menina quer o que é que se vai fazer?

## ( CORTINA MUSICAL )

- Aurora - Titio recomendou que a senhora tenha o almoço pronto mais cedo, Tia Esperança. Tia Ismenia costuma almoçar às onze e meia e não ao meio dia como estamos acostumados aqui. Depois ela levantou-se de madrugada para tomar o trem, deve vir com muito apetite.
- Esperança - Tá muito bem, dona Órora, num precisa tê arreceio que às onze e meia o almoço tá na mesa. Já tá quagi pronto e ela nem chegô ainda.
- Aurora - Não chegou mas não deve demorar porque o trem já veio. ( Apito de trem ao longe e ruído de trem saindo perdendo-se aos poucos na distância. ) Olhe: casualmente ele está saindo agora. Dentro de cinco minutos tia Ismenia estará aqui.
- Esperança - O qualto dela também já tá perparado. Já tá tudo pronto. O patrão num disse se ela vai dimorá muntos dia?
- Aurora - Tres dias só. Tanto assim que a festa que pensáramos fazer no dia 29 vamos faze-la depois de amanhã.
- Esperança - É preciso vê o que é que vai se fazê pra essa festa, dona Órora, que ansim a preta véia já vai adiantando algum selvico. Si tivé que relá côco, fazê bala de estralo, coltá papésinho de seda pra botá nos doce, tudo isso a preta véia já pôde i perparando de lá de já.
- Aurora - Sim, hoje á noite veremos isto. Creio que teremos muita coisa a fazer. Donguinha onde é que está?
- Esperança - tá lá na saleta de istudo cuidando as criança. A Maltinha tá recolhendo figurinha e a Ogustinha tá no colo dela.
- Aurora - Donguinha agora não pôde fazer mais nada. Tem o tempo todo ocupado com essas creanças.
- Esperança - Meu Féli tá lá também. tá brincando com a Maltinha.
- Aurora - Brincando! Eu sei o brinquedo dele! Ensinando-lhe malcriações que é só o que ele sabe fazer.
- Esperança - A minininha se acumôda muito bem cum ele. Fica tão santifeitinha - quando ele tá brincando cum ela! Dá gosto vê.
- Aurora - As creanças gostam sempre de quem lhes ensinam bobagens. ( ruído de carro ao longe, vindo se aproximando pouco a pouco e parendo, por fim defronte ao Solar. ) Olhe, aí vem eles.
- Esperança - É memo. O carro já vem chegando. Dexa intonces i dipressa avisá o patrão que ele idiú que era pra avisá ele quando o carro tivesse chegando.
- Aurora - Vê, sim, ele está na biblioteca. ( passos )) Tudo está muito bem só não posso me conformar é com a tal mulher na nossa festa. Sabe-



- se lá quem é ela para traze-la aqui? Enfim, titio consentiu, eu lavo as minhas mãos como Pilatos. Aquelle velho louco e sem miolo quando se mete uma coisa na cabeça, quer por que quer e enquanto não consegue fica a bater e a bater na mesma tecla. Titio com certeza para se ver livre daquela ladainha quotidiana acabou por concordar. Bem, deixa-me ir receber tia Ismenia.
- Suzana - ( gritando de longe e se aproximando ) Onde está a gente desta casa?
- Aurora - ( gritando para longe ) Estou aqui. ( passos que se aproximam )
- Suzana - Tia Ismenia está aqui, prima Aurora. Onde está vovó?
- Aurora - Tia Esperança foi chama-lo, ele vem já. ( alegre ) Olá, tia Ismenia, como vai a senhora? Sempre moça e bonita!
- Ismenia - Como vais Aurora? Eu estou cansada e cheia de poeira.
- Aurora - Vou preparar-lhe um banho agora mesmo. ( sai )
- Lucilia - Sente-se um pouco, titia.
- Ismenia - Não, eu quero primeiro tirar essa roupa da viagem que está me afligindo muito. Esses trens têm tão pouco conforto!
- Adelia - Uma coisa horrivel, não é mamãe? Eu tinha mandado dizer para a senhora a senhora teimou em vir.
- Ismenia - Eu tinha vontade de rever o Carlos! Afinal ha tantos anos longe e nem por isto a distancia é tão grande.
- Suzana - A questão é que ambos são muito comodistas e cada um esperava que outro se resolvesse a enfrentar a viagem.
- Ismenia - E afinal fui eu a mais corajosa. Mas onde é que está ele? ( passos que se aproximam )
- Carlos - ( aproximando-se ) Estou aqui, Ismenia. Estou aqui.
- Ismenia - Olá, Carlos, então como vai?
- Carlos - Assim como velho.
- Ismenia - Quer me chamar de velha, não é? Lembra-se que temos apenas dois anos de diferença.
- Carlos - A diferença dos anos não tem importancia, mana, o essencial é a gente sentir-se mais ou menos velho. E eu já me sinto cansado, muito cansado.
- Ismenia - Deixe-se de bobagens. Você está forte e bem disposto.
- Carlos - E então, que tal achou a sua filha?
- Ismenia - Bem, muito bem.
- Carlos - Estava ansiosa com a sua chegada.
- Adelia - Mamãe, a senhora não vai tomar o seu banho?
- Suzana - Espere um pouquinho, Adelia, deixe-a conversar um instante com vovó.
- Lucilia - É que ela está ansiosa para abrir as malas de tia Ismenia.
- Suzana - Porque?
- Lucilia - Digo porque?
- Adelia - Ué, pôde dizer.
- Lucilia - Porque tia Ismenia trouxe um vestido pronto de presente para ela.



- Adelia - Um vestido de Buenos Ayres.
- Suzana - Ah, deve ser uma beleza então.
- Adelia - Com toda a certeza, com toda a certeza. Vem mamãe, vamos, anda. Depois a senhora conversa.
- Ismenia - Já vou, menina. Não me puxe assim. Bem Carlos eu vou tirar a poeira da viagem e trocar de roupa, depois conversaremos. Com certeza deves ainda estar lembrado que costume almoçar às onze e meia, não é verdade?
- Carlos - Está tudo providenciado, mana, não se preocupe.
- Ismenia - Bem, então até já.
- Suzana - Lucília, acompanhe tia Ismenia e mostre-lhe o seu quarto.
- Adelia - Vem, vem, assim tu já ves o meu vestido. (passos que af. stan)
- Suzana - E então, tovôsinho, o que achou de tia Ismenia?
- Carlos - Um pouco mais envelhecida, mas é sempre a mesma creatura, Bem, vou preparar-me também para o almoço. (passos que se afastam)
- Suzana - Vão ser trez dias que viveremos em polvorosa! Deus permita que tia Ismenia não se aborreça da nossa hospedagem. (passos se aproximam) Ah, seu Felix, onde o senhor se meteu? Eu aflita para conversar com o senhor. Foi falar com ela?
- Felix - Venho de lá, exatamente.
- Suzana - E ela concordou?
- Felix - Aceitou satisfetissima. Cantará um numero.
- Suzana - Que bom! E afinal o senhor não se lembrou do nome dela?
- Felix - Esta minha cabeça...tive que tomar nota para não se esquecer outra vez. Espera um pouco que eu tenho aqui. (pausa) Chama-se Maribel.
- Suzana - Maribelli?.....
- Felix - Sim. (pausa) Porque te surpresendes tanto? Tu já a conhecias?
- Suzana - Não...isto é...conhecia de nome, sim.
- Felix - Mas o que tens? Porque te perturbaste tanto?
- Suzana - Estou pensando agora que fizemos mal em convidá-la, seu Felix.
- Felix - Mal!?...Ora essa, porque?
- Suzana - O sr. sabe quem é Maribel, seu Felix?
- Felix - Uma artista, uma cantora....
- Suzana - Ouça, seu Felix: Maribel é o caso do Jorge.
- Felix - Heia?!...O que é que tu estás me dizendo? Esta então é....
- Suzana - Exatqmente. A creatura com quem Jorge vive<sup>no</sup> no Rio e por causa de quem relutou em aceitar Adelia.
- Felix - Pois olha, minha amiga, então deixa que te diga uma coisa: Ela ficaria muito mais bem servido com ela. Com vezes, mil vezes, um milhão de vezes melhor do que essa taradinha que teu avô deseja dar-lhe como esposa.
- Suzana - E agora, seu Felix, o que faremos? Não seria melhor evitar que ela viesse aqui?



Felix - De que forma? Desconvidando-a? Não, minha filha eu não faço um papel destes. Agora é tarde. O remédio é deixar que ela venha e... bico calado

( GORTINA MUSICAL )

( fundo de vozes. Ouve-se uma valsa vienense por grande orchestra. A valsa vai até o fim e ao terminar ouvem-se aplausos. Vozes para fundo )

- Rubens - ( em meio da valsa ) O que tens? Estás cansada?
- Suzana - Sim. Se não levasses a mal eu te pediria para parar.
- Rubens - Casualmente temos aqui duas poltronas. Sente-se.
- Suzana - ( suspirando ) Ai que bom!
- Rubens - Trabalhaste demais, Suzana. O resultado é que depois nem podes gozar direito a festa.
- Suzana - Eu fazia questão de apresentar uma coisa direita. As nossas festas s sempre marcaram época e eu fiz questão que assim continuassem a ser.
- Rubens - É o conseguiste totalmente, porque ela está lindíssima.
- Suzana - Sabes que gostei muitíssimo da poesia que declamaste?
- Rubens - Tu gostas sempre das minhas poesias. És suspeita.
- Suzana - Não vejo porque? Pelo fato de ser tua noiva? Isso não tem a menos importância porque quando as leio ou as escuto não é o meu noivo que eu vejo e sim o poeta.
- Ismenia - O que é isto? Não vão dançar?
- Rubens - Suzana está cansada sentamos um pouco. Quer sentar-se?
- Ismenia - Não, não, não, não se incomode. Estou dando uma volta pelos salões. Até já.
- Suzana - ( falando para longe ) Está gostando da festa, titia?
- Ismenia - ( distante ) Muito, muito.
- Rubens - Veja, Suzana, seu Felix dançando.
- Suzana - E ele teve gosto para escolher seu par. Foi buscar logo uma das meninas mais encantadoras da festa.
- Rubens - Maria Clara?
- Suzana - Sim, você não acha?
- Rubens - Para mim ha outra que está muito acima dela.
- Suzana - Quem é?
- Rubens - Você.
- Suzana - Lisonjeiro.
- Rubens - Lisonjeiro porque? Porque digo a verdade? Não ha uma só que se lhe possa comparar, Suzana.
- Suzana - Obrigada, Rubens. Chegou a minha vez agora de dizer que você é suspeito.
- Rubens - Seu Felix parou, veja.
- Suzana - Cansou, com certeza, ele não está acostumado a dançar. ( para longe ) O que foi isto, seu Felix, parou?







- Lucilia - É muito gentil. ( outro tom) Seu Felix, o sr. poderia procurar o senhor de la Costa e dar inicio ao programa, sim?
- Felix - Pois não, irei em seguida. Deixo a senhorita Maribel aos cuidados de vocês.
- Rubens - A senhorita deseja tomar alguma coisa?
- Suzana - Sim, é verdade, quem sabe quer tomar qualquer coisa?
- Maribel - Aceitarei apenas um cálice de vinho do Porto para abrir um pouco a voz.
- Lucilia - Irei busca-lo então. Com licença. (suspender o ruído de vozes)
- Felix - ( falando alto e longe) Meus senhores e minhas senhoras: tenho a grata satisfação de anunciar a primeira surpresa da noite- o Baritone Deserval de la Costa vai interpretar " Le plaisir d'amour". (disco de aplausos) (ouve-se o baritono cantar e ao terminar novamente o disco de aplausos e a seguir o fundo de murmurios)
- Suzana - Vovôsinho, deixe-me apresentar-lhe a senhorita Maribel.
- Maribel - Muito prazer, Comendador.
- Carlos - Carlos Alvarenga, ás suas ordens. Devo pedir-lhe desculpas, minha senhora das minhas netas a teres descoberto no Hotel Da Cidade, obrigando-a, desta forma, a quebrar o seu descanso.
- Maribel - Creia, Comendador Alvarenga, que poder satisfazer um pequeno capricho de vossas gentis netinhas é para mim um grande prazer e uma subida honra ser recebida em tão aristocrático solar.
- Carlos - Sois muito gentil, senhora.
- Maribel - Estou ás vossas ordens, senhor, se achais que deverei apresentar já o meu numero.
- Carlos - Se achais que não ha nenhum inconveniente estão todos ansiosos por ouvir-vos.
- Maribel - MUITÍSSIMO obrigada. Por mim estou inteiramente ás ordens. Quando quizerem poderei cantar.
- Suzana - Então vamos dizer ao seu Felix para anunciar o seu numero. Você quer ir avisa-ão Rubens?
- Rubens - Pois não, Com licença.
- Carlos - Não serviram nada ainda á senhorita Maribel?
- Suzana - Um calice de vinho do porto, apenas. Ela não quáz mais nada.
- Carlos - Muito bem, acompanhe-a então até ao piano, Suzana.
- Suzana - Pois não. Vamos?
- Maribel - Vamos, sim.
- Felix - ( falando alto) Atenção, senhores e senhoras. (para o murmurio) A segunda surpresa na noite. A senhorita Maribel - um dos maiores cantores dos Casinos da Cidade Maravilhosa, vai-nos proporcionar o prazer de escuta-la na Bolero Amor! Amor! (disco de aplausos) Tenha a bondade. (ouve-se a bolero Amor, amor que ao terminar é muito aplaudida. Substituindo-se o disco de palausos pelo murmurios)
- Suzana - Muito bem, muito bem. Cantou divinamente. Juro-lhe que cheguei a sentir-me até comovida ao escuta-la.
- Rubens - Parabens, senhorita. Fiquei encantado com a beleza da sua voz.



- Lucília - Eu não lhe direi nada porque não encontro palavras que possam traduzir todo o meu encantamento.
- Carlos - E agora aceita alguma coisa?
- Maribel - Obrigada, não tenho vontade de nada. Se não levásseis a mal eu pediria licença para retirar-me. Estou aqui em tratamento e não devo deixar-me muito tarde.
- Suzana - O seu abrigo deve estar no toilette, não é verdade?
- Maribel - Sim, deixei-o lá ao chegar.
- Suzana - Vou busca-lo então.
- Maribel - Um momento, eu irei com a senhorita. Comendador, boa noite, muito grata pela honra que me concedeu e encantada com a gentil ~~recepção~~ acolhida que tive em vosso Solar.
- Carlos - Sois muito bondosa, senhora. Boa noite e muito obrigado.
- Maribel - Boa noite, doutor.
- Rubens - Boa noite, senhorita. Muito grato também.
- Maribel - Não ha porque.
- Suzana - Rubens, você fique acompanhando vovô enquanto eu levo a senhorita Maribel até á porta. Lucília, você vá ver se o carro está lá em baixo, senão diga a Zacarias para providenciar. Venha, senhorita, vou acompanhá-la.
- Maribel - Obrigada. (ouve-se o ruído de passos sempre á mesma distancia do microfone, enquanto o ruído de vozes vai se abafando á para ser substituído por uma valsa vienense, tocada por orchestra e que servirá de fundo ao dialogo que se segue.)
- Suzana - Faça o favor, Donguinha, o abrigo da senhorita Maribel. ( pausa ) Aqui está. É este mesmo?
- Maribel - Sim, obrigada.
- Suzana - Eu não sei como poderei agradecer-lhe tanta gentileza.
- Maribel - Oh não me agradeça, por favor. Se soubesse com que prazer accedi ao seu convite...Eu desejava...eu queria até pedir-lhe alguns momentos para conversarmos a sós...mas infelizmente compreendo que não é possível.
- Suzana - Não é possível porque?
- Maribel - A senhorita está tão ocupada...tem que voltar para junto de seu noivo.. não seria justo que a prendesse aqui.
- Suzana - Vai ficar ainda alguns dias por aqui não é verdade?
- Maribel - Sim. Uns quize dias, talvez.
- Suzana - Pois bem, então prometo que irei ao Hotel para conversarmos.
- Maribel - Como?! A senhora fará isto? Terá a coragem de ir ao Hotel visitar-me?
- Suzana - E porquê? Irei sim, prometo-lhe.
- Maribel - Oh, muito obrigada. Vejo que é boa e hei de quere-la muito mais por isto. Adeus, então. Até....
- Suzana - Até depois de amanhã. ás quatro horas estarei lá.



( quatro badaladas. Batidas suaves na porta. passos e ruído de abrir-se a porta.)

Suzana - Boa tarde.

Maribel - Entra. Não imagina com que ansiedade a esperava.

Suzana - Estou na hora prometida, não é verdade?

Maribel - Sim, foi pontualíssima. Agradeço-lhe muito por isto.

Suzana - Somente não me poderei demorar mais que meia hora. Devo estar em casa antes das cinco.

Maribel - Neste caso intremos diretamente no assunto. Sente-se, por favor. (pensa) Sabe que já a conhecia muito de nome?

Suzana - Também eu já a conhecia muito.

Maribel - Como? Jorge falou-lhe de mim?

Suzana - Muitas vezes e com grande afeição, acredite.

Maribel - É possível que ele me quizesse bem, mas creio que foi quasi desumano na forma porque me abandonou.

Suzana - Não o fez por mal, esteja certa.

Maribel - E o queria tanto que não pude continuar no Rio com medo de enlouquecer de dor. Resolvi viajar e esquece-lo mas a curiosidade de conhecer de perto sua familia e a sua noiva, trouxeram-me, sem que eu quizesse, até á sua casa. Quando recebi o convite para cantar na sua festa fiquei radiante porque era exactamente a oportunidade desejada para uma maior aproximação.

Suzana - E o que pretendia com isto?

Maribel - Nada, acredite. Queria<sup>as</sup> pensa conhecê-los de perto. Jorge me falava sempre em todos com tanto carinho. Trouxe-lhe um presente, aceita?

Suzana - Um presente? Para mim?

Maribel - Sim. Aqui o tem.

Suzana - Um retrato de Jorge fardado! Como está bem! É que magnifico colorido!

Maribel - Foi pintado por um grande artista, no Rio. Eu o havia mandado fazer para mim mas agora, como deve esquece-lo, resolvi desfazer-me dele. Pensei em mandá-lo á sua noiva mas a senhora foi tão gentil comigo, tratou-me com tanta amabilidade, com tanto carinho que me senti conquistada e resolvi que o retrato seja seu.

Suzana - Muito obrigada! É um presente magnifico. Mas porque não o conserva consigo?

Maribel - Já lhe disse a razão. Porque quero esquece-lo.

Suzana - E porque quer esquece-lo? Não o ama?

Maribel - É justamente por ama-lo que devo assim proceder.

Suzana - Pela eu discordo inteiramente do seu ponto de vista. Se o ama verdadeiramente não deve renunciar ao seu amor, antes deve lutar pela sua felicidade. ~~Maribel!~~

Maribel - ( assombrada) É a senhora, a irmã dele que me fala assim?

Suzana - Eu, sim, eu que tambem amo ao meu noivo e que por ele lutaria contra o mundo inteiro se fosse preciso.



- Maribel - Mas não se esqueça que a minha posição é muito diferente da sua.
- Suzana - Maribel. ( pausa ) grave o que lhe vou dizer: todas somos iguais d  
deante do amor!...
- Maribel - ( comovida ) ( quasi sem voz ) Suzana! ( mais forte ) Suzana!...(pausa)  
Obrigada! ( quasi sem voz outra vez ) Muito obrigada!

( Caracteristica musical forte e depois enfraquecendo para falar o :

SPEAKER : - Este foi mais um emocionante capitulo do Solar dos Alvarenga, o de-  
licioso romance de Roberto Lis que se poderia chamar " a luta dos  
sentimentos". O capitulo de hoje teve a seguinte distribuiçao:

Comandador Carlos Alvarenga O preconceito.....	João Bergmann
Suzana - a desilusão - .....	Carmona de Agencar.
Dr. Hubens - a inconstancia - .....	Roberto Lis.
Lucilia - a ilusão - .....	Liax de Andrade.
Seu Felix - o coração - .....	Glaudio Real.
Dona Aurora - a razão - .....	Marilú.
Jorge - a ambição - .....	Edmundo Lis.
Tia Esperança - a resignação - .....	Branca Margarita.
Zacarias - a lealdade - .....	Carlos Moré.
Adelia - a futilidade - .....	Vera Luz.
Maribel - a renuncia - .....	Elia Maria.
Ismenia .....	Branca Margarita.
Maria Clara .....	Helena Maria.
Encarregado do Estudio .....	Artur Bastos.
Sonofonia.....	Willy Rodrigues.

Este foi o decimo quinto capitulo do " O solar dos Alvarenga" o vi-  
torioso programa de Roberto Lis que continuará no ar no proximo do-  
mingo ás mesmas horas de hoje.

( caracteristica para o final do programa ) ;

Irradiado em 27/6/43.



TÉCNICA - CARACTERÍSTICA.  
SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM: - O SOLAR DOS ALVARENGA!

Um delicado romance de amor onde os personagens vivem e se agitam, sofriem e choram, se revoltam e se resignam como todos os que têm alma, como todos os que vivem dentro da vida!...

O solar dos Alvarenga, que se poderia chamar "A luta dos sentimentos", obedecerá no seu capítulo de hoje à seguinte distribuição:

( O speaker diz os nomes )	( O artista responde )
Comendador Carlos Alvarenga - o preconceito -	João Bergmann
Suzana - a desilusão -	Carmen de Alencar
Dr. Rubens - a inconstância -	Roberto Lís
Lucília - a ilusão -	Liney de Andrade
Jorge - a ambição -	Edmundo Lís
D. Aurora - a razão -	Marilú
seu Felix - o coração -	Claudio Reul
Tia Esperança - A resignação -	Branca Margarita
Banguinha - A bondade -	Lília Maria
Paulo - O desejo -	Luís Cataldo
Clarissa - A tentação -	Juracy de Oliveira
Martha - a inocência -	Maria do Céu
Maribel - a renúncia -	Lília Maria
Um garçon	Carlos Moré
<i>Calvin</i> Encarregado do Estúdio	<i>Teclista</i> Emílio Belo
sonofonia de	Willy Rodrigues.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA. Ao cessar a característica começa o ruído do escritório a fazer fundo a todo o diálogo. Máquinas de escrever. Campainhas de chamada. Telefone que Lucília atende e desliga.

Paulo - Desculpe-se a fim de esperar tanto, Maribel. Eu estava falando com a agência de São Paulo não podia interromper a ligação.

Maribel - Não tem importância. O essencial é que você me dispense dez minutos de atenção para um negócio de muita gravidade.

Paulo - Precisa de algum dinheiro?

Maribel - Não, Paulo e nem compreendo a sua pergunta. Você bem sabe que nunca lhe pedi dinheiro. É bem verdade que devo isto, em grande parte, a você mesmo que nunca me deu ocasião de pedi-lo.

Paulo - O que deseja então de mim?

Maribel - Podemos conversar aqui?

Paulo - Sim. Avisarei pelo telepeak que não desejo ser interrompido pelo espaço de meia hora.

Maribel - Não é preciso tanto. Dez minutos são suficientes.



- Paulo - Alô, secretária! (Pausa) Alô secretária! Chama o Gabinete do Diretor.
- Lucília - (voz distante, com um fone na boca) secretária atendendo, senhor Paulo.
- Paulo - Preciso redigir uma carta importante e não desejo ser interrompido pelo espeço de meia hora, dona Lucília.
- Lucília - (idem) Perfeitamente, senhor Paulo.
- Paulo - Pronto, podemos conversar agora, sem o perigo de sermos interrompidos.
- Maribel - Paulo, o que me traz aqui são os comentários que continuam a fervilhar em torno de você e de Lucília.
- Paulo - E você, uma creatura superior, vai dar ouvidos a comentários, Maribel?
- Maribel - Não posso desprezá-los, Paulo, porque eles afetam o nome de Lucília e você precisa compreender que eu estou responsável por ela e pelo que lhe possa acontecer.
- Paulo - Mas não existe nada entre nós, juro-lhe.
- Maribel - Mas não basta isto. É preciso que desapareçam também os motivos desses comentários. Você não precisa esperá-la, saírem juntos, nem mostrar-se tão gentil para a sua secretária. A sua atitude desperta a desconfiança dos seus funcionários e até mesmo dos seus amigos que já conhecem de sobra os seus hábitos e a sua fama. Você dá-lhe presentes caros e insiste para que ela os aceite.
- Paulo - Quem lhe contou tudo isto?
- Maribel - Ela própria. Lucília não tem segredos para mim. Sabe que sou sua amiga e que me interesso pela sua felicidade.
- Paulo - E o que lhe disse ela a respeito desses presentes?
- Maribel - Que ficava constrangida de aceitá-los porque eles de qualquer forma a comprometiam perante você e perante os que viessem a saber da sua atitude. Disse-me mais: que preferia que você fosse um chefe e menos cavalheiro.
- Paulo - Ela então desconfia da intenção com que lhe faço esses presentes?
- Maribel - É lógico. Qualquer um desconfiará. Lucília é muito jovem ainda, é verdade, mas já viveu e sofreu bastante para conhecer o que é a vida. E de pois convenhamos que não fica bem a uma moça que se vê obrigada a trabalhar para o seu sustento, usar jóias e peles de alto custo.
- Paulo - Maribel, você sabe a influencia que a beleza pode exercer no meu espírito, mas você também já me conhece bastante para ter a certeza de que eu serei incapaz de forçar uma creatura a aceitar a minha corte quando sentir que ela de coração não me recebe.
- Maribel - Quer dizer, então, que você acha que ela o receberá, do contrário não estaria insistindo.
- Paulo - Nada lhe posso adiantar por ora porque nada sei. Estou em um período de experimentação. Ela nada me disse ainda nem nada fez que me autorize a pensar que está disposta a aceitar-me mas também ainda não me deu uma recusa formal por qualquer gesto ou qualquer palavra.
- Maribel - Porqué é uma moça fina, educada de uma forma diferente do que são as moças de hoje e também - quem sabe - pelo receio de desgostá-lo e perder um emprego que ela não acharia facilmente outro nas mesmas condições. É preciso que você não esqueça nada disto no estudo que está fazendo.
- Paulo - Sim, talvez você tenha razão, não digo que não, mas quando uma mulher sente repulsa por um homem e os seus galanteios lhe não lhe fazem bem, por mais educada, por mais fina, por mais calculada que ela seja, há sempre um gesto, uma expressão fisionomica, uma palavra que serão capazes de traí-la. Nada disto, por ora, percebi em Lucília.







Felix - O menino dirigiu-se ao outro moço e fez-lhe o mesmo pedido.

Esperança - E ele passo o inucente?

Felix - Também não quis passar. Disse-lhe: "Já andei muito hoje e estou cansado. Já atravessei este rio varias vezes e quero descansar agora."

Esperança - Que judiação, meu Deus!

Felix - Pois é. Como os moços tivessem recusado de atender o seu pedido, o menino então dirigiu-se ao velho e fez o mesmo pedido. O velho levantou-se calmamente, tomou-os nos braços e atravessou o rio deixando-o na outra margem. Antes que ele pudesse dar volta o menino segurou-o pela mão, agradeceu-lhe o gerico que lhe prestara e perguntou-lhe: "quem são aqueles dois moços tao fortes que não quizeram me trazer para cá?" O velho respondeu: "um é o ciúme, o outro é o desejo." O menino ficou alguns momentos calado e antes de se dispor a seguir o seu caminho resolveu fazer mais uma pergunta ao velhinho que o levava à outra margem. "E tu quem és?" "Eu sou o tempo", respondeu o velho. Foi então que o menino compreendeu o motivo da recusa dos dois moços. Só mesmo o velho tempo é que poderia fazer passar o amor!"

Esperança - que bunita essa instória, seu Félix. Munto bunita.

Felix - E a minha Martinha o que é que diz, gostou da historia?

Martinha - Nêê gotou.

Felix - Pois é, e entrou por uma porta saiu por outra, quem quizer que conte o tra.

Esperança - Um dia, o seu Félix vai contá qtra veiz pra nega véia essa mesma instória pra mode a preta véia aprendê ela bem dereitinho.

Felix - Está muito bom, tia Esperança, vou lhe ensinar essa e outras bonitas q eu sei.

Esperança - Que bão! A preta véia gosta tanto.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Aurora - A Martinha já tomou o café com leite?

Esperança - Já sim sinhora, dona Aurora, já tomô.

Aurora - Então vamos tratar de pentear o cabelo e mudar de roupa.

Felix - Pronto! Chegou o furacão e revoltou as aguas serenas do manto regato!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL.

Paulo - Pronto, dona Lucília, aqui tem a correspondencia assinada.

Lucília - Perfeitamente. Ela será expedida amanhã pela manhã porque hoje já não ha mais tempo. Passam das seis e os funcionarios já se retiraram todos.

Paulo - Não tem importancia, não ha nada de urgente nessa correspondencia.

Lucília - senhor Paulo, eu queria lembrar-lhe que está marcada para hoje às oito e meia uma sessão de Assembleia Geral na sociedade dos Industriais. O secretario telefonou esta tarde pedindo o seu comparecimento.

Paulo - Não. Hoje temos um programa que ha muito tempo vimos protelando. Hoje será o nosso jantar no Casino.

Lucília - O senhor Paulo não levaria a mal se mais uma vez eu recusasse o convite

Paulo - Porque? qual as razões que lhe impedem de aceitá-lo?

Lucília - Ha varias razões mas a principal de todas elas é que a minha empregada é nova e eu não tenho confiança de há a deixar só com a menina à noite.



- Paulo - Lucília, você é moça e deve aproveitar um pouco mais a vida. Hoje ha um show excelente no Casino e com este é o quinto convite que lhe faço e que você regeita. Sente-se acanhada de apresentar-se comigo num Casino?
- Lucília - Não é isto. A gente que vai aos Casinos é a mesma que já nos tem visto juntos na rua, nas lojas ou nas casas de chá, não poderá ser esta, portanto, a razão da minha recusa. É que... senhor Paulo... eu fui educada num sistema diferente. Nunca saí à noite sem ser acompanhada de alguém da minha família e confesso-lhe que me sentirei constrangida.
- Paulo - É uma questão apenas de procurar vencer esse constrangimento e adaptar-se às exigências da vida moderna. Isto é tão comum aqui na nossa sociedade que ninguém reparará se você estiver só ou acompanhada.
- Lucília - sim, eu sei que é comum e que ninguém irá reparar. Eu é que não me sentirei bem.
- Paulo - Recusa então mais uma vez o meu convite?
- Lucília - Não quero dizer que o recuse, senhor Paulo. Desejaria imenso ser-lhe agradável mas é preciso que primeiro me adapte aos hábitos da sociedade moderna. Já então eu irei uma noite jantar com o senhor no Casino.
- Paulo - E quando será isto?
- Lucília - Quando? Não sei. Não quero marcar prazo. Entretanto hei de fazer todo o esforço para abrevia-lo, se isto lhe dá prazer.
- Paulo - Se me dá prazer? A senhora ainda duvida? Não lhe tenho procurado testemunhar sempre o prazer que me causa a sua companhia? Não a espero todos os dias à hora da saída para o almoço e para o jantar? E porque imagina então que faço isto?
- Lucília - Já ouvi dos meus colegas um comentário de que o senhor tem por hábito fazer sempre isto com as suas secretárias.
- Paulo - sim, é verdade. Para que negar? Mas com você é diferente, Lucília. Eu sinto qualquer coisa que não é bem o que eu sentia pelas outras e que eu não sei precisamente definir.
- Lucília - Talvez não seja diferente o que o senhor sente, e sim eu que seja diferente.
- Paulo - Não resta dúvida que isto poderá ter a sua influencia, mas eu sinto que com você não é o prazer da conquista que me impelle sempre para o seu lado. Ha qualquer outra coisa.
- Lucília - A curiosidade, talvez, de conhecer uma mulher diferente daquelas que se deram sem qualquer relutancia. É humano isto, senhor Paulo.
- Paulo - De qualquer forma o que eu tenho a lamentar é que você seja assim tão equívoca, Lucília. Poderíamos passar hoje, no Casino, umas horas deliciosas.
- Lucília - Não lhe faltarão companhias, senhor Paulo.
- Paulo - Acredito. Mas nenhuma que me interesse tanto e seja tão agradável quanto a sua. (Pausa) Porque sorriu? Não acredita?
- Lucília - Não, não foi por isto que sorri. O meu sorriso não foi mais do que um agradecimento à amabilidade que o senhor me disse.
- Paulo - Não tive a intenção de ser amavel. Disse a verdade apenas. (Pausa) Lucília, faça um pequeno esforço, um pequeno sacrificio e proporcione-me uma noite de alegria jantando comigo no Casino. Tenho tanta necessidade de me distrair hoje. Trabalhei tanto! Estou tão cansado! A sua presença e o "show" que dizem ser maravilhoso, serão um tónico excelente para o meu cérebro e para os meus nervos. (Pausa) O que diz? (Pausa) Não ha nada de mal que você vá se distrair um pouco. O que não é justo é que se culpe a sua graça e a sua beleza entre as quatro paredes de um quarto de pensão e cuidar de uma criança que não é sua filha. (Pausa) Vale. Vai comigo hoje ao Casino?



Lucília - (após uma pausa de indecisão) sim, senhor Paulo, eu irei.

TRONICA - CORTINA MUSICAL. \ \

Felix - Essa tristeza do Carlos, essa preocupação, eu sei bem pelo que é. Pobre Carlos, ele bem merecia um pouco ~~de~~ mais de sossego na sua velhice. Não bom e tem sofrido tanto! (transição) quando eu era menino aprendi que ~~existia~~ não se devia mentir nunca. Hoje que estou velho, aprendi que é necessário mentir muitas vezes. Carlos está preocupadíssimo e aborrecido unicamente pela falta de notícias de Lucília. Jorge escreveu-lhe duas cartas e não lhe tocou no seu nome. Ele crê que ela esteja realmente doente e é ~~essa~~ falta de notícias que o deixa assim taciturno e sombrio. Eu vou solucionar o assunto com uma mentira. Deus que me perdoe. Aqui está o papel, o tinteiro... a caneta... e a ideia. Não falta nada. Mão à obra. (como quem escreve e repete alto o que escreve) Meu querido vovô. (Pausa) Há muito que não lhe escrevo... (Pausa) porém acredite que sempre (Pausa) acredite que sempre... (Pausa) me lembro muito do senhor.. (Pausa) com a maior saudade. (Pausa) Tenho melhorado muito (Pausa) e a continuar deste modo... (Pausa) dentro de muito pouco tempo... (Pausa) estarei restabelecida... (Pausa) e poderei voltar ao solar.

TRONICA - Passos que se aproximam.

Suzana - Escrevendo, seu Felix, a quem?

Felix - À ilusão, Suzana.

Suzana - (rindo) Como?! Então as coisas já chegaram a este ponto do senhor escrever cartas à ilusão? Não imaginei que ~~assim~~ prima Aurora tivesse tal poder sobre o senhor! (ri)

Felix - Credo, cruz, Ave Maria santíssima, nem me fale em semelhante azar. Para ela não há necessidade de escrever. Quando tenho que dizer os desfechos digo-os a viva voz.

Suzana - Estou brincando com o senhor. Está respondendo a carta de Jorge, por acaso? Pergunto-lhe porque desejo mandar-lhe um recado e não poderei escrever a ele por toda esta semana. Ando ocupadíssima.

Felix - Não, não é ao Jorge que estou escrevendo. (baixo) É ao teu vô.

Suzana - Ao vô? Ora essa e porque não lhe diz o que tem a dizer em vez de gastar papel, tinta e tempo? O senhor tem cada uma seu Felix, cada uma!

Felix - Eu te explico porque. Esta carta sou eu que estou escrevendo mas não sou, estás compreendendo?

Suzana - Não. Não compreendo nada.

Felix - Oh menina! Esta carta está sendo escrita por mim mas será assinada por Lucília. Agora compreendeste?

Suzana - Bem, agora o senhor falou claro. Mas porque tudo isto, afinal?

Felix - Porque não posso ver o Carlos assim pensativo como anda e tenho a certeza absoluta de que o motivo é a saudade de Lucília e a sua falta de notícias.

Suzana - O senhor é um eneanto, se Felix. Vejamos o que escreveu.

Felix - Leia baixo. Pde aparecer por si e Jararaca e vai contar tudo a ele em seguida.

Suzana - Não há perigo, ela foi à Igreja. (lendo) Meu querido vô: Há muito que não lhe escrevo porém acredite que sempre me lembro muito do senhor, com a maior saudade. Tenho melhorado muito e a continuar deste modo dentro de muito pouco tempo estarei restabelecida e poderei voltar ao solar. (falando) Acrescente: Augustinha vai muito bem...

Felix - Augustinha vai muito bem (Pausa) muito bem...



- Suzana - E já começa a dizer Vovô.
- Felix - E já começa... a dizer... Vovô (transição) Ele vai ficar contetissimo!
- Suzana - Está muito gordinha...
- Felix - muito gordinha...
- Suzana - muito bem disposta...
- Felix - muito bem disposta...
- Suzana - e aproveitou muitissimo com a mudança de ar.
- Felix - e aproveitou... muitissimo... com a mudança... de ar.. - Está.
- Suzana - Tenho escrito pouco... (Ele vai repetindo o que ela diz) porque ela me congome... quasi todos os minutos do dia... esta espertissima. (Pausa) Já bate palmas... dobra o rigo... e ensaia uns pezzinhos. (Pausa) Logo que me seja possível... hei de mandar-lhe um retratinho nosso. (Pausa) Adeus, Vovo querido... um abraço e um beijo para todos... e receba t<sub>2</sub> do o carinho e toda a saudade.... das netinhas Augustinha e Lucilia.
- Felix - Agora ponho a carta neste envelope que é de uma antiga carta dela. Ele não vai reparar o carinho do selo, estou certo.
- Suzana - Não ha perigo. Eu terei o cuidado de ler a carta para ele e em seguida guarda-la.
- SÔNICA - Passos que se aproximam.
- Suzana - Cuidado, vem gente aí. Esconda a carta.
- Felix - E logo quem! Já pediu perdão dos seus pecados?
- Aurora - Não. Pedí dos seus. Eu não tenho pecados, graças a Deus.
- Felix - Não pôde ter mesmo, a senhora se confessa todos os dias.
- Aurora - seu Felix, o senhor deixe de pretender ridicularizar o meu método de vida, esta entendendo? Eu sou como sou, sinto-me muito feliz assim e não tenho que dar satisfações de minha vida senão a titio. A mais ninguém.
- Felix - Nem eu quero que a senhora me dê satisfações da sua vida. Faça lá o que quiser, pouco se me dá. Eu com a senhora quero é uma coisa só. Uma não, duas.
- Aurora - Quais são elas? só por curiosidade eu gostaria de saber.
- Felix - socego e distancia. (Suzana ri com vontade)
- Aurora - Este bobo alegre. Este velho cretino.
- Felix - ~~sauxaxix~~ Velha cretina é a senhora, fique sabendo.
- Aurora - seu Felix, respeite os seus cabelos brancos.
- Felix - Ora bolas, o que é que tem isto? Por acaso os cretinos também não envelhecem?
- Aurora - Eu tenho mais que fazer do que aturar as suas inconveniencias. Vou mudar o meu vestido.
- Suzana - Prima Aurora, faça o favor de pedir a titio que se não estiver ocupado de uma chegadinha aqui, sim?
- Aurora - Está bem.
- TÉCNICA - Passos que se afastam.
- Suzana - Quem lerá a carta para ele, eu ou o senhor?



- Felix - É indiferente. Você entende bem a minha letra?
- Suzana - Entender eu entendo... não, é melhor o senhor mesmo ler.
- Felix - Verás como depois desta carta ele vai parecer outro.
- Suzana - Pobre Vovô. Às vezes fico a pensar como a sorte tem sido injusta para com ele e como sofre com resignação e coragem todos os golpes que lhe caem às costas.
- Felix - Os do nosso tempo são assim, Suzana. Sofrem, mas sofrem em silêncio.
- Suzana - Se desabafasse, se contasse as suas magoas, talvez não sofresse tanto. Até hoje não vi nem uma única vez o Vovô lamentar nem a morte de Vovô, nem a morte de Mãe, no entanto já o surpreendi diversas vezes diante do retrato de uma ou de outra a olhar longamente para elas e as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto envelhecido.
- Felix - Os Alvarenga são assim.
- TÉCNICA - Passos que se afastam aproximam.
- Suzana - Cuidado, aí vem ele. (muito alegre) Vovôzinho, mandei chama-lo porque tenho uma notícia muito boa para o senhor.
- Carlos - Uma notícia boa, minha Suzana? Qual é ela, diga logo.
- Suzana - Sente-se primeiro. (Pausa) Está. Agora ouça. Há uma carta para o senhor.
- Carlos - Uma carta para mim? De quem?
- Suzana - Pela letra é de Lucília.
- Carlos - Vamos, então, porque já não abriu esta carta? Há tanto tempo que essa menina não nos mandava notícias! O que diz ela?
- Suzana - Espere, Vovôzinho, tenha calma. Seu Felix está abrindo a carta. Leia, se Felix, leia para não demorar muito.
- Felix - Meu querido Vovô. Há muito que não lhe escrevo, porém acredite que sempre lembro muito do senhor, com a maior saudade!
- Carlos - (comovido) Pôbre da minha netinha!
- Felix - (continuando) Tenho melhorado muito e a continuar deste modo dentro de muito pouco tempo estarei restabelecida e poderei voltar ao solar.
- Carlos - (comovido) Que bom, meu Deus, que bom! Deus permita!
- Felix - (comovido) Augustinha vai muito bem e já começa a dizer Vovô.
- Carlos - Que gracinha! Eu daria tudo para ouvi-la!...
- Felix - (quasi chorando) Está... muito gordinha..
- Suzana - (disfarçando) Deixe ver, seu Felix, eu termino a carta. O senhor está demorando muito a gente está aflita para saber as novidades.
- Felix - É que... eu não enxergo bem. Leia, leia você.
- Suzana - (lendo) Já começa a dizer Vovô. Está muito gordinha, muito bem disposta e aproveitou muitíssimo com a mudança de ar. Tenho escrito pouco porque ela me consome quasi todos os minutos do dia. Está esportíssima. Já bate palmas, dobra o riso e ensaia um passinho. Logo que me seja possível hei de mandar-lhe um retratinho novo. Adeus, Vovô querido. Um abraço e um beijo para todos e receba todo o carinho e toda a saudade das netinhas Augustinha e Lucília. (Pausa.) E então, está contente?
- Carlos - Estou sim, minha filha. Então não hei de estar contente?
- Suzana - Bem, então venha comigo, vamos dar uma volta no jardim.
- Carlos - Vamos sim.
- TÉCNICA - Passos que se afastam. Suzana vai falando com entusiasmo na beleza da tar



Felix - Pobre Carlos! E depois ainda nos enganou que nunca ~~sax~~ se deve mentir. Ai está. Com uma mentirinha inofensiva dei-lhe um prazer tão grande. E como estava emocionado! (emocionado) Os olhos foram se enchendo de lágrimas e (chorando) elas começaram a escorrer pela face. A sua felicidade era tanta que ele nem se apercebeu disto e não procurou impedir que as lágrimas caíssem. Também, pudera não! Aquelas duas criaturas eram toda a alegria deste triste casarão. Hoje, apenas Martinha é um sinal de vida entre as paredes frias deste túmulo.

Ménica - Passos que se aproximam.

Esperança - Uai, seu Félix o sinhô tá aqui tom sózinho, tom surumbaco! Tem alguma coisa?

Felix - (chorando) Não tia Esperança, não tenho nada.

Esperança - Uai, seu Félix, mais o sinhô tá chorando. Diz pra nega véia o que é que

Felix - (num suspiro) É a saudade, tia Esperança! (num sussurro) É a saudade!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL. Após a cortinaouve-se o ruído de um fox, já quasi no fim, legendado fundo ao dialogo. Ao terminar o fox aplausos e vozerio.

Paulo - Mais um pouquinho de champagne?

Lucília - Não, por favor, senhor Paulo, já bebi demais. Estou tonta.

Paulo - O champagne dá ânimo, alegria e eu gosto de vê-la assim alegre, sorrindo e brincando.

Lucília - Tenho medo de perder o controle. Não, por favor, não ponha mais.

Paulo - Um pouquinho só para que não arrefeça essa alegria que está sentindo. Não é verdade que está se divertindo bastante?

Lucília - Multíssimo. Como nunca imaginei de me divertir. Tudo é aqui é tão alegre, tão bonito que arrependo-me de não ter aceito há mais tempo o seu convite.

Paulo - E não dizia a você que haveria de gostar?

Lucília - Lindas essas violetas que o senhor me ofereceu! E que perfume maravilhoso! A violeta foi sempre a minha flor preferida. Desde pequenina que eu tinha adoração pelas violetas.

Paulo - Você própria é uma violeta, Lucília. Linda e modesta como ela.

Lucília - Galanteador é que o senhor é.

Paulo - Você falou há pouco em ir à sala de jogo arriscar a sorte, não foi? Quer ir agora?

Lucília - Não. Depois do numero de Maribel eu irei. Quero ouvi-la cantar. Gosto tanto.

Paulo - Admira-me que não tenha vindo até cá cumprimentar-nos.

Lucília - Não nos viu ainda, com certeza. Há tanta gente e nós estamos tão escondidos e afastados aqui neste canto.

Cabaretier - (de longe, falando muito alto) senhoras e senhores: o ponto alto do nosso show. Maribel. (Aplausos) Ela nos cantará mais um dos seus aplaudidos boleros. (Aplausos).

Ao cessarem os aplausos Maribel canta um bolero, sendo muito aplaudida e bisada ao terminar.

Cabaretier - Quer repetir o mesmo numero?

Maribel - Não. Anuncie (Diz o nome de uma canção ou bolero.)



Cabaretier - senhores e senhoras: ouviremos desta vez (Dis o nome da musica).

TÉCNICA ↓ - Aplausos por alguns instantes. ↓

Paulo - Vamos à sala de jogo?

Lucilia - Depois, deixe-me ouvi-la. Gosto tanto.

(Maribel canta o segundo numero, sendo muito aplaudida ao terminar)

Paulo - E agora, poderemos ir?

Lucilia - Sim, vamos. Vamos tentar a fortuna.

Paulo - A maior fortuna para mim é estar a seu lado.

Lucilia - sempre galanteador! O senhor é adorável!

Paulo - Obrigado. Vamos, então.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Paulo - (de longe) Póde deixar outra garrafa de champagne na mesa que nós voltaremos.

Garçon - Perfeitamente, senhor.

TÉCNICA ↓ - Passos que se afastam. - Rompe um fox tocado por jazz. A principio forte e ao começar o dialogo fazendo fundo. Ha uma pausa longa em que só se ouve o fox. - Passos que se aproximam.

Maribel - Póde levar de volta essa garrafa.

Garçon - Essa garrafa não é para Madame. Foi o senhor Paulo que encomendou-a. Esta é a mesa dele.

Maribel - Póde leva-la de volta, estou dizendo. O senhor Paulo não vai beber mais champagne hoje.

Garçon - Está bem, Madame, com licença.

TÉCNICA ↓ - Passos que se afastam. Volta o fox a tocar alto, novamente por alguns momentos. Ao começar o dialogo o fox fará fundo novamente.

PAULO - (aproximando-se a rir) Você é uma creaturinha adorável! Uma perfeita criança. Ficou tão satisfeita quando acertou que não quis mais jogar.

Lucilia - De certo, se eu continuasse a jogar perderia o que ganhei.

Paulo - Vamos então beber a saúde do seu esplendido palpite.

Maribel - (calma, porém severa) Não, Paulo. Lucilia não vai beber mais.

Lucilia - Maribel! Não sabia que estavas aqui.

Maribel - Lucilia, veste a tua capa e vamos para casa.

Paulo - Absolutamente. Lucilia veio ao Casino na minha companhia e por conseguinte só se retirará daqui comigo.

Maribel - Paulo, deixe-me levar Lucilia.

Paulo - Não.

Maribel - Paulo, você está tonto. Ambos estão tontos. Lucilia não está acostumada a beber. Deixe-me leva-la, suplico-lhe.

Paulo - Já lhe disse que não. Minha noiva só sairá daqui na minha companhia.

Maribel - Sua noiva?!... Paulo, você está falando sério? Você sabe o que está dizendo?



Paulo - Si sei o que estou dizendo? Ora essa! Porque não hei de saber? Então por que bebi uma garrafa de champagne cre' você que eu já não saiba o que digo e o que faço? Ora, francamente, Maribel (ri)

Maribel - Lucilia, isto é mesmo verdade?

Lucilia - sim, Maribel... é verdade.

TÉCNICA - FOX FORTE E DEPOIS A CORTINA MUSICAL.

Donguinha - O sinhô faz favô de esperá só um mucadinho que a sinhasinha Suzana já vem arrecede o sinhô. Ela tá botando uma frô nos cabelo pra mode apparece pro sinhô, mas ela disse pra eu não dizê, o sinhô num vai contê pra ela que eu disse.

Rubens - Pois se ela lhe disse que não dissesse você não devia ter dito.

Donguinha - Pois é, mais é que a gente que sigurá as coisa mais num pôde elas dispe<sup>ra</sup>.

Rubens - Isso é uma doença, você sabe?

Donguinha - É dotô?

Rubens - É uma doença, sim. Chama-se estômago frio.

Donguinha - E o que é bôo pra curá essa duença hein dotô?

Rubens - Uma flanela bem quente na barriga.

Donguinha - Fui óia eu hoje vô experimentá.

Rubens - É, experimente, sim que você está muito necessitada.

TÉCNICA - Passos que se aproximam.

Donguinha - Óia aí vem a sinhasinha Suzana eu vô simbora pra dexá os dois sósinhô.

Suzana - Bôo noite Rubens, como vais?

Rubens - Muito bem, Suzana. Você passou bem o dia?

Suzana - Muito atarefada, como sempre, mas como a tarefa é agradável não me que<sup>ro</sup> dela. Foi a tarde toda entre riscos de bordados, moldes, amostras de fazendas e uma série de coizinhas mais que uma noiva ao se aproximar a época do casamento, não pôde de forma nenhuma dispensar.

Rubens - Trouxe-te também o modelo do quarto que te falei.

Suzana - Deixa-me ver. Estou aflita.

Rubens - Não. Antes deixa-me elogiar a linda flor que trazes aos cabelos.

Suzana - Gostas? Eu só queria ver se notarias alguma coisa. Já estava começan<sup>do</sup> a ficar decepcionada. E foi por ti que a coloquei nos cabelos.

Rubens - Tu a puzeste como enfeite nos teus cabelos mas deixa-me que te diga que os teus cabelos é que estão enfeitando.

Suzana - Obrigada, meu querido. És o noivo mais gentil deste mundo! Deixa-me ver agora ver o modelo que trouxeste.

Rubens - Aqui o tens. (Baixa) Gostas?

Suzana - Lindo, lindissimo. Para ser feito em madeira bem escura, não é verdade?

Rubens - sim. Bem, já estiveste a tarde toda ocupada com as coisas da nossa casinha agora paremos um pouco. Deixe o seu bordadinho de parte e vamos caminhar um pouco no jardim que a luz está magnifica e a noite verdadeiramente tropical.

Suzana - Tens razão a noite está belissima. Uma verdadeira noite de sonho!



- Rubens - Uma verdadeira noite para os noivos e para os namorados.
- Suzana - Lá está a ~~rainha~~<sup>branca</sup> princesa lua, na sua acolhedora magestade, sorrindo para nós, com simpatia.
- Rubens - Convidando-nos a sair ao jardim, sentar junto ao repuxo e olhar nas águas do lago quieto o reflexo prateado dos seus raios de luz. (Pausa) És feliz Suzana?
- Suzana - Sim. É hoje que tenho o espírito apaziguado posso olhar para o que aconteceu, reconhecendo o quanto fui absorvente. Sei que ela também sofreu muito mas tinha o exato conhecimento da vida e dava-me a mão com cautela, sem que eu o percebesse, ajudando-me a passar o abismo como se eu fora uma cega. E eu o era de fato porque estava invadida pela cegueira atroz do ciúme e da paixão. Esta é a verdade imperiosa, fato consumado que se impõe à minha resignação, agora que o tempo passou inexoravelmente sobre as coisas.
- Rubens - Minha querida, para que recordar? Para que sofrer? Vivamos o instante que passa. Deixemos o que ficou para trás.
- Suzana - Não Rubens, deixa-me falar. Você achará exqu岸ito, talvez, mas hoje que a felicidade voltou a bater à porta do meu coração, sinto um prazer estranho, inexplicável de recordar o que sofri por você naqueles dias de incerteza e de enganos. Sabe que depois que nos afastamos eu não tive coragem de voltar a esse jardim de rever a "noiva" esttua, aquele "último beijo" que é um homem de dorso recurvado, homem apenas no aspecto físico mas na verdade uma alma torturada, encolhido pela dor, a beijar os pés de uma mulher nua, morta e soça? Uma tarde senti saudade dela. Desci ao jardim, andei pela avenida dos heliotrópicos aspirando-lhes o perfume ~~suavizante~~<sup>seduzente</sup> e de longe avistei, ~~justa~~ dentro do semi-círculo dos alamos expressivos e longos, o nosso "último beijo". Parei. A emoção não permitiu que eu avançasse um passo e ali fiquei, nem sei quanto tempo, parada, quieta, muda, sem pensar, sem sentir, alheia a tudo como se me tivesse fugido a razão. Só mais tarde, muito mais tarde, foi que senti que havia voltado a mim porque me surpreendi rezando.
- Rubens - Querida: não fales mais. Não me avives uma vez mais na consciência, o remorso do que te fiz sofrer. Agora hei de ser teu. Só teu!
- Suzana - Juras?
- Rubens - Juro.
- Suzana - E juras por que?
- Rubens - Pela tua beleza e a beleza do luar!
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL. \ \**
- Jorge - Sabe o que me traz aqui?
- Maribel - Não, Jorge. Fala.
- Jorge - Os comentários que fervilham por toda a parte <sup>(em torno da</sup> ~~suavizante~~ nova amante do senhor Paulo Henrique Viveiros.
- Maribel - Jorge, não repita uma coisa destas. Você sabe que isto não é verdade.
- Jorge - Que adianta que eu saiba não ser verdade se todos a consideram assim? Na Escola nem tive coragem de dizer ao sobrinho desse tal Viveiros que a sua secretária era a minha rima.
- Maribel - O mundo é mau, Jorge, e dá sempre um sentido diferente às nossas palavras e uma interpretação diversa aos nossos gestos. Inx
- Jorge - Mas a questão é que nós vivemos dentro do mundo e por conseguinte não podemos desprezar a sua opinião. Devemos proceder de modo a não levantar suspeitas sobre nós.



Maribel - Afinal o que tem feito eles demais para que você esteja assim tão preocupado?

Jorge - O que tem feito, inda me pergunta você? Tem dado pasto à maledicência, saem juntos do emprego, andam por toda a parte, nas lojas, nos cinemas, nas casas de chá. Ele dá a ela presentes que chefe nenhum costuma dar às suas empregadas, e não ser quando recebe desta certas concessões que os justifiquem. Você acha que isto não basta?

Maribel - Jorge eu já falei ao Paulo sobre isto. Disse-lhe da situação de Lucília, do seu nome de família, da sua posição na sociedade em que sempre viveu e mais: adverti-lhe que considerava-me responsável por ela e que qualquer coisa que lhe acontecesse eu estava disposta a não deixar passar impunemente. Paulo mostrou-se apaixonado por sua irmã e a afirma a sua intenção de casar-se com ela se ela o aceitar.

Jorge - A você, Maribel, que é uma mulher vivida, não lhe fica bem essa ingenuidade. Então você acredita que um homem que pretende casar com uma moça, expõe essa moça à maledicência, fazendo-lhe a corte diante dos seus companheiros de trabalho, diante da sociedade em que vivem, levando-a, como ele o fez, a um casino obrigando-a a embriagar-se? Você não sabe disto, Maribel? (Pausa) Vamos, responda: você não sabe disto? Não sabe que estiveram juntos num dos Casinos da cidade e que beberam tanto que ao dia seguinte nenhum dos dois compareceu ao escritório? (Pausa) Diga: não sabe?

Maribel - sim, Jorge, eu sei.

Jorge - E acha que um homem que proceda desta forma tem intenções honestas com a criatura com que se diverte? Um devasso é o que ele é. Um cretino! Está habituado a fazer tudo o que quer porque o seu dinheiro o põe sempre a salvo das suas dificuldades. Mas ele não sabe que Lucília é uma Alverenga e que a uma Alverenga não se faz o que se pode fazer a uma criatura anônima.

Maribel - Jorge, não se exalte. Eu prometo a você que hei de por um termo a tudo isto. Esteja descansado.

Jorge - Você já me disse isto mesmo da ultima vez que lhe falei sobre o assunto e no entanto as coisas tomaram aspectos muito mais comprometedores. Não posso crer nas suas promessas, Maribel.

Maribel - Você verá como a cumprirei, Jorge.

Jorge - Tudo isto aconteceu por sua culpa. Você nunca deveria ter apresentado minha irmã a esse sujeito e muito menos botá-la em contacto com ele. Mas não faz mal, eu hei de por um fim a tudo isto. E será hoje mesmo porque já estou cansado das minhas apreensões.

TÉCNICA - Passos que se afastam.

Maribel - (nervosa) Jorge! Onde vais? O que vais fazer? (Pausa) Meu Deus, meu Deus! Ele será capaz de fazer alguma loucura! Santa Maria, mãe dos peccadores e dos justos, inspira-me, por piedade, e mostra-me o que deverei fazer!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL. ||

Clarissa - Interessante como parece que o destino nos impels um para o outro, não é verdade? Outro dia nos encontramos em casa de sua irmã, hoje em casa do senhor Paulo Viveiros. Veio visitá-lo?

Jorge - (seco) Não. Vim tratar com ele de um assunto de grande importancia para mim.

Clarissa - Parece que escolhemos um mau dia. Ele está demorando bastante. Imagino que o estou esperando aqui desde as 7 horas da tarde. São quasi oito e meia e ele ainda não appareceu.

Jorge - Talvez tenha ido jantar fóra.



- Clarisse - sim, ele janta sempre fóra. Janta nos Casinos. Mas costuma vir em casa trocar de roupa. É essa certeza que me retém aqui.
- Jorge - A senhora parece conhecer bem os hábitos do senhor Paulo Viveiros.
- Clarisse - Meu Deus! Conheço-os como às palmas das minhas mãos. Sou sua confidente, sabe? Sou eu que resolvo sempre as suas dificuldades amorosas.
- Jorge - Estou compreendendo.
- Clarisse - Ele é um homem muito generoso. Cada vez que lhe presto um serviço desta natureza recebo um presente maravilhoso!... Hoje estou aqui para resolver um dos seus mais graves problemas amorosos. Como as mulheres tolas, não é verdade? Você acredita que haja criaturas que tenham a coragem de recusar a proteção dele?
- Jorge - Acredito, dona Clarisse, porque felizmente o critério e a dignidade ainda não desapareceram de todo da face da terra.
- Clarisse - Você diz isso porque não conhece a vida. É uma criança ainda.
- Jorge - Vou fazer 21 anos, dona Clarisse.
- Clarisse - Pois então?!.. E o que são 21 anos numa existência - digamos - de 60 ou 70 anos? O princípio da vida. Critério! Dignidade!... Isso é muito bonito e impressiona nos livros, nos filmes mas não quando se é obrigada a lutar pela própria subsistência, quando se tem criaturas que de nós dependem e quando o estômago começa a reclamar os alimentos que lhe faltam. Você agora olha-me com desprezo - estou sentindo - mas quando um tarde compreender melhor a vida há de dizer consigo: "aquela criaturinha tinha toda a razão".
- TÉCNICA - Uma badalada de relógio.
- Clarisse - Que horror, meu Deus, oito e meia e Paulo nem sinais de aparecer. Eu tenho um compromisso às nove não poderei esperá-lo mais. O senhor fica?
- Jorge - Sim.
- Clarisse - Ele é capaz de demorar, porque não volta amanhã?
- Jorge - Porque desejo resolver hoje mesmo o assunto que me traz aqui.
- Clarisse - Muito bem, então deixa-o; embora a sua companhia seja agradabilíssima para mim. Simpatizei muito com você, sabe?
- Jorge - Obrigado.
- Clarisse - Dei-lhe o meu cartão com o meu endereço e o número do meu telefone mas ~~XXXXXXXXXXXX~~ você não me deu nenhum sinal de vida. Com toda a certeza deixou-o por aí em cima da mesa de qualquer café. Aqui tem outro cartão. Apareça lá em casa. Vá tomar um chazinho. (coquete) Adeus!
- Jorge - Passe bem, dona Clarisse.
- Clarisse - Simpatico.
- TÉCNICA - Passos que se afastam.
- Jorge - Que criatura horrível. Detesto as mulheres como esta. (Pausa) Ele está demorando mas ficarei a esperá-lo o tempo que for preciso.
- TÉCNICA - Passos que se aproximam.
- Jorge - Como?! O senhor aqui? O empregado disse-me que não ~~XXXXXXXXXXXX~~ estava em casa...
- Paulo - E não estava, realmente. Cheguei há dez minutos ou quinze e entrei pela porta de serviço porque senti vozes no Gabinete e não sabia de quem se tratava. Clarisse já foi?



Jorge - Saiu neste momento.

Paulo - Podemos conversar, então. Disse-me o empregado que o senhor é irmão de minha secretária?

Jorge - Exatamente. É sobre ela precisamente que venho falar-lhe. O senhor talvez possa modificar as suas atitudes com minha irmã. Toda a cidade comenta de forma pouco lisonjeira as suas relações com Lucília e eu venho advertir-lhe que ela não é dessas com quem o senhor está acostumado a lidar, está entendendo?

Paulo - O senhor está se excedendo. Eu não mereço nem admito que me trate deste modo.

Jorge - O senhor é um canalha!

Paulo - Veja lá, senhor. Eu não posso admitir que me insulte deste modo dentro da minha própria casa.

Jorge - Digo-lhe o que merece ouvir.

Paulo - Cale-se antes que eu perca a minha calma.

Jorge - Não me calarei. O senhor é um canalha, repito, porque não satisfeito de comprometer a reputação de minha irmã arrasta-a para um Casino, embebeda-a e...

Paulo - (violento) Cale-se já disse.

Jorge - Não me calarei.

Paulo - (assustado) O que é que vai fazer, rapaz? Ouça-me...

TÉCNICA - Ruído de um tiro. Um grito agudo de Maribel a alguma distancia. Passos precipitados que se aproximam.

Paulo - (depois de uma pausa) Louco! (ruído de um corpo que cai pesadamente)

Maribel - (voz gutural) Jorge! (desesperada, quasi num grito) Jorge! O que fizeste meu Deus! (Pranto convulso).

TÉCNICA - Batidas fortes na porta e gritos de abra! abra!

Maribel - Depressa. Dê-me esse revólver. (Pausa) Agora saia por ali. Há uma porta de serviço. A segunda ao fim do corredor. Fuja depressa.

TÉCNICA - Passos precipitados que se afastam. Novas batidas na porta e gritos de abra! abra em nome da lei! Passos sempre a mesma altura do microfone. Ruído de torce uma chave a abrir o trico de uma porta.

Guarda - Ouvi um tiro no interior deste edifício. E me pareceu ser aqui neste apartamento.

Maribel - (abatida) Sim, foi aqui. (resoluta) Foi eu que matei um homem!

TÉCNICA || CARACTERÍSTICA FORTE E DEPOIS ENFRAQUECENDO. ||

SPEAKER - Este foi, caríssimos ouvintes mais um episódio do solar dos Alvarenga, o delicioso romance de Roberto Lís. Este episódio teve a seguinte distribuição (repete a distribuição) Ouçam no próximo domingo as mesmas horas de hoje o seguinte capítulo do solar dos Alvarenga.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA FORTE PARA O FIM DO PROGRAMA. ||



(CARACTERÍSTICA MUSICAL)

21º

1219

SPEAKER - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM: "O SOLAR DOS ALVARENGA"

(CARACTERÍSTICA MUSICAL)

SPEAKER - Um delicioso romance que Roberto Lis escreve, dirige e interpreta com o moderno conjunto de rádio teatro da sua PRF 9. "O solar dos Alvarenga" que bem se poderia chamar "A luta dos sentimentos" terá, no capítulo de hoje, a seguinte distribuição:

Comendador Carlos Alvarenga - O preconceito - .....	João Bergmann
Suzana - A desilusão - .....	Carmen de Alencar
Jorge - A ambição - .....	Edmundo Lis
Lucília - A ilusão - .....	Liney de Andrade
Martha - A inocência - .....	Maria do Céu
seu Felix - O coração - .....	Claudio Real
Briana Aurora - A razão - .....	Branca Margarita
Donguinha - A bondade - .....	Lilia Maria
Dr. Rubens - A inconstância - .....	Roberto Lis
Zacarias - A lealdade - .....	Carlos More
<i>Clarisse - A tentação</i>	<i>Juraci e Oliveira</i>
Tia Esperança - A resignação - .....	Branca Margarita
Maribel - A renúncia - .....	Lilia Maria
O Delegado - .....	Cândido Norberto
Encarregado do Estúdio.....	Emilio Belo
sonofonia de .....	Willy Rodrigues

Antes de darmos início ao episódio desta noite, façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenrolados no capítulo anterior que se poderá resumir no seguinte:

Jorge vai à casa de ~~Luiz~~ Maribel acusa-la de ter sido a culpada dos comentários escandalosos que giram em torno do nome de sua irmã Lucília com o industrial Paulo Henrique de Viveiros. Acusa-o de ter levado sua irmã para um dos Casinos da cidade, embebedando-a. Maribel diz-lhe que Paulo pretende casar com Lucília o que Jorge não acredita. Retirando-se indignado, o rapaz fica que ha de vingar-se do industrial o que deixa ~~Luiz~~ Maribel seriamente preocupada. Indo Jorge à casa de Paulo, lá encontra-se, enquanto o espera, com Clarisse, que, mais uma vez, pretende insinuar-se aos olhos do rapaz sem o conseguir. Como Paulo esteja demorando, Clarisse retira-se deixando Jorge sozinho a esperá-lo. Paulo chega um pouco depois e Jorge começa a censurar-lhe o procedimento. ~~Luiz~~ sua colera, entretanto, dirige ao seu contendor palavras ofensivas e asperas que o industrial repele também exaltado. No auge daquela discussão Jorge tira do bolso um revólver e antes que Paulo tenha tempo de se defender atira contra ele no justo momento em que Maribel vem entrando apressada. Paulo cai morto quasi que instantaneamente e enquanto na porta do apartamento um guarda bate violentamente Maribel arranca das mãos de Jorge a arma assassina, indicando-lhe a escada de serviço para que ele fuja sem perda de tempo. Ao retirar-se o rapaz apressadamente, Maribel vai abrir a porta do apartamento, ainda com o revólver na mão, dizendo ao guarda: "Prenha-me. Matei um homem". Vejamos agora o que depois aconteceu.



Delegado - Quando a senhora entrou no apartamento o senhor Paulo Viveiros encontrava-se só?

Maribel - sim.

Delegado - As declarações do seu empregado, entretanto, afirmam que momentos antes haviam entrado lá um rapaz e uma senhora.

Maribel - É verdade. Paulo falou-me deles.

Delegado - E o que foram fazer lá, não sabe?

Maribel - sim. A mulher, sobre qualquer pretexto banal, fôra procurar conquistá-lo.

Delegado - Gostava dele então?

Maribel - Não sei porque não a conheço. Talvez gostasse porque ele apesar dos seus quarenta e seis anos era um homem insinuante e sobretudo muito generoso com as mulheres a quem se dedicava ou procurava conquistar.

Delegado - E o rapaz?

Maribel - Também não o conheço. Fôra procura-lo porque pretendia estabelecer-se e necessitava de um sócio que lhe fornecesse o capital indispensavel para o negocio.

Delegado - Diz o empregado que o senhor Paulo ao chegar dissera não precisar de nada autorizando-o a retirar-se, o que ele fez em seguida. É verdade?

Maribel - Creio que sim porque quando cheguei lá Paulo estava completamente só.

Delegado - E ele a esperava aquela noite?

Maribel - Não. Combináramos de nos encontrar mais tarde no Casino onde ele pretendia jantar.

Delegado - É verdade que vivia com ele?

Maribel - sim.

Delegado - E isto a quanto tempo?

Maribel - Não poderei dizer-lhe com certeza mas creio que ha uns tres ou quatro mezes.

Delegado - Era ele que mantinha as suas despesas?

Maribel - sim.

Delegado - E viviam em completa harmonia, segundo declarou o empregado dele, não é isto?

Maribel - Nem tanta. O empregado naturalmente acreditava isto porque as poucas vezes que fui ao seu apartamento estávamos ambos de boa paz. Onde geralmente tínhamos as nossas discussões era no Casino ou na minha casa.

Delegado - E qual o motivo dessas discussões a que alude?

Maribel - O ciúme. Eramos ambos muito ciumentos. Eu tinha ciúme de todas, ele tinha ciúmes de tudo.

Delegado - Foi então o ciúme a razão do seu gesto?

Maribel - sim. Foi o ciúme, no fundo, a causa de toda esta tragedia.

Delegado - Vamos, conte-me então, ~~como~~ como se deu o fato que originou o crime.

Maribel - Permita-me antes, por favor, tomar alguns goles d'agua. Tenho a garganta em fogo.

(ruído de botar agua num copo).

APPROVADO  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA  
CIVIL DO GRANDE RIO DE JANEIRO

*Paulo Viveiros*



Delegado - Aqui está. (Pausa longa) Fale agora.

Maribel - Sim, eu vou falar. Vou contar tudo, tudo, sem omitir coisa nenhuma. Mas não me olhe dessa maneira, por favor, que o senhor me desconcerta. O que lhe vou dizer é a verdade. A pura verdade. Mas se o senhor ficar a olhar para mim deste modo eu terei a impressão de que não me acredita e não poderei continuar.

Delegado - A senhora está nervosa. Fale com calma. Procure lembrar-se de tudo como se passou sem omitir coisa alguma. É possível que se possa fazer alguma coisa pela senhora se disser a verdade. Se mentir, mais tarde ou mais cedo cairá em contradição e isto poderá comprometé-la seriamente. (Pausa) Vamos, comece. Não se preocupe com os meus olhos.

Maribel - Foi assim: eu fora à casa de Paulo pedir-lhe algum dinheiro para saldar vários compromissos assumidos. Seriam mais ou menos oito horas da noite quando lá cheguei. Paulo estava só. Disse-me que havia mais ou menos meia hora que despachara as duas pessoas a quem já me referi que tinham ido procura-lo. Ele não me recebeu com a mesma alegria das vezes anteriores quando fora à sua casa procura-lo. Deu-me os mil cruzeiros que lhe pedi e apressava-se em despedir-me parecendo esperar alguém que ele não desejava que me encontrasse ali. Disse-lhe da minha desconfiança e ele irritou-se. Pediu-me que saísse e eu insisti em ficar. Tirei o meu abrigo e quando me dirigia para a vitrola afim de escolher um disco que desejava ouvir ele levantou-se, veio ao meu encontro e disse-me com violência. Você não vai tocar vitrola nem permanecer aqui. Vai retirar-se imediatamente. Como eu relutasse em ~~fiar~~ sair até que ele me dissesse a verdade ele então se resolveu a dizê-la. Esperava uma senhora ~~com~~ com quem tinha sérios assuntos a tratar, longe de qualquer testemunha. Aborreci-me e censurei-o da sua falta de sinceridade para comigo. Foi quando ele começou a acusar-me de traições que eu nunca praticara e faltas que nunca cometera. Repeli suas palavras com energia e Paulo insultou-me. Ofendida nos meus brios de mulher deixei-me dominar pela cólera e abrindo a minha bolsa tirei o revólver que no mesmo momento utilizei. O resto o senhor já sabe.

Delegado - E porque foi ao apartamento dele armada de revólver? Já tencionava utilizar a arma?

Maribel - Não. Levava o revólver comigo por habito. Sempre andei de revólver na bolsa desde uma noite que ao sair do Casino tomei um taxi para dirigir-me à minha casa o chauffeur tentou levar-me para rumo diferente. Nessa ocasião fui obrigada a atirar-me do carro em movimento, machucando ambas as pernas. Nunca mais deixei de levar o revólver na bolsa.

Delegado - E o que lhe disse o senhor Paulo Viveiros de tão ofensivo aos seus brios de mulher que lhe pudesse levar a prática de um crime?

Maribel - Coisas tão desagradáveis, tão improprias mesmo, que sinto repulsa de repeti-las.

Delegado - O guarda que efetuou a sua prisão declara que ainda a surpreendeu com a arma na mão, é verdade?

Maribel - Sim, senhor delegado, é verdade. Eu estava alucinada e foi o estampido do proprio tiro que me fez voltar a razão. Compreendi o que havia feito mas era muito tarde, desgraçadamente.

Delegado - Além dessas palavras que tanto a exacerbaram não houve outras razões que pudessem ter influido nesse assassinato?

Maribel - Não, senhor delegado, juro-lhe.

Delegado - Muito bem. Vou anotar as suas declarações e a senhora continuará presa incomunicavel até segunda ordem. Somente terminadas as principais diligencias podera lhe ser permitido avistar-se com qualquer amigo.

Maribel - Muito bem, senhor Delegado, faça de mim o que quiser e eu não terei um gesto de defesa, uma palavra de revolta, somente peço-lhe com todo o empenho que não se procure envolver a mais ninguém neste crime porque ele é meu. Só meu. Unicamente meu!



CORTINA MUSICAL

- Carlos - Onde está a aniversariante?
- Aurora - Está lá no jardim com Donguinha e tia Esperança. Mandei-a para lá afim de poder preparar a mesa.
- Suzana - O bolo está um encanto. Uma velinha de cada cor. Uma verde, uma rosa e uma branca. Porque não foram as tres da mesma cor?
- Aurora - Porque foi o palhaço velho que se encarregou de compra-las e trouxe-as assim.
- Felix - Trouxe-as assim por um motivo justificado, dona Aurora, e a senhora não o compreendeu porque é uma ignorante.
- Aurora - O motivo justificado é a sua falta de gosto porque as tres velinhas em brancas teria outra graça.
- Felix - Quando digo que a senhora é ignorante tenho razão e não exagero. O motivo de uma vela de cada cor é o seguinte:
- Rubens - Não diga seu Felix, vamos ver se eu acertei. A verde representa a esperança, a rosa o amor e a branca a pureza. Não é isto?
- Felix - Exatamente. O senhor compreendeu como todos compreenderam. só quem não compreendeu foi a dona Aurora.
- Aurora - Só eu é mentira porque Suzana também não compreedeu e a prova está que perguntou.
- Carlos - O tempo que vocês estão aí discutindo tinham ido buscar a menina para vir tomar chá. Já estamos na hora. Passam dez minutos das quatro.
- Suzana - Vou busca-la então. Você quer vir também, Rubens?
- Rubens - sim, irei com você. (PASSOS QUE SE AFASTAM)
- Carlos - O que comprou você para a menina, Felix?
- Felix - Um album com figuras para colorir e uma caixa de lapis de cor. Creio que ela irá ficar contentissima! E tu, que lhe vais dar?
- Carlos - Pela manhã dei-lhe uma boneca que ela manifestou desejo de possuir, agora vou dar-lhe uma medalha que pertenceu à sua avó. A mesma medalha que comprei para a minha Martha quando ela fez também os seus tres anos de existencia. Aqui está.
- Felix - (lendo) Deus te guie. Toda de ouro, com uma esmeralda formando o centro de uma estrela. Muito bonita. Nas costas tem uma data gravada, mas já está tão apagada que não consigo divisar sem óculos.
- Carlos - Tres de Outubro de 1902. É a data do aniversário de Martha. (Passos que se aproximam)
- Zacarias - Aqui estão os merengue que sinhásinha Suzana mandô buscá na Confeitaria.
- Aurora - Bóte aí nessa ponta da mesa.
- Zacarias - Eles vão ficá nessa bandeja mesmo ou qué que troque por uma de prata?
- Aurora - Não é necessário, póde deixar nessa mesmo.
- Zacarias - sim senhora. Com sua licença, entonce.
- Carlos - Espere lá, Zacarias.
- Zacarias - As suas órde, meu patrão.
- Carlos - Fique aí. Hoje já estamos comemorando o aniversário da Martinha, vocês tem sido todos muito amigos dela, hoje, excepcionalmente, tomarão chá nesta mesa. Você, Donguinha e Tia Esperança.



- Zacarias - Me perdõe, meu patrão, mas me parece que eu num devo de aceitá esse cunvite. Nós tomemo lá na copinha memo e nem pur isso dexemo de afegtejá cum sinceridade o nevelssario da minininha.
- Carlos - Nada disto. Ela ficará triste se vocês não estiverem à mesa.
- Felix - Também me parece.
- Aurora - se estivessemos sós eu não diria que titio ~~fosse~~ <sup>fosse</sup> uma concessão destas. Afinal é um dia diferente e de significação ~~também~~ <sup>também</sup> para eles que tanto apreciam a menina, mas lembre-se, titio, que Doutor Rubens vai tomar chá connosco. Ele talvez não esteja acostumado...
- Felix - Ele não deve estar acostumado como nós também não estamos mas se Carlos deliberou que eles tomem chá na mesa connosco é porque entendeu que eles eram dignos de sentar-se ao nosso lado e suas ordens não devem ser discutidas.
- Aurora - Cale a boca e não se meta onde não for chamado, entendeu?
- Felix - Não me calo, a boca é minha e eu falo o quanto quizer, pronto.
- Aurora - será melhor que eles tomem o seu chá na copinha memo, não lhe parece titio? Martinha tomará connosco aqui e depois irá sentar-se com eles lá.
- Zacarias - Munto bem, fiquemo munto gastifeito anssim. Dona Ororixa tem rezão. Os patrão na sala e os criado na cusinha. Ahssim é que tá direito.
- Carlos - Hoje é um dia excepcional, já disse. Ficarão todos os tres à meza connosco e quem não se sentir bem tem o direito de se retirar.
- Felix - (entusiasmado) Muito bem! É isto mesmo, seu Carlos. O Carlos é dos meus, somos todos de carne e osso. A cor, a posição, o grau de intelligencia ou de cultura não devem ser levados em conta quando as creaturas são boas e merecedoras da nossa estima. (Passos se aproximam)
- Suzana - Pronto. Aqui está a aniversariante. Venha ver as velinhas no seu bolo.
- Martha - Que munito! Dá, titi Ana, dá.
- Suzana - Não, meu amor, as velinhas ficam no bolo. Depois a titiana vai acender. Venha sentar aqui na cabeceira.
- Carlos - Um momento, Suzana. Faça vir para a mesa a Tia Esperança e a Donguinha. Elas vão sentar-se também connosco.
- Aurora - (Baixo) que vergonha, meu Deus! O'que é que o Dr. Rubens vai dizer?!
- Rubens - Deixe que eu vou busca-las, Suzana. (Passos que se afastam)
- Suzana - Elas são capazes de não querer vir. Irão sentir-se mal, com certeza.
- Felix - Mas a Martinha quer que elas venham não quer? Não quer que a titiança e a guinha venham sentar na meza com você?
- Martha - Nêê qué sim. Titiança senta aqui. Guinha senta aqui.
- Suzana - Está aí, viu? Ela não só quer que elas venham como ainda faz questão que se sente uma de cada lado. Zacarias, você pôde sentar-se aqui.
- Zacarias - Depois, sinhásinha. Dexe os branco de assentá primero. Depois nós se sentemo.
- Martha - Já, senta, já.
- Felix - gente, Zacarias, ela está mandando. Hoje quem manda é ela. (Passos que se aproximam)
- Rubens - Pronto, aqui estão as duas princezas. Não queriam vir, estavam com vergonha. Foi um caro custo trazê-las.



Suzana - Eu não disse? Eu tinha certeza disto. Porque não queriam vir?

Esperança - Ariessa, sinhásinha, o lugar dos nego é na cozinha. Agora adonde é que se viu vi mancha a mesa dos branco?

Carlos - se eu mandei que viessem é porque entendi que deveriam vir.

Felix - se não fossem dignas desta deferencia o Carlos não a teria.

Carlos - Está claro.

Donguinha - Vô, quem sabe eu vô dimudá de ropa num di repente?

Suzana - Não, nada disgo. Não ha ninguem de cerimonia aqui. Estamos todos em familia e voces ja fazem parte dela. Olhe, tia Esperança, a senhora vai se sentar aqui perto da Martinha que ela mesma escolheu.

Esperança - Que gustuzura de crianca! Num é de varde que a preta qué tanto bem ela.

Suzana - Você senta aqui, Donguinha. Tambem foi Martinha que escolheu. Disse que queria uma de voces de cada lado.

Martha - Titi ança aqui, guinha aqui.

Donguinha - Riquinha da Martinha! A Donguinha vai se assentá peltinho dela.

Esperança - Tu come direito hein/ pestinha? Vê lá si tu vai envregonhá a tua avó.

Donguinha - Dexa, vô, eu sei.

Esperança - Num bota a mão nas coisas. É só com o garfo como os branco come.

Donguinha - Ara vô, então a sinhora pensa que eu num sei?

Suzana - Vôvôsinho, sente-se aqui na otra cabeceira. Fica o senhor de um lado e do outro lado a Martinha.

Carlos - A alvorada e o crepusculo. Os dois extremos da vida.

Suzana - Rubens, nós aqui.

Rubens - Muito bem. O Zacarias senta aqui deste outro lado.

Suzana - Foi aí mesmo que eu disse a ele que sentasse mas ele fez cerimonia e não sentou.

Zacaria - Tava esperando que os patrão se assentasse premero, sinhásinha.

Suzana - O seu Felix fica aqui e a prima Aurora senta ali.

Aurora - Não, Suzana eu não vou me sentar na mesa. Estou com dor de cabeça não quero tomar nada.

Felix - Mais nos toca.

Aurora - Não estou falando com o senhor seu Felix.

Felix - Está bem. Vá se deitar então. se a senhora está com dor de cabeça não queira tambem dar dor de cabeça aos outros. Favoreça com a ausencia.

Aurora - Tão gracioso que ele é! Um encanto, um mimo. Antipático.

Carlos - Bem, vamos deixar de discussões e vamos servir o chá que está na hora.

Felix - Antes vamos entregar os presentes. Está aqui, Martinha para você que o titi Fé comprou.

Rubens - Ah é verdade. O titio Rubens tambem comprou um presentinho pra ela. Aqui está.

Suzana - O que é que se diz, filhinha?



Martha - Munto bigado.

Carlos - E aqui está o presente do Vovôsinho. E agora sirva o chá, Suzana.

Rubens - Um momento, Suzana. (Contando) Um, dois, tres. (Cantando com Zacarias, Esperança, Donguinha e Felix) Viva a nossa Martinha que é nossa queridinha e que de hoje em diante estará mais velhinha! que ela seja feliz, sempre bem boasinha, nosso coração diz: Viva a nossa Martinha! Viva!...(Palmas)

Martha - Titiança tá solando, titi fé.

Esperança - Não minha fia. A preta véia num tá solando, não. Preta véia tá cunten-ta.

Donguinha - A vó diz que tá cunten-ta mais as lagri tá quagi caindo dos óio dela. Ó, caiu uma ó.

Esperança - Foi de alifria que ela caiu. Fica quéta, pestinha.

Felix - A Lágrima. (declama a Lágrima de Guerra Junqueiro. Ao terminar é aplau-dido por todos).

Rubens - Mais uma vez! Um, dois, tres. (Cantando com Zacarias, Donguinha, Espe-rança e Felix) Viva a nossa Martinha que é nossa queridinha e que de hoje em diante estará mais velhinha! que ela seja feliz, sempre bem boasinha, nosso coração diz: Viva a nossa Martinha! Viva!...(Palmas)

ESTADO DO GRANDE DO SUL  
DE P  
CIVIL DE P  
PROV

(CORTINA MUSICAL)

Delegado - Lucilia Alvarenga Stuart, é a senhora?

Lucilia - Sim, senhor Delegado.

Delegado - Desejava falar comigo?

Lucilia - Sim senhor. Vim procura-lo para fazer umas declarações a respeito do assassinato do senhor Paulo Henrique Viveiros.

Delegado - Tenha a bondade de sentar-se. (Pausa) O que tem a senhora a declarar sobre a morte do senhor Viveiros?

Lucilia - O seguinte: que fui apresentado a ele pela sua amante, a artista Mari-bel Pinheiros, que por intermedio dela consegui uma colocação no es-critorio do senhor Paulo, como sua secretaria particular. Que ha qua-si dois meses exercia essas funções, sendo sempre o senhor Viveiros um chefe muito cavalheiro e sobretudo muito respeitador. Tendo-se arai-xonado por mim, ha quinze dias que ele insistia para que eu me tornasse sua noiva. Neste espaço de tempo por duas vezes Maribel foi a sua casa com o intuito de fazê-lo registar dessa ideia, tendo mesmo chegado a a fazer-lhe ameaças se ele persistisse nessa ideia. No dia em que me resolvi a aceitar como noivo o senhor Paulo Viveiros, fomos ambos ao Casino para comemorar, com um jantar, aquele acontecimento. No Casino fomos, inesperadamente, surpreendidos por Maribel que tentou arrancar-me da companhia do senhor Viveiros dizendo-se responsavel por mim e querendo levar-me para casa. Como ambos nos insurgissemos contra a sua atitude, Maribel retirou-se indignada pronunciando, a meu vos palavras que não cheguei bem a ouvir mas que me pareceram ameaças. Trez dias depois deste fato ela vai ao apartamento dele e mata-o. Está claro, senhor Delegado, que o matou por ciúmes. Não lhe parece?

Delegado - Está claro que sim. E é exatamente o que consta nas suas declarações.



Lucília - Não se conformou de perder o amante e resolveu matá-lo.

Delegado- Diga-me: e era a senhora que ele esperava na noite do crime?

Lucília - sim. Ficára de ir encontra-lo às nove horas da noite para jantarmos juntos.

Delegado- E a atitude dela com a senhora, depois que soube que tencionavam casar-se, mudou ou permaneceu a mesma de antes?

Lucília - Procurou manter-se como antes solícita e atenciosa mas não foram poucas as vezes em que o ciúme traiu-a.

Delegado- E a senhora de que modo veio a conhecer essa moça?

Lucília - No sul. Ela estava de passagem pela cidade em que morávamos e cantou numa festa que realizamos no solar de meu Avô, o Comendador Carlos Alvarenga.

Delegado- Perfeitamente. Vou anotar as suas declarações e anexá-las ao processo.

Lucília - O que eu desejava agora, senhor delegado, era fazer-lhe um pedido.

Delegado- Fale.

Lucília - Eu desejava que as minhas declarações não fôsse publicadas ou, se isso fosse absolutamente necessário, que se omitisse o meu nome.

Delegado-Perfeitamente.

Lucília - Não é por mim que lhe peço. É por meu Avô. Ele morreria de vergonha se visse, envolvido num processo desta natureza, o nome dos Alvarenga de que ele tanto se orgulha!

#### CORTINA MUSICAL

Clarisse- Boa tarde, Jorge, como vai?

Jorge - A senhora aqui na Escola? Porque não deu o seu nome ao oficial de dia? Porque mentiu que era minha prima?

Clarisse- Porque tive receio que não me recebesse e preciso muito conversar com você. sente-se.

Jorge - Estou bem de pé. Diga o que deseje.

Clarisse- Jorge, o que me traz aqui é o seguinte: você conquistou inteiramente o meu coração desde o momento em que o encontrei em casa de sua irmã.

Jorge - A senhora veio aqui para me fazer uma declaração de amor? Francamente... o lugar não é nada proprio para isto.

Clarisse - Convidei-o duas vezes para que fôsse à minha casa você não foi. Pedi-lhe que me telefonasse você não telefonou. Não pude mais conter em mim a necessidade de dizer-lhe o que sentia e resolvi vir aqui. Aborreço-o a minha atitude?

Jorge - surpreende-me, antes de tudo.

Clarisse- Eu sempre fui assim, muito decidida para tudo. Sou mulher que para atingir um fim desejado não olho os meios que sejam necessários empregar. (Pausa) Então, o que me diz?

Jorge - Acongelho-a a voltar para a sua casa e desistir titalmente dessa ideia.

Clarisse- Oh Jorge, não seja mau. Não se repila deste modo. Amo-o, creia. Tenho alguns recursos e estou disposta a fazer todos os sacrificios por você.

Jorge - Agradeço a sua boa vontade mas dispense-os.



- Clarisse - Jorge, não se recusa desta forma uma mulher que lhe vem oferecer amor, carinho e dinheiro.
- Jorge - Dona Clarisse, apesar dos meus vinte e tres anos, ouça um conselho que lhe vou dar e que talvez lhe seja de grande utilidade no futuro: a um homem que preza o nome que tem, a um homem de carater, em suma, uma mulher não deve oferecer mais do que amor e isto mesmo de uma forma mais discreta.
- Clarisse - Ouça então outro conselho que lhe darei em troca do que me deu. Um homem que preza o nome que tem deve fazer todos os sacrificios para mantê-lo limpo de qualquer noção.
- Jorge - Não estou compreendendo o alcance do seu conselho, dona Clarisse.
- Clarisse - Já vai compreender. É que muitas vezes o nome que trazemos, por nobre, alto e orgulhoso que seja, vê-se, de um momento para outro, envolvido em questões cuja publicidade poderia deglustar-lo. Para evitar essa publicidade é preferível que se faça qualquer sacrificio e principalmente quando o sacrificio não é mais do que aceitar o amor de uma mulher e de uma mulher que todos dizem ser bonita.
- Jorge - A beleza da mulher para mim está na alma, dona Clarisse, mas sem pretender desviar o assunto eu gostaria que a senhora me dissesse mais claramente o que pretendeu insinuar com referencia a escandalos e publicidade em torno de nomes illustres.
- Clarisse - Oh Jorge como você está custando a compreender as coisas. Vou falar claramente e sem rodeios.
- Jorge - Foi o que eu já lhe pedi que fizesse.
- Clarisse - Esquece-se que eu já o encontrei em casa de Paulo meia hora antes dele ser assassinado e que me disse que não sairia de lá sem resolver com ele um assunto muito importante? se eu fizesse uma declaração desta natureza as autoridades o nome dos Alvarenga não poderia ficar à margem dos acontecimentos que causaram a morte ao senhor Paulo Viveiros. Não lhe parece?
- Jorge - Agora estou compreendendo tudo. É uma ameaça que me faz não é verdade?
- Clarisse - Uma ameaça propriamente não. É uma advertencia.
- Jorge - Pois bem, ameaça ou advertencia a senhora me coloca no seguinte dilema: ou aceito o seu amor ou a senhora contará às autoridades que estive em casa da vitima meia hora antes do crime, não é verdade?
- Clarisse - Ora até que enfim você compreendeu claramente as coisas!
- Jorge - Pois bem. Diga o que quiser à policia mas retire-se da minha presença imediatamente. (Toque de clarim chamando para o rancho) (Este toque deve ser a uma certa distancia).
- Clarisse - Você ainda se arrependerá, menino, quando compreender que a vida não é o que você pensa.
- Jorge - Saia! Saia da minha presença o quanto antes!

CORTINA MUSICAL.

- Zacarias - Aqui tá a correspondência, sinhá, sinhá Suzana. Num tinha nenhuma carta, só dois jornal. É pra entrega pro patrão?
- Suzana - Não. deixe aqui mesmo.
- Zacarias - Tá muito bem. Com licencia. (Passos que se afastam)
- Suzana - Quer ler um dos jornais, seu Felix.
- Felix - Quero. (Pausa) Obrigado.

*Sauoir Vais, Felix*

ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE ESTADO  
DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO  
V. 100-02-10-55  
EIP  
MAGO-ORUNIO



- Suzana - Enquanto o senhor lê as notícias de guerra eu procura as notícias de cinema e testos. (Ruído de folhear jornal)
- Felix - É mais agradável, não resta dúvida, mas nesta guerra está em jogo o destino de toda a humanidade, razão porque não me posso colocar à margem dela.
- Suzana - Ah mas nem eu também me coloco, a questão é que depois sou obrigada a ler essas notícias para o Vôvô e assim para não ter que ler duas vezes leio primeiro as que ele não se importa de saber.
- Felix - (Pausa) Continua impetuoso o avanço dos russos em toda a frente de batalha. A ofensiva desenvolve-se de forma inteiramente satisfatória, tendo o inimigo abandonado em sua precipitada fuga mais de setecentos tanques leves e aproximadamente duzentos aviões. Vários caminhões de víveres foram aprisionados...
- Suzana - Seu Felix!
- Felix - O que foi Suzana?
- Suzana - Que horror, seu Felix, ouça: (lendo) A cidade despertou assalada amanhã hoje com o brutal assassinato do industrial Paulo Henrique Viveiros, figura altamente relacionada na nossa sociedade e de grande destaque nos meios industriais e comerciais da capital. O assassinato deu-se ontem às oito e meia da noite, aproximadamente, no apartamento em que residia o senhor Paulo Viveiros, no Edifício Adamastor, na Avenida Junot nº 1417. A criminosa - que é a conhecida cantora Maribel Pinheiros - foi presa em flagrante, tendo ainda nas mãos a arma assassina.
- Felix - Maribel!...
- Suzana - Que horror, seu Felix! Que coisa madonha!... Quem seria capaz de imaginar - conhecendo-a - que ela tivesse a coragem de fazer uma coisa destas!
- Felix - Pobre Maribel! Sabe Deus que circunstâncias a teriam arrastado a praticar esse crime.
- Aurora - Eu não dizia sempre a vocês que de mulheres dessa espécie tudo se deve esperar?
- Suzana - A senhora estava aí, prima Aurora?
- Aurora - Sim. Cheguel mesmo a tempo <sup>ouvir</sup> a notícia do assassinato desse homem. Aí esta a razão porque me opuz a que ela fosse recebida nesta casa. Todos discutiram e brigaram comigo por causa disto. Agora devem ver que eu tinha razão.
- Felix - A senhora tem sempre razão, dona Aurora. A senhora é a própria razão andando.
- Aurora - Os fatos estão provando. De mulheres dessa natureza nada nos deve surpreender. Eu sempre disse.
- Felix - As criaturas melhores deste mundo, dona Aurora, veem-se muitas vezes a braços com situações que só um gesto violento poderá resolver.
- Aurora - Nada há que possa justificar um crime. Ninguém tem o direito de suprimir a vida dos outros.
- Felix - Isto no seu ponto de vista. Eu já não penso assim.
- Aurora - O senhor pensa sempre diferente do que eu penso, seu Felix.
- Felix - Graças a Deus! Somos diferentes em tudo e estou muito satisfeito como sou. Não me trocaria pela senhora por coisa alguma deste mundo.
- Aurora - Nem eu pelo senhor. A ser como o senhor é eu preferiria que Deus me mandasse a morte.
- Felix - Eu também, porque acredito que a morte não seria tão feia e tão má como a senhora é.

ESTADO DO GRANDE DO SUL  
DEIP

DIVISÃO DE RADIO-DIFUSÃO

APROVADO



- Aurora - O senhor se tem na conta de muito bom, não é?
- Felix - Graças a Deus! Pelo menos não falo de ninguém nem faço mal a ninguém. Isto já é uma grande bondade.
- Aurora - Pois olhe: eu não trocaria pelo seu o lugar que me está destinado no outro mundo.
- Felix - Nem eu. Deús me livre! Veja lá se eu queria sair daqui para ir diretamente ao inferno. Eu não.
- Aurora - Para o inferno irá o senhor que em toda a sua vida não pisou na igreja mais do que duas ou tres vezes.
- Felix - Isto não importa. Eu, mesmo sem ir à Igreja, tenho a convicção de que obedego muito mais aos preceitos da religião de Christo do que a senhora, dona Aurora. Amo os meus semelhantes, faço-lhes o bem que posso e a base da religião católica é o amor a Deus e a caridade e respeito aos nossos semelhantes. E sabe o que mais? Eu estou aqui a perder o meu tempo em discussões inúteis com a senhora em vez de ler o jornal que traz coisas muito mais interessantes. Vá plantar favas que elas estão muito escassas agora.
- Aurora - Atrevido! Malcriado! Velho rabujento!
- Felix - Graças a Deus! E feliz daquele que reconhece os seus proprios defeitos porque então terá a possibilidade de vir a endireitar-se um dia. Pior os que não os conhecem e pior ainda os que, conhecendo-os, fingem que não os conhecem. ~~Porque~~ Dona Aurora, o pior de todos os cegos é aquele que não quer ver.

CORTINA MUSICAL)

- Clarisse - O senhor é o Comendador Carlos Alvarenga?
- Felix - Não senhora. Era com ele que a senhora desejava falar?
- Clarisse - Com ele ou com qualquer outra pessoa da familia que pudesse resolver o assunto que me traz aqui.
- Felix - Eu sou pessoa da casa... se puder atendê-la terei com isto o máximo prazer.
- Clarisse - Muito obrigada. O senhor é muito gentil.
- Felix - Não diga!... A senhora é muito simpática, sabe? Muito elegante, muito bonita...
- Clarisse - Muito obrigada. Cada vez mais vejo que não me enganei quando afirmei que o senhor era gentil.
- Felix - Eu sou justo, minha senhora, justo.
- Clarisse - Mas afinal de contas quem é o senhor?
- Felix - Um amigo da casa e um quasi irmão do Comendador Carlos Alvarenga. Felix Augusto Malhado Vieira do Souto, um seu escravo. E a senhora quem é?
- Clarisse - Clarisse.
- Felix - Clarisse! Lindo nome! Clarisse de que?
- Clarisse - Só Clarisse.
- Felix - Só?
- Clarisse - Sim, completamente só.
- Felix - Coitadinha! Clarisse!... Que nome suave! Merece um poema. Só se vou fazer um poema para a senhora.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
D. P. P.  
SERV. G. O. P. M. T. S. P.  
APROVADO



- Clarisse - Muito obrigada. Antes, porém, eu queria alguma coisa mais do que poemas.
- Felix - Mas fale, por Deus, o que for possível eu lhe darei. O que quer a gra?
- Clarisse - Eu quero l'argent.
- Felix - Como foi que a senhora disse? Eu parece que não ouvi bem.
- Clarisse - Eu disse que quero o l'argent. sabe o que é argent? É dinheiro. É nota.
- Felix - Ah, sim, estou compreendendo. A senhora é cobradora, não é isto?
- Clarisse - Não diga bobagens.
- Felix - Pois então explique-se que eu não estou entendendo nada.
- Clarisse - Já vai entender. O senhor ouviu falar no assassinato do senhor Paulo Henrique Viveiros, no Rio de Janeiro?
- Felix - sim. Lemos ha poucos dias as noticias nos jornais de lá.
- Clarisse - Pois bem, meu amigo, o nome do seu quasi irmão está envolvido nesse crime.
- Felix - Não pôde ser. A senhora está enganada.
- Clarisse - Já verá que não. O senhor Jorge Alvarenga e a senhora Lucilia Alvarenga Stuart são netos do Comendador, não é assim?
- Felix - Exatamente.
- Clarisse - Pois muito bem. A senhora Lucilia era a amante do senhor Paulo e o senhor Jorge foi quem o matou.
- Felix - É mentira!
- Clarisse - O senhor acha? Pois muito bem, a não ser que entremos num acordo razoavel eu contarei o que sei à policia e dentro de 15 dias o senhor verá, uma vez concluidas as diligencias, como lhe disse a verdade.
- Felix - Não pôde ser. Que base tem a senhora para fazer tais afirmativas?
- Clarisse - Eu era amiga intima do Paulo e conheço a vida dele como as palmas de minhas mãos. Ele mesmo me disse das suas relações com Lucilia e fui até eu quem muitas vezes intercedi por ele junto a ela, a principio, quando ele ainda hesitava em aceitar-lhe as propostas.
- Felix - E admitindo que isso fôsse verdade como pôde a senhora garantir que Jorge o tenha matado?
- Clarisse - Eu lhe direi porque. Eu tenho uma casa de minha propriedade que estava, como está, hipotecada ao Banco por cincoenta mil cruzeiros. Paulo ia dar-me o dinheiro para levantar essa hipoteca e marcou um dia para que eu fôsse ~~xxxx~~ ao seu apartamento busca-lo. Fui e encontrei lá o senhor Jorge. Ele estava indignado com os comentários em torno de sua irma e disse-me que só sairia dali depois de ter acertado as suas contas com o sedutor de ~~xxxx~~ Lucilia. Como Paulo estivesse demorando e eu tivesse um outro compromisso não pude esperar mais e fui embora. Meia hora depois ~~xxxxxxxixxi~~ o senhor Viveiros foi encontrado morto no seu apartamento. Não lhe parece que eu tenha o direito de apontar-lo como o causador dessa morte?
- Felix - Mas o jornal diz que Maribel foi encontrada com o revolver na mão e que declarou à policia que o havia matado por ciúses.
- Clarisse - Maribel quer defendê-lo porque o ama. A verdade é a que lhe contei.
- Felix - E o que pretende a senhora agora?
- Clarisse - Que me deem os cincoenta mil cruzeiros para levantar a hipoteca da minha casa ou então contarei tudo o que sei.

ESTADO DO GRANDE DO SUL

D. P. P.

DIVISÃO DE FISCALIZAÇÃO

APROVADO

*José Augusto Fernandes*



Felix - Isto é uma chantage o que a senhora pretende fazer.

Clarisse - Chantage ou não o que não posso é perder a minha casa que vale muito mais do que cincoenta mil cruzeiros e tolos escrúpulos. Quer comprar o meu silencio por essa importancia?

Felix - Não.

Clarisse - Muito bem, falarei, neste caso, com o Comendador Carlos Alvarenga. Talvez ele pense de outro modo e tenha mais amor ao seu nome do que a meia duzia de vintens.

Felix - Ele não a atenderá.

Clarisse - Eu fareo com que me atenda. Não se preocupe.

Felix - É uma verdadeira lástima que a senhora, uma moça tão bonita, tenha a coragem de praticar uma tão feia ação.

Clarisse - A beleza não bota a meza e os tempos andam muito bicudos, senhor Felix Augusto. (Pausa) E então, o que resolve?

Felix - Eu não tenho cincoenta mil cruzeiros para dar à senhora.

Clarisse - Arranje-os. Eu lhe darei um prazo razoavel.

Felix - Está muito bem. Onde poderei falar com a senhora amanhã?

Clarisse - No Hotel da Cidade. Estou lá hospedada. Então apareça lá amanhã. Vá to mar um chaginho comigo.

#### CORTINA MUSICAL.

(Batem doze badaladas espaçadas)

Felix - Meia noite. Creio que todos estarão dormindo. Repugna-me o que vou fazer mas por mais que pensasse não encontrei outra solução. Está muito escuro mas terei que agir sem fazer luz, do contrario poderei ser surpreendido. (Pausa. Ruido de uma coisa de vidro que cai e se parte no chão) Oh diabo! Deve ter sido um vaso que eu quebrei e o pior de tudo é que o barulho pode ter acordado alguém de casa. Esperemos um pouco. Se eu sentir que alguém se aproxima farei a luz e fingirei que vim buscar um livro para distrair-me porque estava com insonia. Os quartos são no andar de cima e bastante distantes, é possível que o ruido não tenha chegado até lá, em todo o caso é conveniente esperar. (Pausa) Parece que ninguém despertou. Não ouço pessoas nem vejo luz. Vamos ao trabalho então. Se bem que conheça o segredo deste cofre nunca procurei abri-lo, não sei se acertarei. Ah! Aqui está ele por traz deste paneaux. (RUIDO DE MEXER NO SEGREDO DE UM COFRE E ABRI-LO, POR FIM) Ah, felicemente acertei logo. A sorte me auxilia. (Pausa) Aqui está a caixa das joias. Meia duzia delas será suficiente. Escolhe-las agora na escuridão da noite é que se torna o mais difficil da tarefa. (Ruido de chave de luz que se acende. Movimento de surpresa e susto de Felix).

Suzana - Seu Felix! O senhor?!...

Felix - Sim, Suzana, eu.

Suzana - O que deseja com essas joias. *Furo in Baya Ferreira*

Felix - Suzana... eu não sei se deva... sofro com o que você poderá estar pensando de mim, mas é tão difficil explicar...

Suzana - Seu Felix, pergunto que alguma coisa de muito grave deve estar para acontecer, do contrario o senhor não estaria mexendo nessas joias que pertenceram a Vovó e que o Vovósinho guarda com a maior e mais justificada das avarezas.

Felix - Sim, Suzana, é para evitar que aconteça alguma coisa de muito grave que venho roubar pela primeira vez na minha vida, mas peço-lhe que não procure saber o que é.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

D. E. P.

DIVISÃO DE FALSA-GERAÇÃO

APPROVADO



guzana - Seu Felix, eu sou bastante forte para ouvir a verdade, seja ela a pior que for. Quero que me conte tudo.

Felix - Pois bem, eu contarei. Deixe-me porem primeiro tirar algumas destas joias e guardar as outras no cofre antes que alguem mais me surpreenda.

CURTINA MUSICAL.

Aurora - Porque não foi buscar-me à porta da Igreja como havia lhe ordenado, Zacarias?

Zacarias - Porque fui à ferraria e o carro <sup>não</sup> estava pronto, dona Orora. só logo mais na boquinha da noute é que ele disse que ele vai ficar pronto.

Aurora - Deveria ter ido lá avisar-me para que eu não ficasse à espera, como fiquei mais de meia hora.

Zacarias - Descurpe, dona Orora, num foi por mal.

Aurora - Titio já se levantou?

Zacarias - Já sim, senhora. Num faz munto tempo tia Esperança foi levá o café pre ele lá em cima.

Aurora - Vá lá no quarto, veja se ele já está levantado e diga-lhe que quero falar-lhe.

Zacarias - Sim senhora. (Passos que se afastam)

Aurora - O vigário foi de opinião que eu deveria contar-lhe tudo, logo o meu dever é obedecer o Vigário. sei que titio vai sofrer muito mas infelizmente é necessário que conheça toda a verdade. (Pausa) Donguinha! oh Donguinha! Póde preparar o meu café que eu já estou de volta.

Donguinha - (de longe) sim senhora, dona Orora, já tô perparando. (Passos que se aproximam)

Zacarias - O patrão já vem, dona Orora. Ele já tá de impé.

Aurora - Está bem. Providencie hoje sem falta para que o carro esteja pronto amanhã cedo. Estou atacada das minhas varizes não posso andar muito a pé

Zacarias - Ele vai ficar hoje de tardezinha, sim senhora.

Aurora - Está muito bem. Póde ir lá para dentro.

Zacarias - Sim senhora. Com a sua licença. (Passos que se afastam)

Aurora - Logo hoje que eu havia prometido à Martinha leva-la para dar uma volta de carro até à cidade é que acontece do carro ficar estragado. É sempre assim. quando estamos irritadas parece que tudo se junta para nos contrariar ainda mais. (Passos que se aproximam)

Carlos - Querias falar comigo?

Aurora - Sim, xavá titio, a benção.

Carlos - que Deus te abençoe. senta-te e fala.

Aurora - É muito grave e sumamente desagradavel o que lhe vou dizer.

Carlos - Fala, creatura, estás começando a preocupar-me.

Aurora - Ouça, então: (Pausa) Ontem, um pouco depois de meia noite, eu estava deitada quando ouvi o ruido de alguma coisa que caia e se partiu em pedacos ao chão. Desci descalça para não fazer ruido e percebi luz na bibliotheca. Aproximei-me pé ante pé e deparei com seu Felix à frente do cofre com a caixinha das joias de titia na mão e a contar-me que iria tirar algumas para comprar o segredo de uma creatura que aqui estivera à tarde, revelando a participação de Lucília e de



Jorge no crime do Industrial Paulo Viveiros, no Rio de Janeiro.

Carlos - Não pôde ser! Isto é uma infâmia. Meus netos não poderiam tomar parte numa coisa destas.

*Aurora*  
Felix - Foi o que seu Felix disse à tal creatura, segundo contou a Suzana, mas ela parece-me que provou o que dizia, não sei porque modos, e seu Felix então resolveu retirar algumas joias do cofre e entregar a essa mulher pela quantia que ela exigia para manter-se em silêncio. Segundo essa creatura afirma, o crime foi praticado por Jorge em defesa de sua irmã e Maribel assumiu a responsabilidade por amar muito a Jorge e não desejar que ele interrompesse a sua carreira.

Carlos - (Abafado) Meu Deus, que horror!...

Aurora - Passei a noite inteira sem poder dormir a pensar se deveria ou não contar-lhe a verdade mas hoje falei ao senhor Vigário e ele achou que seria melhor dizer-lhe tudo. Não me parece que o senhor deva consentir que seu Felix leve-lhe as joias. Uma mulher desta natureza não guardará tal segredo por preço nenhum, se não falar hoje falará amanhã ou mais tarde e além do prejuízo das joias nada teremos evitado.

Carlos - (após uma pausa) O nome dos Alvarenga envolvido numa questão desta natureza! que vergonha, meu Deus, que vergonha!... (Passos se aproximam)

Suzana - (natural) Vovôzinho... (transição - susto e pavor) O que tem, Vovô? O que está sentindo? (gritando, desesperada) Vovosinho!... Vovosinho!... Meu Deus, ele vai morrer!... (soluços repetidos).

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

SPEAKER - Este foi, caríssimos ouvintes, mais um capítulo de "O solar dos Alvarenga" o emocionante romance de Roberto Lís que a Rádio Difusora apresenta todos os domingos às 20 horas, pelo seu moderno conjunto de Rádio Teatro que obedece a orientação e direção de Roberto Lís.

O capítulo de hoje teve a seguinte distribuição:

(REPETE A DISTRIBUIÇÃO, DIZENDO CADA ARTISTA O SEU NOME)

Ouçá, no próximo domingo, às mesmas horas de hoje mais um capítulo de "O solar dos Alvarenga" que Roberto Lís escreve, dirige e interpreta com o conjunto de Rádio Teatro da sua PRF 9.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)



*Luís Vaz de Almeida*



( CARACTERÍSTICA MUSICAL )

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM - O SOLAR DOS ALVARENGAS!...

( CARACTERÍSTICA MUSICAL )

O programa que, desde o seu primeiro episódio, vem empolgando os ou vintes de rádio teatro da sua PRF 9, pelas belezas do seu enredo, emotividade de suas cenas, e mais do que tudo isto pela vida que vive cada um dos seus personagens e que nada mais é do que uma cópia fiel da vida própria vida que estua e palpita em cada um de nós. É uma luta de sentimentos igual a que todos nós somos obrigados a enfrentar nas diversas situações que se nos deparam, nas diversas circunstancias a que nos arrastam o cérebro e o coração.

O episódio que passareis a escutar agora tem a seguinte distribuição:

Guzana Alvarenga - A desilusão.....	Carmen de Alencar
Dr. Rubens - A inconstancia.....	Roberto Lis
Lucilia Alvarenga - A ilusão.....	Liney de Andrade
Maribel - A renuncia.....	Lilia Maria
Prima Aurora - A razão.....	Branca Margarita
seu Felix - O coração.....	Claudio Real
Preta Mauricia - A saudade.....	Beatriz Delorge
Zacarias - A lealdade.....	<i>Roberto Lis - substituindo o ator Carlos Morel que se encontra enfermo</i> <del>Carlos Morel</del>
Donguinha - A bondade.....	Lilia Maria
Tia Esperança - A Resignação.....	Branca Margarita
Alberto - O consolo.....	Raymundo Gray
O Aviador 347.....	<i>Rubens Giampoli</i> <del>Carlos Norberto</del>
Dolores.....	Jussara
Olintho.....	<i>- Roberto Lis - substituindo o ator Carlos Morel, enfermo, como já disse nos.</i> <del>Carlos Morel</del>
Mathilde.....	Melena Maria
O General.....	Sales Coelho
<u>O TENENTE</u> .....	<i>Teddy Rodrigues</i>
O Capitão.....	Arthur Bastos
Um soldado.....	Jose Pereira
Um enfermeiro.....	<del>Sales</del> <i>Mario Moreira</i>
Encarregado do Estúdio.....	Emilio Belo
sonofonia de.....	Willy Rodrigues.

( Característica musical )

*(fala Roberto)*

Antes de darmos início ao presente episódio, façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenrolados no episódio anterior que se pôde resumir no seguinte:

Desde a chegada de tia Mauricia ao solar, trazendo a seu Felix as joias e dinheiro que Natércia lhe deixara, prima Aurora modifica completamente a sua atitude perante seu Felix, tentando conquistá-lo. Nessa mesma ocasião, num hospital de sangue de frente de batalha, um moribundo manda chamar o seu General e confessa-lhe ser o pai da menina que sua filha tivera, pedindo-lhe que recolhesse a criança e tomasse a si a tarefa de criá-la e educá-la.



O General - atônito com o que escutára - vai em procura de Dolores, de quem ouve, então, a confirmação dessa verdade. Para não perturbar a felicidade do homem que a levava ao altar e que se considerava inteiramente feliz a seu lado, resolve ele guardar segredo do que se passara mas tomando a menina sob sua guarda e repondo Lucília no lugar que anteriormente ocupava. Lucília, entretanto, recusa-se a voltar ao seu antigo posto, seguindo que o General deixe a menina em seu poder até que a guerra fôsse terminada. E foi aqui que ficamos.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL)

(Ruído de avião falhando, alguns momentos).

Alberto - (Assustadíssimo) Tenente! O motor está falhando, tenente!

Tenente - Eu sei. Mas não te assustes, rapaz, tenhas calma.

Alberto - (nervosíssimo) Eu estou calmo, tenente. Mas o que faremos a uma altura destas, sem paraquedas?

Tenente - Tentaremos aterrisar, não se desespere. (Pausa longa) Você sabe rezar?

Alberto - Sei, tenente, porque?

Tenente - Reze por nós, então.

Alberto - Quer dizer que estamos perdidos?

Tenente - Não quero dizer nada. Reze para que Deus nos ajude.

Alberto - (desesperado) Estamos perdidos, sim. Eu estou percebendo.

Tenente - Vamos, rapaz, calma. Ainda não está tudo perdido.

Alberto - Estamos caindo numa velocidade vertiginosa.

Tenente - Reze, rapaz, reze e espere.

Alberto - Pai Nosso que está no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu...

(segue rezando mas as suas palavras vão sendo abafadas pelo rumor do motor que vai aumentando, aumentando até que cai e se dá a explosão!)  
PAUSA LONGA (PASSOS PRECIPITADOS QUE SE APROXIMAM)

Soldado - Capitão, depressa Capitão. Caiu o V L 3. O Tenente Martins e o aluno 401 estão gravemente feridos! (Passos precipitados que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

Lucília - Alô! Pronto, Jorge! Sou eu, sim, Lucília! O que foi? Um desgastre? Hein? O que é que tu disseste? Não compreendi bem, repete mais alto, por favor! Como? Alberto? Onde? Quando? Fala, por favor. (Pausa) Ferido gravemente no Hospital? Quando foi isto? Hoje? Que coisa horrível, Jorge!... Em que hospital ele está, não te disseram? (Pausa) Vou pedir à Mathilde para ficar com a menina e vou para lá imediatamente. (Pausa) Porque não? Meu Felix não me perdoaria se soubesse que não estive ao lado de seu filho num momento destes. Vou para lá, sim, imediatamente! (Pausa) É claro que tenho que estar nervosa, Jorge! É natural! É filho de um amigo nosso. É uma creatura a quem já queríamos bem, mesmo antes de conhecer. Adeus, Jorge, nos encontraremos lá depois. Não posso mais de ansiedade. Vou para lá imediatamente. (desliga o telefone) Meu Deus! Que coisa horrível! Ele está ferido gravemente!... É possível que morra! (gritando, nervosa) Mathilde, Mathilde!... Depressa, Mathilde, vem cá, por favor. Pobre rapaz! Tão moço!... Tão bonito!... Como estará ele? Ainda me reconhecerá? (Passos que se aproximam).

Mathilde - A senhora chamou, dona Lucília? Mas o que tem a senhora? Porque chora?



Lucilia - Uma coisa horrível, Mathilde! Lembra-te de Alberto? Aquele rapaz que jantou aqui com meu irmão a semana passada?

Mathilde - Lembra-me, sim dona Lucilia. O que houve com ele?

Lucilia - Sofreu um desastre de avião e está gravemente ferido!

Mathilde - Ora, coitado! Não diga dona Lucilia.

Lucilia - Jorge avisou-me agora pelo telefone. Eu queria que você ficasse com a menina que eu vou até lá para vê-lo. Nem sei se ainda o encontrarei com vida, em todo o caso o meu dever é ir de qualquer forma. Seu pai é um dos nossos maiores amigos. Foi o melhor amigo de Vóvo.

Mathilde - Vá, sim dona Lucilia, vá que eu ficarei com a menina.

Lucilia - É pena porque exatamente hoje você estava tencionando sair mais cedo para ir ao cinema, mas...

Mathilde - Ora, dona Lucilia, nem pense nisto. Vá, vá em seguida que eu ficarei.

Lucilia - Obrigada, Mathilde, você é muito boa. Vou em seguida, se por acaso me permitirem ficar lá a noite eu avisarei para que você fique aqui ou leve a menina para a sua casa.

Mathilde - Está muito bem, dona Lucilia, não se preocupe por isto. Vá com Deus que eu ficarei rezando para que o coitadinho possa ser salvo!

Lucilia - Reze, sim Mathilde, reze. Reze por você e por mim porque nem calma para rezar me resta. (Passos que se afastam)

Mathilde - (falando para longe) Leve um casaco, dona Lucilia, seu vestido é muito leve e a noite está muito fresca. (Pausa) Qual ela nem ouviu o que eu disse!... Coitada! Como ficou preocupada e nervosa!... Como ela o ama!

(CORTINA MUSICAL)

(Ouve-se um trecho da Bohemia ou Madame Butterfly, cantado por soprano. A musica para em meio, de repente).

Guzana - Ora seu Felix, que pena!... Porque parou a vitrola? Eu estava gostando tanto!

Felix - Desculpa, guzana, não sei porque fiz isto. Genti uma coisa exquisita de repente e quasi que insensivelmente desliguei a vitrola.

Guzana - seu Felix, o que é que o senhor tem? O senhor está branco, as suas mãos tremem... O senhor está doente?

Felix - Não sei, guzana. Não sei o que sinto. Foi de repente. Eu estava, como tu, ouvindo a musica e deliciando-me com a sua beleza. De repente comecei a sentir um zumbido exquisito nos ouvidos e esse zumbido foi aumentando, foi aumentando e por fim transformou-se como que num ruído de motor de um avião, esse ruído começou a se aproximar cada vez mais dos meus ouvidos até que ouvi distintamente o estampido de uma explosão e, automaticamente, sem me ter apercebido do meu gesto, levantei-me e parei a vitrola. E agora aqui me tens a tremer, a tremer como uma criança.

Guzana - Não ha de ser nada, não se assuste. O senhor jantou muito bem, sentou-se nessa poltrona depois do jantar, talvez tenha cochilado sem se aperceber e tudo isto não tenha passado de um pequeno pesadelo.

Felix - Não, guzana, eu estava acordado. Garanto-te que estava acordado.

Guzana - Vou buscar um copo d'agua para o senhor. sente-se e desabotoe o botão do colarinho. Não se assuste que não ha de ser nada. Isto vai passar.

(Passos que se afastam).



- Felix - que coisa horrível! que impressão desagradável!... Até das mãos escor-  
re-me um suor frio!... Nunca senti uma coisa assim! Tenho a impressão de  
que alguma coisa muito grave está para acontecer. (Passos que se aprox.)
- Zacarias - seu Félix um telegrama pro senhor. Acabô de chegá agora mesmo. O moço  
que veio trazê ele disse que é urgente.
- Felix - Um telegrama!... Bem me parecia que alguma coisa estava para acontecer.  
Nem tenho coragem de abri-lo.
- Zacarias - O moço tá esperando a resposta, seu Félix. O que é que eu digo pre ele?
- Felix - A resposta? Ah sim. Ele está esperando o recibo. (Pausa) Pronto, aqui  
está. Pode entregar a ele. (Passos que se afastam) Que notícia me trará  
este telegrama, meu Deus? (Pausa) Coragem, Felix, é necessário abri-lo  
seja lá o que for. (Ruído de papel) "seu filho acaba sofrer desastre avi-  
ão. Gravemente ferido Hospital Militar. Venha imediatamente. Jorge."  
(repetindo, como quem não entendeu o que leu) seu filho acaba sofrer  
desastre... (Passos que se aproximam)
- Suzana - Aqui está a água, seu Felix. Beba que lhe fará bem. Botei um pouquinho de  
bacarbonato. Isto com certeza é... Mas o que é isto? Que telegrama é es-  
se seu Felix? O que aconteceu?
- Felix - Não sei, <sup>Suzana</sup> Lucília... não estou compreendendo nada... Lê para mim, por fa-  
vor. Pode ser que ouvindo-te possa compreender alguma coisa... eu estou  
tonto, completamente tonto...
- Suzana - seu Felix, tenha calma... o senhor está cada vez mais branco... cada vez  
mais tremulo. O que diz esse telegrama? (Pausa. lendo) seu filho acaba  
sofrer desastre avião. Gravemente ferido... (interrompe a leitura com uma  
exclamação de surpresa e de magua) Coitado! Pobre do Alberto!
- Felix - Hein? O que foi que disseste? O Alberto? O que lhe aconteceu Suzana? O  
que lhe aconteceu, fala. Tu disseste pobre do Alberto, não foi? Não foi  
isto que tu disseste, Suzana?
- Suzana - Não seu Felix, não foi. Não aconteceu nada. Tenha calma, por favor.
- Felix - Alberto, sim... tu falaste no nome dele... Agora estou começando a com-  
preender o que li. Meu filho morreu! Meu filho morreu. (Alto, chorando)  
Alberto! Alberto!... Ele morreu, Suzana, ele morreu!...
- Suzana - Não seu Felix, não morreu. Ele está ferido apenas. sofreu um desastre de  
avião e está ferido, mas não morreu, não, veja, veja o telegrama. Ele es-  
tá ferido, realmente, mas não morreu.
- Felix - (baixo, soluçando, em pranto convulso) Meu filho!... Meu filho!... Meu  
filho querido, não me abandone.
- Suzana - (chorando) Tenha coragem, seu Felix. Ele não morreu ainda. É possível  
que possam salva-lo. Este telegrama chama-o com urgência. Vamos, tenha  
calma e vejamos o que se deve fazer.
- Felix - (chorando) Meu filho! Meu querido filho!...
- Suzana - Devemos providenciar imediatamente na passagem. O senhor deve embarcar  
pelo primeiro avião. (Chamando) Zacarias! Depressa, Zacarias, venha cá.  
Vamos, seu Felix, animo. Deus é pai e ha de se compadecer dele e do se-  
nhor. Não perca assim tão depressa a esperança. (Passos que se aproxí-  
mam).
- Zacarias - A sinhásinha chamou?
- Suzana - sim, Zacarias, chamei. Apronte o carro e vá depressa à cidade providen-  
ciar para que seu Felix possa embarcar amanhã no avião que vai para o  
Rio. Diga que é um chamado urgente e que lá eles terão que arranjar um  
lugar para ele de qualquer forma.
- Zacarias - Tá muito bem, sinhásinha. (Passos precipitados que se afastam).
- Suzana - Vamos, seu Felix, tome a água que eu lhe trouxe que ela lhe fará bem.



- Felix - (cançado e abatido) Não minha filha... já não é mais preciso. O pior já passou e estou conseguindo dominar os meus nervos. Já não tremo tanto, vê?
- Guzana - Mas de qualquer forma a água lhe faria bem. Tome-a, seu Felix, peça-lhe.
- Felix - Está bem, faça-te a vontade. (ruido de beber) Pronto. Obrigado, minha filha.
- Guzana - Já mandei Zacarias providenciar na sua passagem e vou arrumar a sua mala. O senhor vai embarcar amanhã, não vai?
- Felix - Sim... tenho que ir...
- Guzana - Vou pedir a prima Aurora que venha fazer-lhe companhia enquanto separo a roupa que o senhor deverá levar.
- Felix - Um momento, Guzana. Antes eu queria... que rezasses uma oração pelo meu filho. Peça a Deus que o salve. Dize-lhe que não tenho e mais ninguém no mundo senão esse filho e que se ele o levar eu não poderei mais crer na sua bondade. (Ruido de carro que sai e vai se afastando aos poucos)
- Guzana - seu Felix, por favor, não blasfeme, suplico-lhe. Eu rezarei, sim, a Deus para que salve o seu filho. E a minha prece será tão sincera e brotará tão do fundo do meu coração que há de chegar aos pés de Maria Virgem que como mãe, há de interceder junto ao senhor supremo do Universo para que Alberto se salve.
- Felix - Faza alto, então. Quero ouvir a tua prece e acompanhá-la com o coração já que a minha pobre cabeça não se encontra em condições de proferi-la sosinha.
- Guzana - (Após uma pausa, em tom de oração) (seu Felix soluça durante toda a oração)  
Maria, doce Mãe dos desvalidos!  
Maria, doce mãe dos desgraçados!  
Tu que agasalhas corações feridos,  
e dás carinho a todos desherdados!
- Maria, Mãe santíssima e amorosa,  
que em teu manto aos que sofrem dás abrigo,  
espalha sobre nos bênçãos e rogas  
e por Jesus nos livra do perigo!
- Ha um coração aflito que te pede  
um amparo e uma súplica também.  
Por ele, doce mãe, vai e intercede  
junto a Deus nosso Pai querido, amen!...
- (Pausa. soluços)
- (CORTINA MUSICAL)
- Maurícia - A bagagem do seu Félix já tá pronta, dona Guzana. A negra véia só num troço ela porque a mala tá muito pesada ela num pode alivanta.
- Guzana - Nem deve mesmo estar pegando peso, tia Maurícia. O Zacarias sóbe lá e vai bugca-la. Vá Zacarias.
- Zacarias - Sim senhora, sinhásinha, eu vô. (Passos que se afastam).
- Guzana - E seu Felix, já se aprontou também?
- Maurícia - Já, sim senhora. Tava escrevendo uma carta e disse que já ia descê.
- Guzana - Coitado! se eu pudesse acompanhá-lo num momento destes o faria de muito boa vontade.
- Maurícia - Passô a noite toda sem pudê drumi. A preta véia tombou. A preta véia passô a noite interinha rezando, sinhásinha.
- Guzana - Que coisa horrível! Eu creio que foram todos, tia Maurícia. Acho que ninguém dormiu esta noite aqui em casa.



- Maurícia - Pobre do seu Alberto! Bem que o seu Félix num quiria que ele fôsse istuda pra avuado. Os moço nunca que ovi os véio, o que é que os véio vão fazê?
- Guzana - Tudo isto tinha que acontecer, tia Maurícia. (Passos que se aproximam).
- Aurora - Onde está ele? Onde está ele, já foi?
- Guzana - Ainda não, prima Aurora, ainda não foi. Vai sair agora.
- Aurora - Que coisa horrível, meu Deus! Não pôsso me conformar!
- Guzana - Prima Aurora, é necessário que neste momento todos nós incutamos coragem no espírito de seu Felix. Ninguém deve chorar ao se despedir dele. Está ouvindo, tia Maurícia? Ninguém deve chorar. Todos o abraçaram e lhe dirigiram palavras que o animem em vez de chorar que o deixarão ainda mais triste.
- Maurícia - Tá bem, sinhésinha. A preta véia é de fazê folça pra num chorá.
- Aurora - Eu não sei se o conseguirei. Não sei se o conseguirei. Todo o meu coração é um soluço, guzana. Abafa-lo será difícil. Muito difícil. (Passos que se aproximam)
- Guzana - Cuidado, aí vem ele. Ah é o Zacarias com a mala. Ele onde está, Zacarias.
- Zacarias - Já vai descê, sinhésinha. (Passos que se afastam).
- Aurora - Tenho aqui esta imagem de Nossa Senhora de Loreto que vou dar para ele quando me lembro que vai andar pelos ares daqui até: o Rão chego a sentir um arrepio que me corre o corpo todo!
- Guzana - Eu fiz a Donguinha sair com a Martinha para dar uma volta e recomendei que ela não trouxesse a menina de volta antes das dez horas justamente de propósito para evitar que seu Felix se despedisse dela. Ele quer muito bem a menina, iria chorar com certeza e a criança depois ficaria nervosa.
- Maurícia - Tia Esperança tombem disse que num qué se dispidi. Foi lá pro fundo do jardim pra mãe num vê ele sai. (Passos que se aproximam).
- Guzana - silêncio, agora é ele que vem. Não esqueçam, hein? Nada de choros. Então seu Felix, já está tudo pronto?
- Felix - Já, minha filha. Vou andar que é hora quasi.
- Guzana - Vá com Deus, Tenha bastante coragem e o senhor ha de ver que quando chegar lá já o encontrara melhor.
- Felix - (num suspiro) Que assim seja, minha filha. Que assim seja! Adeus, tia Maurícia. Reze por mim e por ele.
- Maurícia - (fazendo força para não chorar) A mega véia é de rezá, sim, meu fio. É de reza tanto e tanto que Deus Nosso ginhó é de iscuta ela.
- Aurora - (trágica, contendo o choro) Adeus, seu Felix. Aqui tem a imagem de Nossa Senhora do Loreto que ha de acompanhá-lo na viagem. Não a tire do bolso nem um instante.
- Felix - Obrigado.
- Aurora - E mande notícias, seu Felix. Mande notícias assim que chegar. Nós vamos ficar tão nervosas, tão aflitas. Telegrafe logo que chegar e depois escreva, sim?
- Felix - Está bem, dona Aurora.
- Aurora - Dê um beijo no Alberto por mim. Diga-lhe que só Deus sabe o quanto soffro por não poder estar junto dele neste momento.



guzana - Vá, seu Felix, não se demore muito. Está quasi na hora.

Felix - Quero me despedir de tia Esperança, Donguinha e Martinha.

guzana - Saíram todas e atrazaram-se no caminho, com certeza. Se chegarem a tempo elas irão à estação.

Felix - Bem, então adeus.

guzana - Adeus, meu amigo, que Deus o acompanhe e Maria esteja sempre a seu lado.  
(Passos que se afastam).

Aurora - Ai guzana!... Eu não posso mais. Já posso chorar? Já posso chorar?

guzana - Baixinho pôde, prima Aurora. Mas não chore alto por favor que ele ainda pôde ouvir.

Aurora - Não! Então não choro! Que corajosa que eu estou sendo, meu Deus! Ninguém pôde... imaginar... o esforço que eu estou fazendo... para não chorar!

guzana - Todas nós, prima Aurora. Todas nós estamos fazendo este mesmo esforço. Mas ele é necessário. Depois que o carro sair, poderemos então chorar à vontade. (Ruído de carro que sai e vai se afastando).

Aurora - Pronto, guzana, pronto!... Agora podemos chorar, não é? (chorando em altos brados) Ai meu Deus! Ai meu Deus!... Que coisa horrorosa! Ai! Que dor!... Ai! Que tristeza! Ai! Que desespero! Não posso mais! Não posso mais!... guzana! Ai guzana! guzana! Eu vou ter uma coisa, guzana!

guzana - Contenha-se, prima Aurora, contenha-se. Eu disse que podia chorar à vontade mas não disse que podia ter ataques!

(CORTINA MUSICAL)

(Gemidos de dor)

Lucilia - Vamos, meu querido, faça um pequeno esforço e responda. Você não me reconhece?

Alberto - Pa...pai!

Lucilia - seu pai estará aqui dentro em pouco. Ele já chegou. Não deve demorar. O que é? Dói-lhe a cabeça? Não puxe assim a atadura.

Alberto - Ai!...

Lucilia - Pobre do meu querido! se eu pudesse sentir por ele todas essas dores! Vamos, não faça assim, já lhe disse. Não puxe assim a atadura. (Passos) O que é?

Enfermo - Ele já está aí. Posso trazê-lo aqui no quarto?

Lucilia - Não convem. É melhor que eu fale com ele primeiro aí no corredor. Fique um momento aqui com o doente.

Enfermo - Pois não, minha senhora. (Passos que se afastam). (Porta que se fecha)

Lucilia - Aqui seu Felix. (Pausa)

Felix - Lucilia! (Choro convulso)

Lucilia - Não chore assim. Vamos, contenha-se. Ele já está melhor. Ha pouco chamou pelo senhor.

Felix - Pobre do meu filho! Ele está muito ferido, está?

Lucilia - Um pouco, sim, mas felizmente parece que não houve fratura da base do crânio e ele não só poderá salvar-se como não ficará defeituoso.



- Felix - Não é para me animar que você diz isto, minha filha?
- Lucília - Juro-lhe que não. Ontem eu não teria a coragem de iludi-lo mas felizmente as suas melhoras nestas ultimas doze horas foram bem acentuadas.
- Felix - Você tem estado aqui com ele, minha filha?
- Lucília - sim. Havia recusado a minha readmissão no lugar que ocupava mas este facto fez com que eu telegrafasse urgentemente aceitando-o, afim de poder permanecer aqui ao lado dele. Felizmente tudo foi conseguido com a maior prestreza e desde muito cedo que me encontro aqui.
- Felix - Como tu és boa, Lucília! Como poderei agradecer-te?
- Lucília - Ambos mereciam o que fiz, seu Felix. Agora prepare-se para ver o seu filho. Ele está com a cabeça quasi toda tapada pelas ligaduras mas mesmo assim poderá ver os seus lindos olhos!
- Felix - Vamos então.
- Lucília - gente-se com bastante coragem?
- Felix - sim.
- Lucília - Vamos, então. (Passos).

(CORTINA MUSICAL)

- Aurora - Arre que você demorou, Donguinha! Cheguei a pensar que não voltasse mais. Eu aqui aflita pelo que mandei comprar...
- Donguinha - Uai, dona Oróra o que é que eu ia fazê? Num tinha o livro que a senhora pediu, eu andava procurando ele.
- Aurora - E afinal encontrou? Não me diga que não. Não me diga que não que eu morro de desespero.
- Donguinha - O de são gupriano não achei, não senhora. Achei só o de são gituba.
- Aurora - Não faz mal, é quasi a mesma coisa. Para o que eu quero serve perfeitamente.
- Donguinha - Pra que é, hein dona Oróra?
- Aurora - Donguinha!...
- Donguinha - Discurpe, dona Oróra, num foi por mal.
- Aurora - É muito feio a gente querer saber as coisas. Já lhe disse isto mais de uma vez. Quanto custou o livro?
- Donguinha - Num sei, não senhora. Ele disse que o precio tava iscrivido atraiz do livro. sobró isso de troco.
- Aurora - Dois cruzeiros? Custou oito, então. Que caro! Está bom guarda o troco para ti e vai lá para dentro.
- Donguinha - sim senhora. Muito ubrigađinho, dona Oróra. A senhora precisando qualquer coisa eu vo comprá pra senhora. (Passos que se afastam).
- Aurora - Ai, meu Deus!... Que saudade do meu amor! Estará ele pensando em mim? Vamos a ver o que me diz são gituba. (ruído de folhar um livro) Ah! Estão aqui as perguntas. (lendo) "gerei feliz no amor?" Isto, isto é que eu quero saber. É preciso escolher o numero da resposta. Deixa ver que numero vou escolher... O numero... o numero onze. (folhar) (lendo) Muito feliz, embora essa felicidade chegue um pouco tardiamente. (exagerada) É isto mesmo! Exatamente! Que coisa certa, meu Deus! Que bom! Que bom! Vou ser muito feliz! Vou ser muito feliz! (canta, alegremente uma musica ligeira). (Passos que se aproximam).



Suzana - O que é isto, prima Aurora, como a senhora está alegre hoje. O que aconteceu?

Aurora - O que aconteceu? Tu queres mesmo saber? Então ouve. Mandei comprar um livro de São Gituba para saber se vou ser feliz no amor. Tu queres saber qual foi a resposta? "Muito feliz, embora essa felicidade chegue um pouco tardiamente." Tu queres coisa mais exata do que isto, Suzana? Responde. Tu queres coisa mais exata?

Suzana - É realmente curioso. ~~Não queres ver também se vais ser feliz com o Dr. Rubens? Olha, se queres escolhe aqui o número da resposta.~~

Aurora - Não queres ver também se vais ser feliz com o Dr. Rubens? Olha, se queres escolhe aqui o número da resposta.

Suzana - Que número vou escolher?... O número... o número nove.

Aurora - Número nove. Vamos ver. **(ruído de folhear o livro)** Número nove. Está aqui "Serás feliz, um dia. Antes, porém, aguardam-te várias decepções".

Suzana - Oh meu Deus! Será possível que outras ainda me aguardem? Não, nada disto, chega às que já tive. Não gostei, não, prima Aurora.

Aurora - Espera, espera, vamos fazer outras perguntas. Deixa ver. "Estará o meu amor pensando em mim?" Quero a resposta número dezesete. Escolhe o teu.

Suzana - Eu quero o número trez.

Aurora - Vamos a ver. **(ruído de folhas)** Dezesete está aqui. **(lendo)** "Pensa em ti unicamente, quando ~~estás~~ está junto de ti." Ah que bom! Quer dizer que quando está ao meu lado só pensa em mim.

Suzana - Não, prima Aurora. Quer dizer que só ~~pensa~~ pensa em você quando está a seu lado, do contrário não pensa.

Aurora - Não pôde ser. É?

Suzana - Sim senhora. Veja. **(lendo)** Pensa em ti, virgula, unicamente quando está junto de ti.

Aurora - É!... Esta vírgula aqui veio atrapalhar tudo.

Suzana - Não tem importância, é simples. A senhora tira a vírgula daqui e bota aqui.

Aurora - Ah mas assim já não vale.

Suzana - Veja a resposta do número trez. Também quero saber se o Rubens pensa em mim.

Aurora - Número trez. Está aqui. "Pensa, pensa e sempre pensa, quer/ perto ou longe de ti."

Suzana - Ah que bom. Agora sim, agora eu gostei.

Aurora - Que pena! Porque que eu não escolhi o número trez?

Suzana - Espere aí, prima Aurora, quero fazer mais uma pergunta.

Aurora - Não, não, primeiro eu. Eu quero fazer ainda uma pergunta que me interessa muito depois tu farás todas as que quizeres.

Suzana - Qual é, prima Aurora.

Aurora - Ah não digo. Não sejas curiosa. A curiosidade é muito feia. Resposta... resposta... resposta número sete. **(ruído de folhear)** Ah meu Deus! Eu estou até com medo de ler de tão emocionada. **(lendo)** "Sim, dois..." Suzana! Suzana! Vê. Dois, Suzana, dois! Um menino e uma menina!

Suzana - Óra, prima Aurora, francamente! Vá tomar juízo!...

**(CORTINA MUSICAL)**



(Ouve-se uma trovoadade e depois o ruído da chuva que faz fundo a toda a cena. De vez em quando uma rajada de vento ou um trovão). (Batem três badaladas).

- Dolores - Que noite horrível, meu Deus! Três horas da madrugada e eu sem poder dormir. Se o temporal amainasse eu talvez pudesse dominar o meu estado de nervos e conseguisse dormir! Tanto que eu precisava dormir... para esquecer! Talvez essa insônia venha do esforço que faço durante todas as horas do dia para que Olintho não chegue a perceber a preocupação e o remorso que dominam o meu espírito. sorrio, brinco e mostro-me bem disposta o dia todo quando o meu único desejo é chorar. Chorar em todas as suas horas. Chorar em todo e qualquer lugar onde me encontrar. Se eu pudesse imaginar todos os tormentos que me custaria aquele instante de paixão e desvario, nunca que o teria praticado!... (Pausa) Como a vida nos cobra caro um instante de felicidade. (Rajada de vento. Aumenta o ruído da chuva) Meu Deus, e essa chuva que não cessa!... seu ruído nas vidraças da janela parece os dedos da consciência a tamborilar no meu coração, comprazendo-se em aumentar a minha tortura, deliciando-se em acentuar esta angústia que me martiriza! (Batidas de dedos na vidraça) Quem é? Uma menina!... O que querera ela a esta hora? O que fará na rua com um tempo destes? sorri para mim! Achata o seu narizinho moreno contra a vidraça da janela! E continua batendo com os dedinhos! Estes olhos... a expressão deste olhar... Meu Deus!... será mesmo possível? São os olhos dele!... Esta menina... esta menina... (num grito desvairado) Minha filha!... Minha filha!... (choro convulso) Minha filha!... (Passos precipitados que se aproximam).
- Olintho - (vindo de longe, gritando) Dolores! Dolores!... O que tens minha querida, o que aconteceu?
- Dolores - (numa voz entrecortada de soluços) Ela! A minha filha que voltou. Ali está, não a vês? Abre-lhe a porta. Ela coitadinha está na chuva. Não deixes que se molhe. Abre-lhe a porta.
- Olintho - Ela quem, Dolores? Que filha? Onde está, não vejo ninguém.
- Dolores - Ali! Ali! será possível que não a vejas?
- Olintho - Não vejo nada, Dolores. Isto é uma alucinação tua. Provavelmente foi um pesadelo que tiveste.
- Dolores - Como não está? Está sim. Ali está ela. É ela, sim. Não tenho dúvidas. Não ha vejo ha quasi tres anos mas são os mesmos olhos. Os mesmos olhos. Os olhos dele!... (ruído de abrir a janela). (Trovão e vento forte)
- Olintho - Onde Dolores? Onde está? Não vês que não ha ninguém? É uma alucinação tua. Qualquer sonho mau que te perturbou.
- Dolores - Onde está? Onde está? (Pausa) gumiou-se! (chorando) Foi embóra, talvez. Veio aqui só para aumentar as minhas saudades e acentuar ainda mais o meu remorso. Oh meu Deus, como eu sou desgraçada!... (soluços)
- Olintho - Minha querida, acalma-te. Tu estás me deixando preocupado. Não estou entendendo nada do que se passa. Vê se podes falar com calma e explicar alguma coisa!
- Dolores - (após uma pausa) sim, tens razão. Não podes mesmo entender. Não penses que estou louca, Olintho. Já me sinto mais calma e preciso te explicar as coisas para que as compreendas. Olintho: sei que é doloroso o que vai ouvir da tua Dolores mas não é possível por mais tempo guardar este segredo que ha tanto tempo vem me queimando os lábios. Olintho: eu tenho uma filha. Uma filha de um homem a quem amei loucamente, que me fingiu amar também e que me enganou.
- Olintho - (quasi sem voz) Dolores!...
- Dolores - Essa menina ficou em poder de uma das minhas amigas que assumiu a responsabilidade do meu ato, custando-lhe esse gesto a expulsão sua expulsão do lugar que ocupava no corpo de enfermeiras onde ambas serviamos.
- Olintho - Lucilia Alvarenga.



Dolores - sim, ela. Ela tem a minha filha em seu poder desde o momento em que nos separamos.

Olinto - E teu pai? sabia?

Dolores - Não. Foi exatamente por causa dele que ocultamos tudo.

Olinto - E ele? quem é? Onde está?

Dolores - Ele... morreu. (Pausa longa. Trovoada ao longe. Rajada de vento. A chuva continua). Sabes toda a verdade agora, Olinto. Resolve o que deve-  
rei fazer.

Olinto - Lamento que apenas hoje me tenhas dito a verdade. Eu talvez tivesse  
~~podido~~ podido perdoar.

Dolores - sim, tens razão. Arrependo-me de não ter dito antes a verdade. (Pausa)  
Fala. O que ordenas que faça?

Olinto - Acho que o teu lugar é junto da tua filha. Deves ir procura-la.

Dolores - Não me queres mais, então, em tua companhia?

Olinto - Deves partir, Dolores.

Dolores - Está bem, Olinto, eu partirei. só te peço que me perdoes todo o mal  
que te fiz. (Passos que se afastam, lentamente).

Olinto - (Após uma pausa, depois que os passos se afastaram) Meu Deus!... Meu  
Deus!... ~~o~~ (Chorando) O que fiz eu para ser assim tão castigado?!...  
(soluços). (Trovoada ao longe, rajada de vento).

(CORTINA MUSICAL)

Esperança - Uma calta pra sinhásinha guzana que o seu Zacaria trouxe agorinha  
memo lá da instação.

guzana - Uma carta para mim? Ah é da Lucília. Há muito tempo que não escrevia.  
Com certeza manda-nos notícias de seu Felix. Vejamos. (Ruido de ras-  
sar o envelope). Minha querida guzana - abraços e beijos saudosos  
para ti e Martinha. Pelo telegrama do Jorge é a carta que a seguir  
escreveu para ti, já deves saber de tudo o que se passou com Alber-  
to. Nem podes avaliar os instantes horríveis que vivemos nos pri-  
meiros dias do desastre, quando os médicos não nos davam esperanças  
de salvá-lo. Felizmente agora já está relativamente bem e muito sa-  
tisfeito com a chegada de seu Pai. Logo que fui informada do que  
acontecera corri ao Hospital Militar onde ele se achava recolhido  
e para bem de poder permanecer a seu lado, cuidando-o - o que enten-  
di ser o meu dever - fui obrigada a reingressar no corpo de enfer-  
meiras onde servia antes e para o qual já fora convidada a voltar,  
tendo, porém, recusado. Felizmente, tudo foi resolvido telegrafica-  
mente durante a noite e já de manhã muito cedo encontrava-me à sua  
cabecera de onde até hoje não me afastei e de onde só penso me  
afastar o dia em que ele tiver alta. Nessa ocasião, então - que pre-  
vejo ~~ser~~ próxima - serei obrigada a voltar para o meu antigo lugar  
e não terei outro remédio senão separar-me de Augustita, que voltará  
com seu Felix para o golar. Creio que Alberto também irá visto que  
o medico é de opinião que durante este resto de ano não deverá ele  
fazer qualquer especie de esforço. seu Felix vai bem, muito satis-  
feito, já e mais ainda por saber que em sua companhia irão Alberto  
e Augustita. Minha carta tem por principal objetivo pedir-te que  
te ocupes da educação ~~maximamente~~ desta outra filha até que me se-  
ja possível voltar um dia. Um abraço para tia Esperança, Donguinha  
e Zacarias e recebe com prime Aurora e Martinha muitos e carinhosos  
beijos da irmã muito amiga - Lucília.

Esperança - Que bão! A minininha vai voltá, sinhásinha guzana.

guzana - Não. Ela não voltará. Eu não quero.



- Esperança - Oriessa, sinhásinha, praquê? A sinhásinha memo gostava tanto dela!
- Guzana - Engana-se, tia Esperança. sempre a tratei bem, e até mesmo com cuidado por um principio de humanidade mas nunca pude gostar daquela creança. A sua presença despertava sempre em mim uma suspeita terrível que muitas e muitas lágrimas me custou. Não a quero aqui. Vou escrever hoje mesmo dizendo que ela arranje por lá alguém que se encarregue de cuidá-la ou que a deixe em qualquer casa, qualquer orfanato, que nós custearemos a despesa, se for preciso, mas que não a mande para cá.
- Esperança - Ora, sinhásinha, praquê mecê vai fazê isso pra coitada da inucentinha? Dixa ela vim. Nós cuidemo dela aqui como tava cuidando inhante.
- Guzana - Não. Já disse que não e não. Não insista por favor, tia Esperança. Eu sei porque não a quero aqui. Também não é justo que toda a vida eu leve a sacrificar a paz do meu espirito por causa dos outros. Tenho também o direito de ter descanso. Tenho também o direito de ser feliz.
- Esperança - Tá bem, sinhásinha, discurpe a negra véia. Ela num feiz pur mali. Ela feiz só por dó da minininha.
- Guzana - Eu também tenho pena dela, tia Esperança e compreendo que a senhora esteja admirada com a minha atitude. A senhora nunca me viu assim, eu sei, mas a questão é que só tive paz de espirito e uma relativa tranquillidade depois que Lucília e essa creança saíram desta casa. Ao momento que qualquer uma das duas voltar novamente para junto de mim, eu sei que o meu tormento continuará. E eu já estou cansada de sofrer, tia Esperança. Eu já estou cansada de prejudicar a minha vida por ter sempre pena dos outros.
- Esperança - Tá bão, minha fia, faça o que mecê quizé. A preta veia num se mete mais, num diz mais nada. (Pessoa que se aproxima) Óia quem tá aí.
- Rubens - Boa tarde, tia Esperança. X
- Esperança - Batalde, dotô Rúbi.
- Rubens - Minha querida, boa tarde.
- Guzana - (meio seca) Bô tarde, Rubens.
- Rubens - O que é que você tem? Que carta é essa? Más noticias?
- Guzana - Leia. Tia Esperança a agua está fervendo?
- Esperança - Tá, sim senhora, sinhásinha. Agorinha memo freveu pra móde um chá que eu fiz pra dona Orora que tá meia arrisfriada.
- Guzana - Então faça um cafézinho para o Rubens e traga aqui.
- Esperança - Tá munto bem, sinhásinha, a nega véia vai fazê. (Pessoa que se afastam). (Pausa longa)
- Rubens - Não são ruins as noticias. Porque a encontro tão contrariada guzana?
- Guzana - Porque não desejo que essa creança volte para nossa casa. Vou escrever hoje mesmo dizendo-lhe que a deixe por lá.
- Rubens - Não haverá mais tempo. Esta carta chegou com atraso. Veja a data. Ela é de quatorze, portanto de cinco dias atras. Aqui tenho um telegrama do Jorge - que acabo de receber e que me comunica o embarque dos tres. Foi exatamente por isto que vim aqui agora. Embarcaram hoje.
- Guzana - Pois bem, Irei amanhã mesmo à cidade arranjar-lhe um lugar no orfanato de Nossa senhora da Piedade e ela ficara por lá.
- Rubens - Você vai fazer isto, guzana?
- Guzana - Vou, Rubens. E por favor não procure demover-me deste intento. Tenho muitas razões para proceder desta forma. Não quero essa menina aqui, já disse.



- Rubens - Está bem, guzana, proceda como entender. Só o que lhe tenho a dizer é que estou admiradíssimo com a sua maneira de pensar. Você foi sempre tão boa, tão humana, sacrificou-se tanto sempre pelos outros...
- Guzana - Pois é, Rubens, eu sei. Mas estou cansada, entendeu? Estou cansada de tanto sacrifício inútil. Quero socego. Quero paz de espírito. Quero tranqüilidade. E por favor, não falemos mais nisto agora. Gente-se, mandei fazer um cafeginho para você.
- Rubens - Obrigado. Não precisava ter tido esse incômodo. A demora não poderá ser longa. Deixei muita gente ainda no consultório. Apressei-me em vir mostrar-lhe o telegrama porque pensei que ele causaria grande alegria a você.
- Guzana - O que diz Jorge? Com a minha irritação nem tive a curiosidade de perguntar.
- Rubens - **(lendo)** Alberto restabelecido, felizmente. Seu Felix regressará hoje ~~lã~~ com ele levando também Augustita. Abraços, saudades, Jorge. Este telegrama foi passado às duas horas da tarde, possivelmente eles embarcam lá pelo noturno às sete ou oito horas.
- Guzana - Se eu telegrafasse agora talvez ainda pudesse evitar que a menina viesse.
- Rubens - Não acredito. São cinco horas e por muito depressa que o seu telegrama andasse não poderia chegar lá antes das sete. A esta hora eles já estarão a caminho da Estação.
- Guzana - Não faz mal. Farei o que disse, então. Ela irá para o Orfanato de Nossa Senhora da Piedade.

**(CORTINA MUSICAL)**

**(soluços de Lucília)**

- Felix - Não chore, Lucília. Vou levar a pequena na <sup>cabine</sup> ~~samaritã~~ e voltarei aqui para nos despedirmos. Pedirei ao camaroteiro que repare um pouco por ela.
- Lucília - Sim, seu Felix, vá. Leve-a daqui. *(Passo se afastam)*
- Alberto - Agradeço-lhe muitíssimo, Lucília, tudo o que fez por mim.
- Lucília - Nada tem que agradecer, Alberto. Ajude guzana e seu Felix a reparar pela menina, sim?
- Alberto - Esteja descansada. Ela será como a minha irmãzinha.
- Lucília - E você me escreverá mandando notícias dela?
- Alberto - Sim, escreverei sempre. Mandarei notícias dela... e de mim. Quer?
- Lucília - Quero sim, Alberto. É inútil lutar contra o sentimento que me domina.
- Alberto - Falarei a Papai na viagem. Contarei tudo a ele.
- Lucília - Não, por favor, não faça isto.
- Alberto - Porque? Receia alguma coisa?
- Lucília - Ele procuraria dissuadi-lo e eu não sei se já me seria possível viver sem essa ilusão de possuí-lo um dia, inteiramente para mim.
- Alberto - Creio que você está enganada, Lucília. Penso, até, que Papai ficaria muitíssimo satisfeito. Mormente agora depois que teve ocasião de verificar a sua dedicação por mim, em todo o caso já que você não quer que lhe fale eu me calarei. *(Passo se aproximam)*
- Lucília - Cuidado, aí vem seu Pai. Mude de assunto.
- Alberto - A que horas deverá embarcar você amanhã?



- Lucilia - O avião deverá sair de madrugada. Hoje à noite é que vou saber com absoluta certeza a hora.
- Felix - Pronto. Ela ficou deitadinha na cama e o camaroteiro está reparando o seu sono até que nós voltemos. Sabes o que eu me lembrei? O diabo vai ser para trocar a roupinha dela durante a viagem. Eu nunca fiz essas coisas, não sei se me agitarei.
- Lucilia - Há sempre muitas senhoras que viajam. O senhor poderá pedir a alguma delas para fazê-lo. Não esqueça as recomendações que lhe fiz sobre a alimentação. Principalmente em viagem é necessário ter todo o cuidado.
- Felix - Não se preocupe. Você saberá depois que tudo correu muito bem. (Bate um sino uma badalada forte ao longe)
- Lucilia - Está na hora.
- Alberto - Ainda não. Faltam cinco minutos. Este é o primeiro signal.
- Lucilia - Escreva seguido, sim seu Felix?
- Felix - Estejas descansada, minha filha. Mas de receber cartas todas as semanas.
- Lucilia - Dê abraços e beijos a guzana e peça-lhe que cuide muito bem de Augustita. É só o que me conforta neste momento: a certeza de que a minha filhinha estará lá talvez até melhor do que em minha companhia.
- Alberto - Jorge não veio. Será que se atrasou no caminho?
- Felix - Não. Com certeza não pode obter licença. Ele não deu certeza de poder vir. Você falará ainda com ele, não é verdade Lucilia?
- Lucilia - sim. Pretendo despedir-me por telefone esta noite. A não ser que ele possa ir até lá em casa.
- Felix - Pois bem, dê a ele um grande abraço nosso e transmita-lhe mais uma vez os nossos agradecimentos por tudo que fez.
- Lucilia - Está muito bem, seu Felix, eu darei o seu recado. X
- Felix - Bem, faltam dois minutos para sair o trem e as minhas pernas não dão mais para andar correndo. Vamos nos despedir. Adeus, Lucilia.
- Lucilia - (chorando) Adeus, seu Felix. Adeus, meu amigo.
- Felix - (ensangado) Seja muito feliz lá para onde te destinas e recebe todo o meu coração agradecido. (Beijo, soluços, Pausa longa)
- Alberto - (emocionado) Adeus, Lucilia.
- Lucilia - (abafada) Adeus, Alberto. Lembra-te um pouquinho de mim.
- Alberto - hei de lembrar-me sempre, Lucilia. (Pausa)
- Lucilia - (chamando) Alberto!
- Alberto - (voltando) Lucilia...
- Lucilia - (baixinho) Beija-me, Alberto. (Pausa. Beijo. Pausa.) xixixi  
(Outra batida do sino. Apito de trem. Ruído de trem que parte e pouco a pouco vai se perdendo na distancia).  
(CORTINA MUSICAL)
- Capitão - Com licença, General. As samaritanas já estão reunidas no salão do 1º Andar.
- General - Já vou lá. Entregue estes papéis ao Coronel Timóteo. São os que devem seguir no avião correio desta noite.



Capitão - Perfeitamente, General. Eles deverão passar antes pelo protocolo ou já se encontram desembaraçados?

General - Não é preciso nada disto. Entregue-os ao Coronel, apenas.

Capitão - Perfeitamente. Com licença, General. (Passos que se afastam) Bem, deixa-me subir agora que as camaritanas estão à minha espera. (Passos. Toque de clarim ao longe. Ruído de um avião que passa e se vai).

Minhas patrícias: se as fiz reunir hoje aqui nesta sala foi para reparar uma injustiça que há quasi tres anos aqui nesta mesma sala pratiquei. As que conmigo se encontram aqui desde aquella época, não esqueceram, por certo, a senhora Lucilia Alvarenga Stuart, que então ocupava neste corpo o lugar de camaritana chefe, função da qual se desempenhou sempre com o maior patriotismo e o maior despreendimento. Uma falta gravissima, cometida por uma das suas colegas daquele tempo, veio atestar esse espirito de despreendimento a que me referi, fazendo com que a senhora Lucilia Alvarenga Stuart assumisse indevidamente a responsabilidade daquela falta. Esse gesto que bem realça o invulgar espirito de coleguismo dessa admiravel creatura valeu-lhe a expulsão do lugar que ocupava e até mesmo do corpo a que prestava tão relevantes serviços. É certo, porem, que a justiça divina tarda às vezes mas não falha nunca e o mesmo homem que a expulsou, quasi tres anos decorridos, ouve dos lábios da verdadeira culpada a confissão do seu crime. Esse homem fui eu. Eis porque agora, perante todas vós, me penitencio dessa falta involuntaria e vos apresento a senhora Lucilia Alvarenga Stuart que voltará a ocupar o cargo que sempre soube honrar e dignificar, colocando-lhe, ao mesmo tempo, ao peito, a medalha de mérito militar a que ela fez juz pela sua bravura e pelo seu heroismo! (Palmas prolongadas)

Lucilia - Obrigada, meu General. Muito obrigada.

(CORTINA MUSICAL)

(Ouve-se a Ave Maria de Schubert, cantada, com acompanhamento de órgão ou orchestra)

Aviador - (Quando a ave Maria termina). Querida Maribel - estamos casados. Deste momento em diante passas a ser a senhora Maribel de Barros, e eu te juro deante deste altar em que um sacerdote uniu os nossos destinos que hei de fazer tudo que estiver ao meu alcance para que te possas sentir sempre muito feliz a meu lado.

Maribel - Obrigada, Ernani, muito obrigada. Juro-te, tambem, que hei de esforçar-me sempre para ser muito e muito digna de ti e do nome que tão generosamente tu me ofereceste.

Aviador - Hei de procurar advinhar sempre os teus mínimos desejos.

Maribel - E o meu amor e a minha vida, hão de pertencer a ti somente, Ernani.

Aviador - Vamos então, "minha esposa".

Maribel - Vamos, sim, "meu maridinho".

( UM SINO BADALA FÓRA? ALEGREMENTE, ENQUANTO OUVES-SE A MARCHA NUPCIAL ATÉ UM FINAL DE FRASE MUSICAL).

(CORTINA MUSICAL)

Aurora - O que fazes aí, Suzana? Porque não vais te deitar. É tão tarde já.

Suzana - Não tenho sono, prima Aurora, e a cama nos cansa muito quando não podemos dormir. E a senhora o que faz até tão tarde levantada?

Aurora - O que faço? Estou preparando os doces para a chegada dos viajantes. se visses como ficaram bonitos os bombocados! Lindos, lindos. E devem estar gostosissimos porque foram feitos com todo o cuidado, com todo o esmero.

Suzana - Ah, a senhora fez bombocados?



- Aurora - Claro que fiz. Pois se é o doce que ele mais aprecia. Bem, agora vou me deitar que é muito tarde e amanhã tenho que me levantar bem cedo para arrumar o quarto dele. Vou enfeitá-lo todo de rogas e cravos. Pena que nesta época não existem crisântemos, senão ficaria também o seu quarto enfeitado com as flores que ele mais gosta.
- Suzana - O quarto de Alberto está preparado? Nem me lembrei de perguntar à tia Esperança.
- Aurora - Está preparado, sim. Foi eu mesma que o preparei. Preparei aquele quarto ao lado do de seu Felix mas troquei o colchão daquela cama por outro mais macio. Bem, Suzana, vou dormir que é mais de meia noite. Ficas aí?
- Suzana - sim. Vou ler até que me venha o sono. Depois subirei.
- Aurora - Até amanhã, então.
- Suzana - Até amanhã, prima Aurora. Passe bem a noite.
- Aurora - Ah é verdade! Do Asilo de Nossa Senhora da Piedade mandaram te dizer esta tarde que estava tudo pronto conforme o teu desejo. Vais mandar sempre a menina para lá?
- Suzana - (seca) sim, prima Aurora.
- Aurora - Está bem, boa noite.
- Suzana - Boa noite. (Passos que se afastam. Começa-se a ouvir muito ao longe uma melodia muito suave tocada por violino. Batem duas badaladas). Duas horas da manhã!... Como me sinto cansada, meu Deus! se ao menos pudesse dormir para repousar. Há cinco dias que não tenho socego, há cinco dias que vivo nesta agitação de sentimentos, nesta luta interior que me exaspera. Amanhã eles chegam. Amanhã ela chega. Donguinha irá levá-la diretamente da estação ao Asilo. Não quero nem vê-la. Não quero nem que me falem nela. Quero ter descanso. Quero ser feliz. (chorando) E eu tenho direito à felicidade! (Pausa. A musica aumenta um pouquinho e baixa novamente quando ela recomeça a falar) Ela é filha dele, sim. Não tenho dúvidas. Eu bem vi a expressão de descontentamento que se desenhou no seu rosto quando eu lhe disse que botaria a menina no Orfanato. (desesperada, chorando) Oh meu Deus, meu Deus!... Tire-me dessa dúvida horrível. Dize-me, por favor o que devo fazer. serei injusta procedendo como deliberei? Porque me dói tanto o coração? Porque me dói tanto a consciência. Acaso não me cabe o direito de salvaguardar a minha tranquilidade? Deus! si és bom e se és pai, responde o que te pergunto. (chora) O que é isto? Que fumaça é aquela que vejo naquele espelho? Há uma sombra! sim. Ela vai cada vez mais se acentuando. É um homem, começa a distinguir melhor agora. Todo de preto... os cabelos brancos... as barbas. (Quasi sufocada. Querendo gritar mas faltando-lhe a voz) Vovo!... Vovo! Vovozinho!... És tu, sim, agora te reconheço. Vieste para me aconselhar, não foi? Vieste para me dizer o que devo fazer, não é verdade? sim, é isto mesmo. Ele sorriu para mim e me acenou com a cabeça! Achas que devo recebê-la, vovo. Fala. Diz. Achas que devo recebê-la? (Pausa longa. a musica cessou. Há um silencio absoluto) (Chorando) sim, Vovo!... sim Vovozinho! (solução) Eu a receberei! (Pranto convulso).

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

SPEAKER: - Este foi, caríssimos ouvintes, mais um episódio do solar dos Alvarengas que Roberto Lis escreveu e que hoje teve a seguinte distribuição:

(REPETE A DISTRIBUIÇÃO)

Ouçam no proximo domingo, às mesmas horas de hoje, mais um episódio deste emocionante romance que a Radio Difusora oferece aos seus ouvintes todos os domingos às 20 horas.

ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM (Característica)

O SOLAR DOS ALVARENGAS!...

(CARACTERÍSTICA FORTE PARA O FIM DO PROGRAMA)



- Aurora - Dá licença, seu Felix?
- Felix - ( longe ) Entre. ( passos ) O que é que ha?
- Aurora - Seu Felix...eu estou numa situação tão difícil....
- Felix - Situação difícil?
- Aurora - Sim...
- Felix - Porque? Explique-se.
- Aurora - É que...O dr. Rubens teve um chamado para a cidade de Cachoeira e Suzana quer aproveitar a sua companhia e ir fazer compras para o enxoval. Pediu-me que a acompanhasse e...o senhor compreenderá, como eu também compreendo... não ha outra pessoa que possa fazer isto em meu lugar...
- Felix - Pois então a senhora vá. Não vejo razões para tanto embaraço.
- Aurora - Bem, mas é que...eu não desejava deixa-lo aqui sóinho, sem ter quem cuidasse da sua roupa, da sua alimentação...
- Felix - Óra, dona Aurora, não lhe dê isto cuidado. A senhora sabe que eu já fui soldado e que soldade não se aperta. Depois os criados são bons e já estão muito habituados com o serviço e com as minhas exquirisitas.
- Aurora - Eu sei que eles são bons e que tem boa vontade, não quero dizer o contrario mas a questão é que a gente, mesmo assim, precisa estar sempre observando o que eles fazem, chamando a atenção de uma coisa ou outra, dirigindo-os, enfim, para que tudo saia a contento.
- Felix - Vá, dona Aurora, vá e não se preocupe comigo.
- Aurora - Depois tenha roupa do Albertinho, também, que sou sempre eu que costuro, que reparo, que faço o fôl e etc.
- Felix - O que fôr do Alberto a tia Mauricia tomará conta com muito prazer até e a mim a Donguinha e o Zacarias bastarão.
- Aurora - Quer dizer então que eu pôsso ir?
- Felix - Claro que pôde, óra esta.
- Aurora - O senhor não ficará zangado comigo, seu Felix?
- Felix - Mas zangado porque, mulher de Deus? Pôde ir, já lhe disse. Suzana precisa da sua companhia e senhora tem obrigação de servi-la.
- Aurora - E...e o senhor não vai ter saudades minhas, seu Felix?
- Felix - Saudades? Não sei. A senhora ainda não foi eu não posso garantir o que vou sentir no futuro. Pôde ser que sinta e pôde ser que não sinta isto só na sua volta é que eu poderei lhe dizer.
- Aurora - Óra, seu Felix, eu queria que o senhor dissesse agora.
- Felix - Mas como é que eu vou lhe dizer uma coisa que eu não sei se vou sentir ou não?
- Aurora - Pois olhe: eu lhe garanto que vou sentir muitas e muitas saudades suas.
- Felix - Pois eu nada posso responder pelo futuro, dona Aurora.



- Aurora - De uma pessoa eu tenho certeza absoluta que o senhor vai sentir saudades.
- Felix - Quem é essa felizarda?
- Aurora - A Edelvira Monteiro. O senhor depois que frequenta a casa dela está completamente modificado, seu Felix. Pensa que eu não tenho notado isto? Mas olhe, um consolo eu tenho: se o senhor chegar a casar com ela o dia que o senhor brigar com ela terá que brigar com as quatro. Cairão todas em cima do senhor. E elas não são de brincado, não pense não. Elas são d.s tais que vão logo a vias de fato. Pobre do senhor seu Felix, pobre do senhor! Nem gosto de me lembrar! Ah e outra coisa: não pensa que elas vão aguentar o Alberto em casa delas, não. O primeiro cuidado que terão será o de separa-lo de seu filho. O senhor vai ver quem elas são. O senhor vai conhecer bem a força delas! Case, case com ela mas depois não se arrependa. O senhor vai torcer as orelhas e não vai sair sangue, o senhor verá. Vou lhe dizer que até bordoadas o senhor será capaz de apanhar.
- Felix - Apanhar bordoadas eu, dona Aurora? Ah dona Aurora a senhora não me conhece. Se eu efetivamente me casasse com a Edelvira Monteiro e ela resolvesse bancar a valente comigo...meu Deus! Ia ser duro com duro. Sim, porque eu não ia permanecer inativo, não pense não. Eu nunca toquei violentamente em mulher alguma porque aprendi de meu pai, desde pequeno, que numa mulher não se bate nem com uma flor, mas se ela virasse a bicho comigo...ah meu Deus! O meu pai ia dar pulos na sepultura mas ela ia levar o que era dela. Ah ia. Não tenha dúvida que ia.
- Aurora - É seu Felix?, E o que é que o senhor fazia heim seu Felix? O que é que o senhor fazia?
- Felix - O que é que eu fazia? Hum! A senhora ainda pergunta? Chegava-lhe a lenha ao couro com vontade e sem fastio.
- Aurora - Seu Felix! (escandalizada) O senhor teria a coragem de fazer uma coisa destas!
- Felix - Se eu teria a coragem? Mas meu Deus! Nem se pergunta que tinha.
- Aurora - Não me diga, seu Felix, não me diga!
- Felix - Digo, sim, digo.
- Aurora - Meu Deus! que homem violento!...Ai, ai! Como eu gosto de um homem assim

( CORTINA MUSICAL )

( Ouve-se uma ária de Ópera, de preferencia cantada por soprano, essa ária fará fundo aos dialogos, aumentando sempre que houver uma pausa longa.)

- Amigo - ( após uma pausa em que se ouve forte a musica ) Porque olhas tanto para aquele camarote, Alexandre? Conheces aquelas senhoras?
- Alexandre - Sim, Marcos. Uma delas foi minha cliente.
- Amigo - A moça ou a velha?
- Alexandre - A moça.
- Amigo - Elas não são daqui, não é verdade? Pelo menos eu não as conhecia nem de vista.
- Alexandre - Não. Elas moram fóra. São as Alvarengas de quem já tive ocasião de te falar.
- Amigo - Ah sim. ( pausa ) Agora estou compreendendo a razão da tua demora lá.
- Alexandre - Deixa-te de imaginar romances, é o que é.



- Amigo - Quem é o rapaz, irmão delas?
- Alexandre - Não. É noivo da moça. ( pausa ) É medico tambem.
- Amigo - Curaste a doente mas parece que adoeceste não é verdade?
- Alexandre - Ora, Marcos, deixa-te de tolices. É melhor que prestes atenção á Opera em vez de estares aí a imaginar coisas que não existem.
- ( Pausa grande, musica forte por alguns momentos, baixando depois )
- Suzana - O que tens, Rubens?
- Rubens - Nada.
- Suzana - Não mintas. Eu sinto que tens alguma coisa. Porque não dizes a verdade?
- Rubens - Não é nada, não. Estou com dor de cabeça.
- Suzana - Ora Rubens, porque não me disseste então? Quem sabe queres sair?
- Rubens - Sim. Creio que longe daqui talvez eu pudesse melhorar.
- Suzana - Pois então vamos. Alcança-me a capa, por favor.
- Aurora - O que é isto, está com frio?
- Suzana - Não, prima Aurora, Rubens está com dor de cabeça e nós vamos para o Hotel.
- Aurora - Ora que injustiça! Tão bom que está isto!
- Suzana - Paciencia, prima Aurora, é um caso de doença o que é que se vai fazer?
- Aurora - Imagine só! Uma creatura preparar-se toda para vir ao teatro e sair em meio do segundo ato!
- Rubens - Desculpe, dona Aurora, mas a minha cabeça parece que rebenta.
- Aurora - ( baixo ) Quem gusai rebenta de raiva sou eu. Porque não deixou a cabeça em casa?
- Suzana - Olhe a sua pele, prima Aurora. Vamos sair nas pontas dos pés para não chamar a atenção.
- (ouve-se a musica forte e depois a pouco e pouco vai diminuindo até desaparecer completamente) (ouve-se passos sempre á mesma altura)
- Cuidado que vamos sair agora. Levante a gola do casaco para não apanhar frio. Essa sua dor de cabeça póde ser algum resfriado.
- Rubens - Não é, não. A minha dor de cabeça era de ver o doutor Alexandre com os olhos cravados no nosso camarote desde o momento que entramos no teatro.
- Suzana - Foi então por isto que você quiz sair, Rubens?
- Rubens - Foi. Não podia mais suportar a sua insistencia e temi perder a calma e provocar um escandalo.
- Suzana - Francamente! Ensai que você fosse um pouco mais controlado em materia de ciúme. Cheguei a acreditar que você estivesse realmente com dor de cabeça, e quando acaba você não tinha era dor nenhuma.
- Aurora - Como não tinha dor nenhuma? Tinha dor sim senhora. Não era dor de cabeça mas era dor de canelas.
- Rubens - Aqui temos um carro. Vamos. ( pausa ) Suba Suzana. ( pausa ) Agora a senhora dona Aurora.



Aurora. - Obrigada não preciso a sua mão para subir. O senhor precisa mais dela para esfregar as canelas.

Rubens - Leve-nos ao Hotel Magestoso. ( ruído de carro forte a principio e depois se afastando pouco a pouco até desaparecer. )

( CORTINA MUSICAL )

( Ruído de passos que ora se afastam e ora voltam. Batem tres badaladas espaçadas )

Ernani - Meu Deus, como custa a passar o tempo que se espera. Fazem duas horas que me encontro aqui nesta angustia que não termina mais! (passos prox

Enfermeira - Muito nervoso Capitão? Porque não senta?

Ernani - Não posso. Tenho a impressão que estando sentado o tempo custa mais a passar.

Enfermeira - Tenha calma que tudo ha de sair bem.

Ernani - Demorará muito ainda?

Enfermeira - Creio que não. Será talvez questão de mais alguns minutos.

Ernani - A senhora não pôde imaginar o que um minuto representa para mim num momento destes.

Enfermeira - Calculo, sim, Capitão. Eu já estou nesta casa de saúde ha alguns anos e tenho assistido a muitos momentos como este. Todos ficam assim.

Ernani - O que disse o medico? Ele acha que tudo correrá bem?

Enfermeira - Sim. Não tenha receio. Depois da tempestade vem sempre a bonança e os momentos de felicidade que depois desfrutará hão de compensar estes instantes de angustia que está vivendo agora.

Ernani - Obrigado. A senhora é boa e as suas palavras me fazem bem.

Enfermeira - Sente-se um pouco. As suas mãos estão tremulas. O senhor está nervoso demais. Vou trazer-lhe um calmante, quer?

Ernani - Não obrigado. Prefiro que fique aqui a meu lado animando-me com as suas palavras de esperança.

Enfermeira - Está bem, eu ficarei então. ( pausa. Passos que se aproximam ) Olhe, aí vem o doutor.

Ernani - E então doutor?

Medico - Um momento. Dona Clara, vá ajudar a dona Vicentina.

Enfermeira - Pois não, doutor. Com licença, Capitão. ( passos se afastam )

Medico - Está muito nervoso, não é verdade meu amigo?

Ernani - Sim doutor, para que negar? O senhor compreende...um momento destes.

Medico - Acalme-se, meu amigo, vai tudo bem. Já não ha mais razão para tremer desta forma.

Ernani - Então...Já? ( ouve-se á distancia, um choro de criança recém nascida )

Medico - Aí tem a resposta!

Ernani - ( emocionadissimo ) Doutor...doutor...é menina ou menino?

Medico - Menino. ( pausa ) Não era isto que desejava?



Bianca - Sim, era. (emocionado) Obrigado meu Deus!...Obrigado doutor!....

( CORTINA MUSICAL )

- Donguinha - Pronto, seu Alberto, as banderinha tá tudo pronta. Colada e colada.
- Alberto - Muito bem, pôde deixar em cima dessa mesa. E as guirlandas?
- Mauricia - As guirlanda a nega véia tá fazendo, meu fio, mais isso dimóra mais. Tem que prendê as frô, as parma e esse arame machuca os dedo da nega véia.
- Alberto - Está bem, não tem pressa. Agora a Donguinha acabou as bandeirinhas pôde ajuda-la neste trabalho.
- Donguinha - Pôso sim seu Alberto.
- Martha - Onde é que as bandelinha vai se botá, heim Bêto?
- Alberto - Desde o portão da entrada até a porta da rua. De um lado e outro da alameda.
- Martha - Que munito que vai ficá. A titiana vai gostá.
- Mauricia - Tá tá cum soledinha dala, minha fia, tá?
- Martha - Kenê tá. A sinbola tambem?
- Mauricia - Tambem, minha fia. Nós tudo temo cum soledade dela e da dona Órora. Gracias a Deus Nosso sinhô que elas vorta amanhã. ( passos aprox. )
- Zacarias - Pronto seu Alberto, as parma dos coquero já tão arrancada. Dexei lá da banda de fóra da porta. É pra pregará elas agora ou amanhã de manhã?
- Alberto - Amanhã talvez não nos dê tempo. O trem chega ás nove, nove e pouco. Vamos pregar-las hoje á noite. O papai não está em casa?
- Zacarias - Não sinhô, seu Féli foi na cidade comprá os fuguete. Disse que quando fosse sete hora que levasse o carro pra buscá ele.
- Alberto - Bem, então trata de botar-te a caminho que são quasi seis e meia. Quando voltares trataremos de prender as palmeiras.
- Zacarias - Tá munto bem, seu Alberto, com a sua licença, entonces. ( passos )
- Martha - Selá que a titiana vai me tazê um pezente, dôdô?
- Donguinha - Di celto que vai, minha riquinha. O que foi que a minininha pediu prá ela trazê?
- Martha - Um livro de itóia e uma munéca. Uma munéca que diz papai-mamão.
- Donguinha - Que lindeza. Entonce hoje a minha riquinha tem que drumi bem cedoinho que é pra nóde aminhá levantá bem cedo e í na istação cum nós is insperá ela. ( passos que se aproximam )
- Esperança - Óia a janta tá na mesa, seu Alberto.
- Alberto - É cedo ainda, tia Esperança. Vou esperar o papai que ainda não chegou. Jantaremos juntos.
- Esperança - Mais a minininha num pôde insperá máis tempo. Parceira se alimentá.
- Alberto - Sim, tem razão. Dê então o jantar a ela que depois eu jantarei cum o papai quando ela chegar.
- Esperança - Pois é. Vem, minha fia, bamo.
- Martha - Kenê qué ipará titifé.



- Alberto - Está bom, agora só faltam essas duas guirlandas, não é verdade?
- Maurícia - Só, meu fio. Só essas duas. Intá de noute, si Deus Nosso sinhô quizé elas é de ficá pronta.
- Alberto - É na porta da rua eu botarei este cartaz.
- Donguinha - Já tá pronto, seu Alberto?
- Alberto - Já. Terminei agora mesmo.
- Donguinha - Que bunito que ficô. Umás cô tom viva! Num sabia que o seu Alberto que o seu Alberto sabia pintá.
- Maurícia - Que lindêza que vai ficá! Deis do portão da rua até a polta as pará as guerlândia e as banderinha. Na polta polta esse caltaiz e dispois acul dentro frô em tudo quanto é vaso.
- Donguinha - É o seu Féli sortando fuguete na chegada deles.
- Alberto - Esse cartaz já se pôde pendurar agora. É um serviço que fica feito.
- Maurícia - O que é que tá iscrevido aí, meu fio?
- Alberto - Ouça, tia Maurícia: " Bemvindas sejam as que em sua ausencia a tristeza deixaram no Solar".
- Donguinha - Que bunito! Seu Alberto! Isso é velso é seu Alberto?
- Alberto - Não, Donguinha, porque?
- Donguinha - Porque eu tava indimrada do sinhô fazê velso. Velso é só poeta que faiz.
- Alberto - Não seria nada de admirar se eu fizesse versos. Duça, Donguinha, ha um velho ditado que diz com grande acerto: De medico, poeta e louco cada um de nós temos um pouco.

( CORTINA MUSICAL )

- Gelsa - Noticias de casa, dona Lucilia?
- Lucilia - É uma carta do Alberto, Gelsa.
- Gelsa - Sim? A senhora deve estar contente então.
- Lucilia - Nada mais me causa alegria neste mundo, Gelsa...depois do que me aconteceu.
- Gelsa - Óra, dona Lucilia, não diga assim. A senhora verá como ainda ha de ser feliz um dia.
- Lucilia - ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ Não creio minha querida.
- Gelsa - Ele já sabe do que lhe aconteceu, não é verdade? E no entanto garanto que as suas cartas continuam amorosas como antes, não é assim?
- Lucilia - Mas é preciso considerar que ele ainda não viu o estado em que fiquei. É isto exatamente que me apavora porque, tenho a certeza que ao deparar com o meu rosto neste estado, ele recuará apavorado.
- Gelsa - Se tal acontecer é porque ele não a queria verdadeiramente. Os homens de espirito não se deixam prender apenas pela beleza do corpo. Antes a beleza de alma os prende muito mais.
- Lucilia - Não sei, Gelsa, não sei. Eu deveria renunciar a este amor para não sofrer qualquer decepção futura, mas em cada dia que passa eu vou deixando para o dia seguinte e a renuncia vai ficando para traz.



- Gelsa - Não faça isto, dona Lucília. Não renuncie a o amor pelo receio de que ele possa lhe fazer sofrer. A decepção é sempre um escudo contra a dor que ela própria nos causou.
- Lucília - Não sei, Gelsa, não sei.
- Gelsa - A senhora já mandou dizer a ele o que lhe aconteceu? Não ocultou o estado a que ficou reduzida a sua beleza depois do que lhe sucedeu. Ele continua a escrever, continua a enviar-lhe seus protestos de amor, porque há a senhora de renunciar?
- Lucília - Ele não me viu. Não sabe como fiquei. Por mais que imagine, estou certa de que está longe da realidade. Sou mais velha do que ele, viuva, que outra coisa o poderia ter prendido a mim senão a minha beleza?
- Gelsa - Faça uma coisa então, antes de terminar mande um retrato a ele, e observe a carta que lhe escrever depois. Será fácil verificar se o seu entusiasmo arrefeceu ou se permaneceu com a mesma intensidade.
- Lucília - Mas não será fácil distinguir o que ele dirá de coração ou apenas por cavalheirismo ou por piedade o que será ainda pior. Não, Gelsa, não há remédio. O que eu tenho que fazer é escrever-lhe a última carta terminando tudo e pondo com ela um ponto final na história amorosa da minha vida.
- Gelsa - É ~~xxxxxx~~ pena, dona Lucília! Enfim, se a senhora pensa desta forma.. bem, com licença, eu não quero atrapalhá-la. A senhora estava lendo a sua carta e eu vim interrompê-la.
- Lucília - Não, Gelsa, eu já havia terminado mas você naturalmente terá o que fazer. Vá.
- Gelsa - Com licença, dona Lucília. ( passos que se afastam ) ( pausa grande )  
( Ruído de escrever )
- Lucília - Meu querido Alberto. Não. Querido não. Deverei tratá-lo sem grandes arroubos de carinho, do contrario ele não acreditará na minha mentira. ( Ruído de riscar o que escreveu ) Alberto: Lamento dizer-lhe uma verdade que talvez o magoe mas seria pior, talvez, continuar mentindo. Eu não o amo mais. ( Cessa o ruído de escrever e repete ) Eu não o amo mais! Que mentira, meu Deus! ( c orosa ) que mentira! Dizer que não o amo quando o meu coração lhe pertence inteiramente!...  
( soluços )

( CORTINA MESICAL )

- Suzana - ( melga e triste á maia voz ) Tia Esperança! Sou eu que estou aqui pertinho da senhora. A Suzana. Não se lembra mais de mim? ( pausa ) Vamos, abra os olhos se não pôde falar e ao menos sorria para mim para eu ter a certeza que me reconheça. ( pausa ) Eu sei. Não me quer ver, não é isto? ( pausa ) Ela não atende. ( passos que se aproximam ) Cuidado, prima Aurora, não faça barulho. Caminhe na pontas dos pés.
- Aurora - Não adianta. Estes sapatos são horríveis de barulhentos. A sola é muito grossa. Vão ficar um pouco aqui para iras tomar alguma coisa.
- Suzana - Obrigada, prima Aurora, eu não vou tomar nada. Não tenho vontade.
- Aurora - Foi o doutor Rubens que te mandou chamar. Vai então lá dizer a ele o que não queres.
- Suzana - Está bem. Fique um pouquinho aqui, então. Qualquer coisa chame por mim.
- Aurora - Está bem. Vá descansada. ( passos arrastados que se afastam ) ( Passos comuns )
- Suzana - Mandou me chamar, Rubens?
- Rubens - Sim. Você precisa se alimentar e sair um pouco da cabeceira de tia Esperança.



- Suzana - Não posso, Rubens. Quando penso em deixá-la lembro-me que foi dedicada a todos nós e esta lembrança é o bastante para me prender junto a ela.
- Rubens - Cuça, Suzana: Esta doença às vezes se prolonga por muito tempo e você não pôde continuar a passar todas as noites como você tem feito, uma atrás da outra. Uma noite ficará você, outra dona Aurora, outra Donguinha e etc. Do contrário você vai enfraquecer.
- Suzana - Diga, Rubens: não há mesmo nenhuma esperança de salvá-la?
- Rubens - Minha querida, para Deus nada é impossível; entretanto não devemos alimentar sonhos cuja esperança de realização é muito remota. Ela está muito velha, muito enfraquecida e acho difícil que consiga vencer esta crise. Se conseguir ficará paralítica para o resto dos anos que ainda possa viver. Não deve, por isto, pedir a Deus que lhe conserve a vida.
- Suzana - Pobre da Tia Esperança! ( chorando ) Tão boa, que foi para a mamãe! Criou-nos a todos com tanto carinho! Tudo que a mamãe desejava fazer por nós foi ela quem o fez depois da sua morte. Oh Rubens!... Como é triste perder-se alguém a quem se quer um bem tão grande!...
- Rubens - Eu sei que é triste, minha Suzana, mas a morte nem sempre é o que existe de pior. Você queria que ela se salvasse e vivesse paralítica numa cama ou numa cadeira anos e anos? ( pausa ) Não posso acreditar que o seu egoísmo chegue a tal ponto. Cuça, Suzana: Eu perdi minha mãe aos dezolito anos. Era então estudante de medicina e já sabia que a lei nos negava o direito de matar porqu coastão eu lhe teria dado uma injeção que abreviasse os seus sofrimentos, tão horríveis era eles. E teria feito isto á minha própria mãe que era uma creatura boníssima e a quem eu adorava acima de tudo na vida. Mas era uma tortura infinita vê-la sofrer daquela maneira e saber que o seu mal não tinha cura. Que as suas dores se agravariam á medida que os dias passassem e que finalmente a morte viria quando ela estivesse exausta de sofrer. Quando queremos muito a uma creatura não devemos desejar o prolongamento de nada que a faça sofrer. E agora enxugue essas lágrimas e venha tomar um copo de leite que você hoje não jantou.
- Suzana - Não tenho vontade, Rubens. Eu jantei, sim.
- Rubens - Você está mentindo. Sei que não jantou porque dona Aurora se disse. Um copo de leite é coisa que se toma mesmo sem vontade. Vamos, faça-me este desejo.
- Suzana - Está bem, Rubens, eu tomarei.
- Rubens - E hoje você não ficará toda a noite acordada como tem feito há varias noites. Donguinha ficará com sua avó e se houver necessidade ela lhe chamará.
- Suzana - Que coisa horrível é a morte, meu Deus!...
- Rubens - Não compreendo que se pense assim, Suzana. Quantas e quantas vezes a morte é uma libertação!... Bem dita seja ela quando nos livra das torturas e misérias de que esta vida é cheia. Bem dita seja ela quando nos afasta das dores e dos crimes! Bem dita seja ela quando nos traz o descanso e o esquecimento!...

( COBERTINA MUSICAL )

( ouve-se um choro prolongado de uma criança pequena )

- Maribel - O que é isto, querido? Que choradeira é esta? O paizinho está judiando com ele, está?
- Ernani - Não sei o que tem este menino. Não consigo fazer com que ele se cale. Será fome que ele tem?
- Maribel - Não, meu querido, não pôde ser. Ele tomou a mamadeira não faz uma ho-



- ra ainda. Talvez seja sono.
- Ernani - Então vamos a ver se ele dorme. (cantando) Nãna, filinho, nãna meu amor, que a faca que corta, dá talho sem dor. (continua o choro forte) Vamos, vamos, deixe de choradeira. (cantando) Nãna nenê, que o bicho aí vem, papai foi á caça, mamãe foi também. (continua o choro)
- Maribel - Qual, meu querido, você não dá mesmo para ama seca. Pronto, já terminei o que estava fazendo. Vou pega-lo e voce vai ver como se calará num instante.
- Ernani - Pronto, vá com a sua mãe.
- Maribel - É, mas venha cá. Não fuja, não. Você vai sentar-se ao piano e tocar a cançõa de ninar que eu cantarei. Você bem sabe que é a forma que se adormece mais depressa.
- Ernani - Não ia fugir, meu amor. Ia apenas buscar os meus cigarros ali no quarto.
- Maribel - Pois bem, vá então mas volte.
- Ernani - Não, eu fumarei depois. Vamos ver se o fazemos calar.  
(Ouve-se uma canção de ninar acompanhada ao piano. Logo ao inicio da canção o choro cessa)
- Maribel - (á meia voz quando o canto termina) Viu como dormiu logo?
- Ernani - Pudéra! O que não conseguirá essa voz que já arrastou um homem ao crime?
- Maribel - Ernani! Não falemos mais disto, por favor. Já lhe pedi varias vezes. Para que despertar recordações que nos fazem sofrer? Esqueçamos os instantes mais que a vida nos reservou no passado e vivamos apenas do presente que é bom - dos sonhos de um futuro que ha de ser ainda melhor!
- Ernani - Querida, como eu te amo! (beijo)
- Maribel - Cuidado. Não vás acordar o menino.
- Ernani - Não tem importancia. Se isto acontecesse tu cantarías de novo a doçura da tua voz mais uma vez o faria adormecer.
- Maribel - Vamos deita-lo no seu bercinho cor de rosa como devea ser os sonhos que embalam o seu dormir!  
(CORTINA MUSICAL)
- Alberto - (lendo) Perdõa se te decepciono. É melhor a verdade, por cruel que ela seja a mentira de um amor que não sentimos. Tu és moço e has de encontrar alguma melhor do que eu para a companheira de tua vida. Esquece-me, pois. Lucilla. (pausa) Esta foi a penultima que recebi. Vejamos agora a ultima. (lendo) Mentí quando te disse que não te amava. Amei-te desde o primeiro momento em que te vi e á medida que a nossa convivencia se intensificava mais e mais se solidificava o sentimento que me despertaste. E foi inutil lutar contra esse amor porque ele tomou conta do meu ser, dominando-me, torturando-me, fazendo-me com que te entregasse inteiro o meu coração, vencido, submisso. E se hoje renuncio a esse amor que é toda a minha alegria, toda a minha vida é porque me encontro no estado miseravel que poderás verificar pelo retrato que te remeto. Poderia pretender continuar a inspirar-te o mesmo sentimento com a fisionomia alterada como ves? Não creio. Sigamos pois os nossos destinos. Continua a correr em busca da beleza enquanto que eu vourei célere ao encontro do esquecimento. E a minha tarefa será bem mais difficil do que a tua porque terei que não só esquecer a ti como a mim mesma. Tua infeliz Lucilla. (pausa. Passos que se aproximam.) A é a senhora tia Mauricia?
- Mauricia - Sou eu, sim, meu fio. (pausa) O que é que o meu fio tem que tá assim tão tristonho?
- Alberto - Nada, tia Mauricia, eu não estou triste.



- Maurícia - Hum, num! O fio pensa que pôde enganá a nega véia? Num ingana, não. A nega véia conhece bem ele. Tombem, pudera! Crisó ela teis de piquininho ansia.
- Alberto - Não é nada, não, Tia Maurícia, não se preocupe. São coisas que passam.
- Maurícia - Porque mecê num conta pra véia? Num tem confiança nela?
- Alberto - Tenho, sim, tia Maurícia, a questão é que não gosto de entristecer os outros por minha causa.
- Maurícia - Bobage, meu fio. Triste a nega véia ia ficá si mecê num falasse pra ela!
- Alberto - Foi intão ouça, tia Maurícia: a minha nomeada brigou comigo porque sofreu um desastre e ficou completamente deformada.
- Maurícia - Ora, cuitadinha!
- Alberto - Mandou-me o retrato para eu ver como está feia agora. Aqui está, veja.
- Maurícia - (após uma pausa) Pobresinha! Tá feia memo. O rosto todo lanhado! Do que foi, meu fio?
- Alberto - São cicatrizes de umas queimaduras que sofreu num incendio.
- Maurícia - Tá bão, meu fio, paciencia. Deus Nosso sinhô quiz que tudo acontecesse assim a gente tem de se acomodar com a vontade dele. Hay muitas moça bunita por esse mundo sem fim. Mecê é de arranjá otra, casá cum ela e sê munto filizio.
- Alberto - Mas a questão é que eu já gostava dela, tia Maurícia.
- Maurícia - Vai, meu fio, pois entences casa ansia memo como ela tá, oricosa.
- Alberto - Mas é que assim...eu não sei, tia Maurícia...eu não sei o que sentirei deante dela que eu conheci tão linda!
- Maurícia - Entence, meu fio, a preta véia num sabe o que é de dizê. Sô quero dizê mais uma coisa pro meu fio e depois a nega véia vai siabora: A beleza verdadeira no rosto das pessoa, ela tá é dentro do coração!

( CORTINA RUBICAL )

- Suzana - Ué, prima Aurora o que é isto, vai sair?
- Aurora - Eu sair a esta hora? Que ideia é esta? Porque?
- Suzana - Eu lhe vi de vestido novo, pensei...
- Aurora - Então só para sair é que se bôta vestido novo?
- Suzana - An o seu Felix estava aí, eu não tinha visto, Agora estou compreendendo. Desculpe.
- Aurora - Você quer dizer com isto que eu botei o vestido novo por causa dele, não é isto?
- Suzana - Mais ou menos. E não foi?
- Aurora - Quer dizer...
- Suzana - diga a verdade, prima Aurora. Não foi?
- Aurora - Porque pensa você que tenha sido?
- Suzana - Porque eu sei que a senhora mandou fazer esse vestido verde só porque o seu Felix disse que essa cor ficára muito bem na Edelvira Monteiro.
- Suzana! que horror! como você está ficando, menina.
- Aurora



- Suzana - Eu estou mentindo, prima Aurora? ( pausa ) Vamos, responda. Eu estou mentindo?
- Felix - Não está, não. Eu sei que é verdade.
- Aurora - O senhor está é muito convencido, é o que é.
- Suzana - Então não foi por causa dele que a senhora fez esse vestido?
- Aurora - Não foi.
- Suzana - Não faz mal, seu Felix, não fique triste. Outras botarão vestidos novos por sua causa. Ah é verdade esqueci-me de lhe dar um recado que lhe mandaram.
- Felix - Um recado para mim? Qual foi?
- Suzana - A Lisóca Araujo mandou convidá-lo para a festa que vai fazer no dia do aniversário dela. Esteve conversando muito tempo comigo a seu respeito e disse-me que não pôde esquecer-se de um tarde em que o senhor foi esperá-la á saída da igreja e depois foi acompanhá-la até em casa.
- Felix - É verdade. Foi uma tarde adorável! Conversamos tanto.
- Suzana - Ela me contou. Disse-me que iam lado a lado, conversando, andando bem devagarinho e depois ainda estiveram muito tempo parados no portão da casa dela. Bem, eu estou aqui de conversa e o mingau da tia Esperança por fazer. Com licença. ( passos se afastam )
- Aurora - Muito bonito, não é seu Felix?
- Felix - O que, dona Aurora?
- Aurora - Ainda tem a coragem de perguntar o que? Um homem da sua idade bancando vassoura de limpar terreiro. Namorando tres a um tempo só.
- Felix - Que tres, dona Aurora? Não sei quais são.
- Aurora - Bôca não se faça de ingenuo. E Edelvira Monteiro, a Lisóca Araujo e...
- Felix - E quem mais? Qual é a terceira que eu não sei.
- Aurora - Eu, seu Felix, eu. Não se faça de bobo. Se isto é ridiculo para um moço muito mais para um homem da sua idade.
- Felix - Pois é, mas o que é que eu vou fazer? Que culpa tenho eu de ser bonito?
- Aurora - Ridiculo é o que o senhor é. Ridiculo. Mas o meu consolo é que tanto a Edelvira Monteiro como a Lisóca Araujo falaram bastante do senhor.
- Felix - Isto não tem importancia. A senhora também falou.
- Aurora - Mas se eu falei a culpa foi delas mesmas. Elas é que me metiam coisas na cabeça. Elas é que me aconselhavam a não lhe dar confiança.
- Felix - E depois porque a senhora se modificou tanto?
- Aurora - Porque? Ora porque... porque verifiquei que elas andavam erradas. Que o senhor não era nada daquilo que ellas diziam. ( pausa ) Afinal, seu Felix, o senhor tem que se definir por uma de nós tres. O que não está direito, positivamente, é que o senhor esteja a nos fazer de bobas. O senhor sabe que nós não somos crianças...
- Felix - Ah sei, não tenha duvidas que sei. Basta olhar para a cara de qualquer uma das tres para ter-se desde logo essa certeza.
- Aurora - Pois então mais uma razão para o senhor se resolver em vez de andar a nos empatar o tempo. Empatar o tempo e comprometer-nos porque afinal outro pretendente que porventura possamos a ter, poderá desistir vindo-nos sempre acompanhadas pelo senhor.



- Felix - Mas eu não os acompanho. As senhoras é que me acompanham.
- Aurora - (chorosa) É muito mal feito - que o senhor anda fazendo, meu Felix. Brincar desta forma com o coração das moças. Isto não se faz. Se eu soubesse que o senhor ia dar para Dom Juan nunca teria fixado os meus olhos nos seus. Maldita hora em que me deixei iludir pela sua lábia! Maldita hora em que dei credito ás suas juras de amor mentirosas. Tudo perversidade! Tudo fingimento! Tudo mentira! Tudo maldade! Oh meu Deus! Como eu sou desgraçada! (chora) (passos que se aproximam)
- Felix - Mas eu nunca lhe fiz juras de amor, dona Aurora. Só se a senhora sonhou isto. E se sonhou a culpa não me cabe.
- Aurora - Fez sim, fez. E não foi uma vez só. Foram muitas vezes até. (chora)
- Suzana - Mas o que é isto, o que foi que houve? Porque está a prima Aurora de-  
belhada em lagrimas.
- Felix - Ora porque ha de ser. Porque você foi falar naquela historia da Lisóca Araujo.
- Suzana - Só por isto?
- Aurora - E você acha pouco? Se fosse com você eu queria ver.
- Suzana - Fale bem, prima Aurora se a senhora me disser a verdade eu vou lhe di-  
zer uma coisa que a senhora vai fiçar muito contente.
- Aurora - O que é?
- Suzana - Antes a senhora terá que responder o que eu vou perguntar. Foi ou não foi por causa do meu Felix que a senhora botou esse vestido verde? Se a senhora disser a verdade eu lhe conto o que eu sei, se a senhora ~~me~~ mentir eu não lhe conto. Responda: foi ou não foi por causa dele que a senhora botou esse vestido?
- Aurora - (após uma pausa) Foi.
- Suzana - Eu sabia. Agora ouça: É mentira toda essa historia da Lisóca Araujo. Foi tudo invenção minha para mexer com a senhora.
- Aurora - Não é mentira nada, é verdade. Tu está dizendo que é mentira para me consolar.
- Suzana - Juro-lhe que é mentira, prima Aurora.
- Aurora - Por Deus Nosso Senhor, Suzana?
- Suzana - Por Deus Nosso Senhor.
- Aurora - Ai meu Deus, que bom! Que alivio! Que pezo to me tiraste de cima do coração. (passos que se afastam)
- Felix - O que é isto? Onde é que vai?
- Aurora - (de longe) Vou botar um pouco de pó que devo estar com os olhos inchados de chorar!
- Felix - Veja! Veja o que você me arranjou, Suzana!
- Suzana - Coitada! Está na segunda mocidade. É ridicula, não ha duvida, mas para ella será melhor viver assim do que viver sem esperanças! A esperança é a essencia suave que nos perfuma a vida. ás vezes o frasco está vazio mas ainda nos satisfaz aspira-lo porque o perfume ainda não se extinguiu de todo!...
- ( CORTINA MUSICAL )
- Jorge - Boa tarde.
- Empregado - Boa tarde, senhor.



- Jorge - A dona Maribel está em casa?
- Empreg. - Está, sim senhor.
- Jorge - É o capitão Egnani, estará também?
- Empreg. - Não senhor. O capitão só virá a noite.
- Jorge - Faça o favor de dizer é senhora que necessito falar-lhe.
- Empreg. - Tenha a bondade de entrar. ( passos. Ruído de porta que fecha. Pausa ) O seu chapéu, faça o favor. ( pausa ) Tenha a bondade de sentar-se. ( pausa ) A quem devo anunciar?
- Jorge - Diga-lhe que é... não. Eu desejo fazer-lhe uma surpresa. Diga que é um amigo que vai embarcar e que veio apresentar-lhe as suas despedidas.
- Empreg. - Perfeitamente, meu senhor. Com licença. ( passos se afastam )
- Jorge - Pelo que eu vejo as coisas correm muitobem para eles. Esta sala está com gosto e com luxo. Piano, rádio, objetos de arte em mármore e bronze... Que linda este retrato de Maribel. Não o conhecia. Provavelmente foi ele que o mandou pintar. Vejamos que tal é o piano. ( acordes espa- sos de alguém que experimenta um piano. ) É, não há duvida, as coisas correm muito bem para eles. Resta saber agora se ela se sente feliz. ( passos que se aproximam )
- Maribel - ( assombrada ) Jorge!...
- Jorge - Porque tamanho assombro? Vim visita-la. É a coisa mais natural desta vida.
- Maribel - Seria natural se... Jorge porque veio aqui?
- Jorge - Porque embarco amanhã para o sul e queria despedir-me de você.
- Maribel - Fiz mal, Jorge, não deveria ter vindo. Afinal quando nos separamos ficou deliberado que cada um seguiria o seu destino sem procurar intrometer-se no destino do outro.
- Jorge - Completei o meu curso de aviação, deixo o Rio amanhã, sentia-me feliz por ter conseguido realizar o meu sonho maior e quiz comunicar a alguém toda a minha alegria. O alguém que me ocorreu foi você que pareceu-me querer tanto bem outróra e que tantos sacrificios fez para que eu pudesse prosseguir a minha carreira.
- Maribel - E se Egnani chegasse de um momento para o outro e o surpreendesse aqui Não pensou que isto poderia perturbar a minha felicidade?
- Jorge - Tive o cuidado de indagar do seu empregado e sei que ele só voltará á noite.
- Maribel - Jorge, porque fez isto? O empregado poderá desconfiar e isto ficará muito mal para mim.
- Jorge - Tive o cuidado de indagar de uma forma discreta, não se preocupe.
- Maribel - Muito bem, agora você já satisfaz o seu desejo, sala, por favor.
- Jorge - Você se despede de sua casa, Maribel? Francamente, não pensei que voce fosse capaz de um gesto destes. Contenha-se um momento ao menos para me ser agradável. Eu parto amanhã para o sul. Lá, depois de uns poucos dias de férias que me serão concedidas, receberei uma missão a cumprir. É possível que não volte aqui e que nunca mais nos torne-mos a avistar. Nos quizeamos tanto outróra, que mal haverá que nos des-peçamos com um pouco daquele antigo carinho que dispensávamos um ao outro?
- Maribel - Não é possível, Jorge. Eu agora sou uma mulher casada e respeito muito o meu marido.



- Jorge - Ama-o?
- Maribel - Ela é muito bom para mim e adora-me mais do que tudo na vida.
- Jorge - Não foi isto que lhe perguntei. Perguntei si plesmente se você o ama.
- Maribel - Sim.
- Jorge - Não minta, Maribel.
- Maribel - Quantas vezes já lhe tenho dito que o amo, Jorge?
- Jorge - De todas elas você tem mentido, Maribel. Bem, deixemos de partê esta questão. Quero me despedir de você ao menos com um abraço que talvez seja o ultimo que trocamos.
- Maribel - Foi bem, Jorge, mas você sairá em seguida, não é verdade?
- Jorge - Sim.
- Maribel - Bem então adeus, e felicidades. ( pausa ) Que você seja sempre bem sucedido em todas as suas empresas e que nos momentos de perigo...o que isto Jorge? Não, por favor, solta-me, deixe-me...
- Jorge - Sim, Maribel, um só. Um ultimo beijo de despedida para que eu possa lavar, na minha boca o perfume magnifico de seus labios.
- Maribel - Jorge, por favor, Jorge, não insista.
- Jorge - Porque não? É um só. É o ultimo pedido que lhe faço. Amanhã partirei em missão de guerra e quem sabe se voltarei.
- Maribel - ( suplice quasi chorando ) Jorge! Não insista mais! Tenho pena de mim e não se prevaleça da minha fraqueza. Bem sabe que nunca pude esquece-lo. Saia, saia por favor.
- Jorge - Não.
- Maribel - Solta-me antes que me faltem as forças para resistir.
- Jorge - Não. ( ouve-se ao longe o choro da criança )
- Maribel - ( violenta ) Solta-me! Ordene-lhe que solta-me ou obrigar-me-á a esbofetea-lo dentro de minha propria casa. Sou uma mulher casada. Tenho um filho e não quero amanhã ter de curvar a cabeça envergonhada deante dele!
- Jorge - Maribel!
- Maribel - Nem mais uma palavra, Jorge. Saia, saia antes que eu o faça expulsar pelo criado. ( pausa ) ( passos se afastam ) ( campainha de chamada ) ( passos se aproximam )
- Empregado - A senhora chamou?
- Maribel - Justino: nunca mais abra a porta da minha casa para este homem que acaba de sair.  
( CORTINA MUSICAL )
- Felix - O que tens, meu filho?
- Alberto - Nada, papai.
- Felix - É inutil tentares ascender os teus pazares porque o meu coração advinha que os tens.
- Alberto - O seu coração o enganou paisinho. Não tenho nada.
- Felix - Tens, eu sei e tia Mauricia, deante da minha insistencia, já me poa



- no corrente do que se passa. Quem é? ( pausa ) Vámos, res-  
ponde.

Alberto - É...é Lucília Alvarenga, papai.

Felix - Lucília?!...Como é possível que tenha acontecido uma coisa destas?

Alberto - Não sei, papai, sei simplesmente, que aconteceu.

Felix - Tia Maurícia disse que ela te mandou um retrato, não é verdade?

Albe to - Sim. Aqui o tem.

Felix - Coitada! A que ficou reduzida!...Tão linda que era antes. ( pausa )  
E a carta? Deixa-me ver a carta. ( ruído de papel. pausa grande )  
" E se hoje renuncio a esse amor que é toda a minha alegria, toda  
a minha vida é porque me encontro no estado miserável que poderás  
verificar pelo retrato que te remeto. Poderia pretender continuar  
a inspirar-te o mesmo sentimento com a fisionomia alterada como ves?  
Não creio. Sigamos, pois, os nossos destinos. Continua a correr em  
busca da beleza enquanto que eu voarei célere ao encontro de esque-  
cimento. E a minha tarefa será bem mais difícil do que a tua porque  
terei que não só esquecer a ti...como a mim mesma. Tua infeliz Lu-  
cília. ( pausa ) O que lhe respondeste, meu filho?

Alberto - Nada, papai. E é por não saber o que lhe responder, exatamente, que  
me encontro tão preocupado e aborrecido.

Felix - Você não sabe o que responder, meu filho? Você não poderá dar tama-  
nho desgosto a esta pobre menina. Escreva-lhe hoje mesmo dizendo que  
a ama pelo seu espírito, pelas suas qualidades morais e não pela sua  
beleza.

Alberto - Sim, papai.

( CORTINA MUSICAL )

( Batem sete badaladas espaçadas ) Ruído de carro que sai e se afes-  
ta a pouco e pouco ) Sineta de chamada ) Passos que se aproximam )

Maurícia - Bom dia, meu sinhô. Já acordade ansim tão cedo?

Felix - É verdade. Não pude/dormir quasi esta noite. Quem saiu agora no y  
carro?

Maurícia - Foi o Zacaria que o seu Alberto pediu pra ele i botá uma calta na  
instação bem cedo inante que passasse o trem.

Felix - Está bon. Prepara-me o café que eu já vou saltar da cama.

Maurícia - Sim sinhô. Vê prepará ele aporinha memo.

Felix - Eu não sei se fiz bem em ~~se~~ aconselhar o Alberto a proceder desta  
maneira. Ele poderá se arrepende mais tarde e que inferno verdadei-  
ro poderá vir a ser a sua vida então. Felix, Felix, procedeste pre-  
cipitadamente. Não tinhas o direito de resolver á tua vontade e co-  
mo melhor te parecia um assunto tão grave para o coração do teu fi-  
lho. Quem te impeliu a falar daquela forma?

Uma voz - ( baixo ) Foi eu.

Felix - Eu quem?

Uma voz - A dignidade.

Felix - Mas...e a felicidade de meu filho?

Uma voz - A felicidade, meu amigo? A felicidade está sempre onde nós a colo-  
gamos!...

( CARACTERISTICA MUSICAL FORTE )

SPEAKER - Este foi, caríssimo ouvintes, mais um capítulo de " O soltar dos  
(Volta)



11/12/1943.

" O SOLAR DOS ALVARENGAS " *Camêra*

- Um romance de Roberto Lins -

(CARACTERÍSTICA MUSICAL)

EXEM - ROBERTO LINS E SEUS ARTISTAS ASSOCIADOS (Característica forte)

O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Movimento e característica forte)

Um romance que é um pedaço de própria vida, de vezes cheia de doçura e encantamento e outras vezes, tão difícil de ser vivida!...

Um romance em que o amor e o ciúme a cada momento se enfrentam; a lágrima e o sorriso a cada instante se sucedem; o enlevo e a nostalgia em cada cena se repetem como na vida real, a cada momento, a cada instante, o amor e o ciúme, se sucedem e pranto e o riso e a alegria e a nostalgia!...

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

DEIP

DIVISÃO DE RADIO-DIFUSÃO

APROVADO

*Alfredo C. Rachade*  
11-12-43

Um romance que nos mostra a vida como ela é: suave e boa para tanta gente, para outros tão áspera e cortante; no entanto, a um e face sorridente, a outros abrindo o peito solupente!... (Característica forte)

O capítulo de esta noite obedecerá à seguinte distribuição:

- |                                   |                   |
|-----------------------------------|-------------------|
| Luiz Alvarenga - A delusão.....   | Carsten de Lencar |
| Dr. Rubens - A constância.....    | Roberto Lins      |
| Lucilla Alvarenga - A ilusão..... | Linoy de Andrade  |
| Jorge Alvarenga - A ambição.....  | Alfredo Lins      |
| Tia Esperança - A resignação..... | Ruana Margarita   |
| Longuinha - A bondade.....        | Lilla Maria       |
| Escurião - A lealdade.....        | Carlos More       |
| Tia Maurícia - A candura.....     | Beatriz Delorge   |
| Alberto - O consolo.....          | Edmundo Gay       |
| seu Melix - O coração.....        | Claudio Real      |
| Irina Aurora - A ruína.....       | Ruana Margarita   |
| Martha - A inocência.....         | Maria do Céu      |
| Delorge - O remorso.....          | Juarez            |
| Haribel - A renúncia.....         | Lilla Maria       |
| Capitão Emami - A revolta.....    | Cândido Roberto   |
| Celga.....                        | Siguelo Castro    |
| Um soldado.....                   | José Pereira      |
| Um padre.....                     | Calos Coelho      |

Apresentação de..... Teddy Rodrigues e Cyara Angel.

Encargado do Estúdio..... Billio Melo

Orquestra de..... Willy Rodrigues

Antes de começar início ao capítulo desta noite, façamos uma ligeira revisão dos acontecimentos desenvolvidos anteriormente.

O Capitão Emami de Barros e sua esposa Haribel tiveram a satisfação surpresa de ver a sua felicidade coroada com o nascimento de um robusto garotinho.

Tia Esperança, devido, naturalmente, à sua avançada idade, sofre um ataque cerebral e que causa a mesma um grande desgosto, principalmente quando o Dr. Rubens lhe afirma que o seu estado é muito grave e que a pobre pavia - no caso de conseguir escapar a morte - ficará com as pernas paralisadas.

Jorge, tendo terminado o seu curso de aviação, antes de embarcar para o sul, procura Haribel, sob o pretexto de despedir-se. Nesta ocasião quando ela está prestes a succumbir, ouve no quarto o choro de seu filho, suplicando-o, então, com dignidade.







Guiana - Vai, Zacarias. Eu ficarei aqui assistindo o despertar do sol. Ele parece que em cada bocejo das nuvens desperta um bocejo mais. (Canto de Zacarias)  
Os passaros continuam cantando, como a dizer ao dia que desponta: acordate preguiçoso! (Passos que se aproximam)

Mauricia - Levado hoje Nosso sinhô Jiquin Cristo, sinhazinha.

Guiana - Bom dia, tia Mauricia.

Mauricia - Já de madrugada a essa hora, minha fia? O que aconteceu?

Guiana - Nada. Acordei-me às quatro para dar um pouco de leite à tia Esperança e depois não quis voltar para a cama. Estou aqui pensando o assistindo o amanhecer.

Mauricia - A preta véia hoje vai botar os negos pra fora da casa bem cedo. Hay muita coisa que faz pra diabo de aninha. Óia que eu disse pra Zacaria que era pra ele se alivanta às cinco hora e até agora o naroto num apareceu.

Guiana - Ele já está levantado, sim, tia Mauricia. Vai ao curral tirar o leite.

Mauricia - Ah bô! Intance eu já tava fazendo injusticia. Mas a Donguinha não se alivanta-se ainda num é sinhazinha?

Guiana - Não. Pelo menos aqui ela ainda não apareceu.

Mauricia - Para neguinha é safada! Fergada que é! se eu digo às cinco ela alivanta às seis, se eu digo às seis ela alivanta às sete. Nunca é na hora que a gente diz.

Guiana - Coitada, tia Mauricia, é moça, gosta mais de dormir.

Mauricia - Pois parê moça, memo, minha fia, é que ela tem que se alivanta mais cedo do que tem mais força pra trabalhar do que os véio.

Guiana - Inqui a pouquinha mais ela está aí.

Mauricia - Tá bô, a nega véia vai tratá da vida. Tem muita coisa pra fazer. Tem o leite pra ferver, tem o coco pra ralar, tem as galinha e os piri pra matar pra não eles ficar toda essa noite e amanhã todo o dia em vinhadão... Tem muita coisa, muita, muita. (Passos que se afastam)

Guiana - Como fica bonita a silhueta esguia dos pinheiros na faixa vermelha do horizonte! E a quietude ambiente é tão grande que não se percebe tramar ao longo da brisa um unico ramo! A calmaria da alvorada parece que contagia todas as coisas, exceto o meu peito que se agita na mesma luta interior de todos os dias, no mesmo sonho de conquista da felicidade que todos se bicionam: alcançar. (Passos que se aproximam)

Donguinha - Ah, sinhazinha guiana, o que da casa hoje? O que foi isso? A sinhazinha nunca se alivanta antes tão de manhãzinha.

Guiana - Então todos admirados da minha madrugada. Não posso um dia proceder diferente de todos os outros dias?

Donguinha - Mas quero dizer isso, sinhazinha, mais que a gente ingrata, ingrata. A gente num tá acostumada a se levantar numa hora dessas. A sinhazinha num tá duenta, tá?

Guiana - Ora casa, Donguinha, conta porque se levantei cedo? Nada disso. Não eu queço que depois de amanhã é o dia do meu casamento e que um noiva nos seus ultimos dias de solteira tem que fazer muito e muito que fazer.

Donguinha - Mas é mesmo! A pinheira é de cre que eu nem me alenteve, que a sinhazinha guiana ia se casar depois de amanhã?

Guiana - É, Donguinha. Vou. (Sussurro) Parece mentira mas... vou casar.

Donguinha - A pinheira num parece muito contenta. Diz sempre que lhe diga.



Lucília - Estou contente, sim, Donguinha, mas preocupada ao mesmo tempo.

Donguinha - Obrigada, ginhá-ginha. Porque, ainda que não seja urgente?

Lucília - Porque? Porque ninguém sabe o que nos reserva o dia de amanhã!...

(Canta o solo)

(Bate o sino longo)

(CORTEJA MUSICAL)

Lucília - Gelga?

Gelga - sim, dona Lucília, posso entrar?

Lucília - Podes, sim. (Bate as portas)

Gelga - Podes ajuda-la em alguma coisa?

Lucília - Obrigada, a minha mala já está pronta. É pouca a roupa que levarei porque a demora não poderá ser muita. A licença é de vinte dias apenas.

Gelga - E a que horas sairá?

Lucília - Creio que a qualquer momento. O Piloto 93 que se levará disse-me que eu estivesse pronta para as seis horas.

Gelga - Apesar de eu não conhecer a tua irmã, dá um abraço que eu mando. Não que desejo todas as felicidades na nova vida que vai iniciar.

Lucília - minha bem merece a felicidade. É tão boa! Não é? Você não pode calcular, Gelga.

Gelga - Foi ela que criou a tua menina, não é verdade?

Lucília - sim. E com que dedicação! Com que carinho! Se não fosse ela eu não sei o que seria da minha vida!

Gelga - E o rapaz, merece-a?

Lucília - sim, talvez... como todo o homem é um pouco leviano, um pouco volúvel, mas no fundo creio que a quer muito bem. E não poderia ser de outra forma, porque estou certa de que ele dificilmente encontraria uma creatura melhor do que minha irmã.

Gelga - Quantos dias podes ficar lá, dona Lucília?

Lucília - Todos os que me foram concedidos por licença. Quero ver se passo o Natal em companhia deles este ano, já que o ano passado não me foi possível fazê-lo.

Gelga - Nós vamos sentir muito a tua falta mas ficaremos resignadas sabendo que estás contente.

Lucília - Não sei, Gelga. Não sei que surpresas me reservará o destino ao chegar ao colar dos Alvarengas. Você sabe que Alberto está lá e...

Gelga - sim, compreendo.

Lucília - Tudo dependerá da maneira como ele me receber. Às vezes eu fico a pensar Gelga e a perguntar a mim mesma como foi que eu fui gostar de um menino, afinal, quando tantos e tantos homens se interromperam no meu caminho.

Gelga - Coisas da vida, dona Lucília. O destino, talvez.

Lucília - sim, só como destino poderá ser explicado um tão grande absurdo. Enfim, já agora é demasiado tarde para reagir. O remédio é curvar a cabeça e resignar-se ao que tiver que acontecer.

Gelga - Logo que chegar lá escreve e manda-me dizer como tudo se passou. Não é por má curiosidade que desejo saber.



- Lucilia - Eu sei, Gelsa, você é minha amiga. Escreverei, sim. Mandarei contar tu do a você.
  - Gelsa - E eu ficarei aqui esperando para que tudo corra à medida dos seus desejos.
  - Lucilia - Muito obrigada, Gelsa, muito obrigada. (Passada que se aproxima)
  - Soldado - (de longe) Já licença, dona Lucilia?
  - Lucilia - Pode entrar. (Passada) O que deseja?
  - Soldado - O piloto 93 manda avisar a senhora que está pronto para levantar vôo.
  - Lucilia - Perfeitamente. Diga-lhe que já vou.
  - Soldado - Tem alguma bagagem para levar?
  - Lucilia - sim. Estas duas malinhas. Pode leva-las.
  - Soldado - com licença. (Passada que se afastam)
  - Lucilia - Bem, Gelsa, ajeuginho então, e até à minha volta. Hei de me lembrar sempre de vocês.
  - Gelsa - Adeus, dona Lucilia. Boa viagem e felicidades. Todas as felicidades.
  - Lucilia - Obrigada. (Passada que se afastam. Tocou de clarim de longe)
  - Gelsa - Coitada! Não boa e tem sofrido tanto! Deus perdoa que o rapaz a tenha bgo. Acho difícil, entretanto! Ela coitada está tão feia! Não feia! Não é mais nem a sombra de que foi!... (Passada que se aproxima) O que foi?
  - Soldado - Nada, dona Gelsa. Dona Lucilia é que lhe mandou pedir para reparar bem o ferido da casa 312.
  - Gelsa - Ah, sim. O menino dela. Cuidarei bem dele. (ruído de avião levantando vôo e depois voando forte a principio e depois enfraquecendo até desaparecer.) que Deus a acompanhe, dona Lucilia!...
- (CORTEJA NUPCIAL)
- Aurora - (gritando para longe) Juliana! Oh Juliana! Chega aqui um instante, por favor. Mas uma porção de tempo que estou te chamando!...
  - Juliana - (de longe) Um momentinho, prima Aurora, eu já vou.
  - Aurora - Ven depressa, quero que veja o meu vestido para depois do amanhã. (outro tom) Eu não sei, eu não estou gostando muito do decote. Estou achando pequeno. Eu gostaria que as costas ficassem mais nuas. O diabo é que eu não posso ver direito, assim. (gritando) Oh Juliana, por favor chega aqui. É só um momentinho.
  - Juliana - (de longe) sim, prima Aurora, já vou. (Passada que se aproxima) Pronto, aqui estou. O que é que a senhora quer?
  - Aurora - Quero a tua opinião para o meu vestido do teu casamento.
  - Juliana - Qual claro, prima Aurora?
  - Aurora - Qual claro, claro. Que cor querias que eu ficasse? Roxo? Preto? Marron? Deteste as cores escuras. Cores escuras são para velhos e afinal - que diabo - eu velha, valha não sou.
  - Juliana - Eu não quero dizer isto, prima Aurora, mas uma cor mais clara iria melhor com os seus cabelos grisalhos.
  - Aurora - É simples. Eu pinto os cabelos.







Jorge - Ah, sim, como não. Já ouvi falar muitas vezes, até.

Dolores - Quando de minha estada no solar, ha pouco tempo passado, sei que a imagem que lá deixei - principalmente no espirito da sua irmã Lucilla - não foi das melhores. Afianço-lhe, entretanto, que não tive a menor culpa do que se passou e se sentiu á sua irmã, prejudicando a mim propria, foi na piedosa intenção de não apunhalá-la sua felicidade.

Jorge - Eu tive conhecimento desse fato apenas em linhas gerais. Seu Felix, que me escreveu á respeito, não entrou em qualquer detalhe.

Dolores - Seu Felix sabe bem como tudo se passou, mas não foi para isto que vim procurá-lo. Gostei que embarca hoje para o sul, não é verdade?

Jorge - Exatamente. Minha esposa já amanhã e vou precisamente para assistir o seu casamento.

Dolores - Eu sei. E foi isto que me trouxe aqui. Quería pedir-lhe o grande favor de ser portador de uma lembrança minha para Suzana. É uma lembrancinha pequena na que o senhor poderá levar mesmo no bolso.

Jorge - Pois não. Sentirei prazer em servi-la.

Dolores - É uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, circundada de perolas e diamantes. É uma joia que minha mãe deixou, com algumas outras, á sua primeira netá. Diga-lhe que é Augustita quem lhe manda esse presente com os seus melhores votos de uma felicidade muito e muito duradoura.

Jorge - Agradeço, por minha irmã, a delicadessa da lembrança, dona Dolores.

Dolores - Não tem nada que agradecer. Sou muitíssimo grata á Suzana pelo imenso carinho que dispensou á minha filha, durante o tempo que elle foi hospedado de sua lar. Sei de pedir sempre a Deus para que a faça muito feliz. Diga-lhe que esta medalha minha usou-a desde o dia do seu casamento até que seus olhos se fecharam para a vida. E que minha mãe foi feliz. Muito feliz, mesmo. Muito mais feliz do que eu, a quem a vida só tem dado desasozos e inquietações.

Jorge - A senhora é muito moço, ainda poderá encontrar a felicidade.

Dolores - A felicidade morreu para mim desde o instante em que fui abandonada pelo homem a quem dei toda a minha vida, toda a minha dedicação, toda a minha ternura! Eu o quis tanto que elle sentindo a sua incapacidade de poder retribuir o meu afeto resolveu abandonar-me.

Jorge - Elle voltará ainda algum dia, quando a senhora menos esperar.

Dolores - Elle não poderá voltar nunca mais!

Jorge - Porquê?

Dolores - Ele morreu! (Suspira longa) Bem, eu não tenho o direito de entristecê-lo principalmente neste dia que deverá ser, para o senhor, de tão grande alegria. Perdoe-me, sim? Na tortura infinita que me martiriza a alma, esqueço-me, ás vezes, que os outros nada tocam que ver com os meus pensamentos.

Jorge - Ora, dona Dolores, francamente... Perdoe-la porque? Se o seu desabrimo me perdoou-lhe algum bem, sinto-me satisfeito em que a senhora tenha podido dar vazão á esse sentimento.

Dolores - É que eu sou a primeira a reconhecer que não devo revelar ao mundo a minha dor, porque o mundo não seria capaz de compreendê-la. Não mesmo as creaturezas de boa vontade, como o senhor, seriam capazes de compreenderem a angústia de toda a extensão de uma grandeza. Assim, é deveríamos guardá-la, como flor delicada e rara, na estufa maravilhosa do silencio! Bem, eu não deojo importuná-lo por mais tempo...

Jorge - Por favor, dona Dolores, não diga isto. Á sua presença só se dá prazer.

Dolores - Transmite o meu abraço á Suzana, entregue-lhe esta lembrança que Augustita manda e diga-lhe que uma palavra só se recusa todos os dias para ella: "Felicidade".



- Zacarias - Um telegrama, seu Félix. Chegô indagorinha memo.
- Felix - Para mim?
- Zacarias - O moço diz que é. A sinhazinha guiana já assinô o papézinho que tinha que dá de volta pro ele.
- Felix - Está bem, pôdo deixa-lo. E para um momento, Zacarias, deixa-me ver o que é. (Lê o telegrama.) Sigo hoje aviso militar. Amanhã aí. Abraços, seu dadeu, Lucília.
- Zacarias - A sinhazinha Lucília vem aí, seu Félix?
- Felix - É verdade.
- Zacarias - De certo vem pro casamento da sinhazinha guiana.
- Felix - Sim, deve ser. Vá checar o meu filho, Zacarias. Ele está em casa?
- Zacarias - Deve de tá, sim, filho. Num fais muito ele tava lá na varandinha ajudando a dona brora a dipindura as bala na balara.
- Felix - Muito bem, diga a ele que venha cá que eu preciso falar-lhe.
- Zacarias - Tá muito bem, seu Félix. (Pausa que se alonga)
- Felix - Preciso preparar Alberto para este encontro. Pelo que eu vi na fotografia, Lucília está terrivelmente desfigurada e receio que a imprudência natural nos rapazes da sua idade, possa causar à pobre menina um desgosto muito profundo. E ela é tão boa, coitada! Já tem sofrido tanto... que seria uma deshumanidade acentuar mais ainda os seus sofrimentos! Por outro lado tenho pena de Alberto que é jovem, bonito, cheio de idéas e que com certeza não se prendeu por ela por outra coisa que não fosse a sua beleza. Em cada dia que se passa mais e mais me convence que a vida é realmente muito difícil de viver!... (Pausa que se aproxima)
- Alberto - Mandou-me chamar, Papai?
- Felix - Sim, meu filho, preciso falar contigo. Senta-te aí.
- Alberto - Estou às suas ordens, Pai.
- Felix - Eu acabo de receber um telegrama, sabes de quem?
- Alberto - Não posso imaginar.
- Felix - De Lucília.
- Alberto - De Lucília? O que lhe diz ela?
- Felix - Deve chegar amanhã. (Pausa longa) Não sentes nada? (Pausa) Não te emocionas com a noticia?
- Alberto - Não sei, papai. Talvez seja emoção o que eu senti... eu não sei bem explicar...
- Felix - Alberto, abre-me o teu coração. Sou teu pai, teu amigo, quero ser teu bom teu confidente e o que ha de te auxiliar nos pagoda mais sérios que tiveres que dar na vida. Bem sabes que farei tudo o que me for possível para que te sintas sempre alegre e feliz. Fala-me, pois com toda a pureza de tua alma, com toda a sinceridade do teu coração. Tu gostas de Lucília?
- Alberto - Papai... quando eu a conheci... linda como um anjo; senti-me envolvido na luz que beira e não aspirei outra coisa que não fosse completar o meu curso e casar-me com ela.
- Felix - Muito bem.
- Alberto - Agora, entretanto... em face do que aconteceu... eu não sei o que sou



Felix - Chegamos exatamente ao ponto que eu queria. Era sobre isto que eu queria falar-te. (Pausa) No momento em que te aconselhei que respondesses a sua carta rejeitando a sua renuncia, dominava-me unicamente o principio de humanidade que nenhuma creatura deve esquecer nem desprezar. Naquella mesma noite em meu quarto, e sóz com os meus viajantes, comeci a refletir sobre o conselho que te havia dado e por varias vezes saltou-me a ideia de que me não era dado o direito de dispor da tua vida e sacrificar a tua felicidade. O que talvez não me parece direito, de forma nenhuma, é que lhe des um desgosto tao profundo deixando transparecer na tua fisionomia a repulsa que a sua presença por acaso te cause. Agora, o que te quero dizer é o seguinte: que ao menos nos primeiros dias de sua chegada, tu te não tenhas com ella da mesma forma como estavas habituada a trata-la, antes de tudo isto acontecer. Mostra-te alegre e carinhoso como antes e depois por seremos numa maneira menos impiedosa de separa-los se de todo não te sentires com forças para levar ao fim o teu sacrificio. Entendeste bem o que eu desejo?

Albarto -Entendi, meu pai.

Felix -Prometes que farás o que te peço?

Albarto -Prometo, meu pai.

Felix -Bem, era só isto o que eu queria de ti. E agora pódes ir a ajudar dona Aurora a pendurar as balas na balança. (Pessoa que se afasta) (Pausa) que magnifico coração!... que delicadessa de sentimentos!... (uma mulher) até neste dia se parece com Nathércia!...

(CONJUNTA MUNDIAL)

Martha - Titiana, o teu vitido na gogeu.

Luizana - É minha filha? Então fica aqui um pouquinho acompanhando a tia Esperança que a Titiana vai atender a costureira. A senhora capere um docedinho que eu já volto, sim tia Esperança?

Esperança -sim, minha fia, vai.

Martha -Titiana, tá tão sumito o teu vitido, titiana!... É cuspidão, cuspidão, pul aqui.

Esperança-Que sumito, minha fia.

Martha - É todo branco, enfeitado com fita e fôsinha. Quando o nenê botá ele o nenê vem aqui na titiana vê, sim?

Esperança-É sumito bom, minha gatinha.

Martha - si a Titiana se pudesse casinha a titiana ia na iguena vê o casamento, não ia?

Esperança-Ia, sim, meu anê. Mas a negra véia num póde, ela tá duenta.

Martha - A tia ôa fez tanta bala, titiana, tanta bala! O néto tá mudando ela.

Esperança-Pois é, tudo tá trabalhando, só a pretá véia é que num póde fazer nada.

Martha - Quando a titiana ficar bôa a titiana faz. Quando eu se casá a Titiana vai fazer doce, não vai?

Esperança-quando a minha fia se casá, a boga véia adonde tárá meu Douç?!...

Martha - A Lódo também fez vitido novo. Tudo fez vitido novo. (Pessoa que se afasta)

Luizana - Veja, tia Esperança, trouxe o vestidinho da Martinha para a senhora ver. Sumito, não é? Ela vai ficar que nem um mocinho de vestido comprido. É ela que vai levar as noivas alianças, sobe tia Esperança.

Esperança - A negra véia já póde, minha fia.



- Emani - E assim que tiver terminado a cerimonia eu virei aqui para receber o seu abraço. A senhora está contente, não está, tia Esperança?
- Esperança - De certo, minha fia, a prota veia tá muito contenta. Ela só tá triste é de tá duenta e não pudé trabalha pro casamento da fia querida dela.
- Emani - A senhora já trabalhou muito, tia Esperança. Muito. Criou a todos nós e deu-nos todo o carinho que a Mãezag nos teria dado se fosse viva. A senhora foi a digna substituta que nos ficou depois da sua morte e por isto amanhã, no momento em que eu receber o seu abraço, terei a impressão de que serão os braços dela que se cingirão a mim com carinho e que se vão os lábios dela que, pelos seus, elevarão a Deus uma prece pela minha felicidade!...

(CORTINA MUSICAL)

- Emani - (desesperado) Cada vez que olho para ti e para essa criança, falta-me a coragem de partir, Maribel.
- Maribel - Ora, Emami, não te deves preocupar tanto a ponto de te desesperares. É certo que sentirei muito, muitíssimo a tua ausência e que ficarei remanido para que ela seja a mais breve, possível, mas ao mesmo tempo sinto-me orgulhosa de te ter sido confiada uma missão de tão grande importância, a qual virá concorrer muitíssimo para a vitória da nossa Pátria nessa luta em que nos empenhamos pela conservação da nossa liberdade!
- Emami - Como tu és corajosa, minha querida. Orgulho-me de ti e se não fosse tua coragem eu não sei como me sentiria nesta hora angustiada em que te sei que me separar de ti sabe Deus por quanto tempo.
- Maribel - Seja lá o tempo que for que permaneças ausente, Emami, ao regressares de nos encontrar aqui, fiel ao amor imenso que tens por ti, persevera na ideia de serrecar e respeitar o nome que se deste.
- Emami - Minha querida!...
- Maribel - E cuidarei muito do nosso Ronald. Vai de dar-lhe todo o meu carinho, todo a minha dedicação, todo o meu devoto. Ele será o companheiro das minhas horas vagas, quando a tua saudade vier me falar de ti. Ele será o estímulo para que eu prosiga a minha vida com vontade de viver. E tu, Emami, tu não de te lembrar sempre de nós, não é verdade?
- Emami - Sempre, minha querida, sempre. Levo-te, e ao nosso filho, dentro do coração. Estarei sempre com vocês, pelo pensamento e a saudade de ser a minha inseparável companheira.
- Maribel - Quero que me escrevas muito, muito mesmo. Sempre que te for possível manda-me notícias tuas. Cada carta que me chegar a mim será para mim como um novo alento para continuar a esperar.
- Emami - Um ano de ausência!... Um ano sem te ver, sem te ouvir, sem te falar. Um ano sem a tua presença... sem os teus beijos!
- Maribel - Um ano parece depressa, meu amor. E quando voltares já o nosso filhinho estará andando, dizendo papai, mãe e fazendo um milhão de perguntas curiosas que nos farão rir tanto! (rindo com saudades) Tanto!... Imagina ele a por o teu pé, os teus cabelos e a arrastar pelo corredor da casa. (ri). Quando voltares, meu querido, ele já estará fazendo tudo isto!
- Emami - Deus, Maribel, não posso fazer o auto esperar mais. Quero que me des um beijo onde esteja toda a tua alma, toda a tua vida, todo o teu coração! (Faz um beijo. Dá um beijo na mão) (voz de choro) Maribel, querida...
- Maribel - (fazendo um beijo de fora) Então, vamos, Emami. É um ano só. Um ano parece depressa. Dedica-te com todo o ardor à tarefa que tens a desempenhar, e devoto-te inteiramente nela e um dia, quando abrires os teus olhos, um ano terá passado e tu estarás de novo entre nós.
- Emami - Quanto te admiro, Maribel! É a tua coragem que me faz forte neste momento. Adeus! (Faz um beijo de fora e desaparece).



Maribel - (após uma pausa) É um ano só, eu lhe digo. E um ano passa depressa! Que mentira, meu Deus! Que mentira!... (chorando) Como vai custar e passar esse tempo!... (apluso) (choro da criança) O que foi, meu querido? Está triste também porque o papaiinho foi embora? Não chora, meu amor! (com voz de choro) Não chora que a mãezinha também já não está chorando mais! Temas que ser forte, também, porque és um homenzinho! És filho de um soldado do Brasil e serás também, no futuro, um outro soldado da tua Pátria. Teu pai partiu para dar o seu esforço e talvez a sua vida pela nossa liberdade. Se eles o matarem tu has de crescer para um dia vingar o teu pai!...

(CORRINA MUSICAL)

Felix - O que é que está fazendo, dona Aurora?

Aurora - Oh meu Felix! Eu... eu não queria que o senhor soubesse o que eu estava fazendo...

Felix - É alguma coisa que não se possa saber?

Aurora - Crede, meu Felix! Não diga isso nem brincando. É que eu estava preparando o diadema que vou levar amanhã no casamento e naturalmente queria que fosse surpresa.

Felix - Mas a surpresa é para quando eu não direi nada a ela.

Aurora - Não, não era para a quando. A surpresa era exatamente para o senhor. Agora o senhor já viu não é mais preciso esconder.

Felix - A senhora vai botar essa coroa de rosinhas encarnadas na cabeça, dona Aurora?

Aurora - Vou meu Felix, porque? Não gosta? O meu vestido é preto eu preciso levar qualquer enfeite mais vivo.

Felix - Mas não uma coroa de rosinhas na cabeça, dona Aurora. Isso é próprio para as meninas e não para a senhora.

Aurora - Meu Deus, eu decididamente estou sem sorte com esse casamento. Primeiro fiz um vestido de tule azul claro que estava um doce de delicadeza. A mãe achou improprio para mim...

Felix - Naturalmente, é isto mesmo.

Aurora - ... e me fez desistir dele. Fiz outro à toda pressa de rendão preto e agora o senhor se manifesta contra as rosinhas vermelhas.

Felix - As rosinhas já estão fora de tempo para a sua idade, dona Aurora. Desculpe a franqueza mas eu sempre fui assim: o que penso digo.

Aurora - E que flor me sugere o senhor então?

Felix - Pode ser qualquer, dona Aurora, qualquer rosa ou lilás. Tanto a flor como as cores estarão mais de acordo com a senhora.

Aurora - Meu Deus, agora vou ter que trabalhar a noite toda, de contrário não terei tempo de apertar o meu diadema.

Felix - E não pode diadema, também. Pode um apanhado de flores sobre um dos lados do cabelo. Olhe: melhor ainda seriam as flores no decote do vestido e na cabeça umas algetes pretas ou brancas.

Aurora - Como o senhor é exigente, meu Felix. Está bem, eu farei a sua vontade. (chorando) Donguinha, chega aqui depressa, pequenina. Preciso que vá à cidade para mim. Como gostaria das algetes colocadas, meu Felix?

Felix - Bem, isto a cabeleireira arrumaria da melhor maneira que lhe parecer. Elas ficam pretas, sabem mais como se usa. Talvez as pretas sejam para cima e as brancas para baixo. (Pegando que se aproxima).



Donguinha - A senhora me chamou, dona Gróza?

Aurora - Chamei, sim, Donguinha. Quero que vá à cidade à toda a pressa antes que as lojas fechem e me compres um metro de veludo roxo e meio metro de seda brilhante lilas. Preciso fazer uma flores hoje mesmo.

Donguinha - Tá muito bem, dona Gróza, eu já vou já.

Aurora - Aqui tem o dinheiro. Procura comprar onde houver mais barato que eu já gastei muito com as minhas toilettes.

Felix - E as aigretes não vai mandar buscar?

Aurora - Não, as aigretes eu tenho aí. Tenho brancas e tenho pretas. Vai depressa então, Donguinha, antes que as lojas fechem.

Donguinha - Tá bem, sim senhora, eu já vou já. (Passa que se afastam)

Aurora - E agora terei que ficar parada até que venha o material para as saudades. Imaginem! Botar saudades no meu peito. Só coisa do senhor mesmo, seu Felix.

Felix - Porque? A senhora nunca teve saudades no seu peito?

Aurora - Tive, sim, seu Felix. Uma vez só mas tive.

Felix - E quando foi, se não é indiscreção?

Aurora - Foi... ah, eu não quero dizer.

Felix - Diga, diga. Eu quero saber.

Aurora - Foi quando o senhor esteve ausente do solar esta última vez.

Felix - Escute, dona Aurora, gostaria de saber que tocamos alguma coisa para as seis convidadas amanha. Poderiamos escolher o que iriamos tocar, não lhe parece?

Aurora - Sim, efetivamente. Teremos que escolher alguma coisa muito bonita. Vejamos o nosso album. (Busca. Folhear de musica) Elegia, de Massenet. Isto é bonito.

Felix - É bonito, sim, mas talvez encontremos coisa melhor.

Aurora - A dança macabra de Saint-Saens.

Felix - A dança macabra num casamento, dona Aurora? Francamente, não acho nada adequado. Era o mesmo que nós tocarmos a marcha fúnebre de Chopin!

Aurora - Olhe, podemos tocar isto aqui. (Dá o nome do disco escolhido).

Felix - A senhora tem o seu violino afinado?

Aurora - Tenho. Geralmente logo após o almoço eu o estive afinando.

Felix - Pois então experimentemos.

Aurora - Que bonito vai ficar, seu Felix! O senhor de casa, eu de vestido de renda preto com as saudades no peito e as aigretes na cabeça. O senhor no piano e eu no violino! Um verdadeiro quadro de cinema!

Felix - Conhecemos. (Dá um na sola da violino acompanhada no piano, de musica romântica)

Aurora - O que acha? Está bem?

Felix - Sim. A musica romântica é bonita e pelo menos neste particular parece que nós estamos carinhosos os dois!

(CORTEJA MUSICAL)



(ruído de carro que vem de longe, se aproximando aos poucos até ficar bem forte e parar à porta do solar).

- guzana - Ué, parou um carro à nossa porta e o Zacarias não me parece que tenha ido com o noivo à cidade.
- Maurícia - Mas foi não, ginházinha, seu Zacaria tava lá na oquinha indagarinha mesmo.
- guzana - Espia na janela, vê quem é que chegou. (Ruaça) Alguma visita, com certeza.
- Maurícia - (a uma certa distancia) É uma noiva, ginházinha. Mas ela parece que chegou de viagem, o buleiro tá tirando mala do carro.
- guzana - Quem será? (Ruaça) (distante) Ingratada, eu não conheço. Mas ela parece que veio para ficar. Está tirando a bagagem do carro. Vai lá na porta receber-la, tia Maurícia.
- Maurícia - Tá tanto bem, ginházinha. (Ruaça que se afasta) Quem será? Alguma parenta que eu ainda não conheço e que tenha vindo para o meu casamento? (Ruaça que se aproxima).
- Felix - O que é isto, guzana, estás falando gózinha?
- guzana - É meu Felix, estou preocupada com uma pessoa que acaba de chegar e que eu não sei quem é?
- Felix - Uma pessoa? Mulher ou homem?
- guzana - Mulher. Agora o senhor não pôde ver daqui porque ela já entrou. (Ruído de carro, forte a princípio e se afastando depois pouco a pouco).
- Felix - A única pessoa que esperamos para o teu casamento é...
- guzana - Jorge eu sei que vem porque me escreveu a semana passada e este respeito.
- Felix - Sim, mas a questão é que a recém chegada é uma mulher e a única mulher que eu espero tu não deixarias de reconhecer-la.
- guzana - Quem é?
- Felix - Não te digo, guzana, ela talvez ainda venha e quero que tenhas uma surpresa. (Ruaça que se aproxima) Veja-se quem é a recém chegada. Ela aí vem.
- Lucília - (convida) guzana, minha querida!
- guzana - (anda um pouco longe) Lucília!...
- Lucília - Nem me reconheceste, não é verdade?
- guzana - (disfarçando, com voz submersa) Ora Lucília, que bobagem! Como ia deixar de te reconhecer.
- Felix - Como é, não se dá um abraço ao velho amigo?
- Lucília - (convida) meu Felix! (Ruaça) Meu bom amigo!... (Ruaça) Não preciso dizer mais e que gente. Tu compreendo muito bem é... e estou conformada!
- Felix - (voz submersa) Bobinha! Tolinha! (disfarçando) Está a mesma coisa. Não mudaste quasi nada. Apenas um pouco mais negra, é natural.
- Lucília - (uma alusão) sim meu Felix! Apenas um pouco mais negra, nada mais. (Ruaça que se aproxima) Tu compreendo muito bem! Tu compreendes!...
- (SOLTEIRA MORGADA)
- Felix - Compreendo muito bem que a visita do noivo à casa da noiva é de duas horas da tarde ao dia do casamento e poderá causar atrapalhado, mas era tanta a saudade que eu sentia que não tive paciência para esperar até à noite. Jorge já chegou?



- Luciana - Ainda não. Chegará com o trem das seis. Quem chegou sem que esperassemos foi Lucilla.
- Rubens - Lucilla?! Veio assistir o nosso casamento?
- Luciana - Sim. Está tão desfigurada, e coitada que eu nem a reconheci.
- Rubens - E de que forma chegou ela? Pelo trem da manhã?
- Luciana - Não. Veio de avião até um campo próximo das leguas daqui e de lá veio num carro particular que ela conseguiu emprestado.
- Rubens - Bem, falemos agora de nós. Logo de oito horas o Padre Eugenio nos dará a sua bênção e nada mais nos poderá separar, não é verdade, minha querida?
- Luciana - Sim, Rubens. Espero o desejo que seja assim.
- Rubens - E poderá estar bem certa de que de ser porque cada vez mais me convengo que gosto muito e muito de ti.
- Luciana - Como me fazem felis as tuas palavras, Rubens!... (ouve-se à uma certa distância o ruído d'acôr em piano e violino que principia por um pouco mais forte, fazendo depois fundo ao resto do dialogo) seus pais (após uma pausa) eu Felix e dona Aurora ensaiam-se no programa que apresentarem logo à noite.
- Rubens - (após uma pausa) Não está contente, Luciana? Não se sente felis?
- Luciana - Sim, Rubens, mas não tanto quanto desejaria sentir-me.
- Rubens - E porque? (silêncio) Não.
- Luciana - (após uma pausa) Porque tenho a impressão, Rubens, de que você se conde de mim seu pensamento. Só me recebe no seu sala de visitas sempre arrumada. É uma sala bem bonita, mas eu preferia entrar de surpresa pela casa toda, biblihoteira, indigareta, revistar os estancinhos, os cantos, as portas, olhar os abidos e as gavetas. As gavetas, sim. O lugar onde se guarda o passado, onde se deixa o presente e onde se delinea o futuro. Você se deixaria arrumar, reager, queimar as recordações ali existentes e ficar sóinha, despoética, unica dentro da casa maravilhosa do seu ser? Ser o seu presente e seu futuro e aquela que viria ainda no seu passado? Em pequenina se ensinaram que aquela que dá e toma fica cercada. É qual o castigo de quem tudo recebe e nada retribue?
- Rubens - Oh Luciana, você se entristece com essas palavras. Não creí então que eu lhe de todo o meu carinho, toda a minha ternura, tudo que tenho dentro do meu peito e que é meu porquê só você tem sabido verdadeiramente merecer essa afeição? Cuiça, Luciana: eu talvez seja pobre ou inexpressivo na maneira de fazer sentir a minha afeição e é isto, naturalmente, que às vezes lhe faz pensar que eu não correspondo o grande amor que você me dedica, mas juro-lhe pelo que existe de mais sagrado para mim, pela memória de minha ente e querida mãezinha, que você é tudo para mim na vida e que sem você eu já não poderia mais viver.
- Luciana - Obrigada, Rubens, muito obrigada. Era isto que eu queria ouvir de você. Era isto que eu necessitava ouvir dos seus lábios. Agora sinto-me felis. Completamente felis!... Inteiramente felis!...
- (A musica suspena e continua a tocar até um final qualquer de Strauss, onde termina)
- (MUSICA MUSICAL)
- Lucilla - (vindo de longe, chamando) Fria Aurora, oh Fria Aurora! Fria Auró... Oh... Você não Alberto? Boa tarde.
- Alberto - Boa tarde, Lucilla, como vai? Eu já sabia que tinha chegado mas ainda não tinha tido o prazer de vê-la.
- Lucilla - É que... eu não sai do quarto desde que cheguei.
- Alberto - Porque? Sem voto de recolhimento?



- Lucilia - Não... é que... cheguei quasi na última hora, para a cerimonia, você compreende... precisava arrumar o meu vestido, preparar tudo, enfim.
- Alberto - quinze minutos que você tivesse tirado do seu tempo para falar aos... aos amigos, não iriam retardar-la tanto. Esqueceu-se de nós, com certeza.
- Lucilia - Não, Alberto, confesso que tenho feito todo o empenho para isto mas ainda não o consegui.
- Alberto - Confessa então que desejava esquecer-nos?
- Lucilia - Sim. Porque negar? Desejava esquecer-me até de mim mesma.
- Alberto - E porque?
- Lucilia - Porque? Porque... não, Alberto, não se pergunte porque. Eu compreendo que você estranhe a minha maneira de ser, atualmente, mas eu mudei muito, Alberto. Muito. Mudei em tudo.
- Alberto - Não, Lucilia, você é sempre a mesma. É tal qual como eu a conheci antes... (Pausa).
- Lucilia - Não. Antes do desastre, não é isto? É bondade sua, Alberto. Muita bondade. Eu sei que não sou hoje mais uma garota de que fui.
- Alberto - É impressão sua, asseguro-lhe. O que você pegava de mais encantador e atraente eram seus olhos e o seu sorriso. Estão iguais. Perfeitamente iguais ao que eram antes.
- Lucilia - Eu já não sei nem mais sorrir, Alberto. O que você pensará talvez que seja sorriso é este ritmo de dor e de revolta que abriga no canto da minha boca desiludida e sofrida. (Pausa) Dizes que nos habituamos a tudo na vida. Pode ser que com o tempo eu me adapte melhor com a desgraça que me feriu.
- Alberto - Responda uma pergunta que lhe vou fazer, Lucilia: não creê que alguma vez se ama-la assim como é presentemente?
- Lucilia - Não creio, Alberto. Não posso cre-lo. E que consolo seria para mim essa certeza, meu Deus!
- Alberto - Pois eu a amo, Lucilia. E amo-a simplesmente porque a amo desde o principio pelo seu espirito e pelas suas qualidades morais e não pelo sua beleza.
- Lucilia - Você é bastante generoso, Alberto, e eu sei bem admirar a beleza do seu gesto mas infelizmente já tenho bastante noção do que seja a vida para poder ter a coragem de aceitar o seu sacrificio. Obrigada. Eu sei que nos infelizes gostamos.
- Alberto - Não ha generosidade no que lhe digo como não haveria sacrificio em desobedi-la. Você ha de se convencer disto com o tempo e estou certo de que ha de mudar a sua maneira de pensar.
- Lucilia - Pode ser. Duvido muito, no entanto! Bem, é tarde e necessito preparar-me para a cerimonia. Aguardem o dia de amanhã.

(CENA ÚNICA)

- Padre - Meu filhos! Diante do altar de Jesus, no templo sagrado do pai santissimo, acobertados de ligar as vossas vidas! Que o vosso juramento de amor e fidelidade possa passar a vida futura de vossos filhos como um exemplo digno de ser imitado! (Pausa) Que a dedicação recíproca seja o vosso leme e a dignidade o vosso mais alto ideal! Que firmes e apoiados no sagrado amor do nosso Deus santissimo, possais prosseguir e vencer as escuridades do caminho! Que nunca vos falte o Fé! Mas será o meu tentaculo do vosso lar, e escudo de aço retemperado que ha de salvaguardar os vossos corações da tristeza e do desencanto! Vivai um para o outro e pelo outro, bendizendo e cultuando sempre o nome sagrado de Deus e esperando da sua misericórdia aquilo que dele fizerdes por merecer!



que Deus se abençoe e ampare. Que a sua misericórdia, que excede a toda a compreensão, esteja conosco e conosco habite eternamente.

(ainda revivendo festivamente, forte)

Felix - Susana, minha querida, o meu grande abraço. Quisera dizer-te mil coisas neste momento, mas não sei o que dizer!

Susana - Não me diga nada, meu Felix. Não me diga nada porque eu sei compreender tudo! Abraça-se simplesmente. Assim. Bem fortemente. (Felix) E agora beije-me como teria feito o meu querido Vovô, se ainda existisse!... (Felix)

(Segue a marcha nupcial, com orchestra ou órgão, tocando forte por alguns momentos, enquanto o rádio lá fora continua revivendo festivamente).

CRONOGRAMA - Este foi, caríssimos ouvintes, mais um capítulo do golar dos Alvarengas, o romance que Roberto Lig escreveu, dirige e interpreta com o seu moderno conjunto de Rádio Teatre.

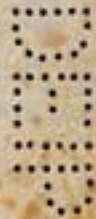
Foi a seguinte a distribuição do capítulo desta noite:

(REPETE A DISTRIBUIÇÃO)

Oçam, no proximo domingo, às mesmas horas de hoje, mais um capítulo deste romance.

ROBERTO LIG E SEUS ARTISTAS APRESENTAM (característica forte)

O GOLAR DOS ALVARENGAS!... (Novamente a característica forte).





Roberto

19/12/1943.

- Um programa de Roberto Lis -

(CARACTERÍSTICA MUSICAL)

SPEAKER: ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM! (Característica forte)

O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Novamente a característica forte)

Um romance que em tom forte ou em cor esmaecida, nos pinta às vezes a morte ou fiel nos pinta a vida!...

Um romance onde, alternadas, alegria e dor se sente; onde ha clarões de alvoradas ou tristezas do poente!...

Uma historia onde se move, como supremo imperante o amor, que ora nos comove ou nos faz rir noutro instante!

Uma historia onde reponta o amor, a beleza, a fé! Uma historia que nos conta a vida como ela é!...

(Característica forte por alguns momentos)

O capítulo desta noite terá a seguinte distribuição:

guzana Alvarenga - A desilusão.....	Carmen de Alencar
Dr. Rubens - A inconstancia.....	Roberto Lis
Lucilia Alvarenga - A ilusão.....	Liney de Andrade
Jorge Alvarenga - A ambição.....	Edmundo Lis
Tia Esperança - A resignação.....	Branca Margarita
Donguinha - A bondade.....	Lilia Maria
Zacarias - A lealdade.....	Carlos More
Tia Mauricia - A saudade.....	Beatriz Delorge
Alberto - O consolo.....	Raymundo Gray
seu Felix - O coração.....	Claudio Real
Prima Aurora - A razão.....	Branca Margarita
Martha - A innocencia.....	Maria do Céu
Dolores - O remorso.....	Jussara
Maribel - A renuncia.....	Lilia Maria
Capitão Ernani - A revolta.....	Candido Norberto.
Um telefonista.....	Gissela Castro
Um aluno.....	Costa Gama
Uma empregada.....	Oyara Fangel
O Coronel.....	Gales Coelho
O General.....	Carlos More
O Cabaretiér.....	Roberto Lis e Tedy Rodrigues
Adelma.....	Helena Maria
Um homem.....	Tedy Rodrigues e Jose Pereira
Encarregado do estúdio.....	Emilio Belo
Apresentação de.....	Costa Gama e Tedy Rodrigues
sonofonia de.....	Willy Rodrigues

(Característica forte por alguns momentos)

Antes de darmos início ao capítulo desta noite, façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenrolados anteriormente.

Era a véspera do casamento de guzana Alvarenga com o Dr. Rubens.

Jorge e sua irmã Lucilia chegaram ao solar para assistir à cerimonia.

seu Felix, tendo recebido o aviso de Lucilia de que embarcaria no dia seguinte para estar presente ao casamento de guzana, chamou seu filho Alberto e pediu-lhe que, ao se deifrontar com a sua namorada, fizesse empenho em esconder a impressão desagradavel que o seu desfiguramento lhe pudesse causar. Pediu-lhe mais, que a principio mantivesse o namo ro até que fosse possível encontrar uma solução mais humana para des fecho daquele romance. Alberto prometeu a seu pai que atenderia o seu pedido e realmente o atendeu. Lucilia, entretanto, mais por intuição do que por qualquer gesto, compreendeu a intenção do rapaz, não aceitando o seu sacrificio. E ficamos, extatamente no momento em que a cerimonia do casamento de guzana e rubens, acabava de se realizar.



(CORTINA MUSICAL)

Guzana - Tá (Baixo) Já lhe fizeste a injeção?

Rubens - (baixo) sim, foi o ultimo recurso. Agora... tudo dependerá da vontade de Deus.

Guzana - Aqui está Donguinha. Tinhas mandado chama-la...

Rubens - sim, é preciso preveni-la. Ouça, Donguinha: sua Avó está muito doente e nós já fizemos tudo que era possível fazer para salva-la. Não ha mais recursos a empregar.

Donguinha - (chorosa) E ela vai ficá boa, dotô Rubi, vai?

Rubens - Não sei, Donguinha. Para Deus nada é impossível e por isto enquanto ela tiver um sopro de vida não devemos perder a esperança, mas eu não deejo engana-la quanto á gravidade do seu estado. Quero até mesmo que saiba que ele é muito e muito serio. Desesperador, mesmo.

Donguinha - (chorando baixo) Pobresinha da Vó! Eu acho que ela vai morrê! O que vai se de mim, meu Deus!...

Guzana - (chorando, tambem) Você ficará conosco como sempre, Donguinha. sua avó sempre foi uma pessoa nossa pelo coração e o que fizemos por você termos feito tambem para ela.

Rubens - Ela pediu, ha pouco, que mandassemos chama-la, Donguinha, porque precisava falar com voce. Creio que dejeja despedir-se. Voce precisa ser forte e não chorar deante dela. Está entendendo?

Donguinha - sim, dotô Rubi, eu faço folça pra não chorá.

Rubens - Muito bem, então venha. Venha você tambem, guzana. Ela parece que tem qualquer coisa para falar a voce tambem.

Guzana - sim, Rubens, vamos. (Passos abafados)

Rubens - Tia Esperança! Como se sente? É o Rubens que está aqui.

Guzana - (baixo) Ela arregala tanto os olhos, parece que não está enxergando.

Rubens - Está me vendo, tia Esperança?

Esperança - (débil) Tô, meu fio. Tô.

Rubens - sente-se melhor agora, depois da injeção?

Esperança - A nega... véia... tá por poco... tempo. Deus Nosso sinhô... parece... que já tá... chamando ela...

Rubens - Ouça, tia Esperança. Donguinha está aqui e guzana tambem. A senhora que ria falar com elas, não é?

Esperança - É... sim... meu fio...

Guzana - (contendo o pranto) Eu estou aqui, tia Esperança. Estou aqui bem pertinho da senhora.

Donguinha - E eu tambem, vó.

Esperança - Nguinha... a vó... que te dizê... que tu perciga... se sempre munto boa... pra sinhasinha...

Donguinha - Tá bem, vó, eu é de se.

Esperança - Perciga se... munto bidiente... trabaladera... munto amiga... da sinhá sinha... com a tua vó... sempre foi...

Donguinha - (quasi chorando) Tá bem, vó. Fique descansada que eu é de se.



- Esperança - E pra sinhaginha... a nega véia... qué pidi... pra tê muita paciência com a neguinha... pra guiá sempre ela... no caminho do bem... e da vertude...
- Suzana - Está bem, tia Esperança. Ela é boazinha e bastante minha amiga. Have mos de sempre nos entender bem. Não lhe de cuidado a Donguinha. Eu tomarei conta dela.
- Esperança - Munto... ubrigado... minha fia... Agora... a nega véia... já pôde... morre... discançada...
- Suzana - Não fale em morrer, tia Esperança. A senhora ainda ha de ficar boa.
- Esperança - Não, minha fia... a nega véia... já ta munto... cansada... Deus Nosso sinhô, já ditrimino que tá chagada... a hora dela... Ele foi tão bom... que primitiu... da nega véia... vê a fia dela casada... i filizia. (Pausa) Ai, ai!... (Respiração ofegante) Dotô Rubi...
- Rubens - Pronto, tia Esperança, estou aqui.
- Esperança - E nega véia... quiria... pidi o último remédio...
- Rubens - O último remédio, tia Esperança? Peça.
- Esperança - Uma reza, dotô Rubi... uma reza... pra Nossa... sinhora... das Dô...
- Rubens - Está bem, tia Esperança, eu vou rezar então para a Nossa senhora das Dores. (Pausa) Doce, suave e serena Nossa senhora das Dores! Tu que sabes o que é a der porque sofreste, tu que sabes o que é o pranto porque choraste, tu que serena sentiste cravarem, uma por uma, sete punhais agudos no teu coração amoroso, corre em socorro dos aflitos, dos que sofrem e dos que choram, dos que se desesperam, dos que se contorcem e gemem e gritam por lhes faltar a serenidade e a coragem que tu pudeste ter na hora suprema. Abriga-os, senhora das Dores, no teu manto cor da saudade, para que eles possam receber os reflexos da tua santa misericórdia e mais próximos de ti, possam suportar com a resignação que tu suportaste, todos os sofrimentos que pela vontade suprema do Pai, a eles possam estar destinados! Glória a ti, suave e serena senhora Nossa. Resignação a todos os que sofrem! Por Jesus Cristo Nosso senhor, Amen. (Pausa longa)
- Suzana - (suave) Tia Esperança! Tia Esperança! Parece que está dormindo.
- Rubens - Não, minha querida: ela acabou de sofrer!
- Suzana - (alto) Tia Esperança!... (chorando) Tia Esperança! (solucos e pranto convulso).
- (CORTINA MUSICAL)
- Alberto - Posso entrar, Lucília?
- Lucília - (meio distante) sim Alberto. (Passoa que se aproximam)
- Alberto - O que é isto? Arrumando a mala?
- Lucília - sim, Alberto. Parto amanhã.
- Alberto - Porque tão depressa? Papai me disse que você ficaria entre nós uns quinze ou vinte dias e não fazem nem dez que está aqui...
- Lucília - Há muito que fazer lá no front e somos poucas enfermeiras para a quantidade de feridos que chegam todos os dias. Preciso voltar ao trabalho.
- Alberto - Diga antes que tem vontade de fugir de nós.
- Lucília - sim... para que negar?... Confesso que será menor o meu sofrimento longe de todos... e de você principalmente.



- Alberto - De mim principalmente? O que lhe fiz eu para que se sinta mal quando está junto de mim?
- Lucilia - Você nada, Alberto. Foi a vida que resolveu separar-nos e eu me sinto sem forças para lutar contra ela. Obedeço-a, pois e afasto-me de você.
- Alberto - sabe que ainda a quero do mesmo modo como quando a conheci?
- Lucilia - sim, Alberto, sei...
- Alberto - Então? Porque insiste em recusar-me?
- Lucilia - Porque... Não, Alberto. Não me pergunte porque. Eu não poderia mais encontrar a felicidade a seu lado nem ao lado de ninguém porque em verdade é tão grande o horror que hoje sinto de mim mesma, que por cruel e doloroso que seja o meu isolamento prefiro-o do que impor a qualquer pessoa o horror da minha presença.
- Alberto - Lucilia, por favor...
- Lucilia - Não, Alberto, não insista. Não me obrigue a sentir mais tarde qualquer arrependimento. Eu - que fui neste mundo a criatura mais cheia de ilusões - perdi-as todas de um momento para o outro. Tentar reconstruí-las seria um esforço vão porque depois de todas as amarguras que hei sofrido elas já não poderiam ter para mim o mesmo encanto. (Pausa) E agora saia. Deixe-me continuar o que estava fazendo.
- Alberto - Está bem, Lucilia, eu vou. (Pausa sempre à mesma altura do microfone)
- Felix - O que é isto, meu filho? O que tens?
- Alberto - Nada, Papai.
- Felix - Ora deixa-te de tolices! Então julgas que me podes enganar? De onde vens tu agora?
- Alberto - Do quarto de Lucilia. (Pausa) Ela volta amanhã.
- Felix - sim, eu já estava informado dessa sua resolução. (Pausa) Mas afinal o que te disse ela assim de tão desagradável que te deixasse dessa maneira?
- Alberto - Mantem-se inflexível na sua resolução de considerar terminado definitivamente o nosso romance.
- Felix - Bem, mas... afinal não era isto que verdadeiramente desejávamos?
- Alberto - Não, meu pai. Não era isto. Eu a amo... apesar de tudo!
- Felix - Alberto!...

(CORTINA MUSICAL)

(ouve-se o zumbido de um telefone que se levanta do gancho)

- Telefon. - Numero faiz favor?
- Dolores - 4 - 23,55,12
- Telefon. - 4 - 23,55,12 ? Um zanzatinha momento. (Pausa. Ruído de diacar) Está falando. (ruído de deslizar o telefone)
- Dolores - Oh meu Deus! É a terceira vez que eu tento falar para este número e não consigo. Está sempre falando, sempre falando. Vou tentar mais uma vez.
- (novamente o zumbido de telefone fora do gancho)
- Telefonista - Numero faiz favor?
- Dolores - senhorita: outra vez 4- 23, 55, 12.



- Telefon. - 4 - 23, 55, 12? Um momento. (Pausa. Chamada de telefone) Está ligado.
- Dolores - Obrigada. (nova chamada) Até que enfim parece que vou conseguir. (Nova chamada. Ruído de telefone).
- Aluno - Pronto.
- Dolores - De onde fala?
- Aluno - É da Escola de guerra.
- Dolores - O senhor me faz favor: eu necessitava de uma informação do senhor.
- Aluno - Pois não, minha senhora, fale.
- Dolores - O senhor conhece o aluno Jorge Alvarenga?
- Aluno - Jorge Alvarenga? Um momento, ah sim. Ele já não está mais aqui na Escola. Lembrei-me agora. Ele já é aspirante, minha senhora. Ele deve estar no sul. Embarcou há uns dez ou doze dias, mais ou menos.
- Dolores - sim, eu sei. Eu desejava exatamente saber se ele tinha voltado.
- Aluno - Não senhora, não voltou. E creio mesmo que não voltará. Parece-me que vai servir por lá, mesmo ou fazer um estágio na Argentina. Não tenho bem certeza. Era só com ele que a senhora desejava falar?
- Dolores - sim, era.
- Aluno - Que pena!
- Dolores - Que pena, disse o senhor? Pena porque?
- Aluno - Porque se eu pudesse servi-la sentiria imenso prazer.
- Dolores - O senhor é muito amável, muito gentil mas ao mesmo tempo muito imprudente. Palavra dá honra que eu teria curiosidade de ver a cara com que o senhor ficaria se depois das suas amabilidades o senhor me viesse a conhecer e deparasse com uma velha feia, gorda, toda cheia de berrugas no rosto... (dá uma gargalhada).
- Aluno - A dona de uma voz tão simpática não poderia ter um tipo como o que a senhora acaba de descrever.
- Dolores - O senhor acha simpática a minha voz?
- Aluno - Mais do que isto. Encantadora!
- Dolores - E se eu lhe afirmar que o meu tipo é exatamente aquele que eu lhe descrevi a pouco?
- Aluno - Eu não acreditarei.
- Dolores - Eu estou quasi lhe dando uma oportunidade para o senhor verificar que não é brincadeira minha.
- Aluno - Pois eu aceitarei essa oportunidade sem o menor receio de me decepcionar.
- Dolores - Como é o seu nome?
- Aluno - Chamo-me Arthur. Arthur Florença. E agora poderia também dizer-me como se chama.
- Dolores - Porque não? Não há mal nenhum nisto. Chamo-me Dolores.
- Aluno - Dolores? Lindo nome! Uma creatura que se chama Dolores e ~~tem~~ é dona de uma voz tão atraente não pode ser velha nem gorda como a senhora disse. Dolores de que?
- Dolores - Dolores, simplesmente.



- Aluno - Perdõe a curiosidade indiscreta.
- Dolores - Não tem importância.
- Aluno - Mas como é? Está mesmo disposta a decepcionar-me?
- Dolores - O senhor não irá se arrepender depois?
- Aluno - Eu não costumo me arrepender daquilo que faço.
- Dolores - Muito bem. A culpa será sua, então.
- Aluno - Perfeitamente.
- Dolores - Esperó-o na Brasileira no sábado às seis horas. Estarei toda de lilaz e levarei umas orquídeas roxas ao peito.
- Aluno - Muito bem. Às seis horas estarei lá, então.
- Dolores - Adeusinho então, muito prazer e até sábado.
- Aluno - Até sábado. (desliga o telefone) (Afasta-se cantando) É ela o maior dos meus amores, ai-ai, ai-ai, Dolores, razão do meu sofrer das minhas dores, ai-ai, ai-ai, Dolores!...

(CORTINA MUSICAL)

- Aurora - O que é que o senhor tem que anda tão esquivo comigo, seu Felix?
- Felix - Esquivo eu? É impressão sua, dona Aurora. Impressão ou desconfiança. Eu não tenho nada.
- Aurora - Como não tem nada? O senhor anda completamente diferente de uns dias para cá. Quasi que nem fala comigo e quando pôde evita até de olhar para mim. Eu sofro com isto, seu Felix, porque tenho a certeza de que o senhor não terá motivo algum para proceder desta forma.
- Felix - E se eu lhe disser que tenho motivos de sobra?
- Aurora - Motivos de sobra? Que motivos são estes, seu Felix? Diga, Diga por favor.
- Felix - Não vale a pena. É melhor ficar calado.
- Aurora - Não senhor. Faço questão que diga.
- Felix - Lembre-se do que a senhora disse de mim às Monteiros e não precisa perguntar mais nada.
- Aurora - O que eu disse do senhor às Monteiros? O senhor está enganado. Eu não disse coisa nenhuma a elas. Eu logo vi que elas haviam me intrigado com o senhor. Eu logo vi. O que foi que elas disseram? Palavra de honra que eu estou louquinha para saber. Diga, diga: o que disseram elas?
- Felix - Tudo o que a senhora disse de mim.
- Aurora - Mas eu não disse nada, homem de Deus. Juro-lhe pelos meus dentes.
- Felix - Que vantagem! A senhora usa dentadura postíca.
- Aurora - Pois juro-lhe por tudo que o senhor quiser.
- Felix - Não tem medo que lhe aconteça alguma coisa?
- Aurora - Não, porque tenho certeza de que não disse coisa alguma.
- Felix - É? A senhora não disse a elas que eu roncava barbaramente quando dormia?
- Aurora - Bem, isso eu disse, mas não é mentira nenhuma nem me parece que seja nada de mal.



Felix - E como é que a senhora sabe que eu ronco se nunca dormiu no meu quarto?

Aurora - Nunca dormi no seu quarto mas ouço do meu, óra esta!

Felix - A senhora não disse tambem a elas que eu soffro de varizes nas pernas?

Aurora - Bem, isto eu disse tambem, mas... tambem não me parece que seja nada de mal. E não é mentira nenhuma.

Felix - Pois é, mas que necessidade tinham elas de saber isto? Nenhuma. Ah e outra coisa que a senhora disse. Que a minha alimentação tinha que ser toda especial porque eu soffria de azia e tinha muito má digestão. E isto é mentira porque eu posso comer até bofe que não me faz mal nem me dá azia.

Aurora - Ah mas isto eu não disse, seu Felix. Não senhor, isto eu não disse.

Felix - A senhora disse.

Aurora - Não disse, seu Felix, juro. Isto é intriga daquelas linguarudas, daquelas intrigantes. O senhor não vê logo que o que elas querem é me indigpor com o senhor? Ah mas isto não fica assim. Eu vou me vestir e vou lá na casa delas tomar uma satisfação. E vou agora mesmo. Não deixo para amanhã.

Felix - É isto mesmo, dona Aurora, vá. Nunca deixe para amanhã o que póde fazer hoje.

(CORTINA MUSICAL)

Empreg.- Dona Maribel, uma carta para a senhora.

Maribel- Uma carta? Deixa eu ver, depressa Conceição. É dele! Oh meu Deus, muito obrigada! Com que anciedade eu esperava esta carta e como ela custou a vir. Pega o Ronald um momento enquanto eu leio.

Empreg.- Vem filinho, vem. Vem com a Ceição. (Ruido de rasgar e abrir carta)

Maribel- Maribel, minha vida: saudade é a palavra única, a palavra mais expressiva e real que encontro no meu coração para mandar a voce nesta carta que é um pedaço de minh'alma que lhe envio. Cheguei ontem e ontem mesmo telegrafei a você para que você pudesse ter a certeza de que estou bem, ficando mais descansada. Recife, vista do mar é simplesmente linda e vista do céu é maravilhosa. Percorrida nas suas avenidas, que recebem de chofre o sol em toda a sua orgia de luz, ela é bem a Veneza Brasileira com os seus canais cortando a cidade e dando-lhe, por vezes, o aspecto de uma cidade presépio. Para quem vem do sul, trazendo o cosmopolitismo da Cidade Maravilhosa, Recife é uma surpresa amavel, um degenho policromico num fundo de mar verde forte. Ontem mesmo, ja no cumprimento da missão que me foi confiada, deixei a cidade em busca de uma das praias do litoral. A noite, quando voltei, um luar ja na tristeza do minguate, o mar fugidio de mare baixa e a praia branca de areia a pedir preguiça e abandono, fizeram com que eu sentisse ainda maior saudade de você, do nosso Ronald, da nossa casa tão bonita e acolhedora. (Pausa longa)

Empreg.- O que é isto, dona Maribel, está chorando? Porque? são más as noticias?

Maribel- Não, Conceição. É a saudade que me faz chorar. (Pausa) (Lendo) Ao chegar de volta no meu alojamento, depois de um dia extenuante de calor e de trabalho, extendi-me na cama a esperar que o sono trouxesse algum repouso ao meu corpo e á minha saudade. Mais uma das minhas insonias. Depois de me remexer na cama varias horas, levantei-me e puz-me a andar no enorme salão, silenciosamente, como uma sombra. Era um silencio de deserto onde apenas se ouvia o ressonar dos felizes que dormiam. Tive vontade de sair, voltar á praia, olhar o mar e ver a luminosidade opaca, a claridade difusa da noite a despedir-se do dia que em breve surgiria com a sua luz a dar contorno ás ilhas e ás curvas da praia descansada. As casas teriam sombras e eu, talvez, lá fora, olhando-as a sucederem-se ante meus olhos, adivinharia os sonhos corporizados que as povoassem... (Pausa) Estou triste. Estou só. Fez-me a solidão e o silencio deste recanto. são quatro horas da manhã e ha mais de duas horas que estou acordado. (Pausa)



Empreg. - Não chore, dona Maribel. Ele ha de voltar se Deus Nosso senhor quizer.

Maribel - Dentro de uma hora terei que continuar a tarefa que me foi confiada. Vou me preparar lentamente. Vou me vestir pensando em voce, onde voce estara, no sonho, se estiver sonhando. Escreva. Escreva bastante e mande noticias suas e do nosso Ronald. Um beijo, outro beijo, outro ainda, mil beijos do seu Irmani. (Pausa. Ouve-se, proximo o choro do menino). O que é filinho, está triste porque a maeginha está chorando? Ou é saudade do paizinho que está sentindo? Deixe-me vê-lo aqui, Conceição. (Pausa) Pronto. Está no colinho da mamãe. Não chore mais. (cessa o choro do menino) Ele está com soninho. (Cantando) Nana, filinho que o bicho aí vem, papai foi embora, mamãe foi tambem!...

(CORTINA MUSICAL)

Suzana - Donguinha e Martinha querem ir acompanhar-te à Estação, Jorge.

Jorge - Não, eu prefiro que não vá ninguém. Não gosto de despedidas.

Suzana - sim, compreendo. Mas são realmente dolorosas, principalmente quando se vai assim, como voce, para tão longe. E depois para o estrangeiro...

Jorge - O Uruguay é um país amigo, Suzana. Os brasileiros estão lá como na sua propria casa.

Suzana - sim, eu sei... Mas a questão é que não conheces ninguém lá e assalta-me sempre o receio de que possas vir a adoecer e não ter lá quem te cuide.

Jorge - Não te preocupes, Suzana. Já estive em Montevideo uma vez e deixei lá esplendidos amigos. Aquela gente é muito boa. Se me acontecesse qualquer coisa eu tenho a certeza absoluta de que nada me faltaria.

Suzana - E quanto tempo ficarás por lá, ainda não sabes?

Jorge - Depende. Poderei voltar em seguida e poderei tambem ficar por lá vários meses. (Passos que se aproximam)

Martha - Ponto, titiana, o nenê já tá ponto pa i na estação.

Suzana - É minha filha? Então vai dizer à Donguinha que apure que o tio Jorge já está na hora.

Martha - sim, titiana, nenê vai. (Passos que se afastam)

Suzana - Fic com que ela se afastasse propositadamente porque voce prefere não se despedir, não é isto?

Jorge - sim, Suzana, as despedidas me deixam sempre muito abafado.

Suzana - Então vá depressa antes que ela volte. A sua bagagem já está no carro e Zacarias está lá em baixo lhe esperando.

Jorge - Muito bem. Adeus então. Diga ao seu Felix, ao Alberto, a todos enfim que lhes deixei um abraço.

Suzana - (chorando) sim, Jorge.

Jorge - Vamos, Suzana, nada de choros.

Suzana - sim, Jorge, eu sei que voce não gosta que se chore e esforço-me em não chorar mas as lagrimas são traiçoeiras e fogem-me pelo canto dos olhos.

Jorge - Eu voltarei breve, tenho esperanca.

Suzana - hei de rezar para que assim aconteça. (beijo) Agora vá. seja muito feliz lá no Uruguay, cuide-se bastante e escreva sempre mandando noticias. Vq cê sabe que o seu silencio me deixará sempre em grande aflição. Ficarei supondo mil coisas.



Jorge - Hei de escrever, sim. Prometo-lhe. (beijo.) Adeus. (Passos que se afastam)

guzana - (para longe, chorando) Felicidade, Jorge. Muitas felicidades!... (Pausa. Passos que se aproximam).

Felix - O que é isto, guzana? Porque estás chorando?

guzana - Não é nada, seu Felix. A despedida de Jorge deixou-me no coração um triste presentimento.

Felix - A despedida de Jorge? Ele já foi?

guzana - sim, agora mesmo.

Felix - Mas como? Nem se despediu de mim?

guzana - Ele não quis se despedir de ninguém. Deixou um abraço para todos. (Ruído de carro forte a princípio e afastando-se depois lentamente, até desaparecer)  
Guzã: lá vai ele.

Felix - Que Deus o acompanhe. (Pausa. soluços de guzana) Minha pobre guzana!... Tens razão em chorar. Nos tempos que correm quando duas mãos se apertam em despedida, nunca se sabe se elas voltarão um dia a repetir esse gesto!

(CORTINA MUSICAL)

Lucilia - (de longe) Dá licença coronel?

Coronel - Entre. (Passos que se aproximam). Ah é a sen ora, dona Lucilia.

Lucilia - Eu, sim, Coronel. Vim me apresentar novamente ao serviço.

Coronel - Como se foi de viagem?

Lucilia - Muito bem, obrigada.

Coronel - Deixou bem todos os seus?

Lucilia - Felizmente, sim.

Coronel - A sua licença deveria terminar...

Lucilia - No dia dezessete. Vim antes porque tinha a certeza de que a minha agencia estava sacrificando as minhas companheiras. Sei que há muito que fazer aqui.

Coronel - sim, tem razão. É isto, precisamente. Quando chegou, hoje?

Lucilia - sim, Coronel, às duas horas. E já estou preparada para reassumir o serviço. aguardo apenas as vossas ordens.

Coronel - Muito bem. Vou então mandar afixar um bolhetim repondo-o no seu lugar.

Lucilia - Obrigada. Manda alguma coisa, coronel?

Coronel - Não senhora.

Lucilia - Permitti então que me retire. (Passos que se afastam)

Coronel - É admiravel a dedicação desta moça ao serviço que lhe foi confiado. É uma nobre e legitima representante da mulher brasileira. São as almas como a sua e os corações como o seu que definem e glorificam o valor de uma raça!

(CORTINA MUSICAL)

guzana - Oh, Rubens, você?... Eu... eu não o esperava agora...

Rubens - O que é isto, guzana? O que tens? Parece assustada.

guzana - Assustada não... surpreendida, apenas. Não costuma vir em casa a esta hora...



- Rubens - sim, realmente, mas como tive que vir aqui muito perto, aproveitei para dar uma chegada em casa e ver a minha mulherzinha. A minha presença, entretanto, em vez de alegrá-la parece que a aborreceu.
- guzana - Óra, Rubens, que tolice. Nem diga uma coisa destas.
- Rubens - O que é que você tem nas mãos. Porque as esconde nas costas?
- guzana - Não, nada, é... Óra, Rubens, eu não ~~ix~~ queria lhe dizer nada...
- Rubens - Fale, guzana, você está me deixando preocupado.
- guzana - Não é nada de maior, Rubens. Não seja curioso.
- Rubens - Como é possível deixar de ser curioso se eu percebo que alguma coisa de extraordinário está se passando que você procura ocultar de mim? O que é que você tem nas mãos?
- guzana - Ora Rubens!
- Rubens - Vamos, guzana. Eu quero saber o que é. Parece-me que você não poderá negar-me este direito.
- guzana - Pois bem, Rubens, já que não ha outro remedio veja.
- Rubens - O que é isto?
- guzana - Um sapatinho de Bebê.
- Rubens - (após uma pausa) É verdade, guzana? É mesmo verdade?!...
- guzana - sim, meu amor.
- Rubens - Oh guzana!... Como eu me sinto feliz! Mas você já deveria ter me dito isto antes! Temos muitas providencias a tomar.
- guzana - É cedo ainda, meu querido. Muito cedo.
- Rubens - O nome, por exemplo, o nome nós já deveríamos ter escolhido.
- guzana - Podemos escolhê-lo agora, se você quiser.
- Rubens - Como não. Quero sim. se for homem faço questão que se chame Carlos. será uma homenagem que prestamos à memoria do seu querido Vovô.
- guzana - Muito bem, Rubens. Obrigada pela delicadeza da lembrança. se for homem será o nosso Carlinhos e se for mulher prestaremos tambem uma homenagem a alguem que foi muito boa para todos nós.
- Rubens - Tia Esperança?
- guzana - sim. se for mulher ha de chamar-se Marilia Esperança. Está de acordo?
- Rubens - sim, meu amor. (Pausa) E agora deixa-me que te beije e te agradeça a imensa felicidade que hoje me proporcionaste. (Beijo).

(CORTINA MUSICAL)

- General - Feche aquela porta, Capitão Ernani. (Pausa - Porta - Pausa) gente-se. (Pausa) sabe que lhe destinei uma missão importantissima, da qual deverá desempenhar-se esta noite? (Pausa) Como?! Não mostra entusiasmo nem curiosidade, ao menos?
- Ernani - Meu General, é que... (Pausa)
- General - Vamos, fale.
- Ernani - É uma missão em que correrei risco de vida?
- General - Bem, é uma missão militar e em época de guerra em qualquer missão dessa especie o soldado corre o risco de perder a vida.



- Ernani - É exatamente isto que me preocupa, meu General. Neste momento...
- General - Mas como!? Então o senhor, um soldado...
- Ernani - Com licença, General. Deixe-me falar, explicar... Eu casei há pouco tempo e há pouco mais de um mês minha senhora teve um garotinho. Eu penso, neste momento, na falta que lhe faria se viesse a morrer exatamente agora quando ambos mais precisam de mim.
- General - Saiba o senhor quantos filhos eu tenho, Capitão? Nove. O mais moço está com cinco anos. E cre o senhor que eu recusaria uma missão qualquer que me fosse confiada, tratando-se de servir a minha Pátria? Não só a aceitaria como ainda me sentiria orgulhoso por ter sido escolhido entre os meus companheiros. Em todo o caso, Capitão, a sua indecisão, a sua falta de entusiasmo já me tiram a confiança que eu ~~antes~~ depositava no senhor e eu tratarei de procurar um dos seus companheiros. Se havia escolhido o senhor foi porque o senhor me parecia irremediavelmente o homem mais indicado para uma tarefa difícil onde seriam precisos empregar arrojo, inteligência e boa vontade.
- Ernani - Meu General, foi um momento de fraqueza do qual lhe peço desculpas e me confesso envergonhado. Realmente um soldado, no momento de prestar os seus serviços, deve ~~prestar~~ pensar, antes de tudo, na sua Pátria e em nada mais. sinto o sangue subir-me ao rosto pela vergonha de ter fraquejado e por isto suplico-lhe que me deixe cumprir a missão que me havia confiado. Quero ser um soldado de verdade e para isto preciso, antes de tudo, reconciliar-me comigo mesmo. Diga-me o que tenho a fazer e esteja certo de que cumprirei o que me for ordenado, custe lá o que me custar.
- General - Eu sabia, Ernani. Eu sabia que você era brasileiro. Aqui tem estes papéis que deverão ser entregues ao Tenente Coronel Aurelio Clark, por detrás das linhas do inimigo, antes do romper da alvorada.
- Ernani - Obrigado, General. Estes papéis não de chegar ao seu destino em tempo preciso.
- General - E agora dê-me um abraço e boa sorte.

(CORTINA MUSICAL)

- Maurícia - Bico bico, surubico, quem te deu tamanho bico, foi a véia chocarera que andou pela rebeira a procura de ovinho de perdiz para a fia do juiz. Arrecoie essa mãozinha que é conchinha dessa outra.
- Martha - Foi a mão do titi Fé. Iconde ela, titi Fé.
- Felix - Vou esconder, sim. Vou esconder bem escondidinha.
- Zacarias - Pronto, tia Maurícia, seu Fé já incondeu a mão. Póde contá outra vez.
- Maurícia - Bico, bico, surubico, quem te deu tamanho bico foi a véia chocarera que andou pela rebeira a procura de ovinho de perdiz para a fia do juiz. Arrecoie essa mãozinha que é conchinha dessa outra.
- Donguinha - Ah que bão. Foi a minha. Dexa eu iscondê ela pra móde ela ficá bem quen tinha e eu não apenha bolo.
- Zacarias - Pronto, tia Maurícia, póde segui.
- Martha - O titi Fé já icondeu as duas. A dôdô também. Eu e o Ia é que tem uma.
- Maurícia - Té bão, bano vê quem é que fica por último. Bico, bico surubico quem te deu tamanho bico foi a véia chocarera que andou pela rebeira a procura de ovinho de perdiz para a fia do juiz. Arrecoie essa mãozinha que é conchinha dessa outra.
- Martha - Ah, fui eu. Foi o ia que ficô. Agora o que é que a gente faz, em titi Fé?
- Felix - Agora? Olha, minha filha, eu para dizer a verdade nem me lembro.



- guzana - Agora a minha queridinha vai se deitar que já são o quasi nove horas.
- Martha - Oh, titiana, que pena.
- guzana - É muito tarde, minha querida. Amanhã você continua o brinquedo. Tia Maurícia, vá deita-la, sim?
- Maurícia - sim, sinháginha, a nega véia vai. Bamo, minha fia, bamo drumi.
- guzana - Venha cá, dê um beijinho na titiana. (beijo) Agora de um beijo no titi fé. (beijo).
- Felix - Durma bem minha filha.
- guzana - Agora póde ir. (Passos que se afastam)
- Zacarias - A sinháginha manda alguma coisa?
- guzana - Não, Zacarias, obrigada.
- Zacarias - Tá bõ intonce eu vô me arrecoiê que tá na hora. Bõs noute, sinháginha. (guzana responde) Bõs noute, seu Félix. (Felix responde). (Passos sf.)
- guzana - Vá deitar-se também, Donguinha. Amanhã você tem que se levantar muito cedo.
- Donguinha - Tá munto bem, sinháginha. Bõs noute, intonce. (Felix e guzana respondem) (Passos que se afastam).
- guzana - Bõa gente essa, seu Felix!
- Felix - Bõa gente sim, guzana.
- guzana - Que corações extraordinários de bondade!
- Felix - são pretos que teem a alma branca!...
- (CORTINA MUSICAL)

- Cabaretier - señores y señoras: la boite "El mirasol" vá a empezar ahora su programa desta noche apresentando Adelmá Sanchez, la magistral interprete del tango que nos va regalar ahora... (falando) Que vas cantar, Adelmá?
- Adelmá - Voy a cantar el tango "En esta tarde gris". (Aplausos, gritaria) (Ouve-se o tango, acompanhado ao piano, sendo muito aplaudido ao terminar).
- Cabaretier - Y ahora, señores, el baile sigue no más. Musica maestro, los muchachos quieren bailar. (Ouve-se uma ranchera, forte a principio e depois fazendo fundo ao dialogo).
- Jorge - Cantaste muito bem. Tens uma voz muito bonita.
- Adelmá - Gracias, muchacho, muchas gracias. Los brasileros son así galanteados. Ya los conosco mui bien.
- Jorge - Não é galanteio, não. Palavra de honra que gostei muito de ouvir-te. ganta-te. Vamos tomar qualquer coisa.
- Adelmá - Gracias. (Pausa. Ouve-se a rancheira mais forte por uns momentos)
- Um homem - Lo que haces acá?
- Adelmá - (num grito) Peruchito, nó! (um grito agudissimo. Para a música).
- Jorge - (num gemido) Oh que coisa terrível! Enterrou-me inteiro o seu punhal!
- Adelmá - (desesperada) Loco! Loco! Mirá lo que has hecho!...



Felix - O que está fazendo aí trepada nessa escada, dona Aurora?

Aurora - Gra o que estou fazendo. Então não está vendo, seu Felix? Estou arrumando a árvore de Natal. Já está quase pronta.

(Ouve-se um realejo, fóra) (Depois de tocar um pouco vai-se embora tocando do sempre).

Felix - O homem do realejo. Provavelmente vai postar-se à porta da igreja para receber o seu Natal dos fiéis.

Aurora - Que bonito, não é seu Felix?

Felix - O que? O enfeite que a senhora está prendendo?

Aurora - Não, seu Felix. O realejo.

Felix - Ah é. Mas o enfeite também é bonito. Apure com isto, dona Aurora. É quase meia noite e daqui a pouco mais o pessoal terá que vir aqui receber os seus presentes.

Aurora - O que será que o velhinho de Natal reservou para mim, meu Deus? Estou curiosa.

Felix - Eu sei que ele reservou uma surpresa que a senhora está longe de esperar.

Aurora - É verdade mesmo, seu Felix?

Felix - É sim senhora.

Aurora - O senhor está brincando comigo. Não acredito. Jure.

Felix - Juro pela cruz do Redentor.

Aurora - Ah que bom, seu Felix. Mas o senhor devia ter me dito qualquer coisa para que eu me preparasse melhor.

Felix - Pois o que eu estou fazendo exatamente é isto. Estou preparando-a.

Aurora - seu Felix, faça-me um favor, então. Eu não posso ficar com este vestido. Vou botar o meu branco. Chame a guzana para terminar a árvore enquanto eu vou fazer a minha toilette.

Felix - Está muito bem. (Passos que se afastam)

Aurora - Eu devia ter desconfiado que era hoje. Nem sei como não me passou pela ideia. Ai que bom!... O velhinho de Natal não me poderia dar melhor presente. Ha quantos anos que o espero. (Bate um sino, longe, chamada para a missa) O primeiro sinal para a missa. (Passos que se aproximam) Ah guzana que bom que vieste.

guzana - O que é que a senhora queria, prima Aurora?

Aurora - Queria que pregasses esses enfeites que faltam enquanto eu vou trocar de vestido.

guzana - Trocar de vestido para que?

Aurora - Pois então ainda não sabes?

guzana - Não. O que é?

Aurora - Vou ser pedida hoje, guzana. Hoje é o grande dia. Fica, minha querida, fica aí terminando a árvore que eu vou botar o meu vestido branco. (afastando-se) Ai que bom, meu Deus! Que bom, que bom, que bom!...

guzana - Gra veja! A prima Aurora depois de velha para o que foi dar!

Felix - (de longe) Podemos entrar, guzana? A Martinha está aqui impaciente.

guzana - Um momentinho só, seu Felix. (baixo) Falta-me ainda pregar estes dois.



- Felix - (de longe) Olhe que faltam poucos minutos para a meia noite.
- Guzana - É só um momentinho, seu Felix. Não, ainda não. (Passos) Ah é você, Rubens
- Rubens - sim, minha querida, sou eu. Já estamos na hora de distribuir os presentes ao pessoal.
- Guzana - sim, já está tudo pronto. Faça-me o favor de retirar esta escada, sim Rubens?
- Rubens - Onde deverei coloca-la?
- Guzana - Ponha ali naquele canto. Oculte-a por detrás do reposteiro. (Passos).  
Aí mesmo. (Pausa) Tape-a com o reposteiro. (Pausa) Assim. (gritando)  
Pronto, seu Felix, pode trazer a Martinha. (Passos que se aproximam)
- Martha - que munito, titiana!... Que beleza!...
- Rubens - E tem aqui uns presentes que o velho de Natal trouxe para você.
- Felix - Espere um momento, é cedo ainda. Deixe vir todos. (chamando) Alberto!  
Donguinha! Tia Maurícia! Zacarias! Venham todos. (Passos que se aprox.)
- Donguinha - Que lindezia que tá a álvi, sinhasinha!... (Passos que se aprox.)
- Zacarias - ~~Xi~~ Um natá filizio eu desejo prá sinhasinha guzana, pro dotô, pro seu Feli e pra todos.
- Guzana - Muito obrigada, Zacarias. Espere um momento que o Papai Noel deixou aí um presente para cada um. (Passos que se aproximam).
- Maurícia - Pronto. A nega véia ouviu chamá e veio logo. seu Alberto tambem já vem aí. (Passos)
- Alberto - Já vem aí, não, tia Maurícia. Estou aqui.
- Rubens - Penso que estão todos, não é verdade? (Um sino ao longe dá o segundo sinal para a missa)
- Guzana - Ainda não, Rubens, falta a prima Aurora.
- Felix - Ah ela foi mudar de vestido não virá tão cedo. (Passos que se aproximam).
- Aurora - Deixe de ser faladorsinho. Deixe de ser linguarudinho. Estou aqui.
- Rubens - Ups! Toda de branco, parece uma noiva!
- Aurora - É, doutor? Pareço mesmo, não é? E quem nos dirá que não seja o que o senhor disse?
- Felix - Bem, parece que estamos precisamente na hora. Faltam poucos segundos para a meia noite.
- Guzana - No meu falta meio minuto.
- Felix - Pois muito bem: antes de entregar os presentes que o velhinho de Natal deixou aqui para cada um, eu desejo fazer a todos uma participação.  
(Começam a soar, espaçadamente, as doze badaladas da meia noite. Ouve-se ao longe mais uma vez o sino e o Canto de Natal).
- Guzana - Vamos, seu Felix, estamos todos esperando a sua participação.
- Felix - Muito bem. O seu Felix quer comunicar aos presentes que está noivo da Exma. senhorita...
- Aurora - Ai meu Deus, é agora!
- Felix - Bielvira Monteiro! (surpresa geral)
- Aurora - Guzana! Guzana!... Por favor, guzana me segura. Me segura que eu vou ter uma coisa! Ai! Ai! Ai!  
(CORTINA MUSICAL)



- guzana - O que é isto, prima Aurora, vai viajar?
- Aurora - (trágica) sim, vou fazer uma viagem da qual não regressarei nunca mais!
- guzana - O que?! Pretende suicidar-se?
- Aurora - suicidar-me para o mundo, sim. Vou entrar para um convento.
- guzana - Ora prima Aurora, deixe de tolices.
- Aurora - O mundo acabou para mim. Quero agora ser serva de Deus. Já que não pude ser esposa do homem que amava tornar-me-ei esposa de Cristo.
- guzana - Deixe essa mala aí, prima Aurora e desista dessas ideias. A senhora não nasceu para freira.
- Aurora - Bem sei que nasci para o amor, mas que fazer se o meu amor jamais foi compreendido pelos homens a quem o dediquei? Não, guzana, não procures interceptar o meu gesto porque ele já foi maduramente pensado. Três longas noites de vigília constante amadureceram a ideia que me brotou no cérebro no momento em que tive a maior desilusão da minha vida!...
- guzana - Francamente, prima Aurora! Eu estou boquiaberta!...
- Aurora - E o que eu mais sinto, guzana, é que ainda fui trocar de vestido. Botar o meu vestido branco.
- guzana - Prima Aurora, fique. Isto passa.
- Aurora - Não, guzana, não insistas. Não poderei mais permanecer sob o mesmo teto que este monstro e bem ves que lugar melhor eu não poderia escolher para transferir-me.
- guzana - Bem, se está realmente decidida a partir, deixe-me chamar os outros para que se despeçam da senhora.
- Aurora - Não. Eu quero o afastamento suave, sem choques, sem gestos inúteis, sem recriminações. simplesmente sairei e deixarei de vir a esta casa. Quando sentirem saudades minhas poderão ver-me no convento. Já então estarei de burel e escapulário. Adeus, guzana! Perdoa se te abandono mas melhor do que ninguém tu sabes o que o amor nos obriga a fazer às vezes.
- guzana - Adeus, prima Aurora. seja feliz, então. E se um dia se arrepender, lembre-se que esta casa será sempre sua. O seu quarto ficará tal e qual a senhora o deixou para o dia que quiser voltar.
- Aurora - Não me faleis em voltar. Não virei nunca mais! Nunca mais. Adeus!...  
(Passoa)
- guzana - Qual!... Nunca pensei que poderia ser este o epílogo de um romance de amor no outono. Mas eu ainda não me convenci. Achei prima Aurora muito calma para poder acreditar que ela tenha realmente a intenção de ficar lá. Aposto a minha vida como dentro de uma semana estará de volta. Foi por isto que a deixei ir. Esse retiro ha de lhe fazer bem!

(CORTINA MUSICAL)

(O relógio bate doze badaladas. O sino repica festivamente lá fóra)

- Rubens - Ano Novo, seu Felix!... Novas ilusões, novas esperanças e uma nova vida que começa!... Os sinos repicam festivamente, despertando, num momento, velhos sonhos que dormitem, quase extintos, no estojo verde das nossas esperanças!...
- Felix - E a vida vai passando, numa sucessão de dias sempre iguais, variando apenas no colorido que a força da nossa imaginação lhes empresta!
- Rubens - Berço de esperanças, uns, túmulos de sonhos, outros, o rosário longo



de trezentos e sessenta e cinco contos vai desfiando lentamente pelas mãos grossas e calosas do velho tempo, que, inalterável, segue rezando a ladainha da vida!

- Felix - Cale-se, Rubens, você, com a sua literatura, está entristecendo a nossa guzara.
- guzara - Não, seu Felix, deixe-o falar. Não são as suas palavras que me entristecem. São as recordações do passado que nos dias assinalados teimam em vir beliscar a nossa saudade! Elas são como os espinhos de uma flor bonita que ~~tantas~~ nos ferem os dedos quando tentamos apanhá-la para melhor aspirar o seu perfume!...
- Rubens - O passado foi e ha de ser sempre a nuvem cinzenta a empanar o brilho do sol magestoso na alegria do presente!
- Felix - Bem, as reminiscências não servem para outra coisa senão para entristecer-nos. Deixemo-las de parte. Acaba de surgir o novo ano. sejamos otimistas. Pengemos que ele ha de nos trazer mais alegrias e menos tristezas e preocupações do que nos trouxe o ano que acaba de findar.
- Rubens - Sim, seu Felix tem razão. Alimentemo-nos dessa grande esperança ainda mesmo que ela seja uma mentira.
- guzara - E a todas estas o novo ano surgiu sem que nos tivéssemos abraçado, sem que tivéssemos desejado um ao outro felicidades.
- Rubens - Não tem importância, guzara. Quando se encontram reunidos tres corações que se estimam não ha necessidade de palavras nem gestos para que um faça sentir ao outro todo o bem que lhe deseja!...

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, ENFRAQUECENDO DEPOIS)

speaker: - Este foi, caríssimos ouvintes, mais um capítulo do solar dos Alvarengas, o romance que Roberto Lis escreve, dirige e interpreta com o seu moderno conjunto de Rádio Teatro.

Foi a seguinte a distribuição do capítulo que acabaram de esutar:

(REPETE A DISTRIBUIÇÃO)

Ouçam no proximo domingo, às mesmas horas de hoje, mais uma vez, este programa bonito que a Rádio Difusora de Porto Alegre oferece aos seus ouvintes, amantes de Rádio Teatro.

ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM! (Característica forte)

O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (NOVAMENTE A CARACTERÍSTICA FORTE)



26/12/1943.

Roberto

36<sup>2</sup> fol.

- Um romance de Roberto Lis -

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

Tedy - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM! (característica forte)

Gama - O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Novamente a característica forte).

Roberto - Um punhado de emoções diferentes, ora orvalhadas de pranto, ora iluminadas pela graça de um sorriso cristalino!

Oyára - Um anseio de felicidade!...

Roberto - Um sonho que se realiza, a par de outro que se esfuma e se desfaz!...

Uma saudade, uma súplica, uma queixa, uma gargalhada sonora, uma frase de amor que morre na garganta!...

Oyára - Momentos inesquecíveis de ternura, de suave enlevo, de ciúme, de revolta de angústias incontidas, desejos insatisfeitos!...

Roberto - Todo aquele cortejo de sensações que nos faz sentir o velho amor, sempre novo nos seus momentos de encantamento e de beleza!...

Oyára - Assim é o "solar dos Alvarengas".

(Característica musical forte)

Tedy - O episódio desta noite terá a seguinte distribuição:

(A distribuição será feita, alternadamente, por Tedy e Gama) e Oyára)

• Suzana Alvarenga - A desilusão.....	Carmen de Alencar
• Dr. Rubens - A inconstância.....	Roberto Lis
• Lucília Alvarenga - A ilusão.....	Liney de Andrade
• Jorge Alvarenga - A ambição.....	Edmundo Lis
• Maribel - A renúncia.....	Lília Maria
• Capitão Ernani - A revolta.....	Candido Norberto
• Prima Aurora - A razão.....	Branca Margarita
• Seu Felix - O coração.....	Claudio Real
• Tia Maurícia - A saudade.....	Beatriz Delorge
• Zacarias - A lealdade.....	Carlos More
• Donguinha - A bondade.....	Lília Maria
• Dolores - O remorso.....	Jucára
• Martha - A inocência.....	Maria do Céu
• Alberto - O consolo.....	Raymundo Grey
• Adema.....	Helena Maria
• Arthur.....	Costa Gama
• Um ferido.....	Arno Broda
• Elvira.....	Cissela Castro
• Tenete Clark.....	José Pereira
• Um empresário.....	Carlos More
• Um cabaretier.....	Tedy Rodrigues
• Um Padre.....	Paulo Coelho
• O doutor.....	Arthur Bastos.

Encarregado do Estúdio... Emilio Belo - sonofonia de Willy Rodrigues.  
(Característica forte, servindo depois de fundo ao diálogo)

Gama - Apresentação de Roberto, Oyára, Costa Gama e Tedy Rodrigues.  
- Antes de darmos início ao ultimo episódio do solar dos Alvarengas, façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenrolados anteriormente, que poderão ser resumidos no seguinte:

Tedy - Transcorrido algum tempo do casamento de Suzana com o Dr. Rubens, este, chegando inesperadamente em casa, surpreendeu sua esposa a confeccionar um par de sapatinhos de lã. Embora ela tivesse tentado esconder de seu marido o que estava fazendo, acabou por anunciar-lhe a proxima vinda de um bebeginho, o que o encheu de satisfação e de alegria.



- Gama - Dolores, telefonando para a Escola de Guerra em procura de Jorge, acaba estabelecendo uma conversação com o aluno que a atendera, acabando, finalmente, por marcar-lhe uma entrevista que viria, talvez, marcar o início de um novo romance para o seu coração sedento de amor.
- Teddy - O Capitão Ernani, incumbido de uma missão militar de grande importância, fraqueja ao receber as ordens de seu General, temendo que a morte o viesse arrancar ao convívio de sua esposa e de seu filho. O General censura-o pela sua covardia e ele, envergonhando-se da sua maxardia fraqueza, promete ao seu superior cumprir as ordens recebidas a custa de qualquer preço.
- Gama - Jorge, incumbido também de uma missão militar na Argentina, por motivos de ciúme, é apunhalado pelo amante de uma cantora de cabaret, no momento em que lhe fazia a corte num dos clubs noturnos da cidade, onde ele fora em busca de algumas horas de distração.
- Teddy - seu Felix, anuncia no golar uma grande surpresa para todos os seus moradores. D. Aurora, louca de alegria por imaginar que a surpresa será o seu pedido de casamento, corre a vestir-se de branco para ouvir, momentos depois, a participação de que ele estava noivo da sua rival Edelvira Monteiro.
- Gama - Ela tem um ataque e no dia seguinte toma a resolução de recolher-se a um convento, para onde parte levando um enorme rosário de desilusões.
- Tedy - E ficamos exatamente na noite de trinta e um de Dezembro. Os sinos repicavam lá fora anunciando o ano novo que surgia. E dentro do golar tres corações palpavam, brandamente, ao ritmo da mesma saudade, fazendo-lhes ressumilar outros novos anos que o tempo levava para muito longe mas que ainda viviam dentro deles no suave perfume das recordações.
- Gama - Ouçamos agora o último capítulo do golar dos Alvarengas.

(CARACTERÍSTICA FORTE)

- Adelma - Pobre jovem! No me perdono de haber sido la cause de tus sufrimientos! Peruchito es loco.
- Jorge - Não... se preocupe... Adelma. Você... não teve... culpa nenhuma...
- Adelma - Eres un buen muchacho y por ego me dices así. Pero mejor lo reconozco que la culpa la tengo yo solamente.
- Jorge - Nada disto... Adelma. A culpa... é do destino... que me preparou... esta cilada... Foi a minha... ambição... desmedida... que me trouxe... para tão longe... Foi o meu... grande desejo... de mais rapidez... ascensão... que me fez... vir aqui... ao encontro... da morte...
- Adelma - No te vés a morir, muchacho. Estate calmo. Nuestra señora de Lujan ha de hacer con que te quedes bueno en poco tiempo.
- Jorge - Não, Adelma... não tenho... nenhuma ilusão... a este respeito. sei... que a minha vida... está por poucos momentos. Quando a madrugada... surgir... já o meu corpo... estará... inerte... e frio...
- Adelma - No digas tonterias, muchacho. se que te quedarás bueno. solo me entristecen los dolores que sufres por mi causa.
- Jorge - Ouve, Adelma... No bolso... da minha túnica... encontrarás... o endereço... da minha familia. Quero que mande a ela... as minhas coisas e que lhes diga que não... morri sozinho... porque uma alma... caridosa... esteve sempre... á minha... cabeceira. Que foram... as suas mãos... que cerraram os meus olhos... para sempre...
- Adelma - Que es eso?
- Jorge - É uma medalha... de Nossa Senhora... de Loreto... que ganhei de presente... de um amigo meu... que era... aviador... Guarda-a... para ti... como lembrança... minha... e em agradecimento... ao que fizeste... por mim.



Adelma - Se ego te hace gusto, dame-la. Pero yo te la devolveré mañana quando sea  
teas bueno. Y entonces te llevaré a mi casa y Peruchito no estará mas  
alla para aburrir-te. Te contare muchas cosas... leré el diario para  
que no te molestes tanto. Verás como sabere ser buena companera (brân-  
cião) Muchacho! (assustada) Muchacho! Lo que tenes, muchacho?! Porque  
me miras asi? (gritando, aflita) Dotor! Dotor! (chorando) se muere, se  
pobre! se muere!...

(CORTINA MUSICAL)

Arthur - Dolores?

Dolores - sim.

Arthur - Identifiquei-a pela orchídea. Mesmo assim estava receoso.

Dolores - De que eu fôsse uma velha?

Arthur - Não. De que você não fôsse você. Cuetei a encontra-la. Porque veio para  
este cinho assim tão isolado?

Dolores - Para que você cuetegesse mais a encontrar-me, exatamente.

Arthur - Compreendo. A espera, prolongação a nossa curiosidade, aumenta-nos o  
prazer do encontro.

Dolores - O prazer ou a decepção, isto depende... Mas sente-se, por favor.

Arthur - Com licença. O que vamos tomar? Chá? Martini? sorvete?

Dolores - sim, aceito um sorvete. Um sorvete de ameixas. (Pessoas que se aprox.)

Arthur - Um sorvete de ameixas e um Martini. (Pessoas que se afastam) Mas prosig-  
amos o nosso assunto. Então escondeu-se de mim propositadamente para  
que eu demorasse mais em encontra-la?

Dolores - Foi. Estava com pena da decepção que lhe causaria.

Arthur - Decepção?! Ora não diga isto.

Dolores - Não será, positivamente, uma decepção total, porque eu tambem sei que  
nao sou velha e tao feia como disse a voce que era. Mas nao sou a peque-  
na de 16 ou 17 anos que voce naturalmente imaginou que eu fôsse.

Arthur - Dolores, deixe que lhe diga uma coisa: você é exatamente como eu a ima-  
ginara.

Dolores - Muito bem, resta saber como você imaginou que eu fôsse.

Arthur - Assim mesmo encantadora como o é.

Dolores - si não é lisonja eu direi então que é o entusiasmo dos seus olhos moços  
que o faz enxergar-me assim. (Pessoas que se aproximam) (Ruido de copo  
sobre a mesa). Está bonito este sorvete. Veja que cor maravilhosa.

Arthur - Realmente, está uma cor extranha. (Pessoas que se afastam). Um brinde ao  
inefável prazer deste momento.

Dolores - E ao entusiasmo contagiante de um joven de 18 anos.

Arthur - Ora, Dolores, nada digo. Eu tenho cara de ser assim tão cresnça, com  
toda a minha altura?

Dolores - A altura neste caso pouco influe, meu caro. Voce sabe perfeitamente  
que ha plantas novas que pela sua propria força ou pela seiva da terra  
onde foram geradas crescem surpreendentemente. A jovialidade da sua fi-  
sionomia não me permite calcular mais de dezenove anos para você, embu-  
ra isto é contrario.



- Arthur - Pois afirmo-lhe, sob minha palavra, que vou fazer vinte e um.
- Dolores - Bem, isto pouco importa. O principal, o essencial, mesmo, é que exista uma perfeita compreensão entre nós dois, independente dessa meia dúzia de anos que nos separa. (Pausa) Porque sorri?
- Arthur - Nada. Estou contente por estar perto de você. Sabe que me sinto fascinado pela sua beleza? Que os seus olhos são estonteantemente belos e que o perfume dos seus cabelos é inebriante?
- Dolores - Cuidado, Arthur, contenha-se. O que é isto, rapaz? solte as minhas mãos. (beijo) O Garçon está olhando para você admirado.
- Arthur - Dolores, vamos sair daqui. Vamos fugir de olhares indiscretos e buscar um recanto qualquer onde eu possa abraça-la e beijá-la livremente, dando expansão a toda essa ternura que sinto dentro de mim e que é você que provoca.
- Dolores - Fiquemos aqui, Arthur. sejamos prudentes.
- Arthur - Não, Dolores, vamos. Atenda o meu pedido. (Pausa) sim?
- ~~Arthur - Não sei, Arthur, não sei...~~
- Arthur - Nada de indecisões. Os covardes são sempre vencidos, Dolores. O que nos permite vencer é a audácia. (Pausa) sim?
- Dolores - (após uma pausa) Confesso-lhe que... estou tentada a responder-lhe sim...
- Arthur - Então vamos. (chamando o garçon) Peiu!
- Dolores - Não, Arthur, não vamos. Por favor não insista. Eu sentiria remorso se fizesse isto. Um remorso que não me abandonaria nunca. O mesmo remorso que já senti uma vez e que não desejaria nunca mais sentir. Eu tenho uma filha, Arthur. Uma filha que é tudo para mim hoje. Uma filha que o resto de uma grande felicidade. A lembrança de um grande amor. Devo viver dignamente para ela. Por causa dela. Perdoe-me, sim? Não me queira mal. Você talvez não possa compreender a minha atitude, mas é o remorso, Arthur, é o remorso que me faz proceder desta forma. Eu nunca deveria ter vindo a este encontro. Nunca deveria ter vindo, sei que vou decepcioná-lo profundamente mas volto para a minha casa. Lá é que é o meu lugar. Mais uma vez peço-lhe que me perdoe. Adeus! (Pausa que se afastam)
- Arthur - As mulheres!... As mulheres!... Quem pôde lá compreendê-las?!...
- (CORTINA MUSICAL)
- (Duas batidas fortes de sino)
- Alberto - Já vai sair o trem, papai.
- Felix - Não, meu filho, é o primeiro sinal. Temos ainda cinco minutos para estarmos juntos.
- Alberto - Continue o que o senhor estava dizendo.
- Felix - Eu quero que tu tenhas bastante cuidado nos lugares onde te metas quando estiveres de folga. Olha o exemplo do coitado do Jorge. Foi se meter lá num cabaret, para pegar com a vida a leviandade e o ciúme deu um neurótico. Foste testemunha viva do desgosto profundo que ele causou a todos no solar. Poupe-nos, ao menos, esta preocupação.
- Alberto - Não tenha receio, Papai. O senhor bem sabe que eu não sou dado a esse gênero de divergões.
- Felix - sim, bem sei, mas às vezes um amigo vem, convida, insiste e a gente para não ser desmancha prazer muitas vezes acede, vai, toma o gosto... eu sei como essas coisas são. Lembra-te que é tudo quanto me resta do passado, do meu grande amor por Natércia e que é o consolo da minha velhice.
- Alberto - Não precisa falar mais nem se preocupar, Papai. Prometo-lhe que me portarei bem.



Felix - Confio em ti. És já um homem e eu creio na tua palavra.

Alberto - Obrigado, Papai. Avise-me a data do seu casamento com antecedência para que eu veja se posso conseguir uma licença e vir assisti-lo.

Felix - O meu casamento ainda não está marcado, em todo o caso, se a noiva concordar em esperar mais um ano aguardarei as tuas próximas férias. Creio que ela não se oporá a este projeto porque afinal quem esperou tanto tempo era ainda mais um pouco.

Alberto - Em todo o caso, se for antes, o senhor me avise com uma antecedência de vinte ou trinta dias.

Felix - Está bem. Ah, outra coisa: tem bastante cuidado lá nos teus exercícios aviatórios. Chega o gosto que já me pregaste. A um outro igual àquele não sei se o meu velho coração resistirá.

Alberto - Não tenha receio, Papai. Por falta de cuidado nada me acontecerá.

(Uma batida forte de sino e apito de trem)

(com uma ~~voz~~ embargada) Bem, adeus, felicidades, e bastante juízo.

Alberto - Adeus, Papai. (beijos)

Felix - (para longe) Cuide-se bastante, hein? E escreva seguido. Mande sempre notícias suas para o seu velho pai. (Ruído de trem em movimento. Forte a princípio e depois afastando-se pouco a pouco até se sumir na distância). E lá se vai o consolo do meu pobre coração!... Lá se vai toda a alegria desta alma cansada de solidão e de sofrimento!... Mais um ano de ausência! Mais um longo período de saudade e preocupação!... Pobre e cansado coração!... Quando descansarás?

(CORTINA MUSICAL)

Aurora - Louvado seja Nosso senhor Jesus Cristo, tia Maurícia.

Maurícia - Para sempre seja louvado, dona Cróra.

Aurora - Dona Aurora não, tia Maurícia. Parece mentira que em todos estes dias que passaram a senhora ainda não tenha se habituado a chamar-me pelo nome que tomei depois que ingressei nesta casa como serva de Deus. Dona Aurora morreu depois que tomei este hábito. Hoje sou irmã Felicidade.

Maurícia - Discurpe, dona Cró... qué dizê... Discurpe ermã Felicidade.

Aurora - Está desculpada, tia Maurícia. Como vão todos no golar?

Maurícia - Tom tudo ainda muito triste com a morte do ginhôsinho Jorge e depois a partida do seu Alberto. Aquela casa tá que nem parece a nossa, dona... ermã Felicidade.

Aurora - Tenho rezado muito por todos, tia Maurícia, muito.

Maurícia - E a nega véia também. Inté pela senhora a nega véia tem rezado.

Aurora - Obrigada, tia Maurícia.

Maurícia - A ginhásinha guzane mandô um abraço pra senhora e mandô dizê que depois que ela tivé com mais coraço pra sai, que ela vem aqui ve a senhora.

Aurora - Está muito bem. E porque não trouxeste a menina?

Maurícia - A minininha tá muito acunetipada dona... ermã Felicidade e como o dia tava angustim muito ventoso eu achei perfirivi ela num sai. Otro dia que a nega véia vié, a nega véia traiz ela.

Aurora - Você parece um pouco abatida, tia Maurícia, o que é que tem?

Maurícia - É a saudade, minha ermã. A nega véia tá com saudade do seu Alberto. Crió ele como fío, ele agora foi sinhora...



Aurora - Eu sei. Essas coisas abatem sempre a gente.

Maurícia - E depois aquela casa agora tá tão trista que nem parece a mesma de quando a neta véia foi mora nela. Hay dias que a gente chega a vé a cidade pulos canto das peça tudo. Si o meno a dona Orora inda morasse lá com a gente, inchia ela mais um poco. Seu Féli foi fazê aquela ingratitude.

Aurora - Quem, tia Maurícia?

Maurícia - O seu Féli.

Aurora - quem é? Não conheço.

Maurícia - Credo, será pussivi que a sinhora não se alembre mais dele?

Aurora - Eu não posso me lembrar de uma creatura que eu não conheço.

Maurícia - Num diga isso, minha fia. Entonce a sinhora não conhece o seu Féli si mo ro na mesma casa que ele?! se intê gostava dele, tinha amo pur ele.

Aurora - Não sei se a dona Aurora o tivesse conhecido mas a irmã Felicidade, es sa irmã Felicidade só conhece um amor que é o amor de Deus.

Maurícia - Ah bô! Agora eu tô comprendendo. Iscuta aqui, minha fia, agora a minha fia se sente bem filizia?

Aurora - sim, tia Maurícia, muito feliz.

Maurícia - Mais filizia do que quando morava lá junto com a gente tudo?

Aurora - sim. Muito mais feliz e mais tranquila tambem. O amor que tenho agora não tras desgacossagos nem inquietações. A paz e a quietude deste convento, trazem-me a certeza, em cada dia que passa, que eu tive razão quando afir mei que só aqui poderia encontrar a verdadeira felicidade. Lembro-me perfeitamente da discussão que tive com gussana no dia em que deixei o solar. Ela estava certa de que eu me arrependeria do meu gesto e eu lhe garantia que ele seria a única solução razoavel para o meu desgastado caso de amor. Diga-lhe, tia Maurícia que hoje, mais do que nunca, estou convencida de que a razão estava comigo.

(CORTINA MUSICAL)

Martinha - Dôdô, vamo brincá de óda?

Donguinha - Brincá de roda, meu amô? Num pôde. A gente temo da luto não pôde brincá de cantá. A ginhaginha-dispois fica brebe. Vai vé aqueles livro bunito de figura colorida que o dotô Rubi deu pra minha riquinha.

Martinha - Não quero vé figura. Eu quilia brincá.

Donguinha - Vai brincá com as tuas bonequinha, entonce, que dispois a Donguinha vai lá e alma caginha pra ti.

Martinha - Tu vem mesmo?

Donguinha - Vô sim, minha riquinha, logo dispois que triminiá de fasê esse selviço.

Martinha - Tá bem, então eu vô te capelá. (Passoa que se afasta)

Donguinha - Pobresinha, ela fica burricida. Num tem o seu Alberto pra brincá cum ela num tem a dona Orora pra levá ela pra pessôa, num tem mais a vô pra conta as historias que ela gostava de uvi... a pobresinha da criancinha sen te farta.

Zacarias - E dispois dessa casa ta memo um mucado triste. A criança instranha. Intê a gente que é grande gente a deferencia.

Donguinha - É memo. Hay dias entonce que tá uma tristezia tom grande que a gente chega a té vontade de sai pra longa e não voltá nunca mais.

Zacarias - Num diga isso, negrinha. Intonce mecê quiris dexá essa gente?



Donguinha - Eu disse que às vezes a gente gente vontade de sair e não volta mais. Mece faz tanta admiracao por causa disso, outro dia quando eu fui lá no convento da cidade visita a dona Orora eu falei ca Gumelcinda e ela disse que mece ia sair daqui e ia trabalha na casa do patrão dela.

Zacarias - É mentira dela.

Donguinha - Num é mentira não. Ela disse até que o patrão dela falou pra pagar mais mece pra mode mece i e que mece tinha dito assim que ia.

Zacarias - Na verdade ele mandô me chama e ofereceu de me pagar mais dinheiro pra mode eu i trabalhá na casa dele.

Donguinha - Já vê que num foi mentira da Gumelcinda.

Zacarias - Mas eu arrespondi pre ele que não saia desta casa por dinheiro nenhum. que todos aqui era munto bom pra mim e que eu não abandonava os meus patrão adonde toda a vida eu tinha trabalhado.

Donguinha - Nem ganhando mais dinheiro mece quiz, seu Zacarias?

- Não, Donguinha. O que vale o dinheiro se a gente sai e deixa o nome xujo? Oia, Donguinha, o nego meu pai era pobre mas soube da inducação de sentimento pro fio dele. Ele sempre dizia pra nós. a gente tem de se munto decente na palavra da gente, embora xoga negro. E o que vale neste mundo não é o dinheiro. É tratá bem as pessoa e se leal pro patrão adonde a gente trabalhá. O trato da pessoa é tudo. si a pessoa trata a gente cum consideração a gente tem que te lealdade. Eu quero munto bem essa gente que sempre foi munto boa pra mim e o Zacaria pra fase uma deslealdade pro patrão dele percigava nace de novo otra veiz.

(CORTINA MUSICAL)

Ernani - Tenente Clark, vim dizer-lhe adeus.

Clark - Vai partir, Capitão Ernani?

Ernani - sim. A minha missão está finda e estou precisamente no tempo que me deram para regressar.

Clark - Foi feliz na sua missão para cá. Espero que seja feliz tambem na sua volta.

Ernani - Trinta e cinco dias que me encontro ausente de minha Patria e longe de minha mulher e de meu filho. Estou ansioso por voltar.

Clark - E a que horas sairá?

Ernani - Espero apenas que anoiteça um pouco mais. Conto com a cumplicidade do seu tanto negro para ocultar-me do inimigo.

Clark - Voé sempre a grande altura e estará mais abrigado.

Ernani - É exactamente o que penso fazer. Estou satisfeito por ter podido chegar aqui sem maior novidade e a tempo de transmitir-lhe as instruções que tanto cooperaram para o grande successo da nossa ultima conquista.

Clark - Bem, adeus então e muitas felicidades no seu regresso. É neste aparelho que vai voltar?

Ernani - sim, vou por agora mesmo o motor em movimento. Dentro de meia hora estará noite fechada e antes disto não creio que estabeleça contacto com qualquer aparelho do inimigo.

Clark - E eu volto ao meu serviço. Na muito que fazer esta noite. Adeus, e felicitades.

Ernani - Obrigado Tenete. Até outra vista. Felicidades por aqui tambem. (ruído de motor de avião em movimento. O aparelho levanta o vôo e o ruído vai passar a fazer fundo ao monólogo). Finalmente eis-me de regresso! se tu do correr como espero amanhã á noite poderei abraçar novamente minha



mulher e meu filho. Que saudades, que sinto deles, meu Deus! Que vontade de sentir-me outra vez dentro de minha casa, ao lado de Maribel!... (Pausa longa. Ruido de avião. De repente começa-se a sentir os sinais de um aparelho telegrafico). O que será? Vejamos. (Pausa. Sinal). É um aviso do Departamento Meteorológico. Manda seguir voo baixo devido a violência de um temporal a grande altura. (Pausa. Novo sinal). Sim, é isto mesmo. Terei que continuar em voo baixo ou regressar a base de partida. (Pausa) (Cessam os sinais telegraficos). Não. Regressar nunca. Prefiro arriscar-me a qualquer combate com o inimigo a ter que regressar e aguardar talvez o dia de amanhã para partir novamente. (começa o vento a soprar) Deus ha de me ajudar e eu chegarei sem qualquer novidade. (O avião começa a falhar) Que diabo! O que tem este motor que está falhando? se me acontece qualquer coisa? Ah meu Deus! Começo novamente a sentir a revolta dentro de minh'alma. Porque inventaram a guerra? Porque existem aparelhos para tirar a vida aos nossos semelhantes? Porque nos mandam matar, porque? se não fosse a guerra eu não estaria agora nesta angustia, neste medo horrroso de morrer, de ser arrancado ao convívio da minha mulher e do meu filho quando poderia estar tranquilamente ao lado deles gozando a felicidade. E o motor não pega, continua falhando. Meu Deus, meu Deus, com que velocidade a terra se aproxima! Maribel! Ronald! Maribel!... (o avião começa a despenhar-se para cair, fi-  
zendo uma violenta explosão).

(CORTINA MUSICAL).

O ferido - Dé licença, dona Lucilia?

Lucilia - Pois não, entre. (Passos que se aproximam) Então, já está pronto para partir?

Ferido - É verdade. Infelizmente tenho que deixar esta casa onde depois de dois anos de penosos trabalhos, de lutas sangrentas, de marchas forçadas e de quadros os mais horrorosos e degoladores, encontrei um pouco de descanso, um pouco de paz e muito carinho dos corações generosos como o seu.

Lucilia - Eu pensei que estivesse satisfeito em sair. Vai gozar de um período de três meses de licença e naturalmente vai procurar o convívio de sua família, não é verdade?

Ferido - Dona Lucilia, a senhora deve ter estranhado que nunca lhe tivesse falado nos meus, não é verdade?

Lucilia - Sim, realmente eu achei um pouco estranho que nem uma vez, ao menos, o senhor tivesse feito referencia nem mesmo a sua mãe.

Ferido - Pois bem, digo-lhe agora, então, que eu não tenho família. E minha mãe já não existe ha mais de cinco anos.

Lucilia - Não tem irmãos, tias, mais ninguém?

Ferido - Tive tudo isto mas desde que meu pai se separou de minha mãe, por julga-la culpada de um crime que estou certo que ela não praticou, todos os que a julgaram culpadas ~~morrem~~ criginosa morreram para mim. É como todos os meus parentes estiveram solidarios com meu pai eu não tenho mais família.

Lucilia - (após uma pausa, constrangida) Desculpe se... involuntariamente... por voquel reminiscências que naturalmente o fazem sofrer...

Ferido - Não tem importancia. Eu já me habituei a esta situação em que me encontro... e a minha tristeza maior, neste momento, é por ter de separar-me da senhora.

Lucilia - Eu tambem sentirei, acredite... já-me havia habitudo ao seu convívio... Bem, mas... este separação poderá ser mitigada, de quando em vez, por uma pequena visita... se o senhor quiser aparecer.

Ferido - Dona Lucilia... eu queria... queria perguntar-lhe uma coisa, mas... tenho receio... não sei se terei o direito de tocar-lhe neste assunto...

Lucilia - Fala. Pode falar.



Ferido - Pois bem... A enfermeira que a substituiu, naqueles dias em que a senhora esteve ausente, disse-me que a senhora havia ido ao encontro de alguém que lhe era muito caro... creio que a senhora me entende...

Lucilia - sim, estou entendendo perfeitamente, mas... esse alguém já não existe mais em minha vida. Quando embarquei daqui já foi com a intenção de terminar tudo.

Ferido - Quer dizer que a senhora agora é inteiramente livre?

Lucilia - Inteiramente livre.

Ferido - Pois bem, então peço-lhe que me dê, por um momento, atenção para ouvir alguma coisa mais que eu sinto necessidade de lhe dizer.

Lucilia - Fale.

Ferido - Desde o momento em que me recolheram a este hospital, ferido, que me senti completamente dominado pela brandura da sua voz, pela ternura dos seus gestos e pela vivacidade da sua inteligência. A sua presença junto ao meu leito fazia-me bem tão grande que eu chegava a esquecer as dores que os ferimentos causavam, depois... (Pausa)

Lucilia - Depois...

Ferido - A senhora me despertou, embora e só então, pela falta que me fez e pela saudade que passou disse-me que eu em poucos dias teria alta, senti uma tão grande tristeza que as lágrimas chegaram a bailar à flor das minhas pálpebras. Perguntando a mim mesmo o motivo de tamanha tristeza cheguei à conclusão de que ela provinha unicamente da nossa separação. Talvez lhe pareça absurdo o meu sentimento e extranha esta confissão, mas juro-lhe que ela é a expressão nítida da verdade. Amo-a e não quis separar-me da senhora sem lhe dizer tudo o que sentia. Peço-lhe que me perdoe se chego a ofendê-la com tão grande amor.

Lucilia - se souberesse, Jayme o bem que fazem à minh'alma essas suas palavras!... Posso mesmo dizer-lhe que, neste momento, elas me reconciliaram outra vez com a vida. Depois do desastre que sofri, fiquei neste desfiguramento em que você me conheceu e acreditei que nunca mais poderia despertar amor a quem quer que fôsse. E sofria com isto, Jayme. sofria porque sentia dentro de minh'alma muita ternura e muito carinho e acreditava que esses sentimentos teriam que fenecer dentro de mim mesma porque jamais encontraria a quem dar toda a quente amorosidade do meu temperamento. Aceito o seu amor, sim, Jayme. Aceito-o porque sei que ele é sincero uma vez que você já me conheceu assim feia, horrrosa como estou.

Ferido - Você é linda, Lucilia. Jamais encontrei na vida uma alma tão bela como a sua. Quer ser minha esposa, então?

Lucilia - sim.

Ferido - E quando?

Lucilia - Quando você quiser que eu o seja.

Ferido - Bem, neste caso não partirei mais hoje. Vou tratar de tudo e você seguirá comigo.

(CORTINA MUSICAL)

(Vozerio longe e um fox movimentado fazendo fundo ao diálogo que segue)

Empresário - Você não imagina como está movimentado hoje o Casino. Ainda não deu uma espiada no salão?

Maribel - Não. só me apresentarei no momento de cantar. sinto-me tão deslocada que nem parece ter vivido uma existência inteira neste meio.

Empresário - só o seu nome nos programas foi o suficiente para encher a casa desta maneira. Parece mesmo que o público estava saudoso de você.



Maribel - Foi eu confesso que por minha vontade não voltaria a estabelecer contacto com ele. Gostava-me tão bem, tão feliz na vida do lar que cheguei mesmo a me convencer que foi para aquilo que eu nasci.

Empresário- Você voltará: a acostumar-se e amanhã, se tiver que deixar de cantar sentirá saudades.

Maribel - Não creio. A vida que eu tive, neste pouco tempo de casada, foi a vida que sempre ambicionei sem nunca acreditar que pudesse um dia experimentar-la, e se hoje renuncio a ela é exclusivamente por força de circunstâncias bem dolorosas. E creia que é a mais suarga de todas as renunciadas.

Empresário- Já escolheu o primeiro numero que vai cantar?

Maribel - Escolhi diversos mas creio que vou dar preferencia a "Bega-me-mucho" porque no dia em que o apresentei pela primeira vez neste Casino conheci uma pessoa que mais tarde me proporcionou varios instantes de uma felicidade inesquecivel. Assim poderei reviver, pela saudade, estes momentos lindos!

Empresário- Mas vai se apresentar assim toda de preto?

Maribel - Porque é a cor que me vai melhor na alma num momento destes.

Empresário- Você está muito pessimista, Maribel. Ouvindo-a falar, tem-se a impressão de que você nada mais espera da vida.

Maribel - Espero, sim, Dorival. Espero poder criar o meu filho e encontrar um dia a tranquilidade ao lado dele quando ele for homem e eu já estiver velhinha e curvada com os cabelos todos brancos.

Empresário- Você é moça, bonita, poderá encontrar ainda um bom partido e casar-se muito bem.

Maribel - Não, Dorival. A vida para mim, de agora em diante, se resumirá unicamente na felicidade do meu filho. É para ele só que viverei. É por ele, unicamente, que me encontro hoje aqui. (Batidas longe, na porta) Entre. (Passos que se aproximam)

Cabaretier- Está na sua hora, Madame. Posso anunciar o seu numero?

Maribel - sim.

Cabaretier- Já escolheu finalmente o que vai cantar?

Maribel - Anuncie o "Bega-me-mucho".

Cabaretier- Perfeitamente. Póde vir então, Madame. (Passos que se afastam)

Maribel - Bem, com licença, Dorival. Vou para o meu calvário. Você fica aí?

Empresário- Eu irei com você até lá. (Passos sempre á mesma altura do microfone)

Maribel - Eu já estou tão desabituada a botar estes vestidos de soiré que já não me sinto bem com eles.

Empresário- Você está bem, Maribel. Muito bem. Póde entrar confiante.

Cabaretier- Posso anunciar?

Maribel - sim. (Passos que se afastam)

Cabaretier- (longe, falando muito alto) - Minhas senhoras e meus senhores: Depois de uma longa ausencia de quasi dois anos, voltaremos a sentir o encanto da voz carinhosa e quente de Maribel que nos fara ouvir um dos seus grandes sucessos neste mesmo Casino. "Bega-me-mucho". (Aplausos prolongados).

(Maribel canta, sendo muito applaudida por todos ao terminar)

Empresário - Muito bem, Maribel, muito bem. Ouça, sinto os aplausos. O público se lira.



Maribel - (chorando) se soubesse o sacrifício que isto representa para mim, Dorival! Enfim, seja tudo pela suprema vontade de Deus e pela felicidade do meu filho!...

(CORTINA MUSICAL)

guzana - Martinha, minha querida, chegue aqui que a titiana quer falar com você.  
(Pessoas que se aproximam)

Martinha - Nenê tá aqui, titiana.

guzana - Você sabe que a semana que vem terá que se crismar?

Martinha - Nenê sabe.

Zacarias - A tia Moricia já teve implicando pre ela tudo de retinho, sinhásinha guzana.

guzana - Muito bem. Agora a filhinha terá que escolher quem é que vai ser a sua madrinha de crisma.

Martinha - Nenê que... titiana.

guzana - Mas a titiana já é sua madrinha de batismo. Você terá que escolher outra pessoa.

Martinha - O nenê quer o Zazá, então.

guzana - O Zazá não pode ser também. Você terá que escolher uma mulher.

Zacarias - Vô le dizê, sinhásinha, que essa minina agora intê me dexô cum vontade de chorá. É por isso que a gente que bem ela.

guzana - Olhe aqui, minha querida, você terá que escolher para sua madrinha uma mulher. Deve escolher uma pessoa que voce goste muito, que tenha muita amizade. Vamos a ver, diga quem é.

Martinha - Nenê que... nenê que a Dôdô.

guzana - A Donguinha? Está muito bem. Pois então a Donguinha será a sua madrinha de crisma. Zacarias, vá lá chamar a Donguinha mas não lhe diga o que é.

Zacarias - Tá muito bem, sinhásinha. (Pessoas que se afastam)

guzana - Agora quando a Donguinha chegar aqui você vai fazer o convite a ela. Você diga assim. Dôdô, você quer ser a madrinha de crisma do nenê? Vamos a ver, repita para ver se você sabe dizer direitinho.

Martinha - Dôdô, você que se a madrinha de crisma do nenê?

guzana - Exatamente. É isto mesmo que você tem que dizer.

Martinha - E depois, hein titiana?

guzana - Depois ela leva a Martinha na Igreja, o bispo crisma e ela fica sendo Madrinha da Martinha. Ai você não pode mais chama-la de Dôdô, terá que chama-la de dindinha.

Martinha - Dindinha.

guzana - Isto mesmo. (Pessoas que se aproximam) Ai vem a Donguinha.

Donguinha - O seu Zacaria disse que a sinhásinha guzana tava me chamando; é verdade?

guzana - É verdade, sim, mandei chamar-te mas quem quer falar contigo não sou eu, é a Martinha.

Donguinha - O que é que a minha riquinha que?

guzana - (após uma pausa) Tale, Martinha, diga o que você ia dizer.



Martinha - O nenê não se lembra mais, titiana.

Suzana - Ora, Martinha, que feio. Não faça assim. Diga direitinho o que você ia dizer a Dodô.

Martinha - Dodô que se madrinha de quisma do nenê?

Donguinha - Como é que a minha riquinha disse que a Donguinha não entendeu direito?

Suzana - Ela está lhe convidando para ser madrinha dela. Madrinha de crisma.

Donguinha - Pra-eu se madrinha dela, sinhasinha?! (rindo) A minha riquinha tem cada coisa. Viu como ela já sabe brincar, sinhasinha Suzana?

Suzana - Não, Donguinha, não é brincado. Ela está falando sério. Está convidando a você para crisma-la.

Donguinha - Uei, sinhasinha que indeia. Agora eu preta do jeito que só se madrinha duma minina branca? Num pôde.

Donguinha - Não pôde? Porque não pôde? A cor nada significa deante da amizade, Martinha escolheu a você porque a estima e eu acho que a escolha foi muito bem feita porque ninguém a querera mais do que você nem ninguém a é hoje lhe dispensou tamanha bondade como você lhe tem dispensado.

Donguinha - Entonce é mesmo verdade, sinhasinha Suzana?

Suzana - É verdade, sim, Donguinha. O que é que você está achando de tão extraordinário a ponto de lhe parecer que é mentira?

Donguinha - Ela que memo que eu xeje madrinha dela?

Suzana - Quer, sim. Foi ela mesma que escolheu a você. No proximo domingo o senhor bispo virá fazer uma visita a cidade e você-a crismará. O que é isto, Donguinha, está chorando?

Donguinha - (voz de choro) É de alegria, sinhasinha, Suzana. É de alegria que a regriinha tá chorando. Ela nunca pensou que arguem branco pudesse querer tanto bem ela assim.

Suzana - Pois é, Donguinha, Martinha a estima muito como todos nós também. E você, por todas as suas qualidades e especialmente pela sua grande bondade é bastante merecedora desta estima que lhe dedicamos!

(CORTINA MUSICAL)

Felix - E então, já está pronta para a cerimonia amanhã?

Edelvira - Estou sim, meu noivinho. Quer ver o meu vestido de noiva? Está um encanto esta um amor. Todo branco, sabe? Ele é todo branco. Branquinho, branquinho, branquinho.

Felix - Claro que tem que ser todo branco. Todo o vestido de noiva é branco.

Edelvira - Todos não. Há vestidos de noiva azuis, cor de rosa, até lilaz eu já vi.

Felix - De noiva viuva, então?

Edelvira - (rindo) Não, bobinho, viuva não se veste de noiva.

Felix - A dona Aurora um dia me falou que quando se casasse, faria o seu vestido, não me lembro de que cor ela disse... não sei se encarnado...

Edelvira - Ora, querido, não me fale na dona Aurora. Você bem sabe que a detesto.

Felix - Que mal tem que fale nela, Edelvira?

Edelvira - Não quero. Lembro-me que ela quasi o roubou de mim. Fico desesperada.



Felix - Quasi roubou mas não roubou. Aqui tem você a sua pérola intacta.

Edelvira - Ah, e por falar em pérola... O que é que você vai me dar de presente de casamento.

Felix - Amanhã você verá. Não se afobe que o que é seu está guardado.

Edelvira - Ah meu Deus! Ter que esperar ainda até amanhã!

Felix - Pelo casamento?

Edelvira - Não. Pelo presente.

Felix - Amanhã você o receberá. Ele está guardadinho direitinho dentro de um estojo. Você vai ficar surpreendida e deslumbrada. É uma joia muito antiga mas de muito boa qualidade e está perfeitinha.

Edelvira - Ai que bom!... será mesmo que eu vou gostar?

Felix - Vai gostar sim, tenho a certeza absoluta. As que a usaram antes de você tinham adoração por ela.

Edelvira - Ah, então é uma joia de segunda mão?

Felix - Não senhora. De segunda mão, nada. De terceira. Já pertenceu a duas antes de você.

Edelvira - Ah eu não queria. Queria uma joia nova, comprada expressamente para mim.

Felix - Ora esta é muito boa! O noivo que no casamento deve ser sempre o mais importante, você não se importou que fosse de segunda mão. A joia que é de menos importancia você está querendo exigir que seja nova? Olhe: eu desmancho o casamento.

Edelvira - Não, meu querido, está bem, está bem. Eu aceito a joia assim mesmo de terceira mão.

Felix - É, acho bom. Mais vale um passero na mão do que dois voando.

Edelvira - E mais vale uma joia de terceira mão do que nenhuma.

(CORTINA MUSICAL)

Rubens - Posso entrar, minha querida?

Suzana - (de longe) Póde meu amor. (Passa) Oh como está bonito o meu maridinho!

Rubens - Então, não te animas a assistir o casamento?

Suzana - Não, querido, eu estou muito indisposta e depois tu, como medico, sabes melhor do que eu que o meu estado requer descanso. Vai tu, abraça por mim o meu Felix e a Edelvira e diz a eles que o meu desejo de que eles sejam felizes é o mais sincero possível.

Rubens - Meu Felix vai ficar desolado. Logo tu, a madrinha, faltaras à cerimonia...

Suzana - Ele ha de compreender que é por motivo de força maior.

Rubens - Nem viste o presente que lhes mandamos, não é verdade?

Suzana - Não.

Rubens - Um licoreiro de cristal da boêmia com ornamentos em prata. Mas o que é que tens? Estás sentindo alguma coisa?

Suzana - Não, Rubens, nada. Uma vaga tristeza apenas. A tristeza de pensar que de uma a uma se pombas vão deixando este pombal. Vovôzinho, Lucília, Augustita, Jorge, Tia Esperança, depois prima Aurora e agora meu Felix. Cada vez o solar fica maior... e mais triste.

Rubens - Consolemo-nos com a ideia de que daqui a uns dias mais um morador que en-  
cerá de alegria este velho casarão. (virá um novo)



- Guzana - sim, Rubens, e não é sem tempo que tenhamos alguma compensação a tudo que temos perdido.
- Rubens - É verdade, ainda não me disseste se preferes que venha o Carlinhos ou a Marília Esperança.
- Guzana - Não sei, Rubens. Tanto ele como ela me darão bastante alegria. E tu, o que preferes?
- Rubens - Para ser bem sincero devo dizer-te que prefiro um homenzinho. Ha de ser medico como o pai.
- Guzana - Não, Rubens, deixemos que ele mesmo escolha a profissão que deverá seguir (bate um sino alegremente, ao longe) Ouve, querido, não é o sino que está batendo?
- Rubens - sim. Está quasi na hora da cerimonia. Vou andando, então. Adeus, e até logo. Assim que terminar o casamento virei fazer-te companhia.
- Guzana - Está bem, ficarei esperando por ti. Dá um abraço bem apertado no seu Felix e diz-lhe que, em pensamento estarei junto dele lá na igreja!

(CORTINA MUSICAL)

- Padre - E o senhor Felix aqui presente recebe a senhora Edelvira Monteiro, aqui presente, como sua legitima esposa, assim como manda a santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana?
- Felix - Naturalmente que sim.
- Padre - Em nome de Deus os considero casados.
- Felix - (baixo) Porque tremes tanto? Estás com frio?
- Edelvira - (baixo) Não, meu amor, estou nervosa.
- Padre - Prezados nubentes: a cerimonia do casamento religioso está concluida. Deante do altar do sagrado Coração de Jesus, acabastes de trocar o juramento de fidelidade e de amor recíproco. Bem sabeis que para uma completa felicidade, a benção suprema do pai seria indispensavel num ato como este e por isto viesdes procura-la. Que ela possa espargir sobre os vossos corações a humildade, a paz, a confiança o amor, a tolerancia e todos os demais sentimentos precisos para que possa existir uma felicidade perfeita no matrimonio. Vivereis, de agora em deante, um para o outro e pelo outro. Amai-vos e respeitai-vos. Procurai sempre uma perfeita compreensão de ideias e tereis encontrado o caminho reto que vos conduzirá ao bem viver. Que os vossos pensamentos possam estar sempre, antes de qualquer gesto ou de qualquer ação, na bondade infinita do Pai e no seu poder infinito. Guiai-vos sempre pelas suas normas e tereis construido o lar que os vossos corações ambicionaram. Ide em paz e que Jesus vos acompanhe.

( O SINO COMEÇA A REPICAR LÁ FÓRA, FESTIVAMENTE E A MARCHA NUPCIAL OUVI-SE FORTE, ATÉ UM FINAL DE FRASE MUSICAL).

(CORTINA MUSICAL)

- Felix - Como? Você está aqui?
- Rubens - sim, seu Felix. D. Edelvira e tia Mauricia estão com guzana e ele preferiu que eu viesse para cá. Confesso que estimei essa sua deliberação porque nunca me senti tão nervoso na minha vida.
- Felix - É natural, é natural. ser medico é uma coisa e ser pai é outra diferente.
- Rubens - veja as minhas mãos como estão frias.
- Felix - Papagaiol! Parecem duas pedras de gelo. Vamos, homem, coragem. Você quer botar o seu chapéo?
- Rubens - se você soubesse o que representa um momento destes na vida de um homem



- Felix - se eu soubesse? Homem não esqueça que eu também sou pai.
- Rubens - sim, é verdade... nem me lembrava... mas também faz tanto tempo que o senhor certamente nem se lembra mais.
- Felix - Como não me lembro? Lembro-me, sim. Lembro-me até muito bem. Ha coisas, meu caro Doutor Rubens, que a gente não esquece nunca mais. Como está ela?
- Rubens - Diz o doutor que tudo vai muito bem que é questão só de paciência e esperar um pouco mais. (Passos que se aproximam).
- Felix - Aí vem o doutor.
- Rubens - O que ha doutor? Alguma novidade?
- Doutor - Uma novidade, sim. Uma grande novidade?!
- Rubens - É ela? Ela como está?
- Doutor - Perfeitamente bem.
- Rubens - É menino. ou menina?
- Doutor - Vamos a ver se advinha.
- Rubens - Não sei, doutor. Diga, diga depressa. Eu não posso mais conter a minha curiosidade.
- Doutor - É um futuro colega.
- Rubens - Menino!... É o meu Carlinhos, então!... Obrigado, meu Deus, muito obrigado! (ouve-se ao longe um choro de criança recém-nascida).
- Doutor - Veja que belos pulmões!... (Passos que se aproximam)
- Edelvira - Doutor Rubens, doutor Rubens, meus parabéns! Que encanto de criança! É uma maravilha!... Uma beleza!... Perfeitinho, perfeitinho! Tem tudo, tudo, tudo. Até as unhasinhas, meu querido.
- Felix - De certo. Você queria que a criança nascesse sem unhas?
- Edelvira - Ah meu querido, eu estou tão entusiasmada, tão entusiasmada que quero que você arranje um pra mim também. Você arranja, meu querido, arranja?
- Felix - Bem, se depender de mim...
- Rubens - Posso ~~va~~ ir vê-la, doutor, posso?
- Doutor - Póde sim. Vá e meus sinceros parabéns.
- Rubens - Obrigado, doutor, muito obrigado. (Passos que vão sempre à mesma altura) (O choro da criança vai aumentando até ficar bem forte e depois diminui para fazer fundo ao diálogo).
- Maurícia - Veja, doutô Rubi, veja que fermugura de criança. É vê um anjinho!
- Rubens - Meu filho!...
- Maurícia - Num é memo uma quiriúeza de criança?
- Rubens - Meu filho querido! (beijo)
- Guzana - (débil) Rubens!
- Rubens - Guzana meu amor, estás contente? (beijo).
- Guzana - sim, meu querido, muito. E tu?
- Rubens - Eu? Felicíssimo. Tão feliz quanto póderia sentir-se o homem mais feliz do mundo!...



ROBERTO - Meus queridos ouvintes: Este foi o último capítulo da história que, desde o princípio do ano, eu venho escrevendo para vos. Fiz sempre o maior empenho em que ela vos agradasse e sobretudo que vos divertisse se tiver conseguido alcançar o meu intento julgar-me-ei imensamente feliz. se, ao contrário, ela vos desagradou eu vos peço mil desculpas encontrando apenas, como justificativa para mim mesmo, a ideia de que minha intenção foi boa. Ficaria agora imensamente satisfeito com os meus ouvintes e recompensado de todo o trabalho que tive se cada um me mandasse as suas impressões sobre o programa e a sua sugestão se esta história deve prosseguir para o próximo ano ou se deveremos por aqui o seu ponto final. Fica, pois, na vontade dos meus ouvintes a continuação ou não continuação deste programa para o ano de 1944.

(Característica forte novamente)

- Tedy  
Gama
- ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM!... (característica forte)
  - O último capítulo do golar dos Alvarengas!... (idem, idem)
-



**APRESENTAÇÃO:** - ROBERTO LIRA E SEUS ARTISTAS APRESENTAM! (Característica forte).

O SOLAR DOS ALVARENGAS!... (Novamente a característica forte).

O programa que bem se poderia chamar "A luta dos sentimentos", porque nele o amor, o dever, a ambição, a renúncia, o desespero, a saudade se manifestam a cada momento, numa sucessão de fatos e de circunstâncias que envolvem os seus personagens que lutam desesperadamente e se debatem pela conquista da felicidade!

O solar dos Alvarengas nos apresenta, com as tintas fortes da realidade a vida tal qual ela é; cheia de contrastes e de imprevistos, de lágrimas e de sorrisos, de momentos bons e dignos de serem vividos, intercalados por instantes de desespero e de saudade!...

O capítulo desta noite obedecerá à seguinte distribuição:

Guiana Alvarenga - A desilusão.....	Carmen de Alencar
Dr. Rubens - A inconsciência.....	Roberto Lira
Lucilia Alvarenga - A ilusão.....	Liney de Andrade
Jorge Alvarenga - A ambição.....	Edmundo Lira
Maribel - A renúncia.....	Lilia Maria
Capitão Ernani - A revolta.....	Candido Norberto
Zacarias - A lealdade.....	Carlos More
Tia Esperança - A resignação.....	Branca Margarita
Tia Mauricia - A saudade.....	Beatriz Delorge
Alberto - O Congolo.....	Raymundo Gray
Danguinha - A bondade.....	Lilia Maria
Martha - A inocência.....	Maria do Céu
Seu Felix - O coração.....	Claudio Peal
Prima Aurora - A raça.....	Branca Margarita
Dr. Alexandre - .....	Carlos More
Um amigo.....	Tedy Rodrigues
Uma enfermeira.....	Gisela Castro
Um medico.....	Galos Coelho
Gelsa.....	Cyara Rangel
Um empregado.....	José Pereira
Uma voz.....	Jussara

Encarregado do Estúdio..... Emilio Belo  
 Fonofonia de..... Willy Rodrigues

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE E DEPOIS EM FUNDO)

Antes de darmos início ao programa desta noite, façamos uma ligeira recapitulação dos acontecimentos desenvolvidos no capítulo anterior. Esses acontecimentos podem ser resumidos no seguinte:

Ferida por seu próprio marido, quando cantava num concerto de caridade, Maribel foi recolhida a um Hospital, preocupando-se mais com a sorte do que o ferido do que propriamente com o sofrimento que a sua ferida lhe causava. Seu marido que, por sua vez, fora preso na base onde servia, desesperava-se por ser obrigado a estar longe daquela que era tudo para ele na vida e que, por sua própria culpa, varios dias estivera aterrorizada em perigo de morrer. Finalmente, com a interferência de seus superiores que reconhecia naquela tentativa de assassinato uma alucinação momentânea, oriunda de um ciúme inconsciente, Ernani é posto em liberdade e vai ao Hospital, onde, entre lágrimas amargas de profundo arrependimento, pede a Maribel perdão para o seu gesto irrefletido.

Haite meio tempo, Lucilia, que tambem se encontrava num hospital em consequência de queimaduras recebidas num incendio, vê-se pela primeira vez em um espelho e de tal forma se encontra desfigurada que - enquanto as lágrimas lhe deslizam pelo rosto - ela sente que o seu sonho de felicidade ao lado de Alberto ficara sepultado nos escombros daquele incendio que lhe marcou o rosto com tantas cicatrizes.



E o capítulo terminou exatamente quando, em consequência do seu gesto heroico de atirar-se às chamas e salvar duas vidas, Lucília recebia a condecoração da Cruz da Vitória que lhe conferiam os Governos Brasileiro e Norte Americano no ao mesmo tempo que um grande desfile de soldados, de ambas as nacionalidades, era realizado em sua honra.

Quanto agora a continuação do "golar dos Alvarangas" !

(CARACTERÍSTICA FORTE, DIMINUINDO DEPOIS ATÉ DESAPARECER)

Aurora - Dá licença, seu Felix?

Felix - (longe) Entre. (Baixa) O que é que ha?

Aurora - seu Felix... eu estou numa situação tão difícil...

Felix - situação difícil?

Aurora - sim...

Felix - Porque? Explique-se.

Aurora - É que... O Dr. Ribens teve um chamado para a cidade de Cachoeira e queria que aproveitasse a sua companhia e ir fazer compras para o enxoval. Pediu-me que a acompanhasse e... o senhor compreenderá, como eu também compreendo... não ha outra pessoa que possa fazer isto em meu lugar...

Felix - Pois então a senhora vá. Não vejo razões para tanto embaraço.

Aurora - Bem, mas é que... eu não deojava deixa-lo aqui sózinho, sem ter quem cuidar da sua roupa, da sua alimentação...

Felix - Ora, dona Aurora, não lhe dê isto cuidado. A senhora sabe que eu já fui soldado e que soldado não se aperta. Depois os criados são bons e já estão muito habituados com o serviço e com as minhas exigências.

Aurora - Eu sei que eles são bons e que tem boa vontade, não quero dizer o contrário mas a questão é que a gente, mesmo assim, precisa estar sempre observando o que eles fazem, chamando a atenção de uma coisa ou outra, dirigindo-os, em fim, para que tudo saia a contento.

Felix - Vá, dona Aurora, vá e não se preocupe comigo.

Aurora - Depois tem a roupa do Albertinho, também, que sou sempre eu que costuro, que reparo, que faço o ról e etc.

Felix - O que for do Alberto a tia Maurícia tomará conta com muito prazer até e a mim a Donguinha e o Zacarias bastarão.

Aurora - Quer dizer então que eu posso ir?

Felix - Claro que pôde, óra esta.

Aurora - O senhor não ficará saudades comigo, seu Felix?

Felix - Mas saudades porque, mulher de Deus? Pôde ir, já lhe disse. Quisera precisava da sua companhia e senhora tem obrigação de servi-la.

Aurora - E... e o senhor não vai ter saudades minhas, seu Felix?

Felix - Saudades? Não sei. A senhora ainda não foi eu não posso garantir o que vou sentir no futuro. Pôde ser que sinto e pôde ser que não sinto. Isto só na sua volta é que eu poderei lhe dizer.

Aurora - Ora, seu Felix, eu queria que o senhor dissesse agora.

Felix - Mas como é que eu vou lhe dizer uma coisa que eu não sei se vou sentir ou não?

Aurora - Pois olhe; eu lhe garanto que vou sentir muitas e muitas saudades suas.



Felix - Pois eu nada posso responder pelo futuro, dona Aurora.

Aurora - De uma pessoa eu tenho certeza absoluta que o senhor vai sentir saudades.

Felix - Quem é essa felizarda?

Aurora - A Elelvira Monteiro. O senhor depois que frequenta a casa dela está completamente modificado, seu Felix. Pensa que eu não tenho notado isto? Mas olhe, um consolo eu tenho: se o senhor chegar a casar com ela o dia que o senhor brigar com ela terá que brigar com as quatro. Cairão todas em cima do senhor. E elas não são de brincado, não pense não. Elas são das tais que vão logo a via de fato. Pobre do senhor, seu Felix, pobre do senhor! Nem gosto de me lembrar! Ah e outra coisa: não pense que elas vão aguentar o Alberto em casa delas, não. O primeiro cuidado que terão será o de separar-lo de seu filho. O senhor vai ver quem elas são. O senhor vai conhecer bem a força delas! Cace, cace com ela mas depois não se arrependa. O senhor vai torcer as orelhas e não vai sair sangue, o senhor verá. Vou lhe dizer que até bordoadas o senhor será capaz de apanhar.

Felix - Apanhar bordoadas eu, dona Aurora? Ah dona Aurora a senhora não me conhece. Se eu efetivamente me casasse com a Elelvira Monteiro e ela resolvesse bancar a valente comigo... Meu Deus! Ia ser duro com duro. Sim, porque eu não ia permanecer inativo, não pense não. Eu nunca toquei violentamente em mulher alguma porque aprendi de meu pai, desde pequeno, que numa mulher não se bate nem com uma flor, mas se ela virasse a bicho comigo... ah meu Deus! O meu pai ia dar pulos na sepultura mas ela ia levar o que era dela. Ah ia. Não tenha dúvida que ia.

Aurora - É seu Felix? E o que é que o senhor fazia hein seu Felix? O que é que o senhor fazia?

Felix - O que é que eu fazia? Hum! A senhora ainda pergunta? Chegava-lhe a lenha ao couro com vontade e sem fastio.

Aurora - seu Felix! (escandalizada) O senhor teria a coragem de fazer uma coisa destas?

Felix - Se eu teria coragem? Mas meu Deus! Nem se pergunta que tinha.

Aurora - Não se diga, seu Felix, não se diga!

Felix - Digo, sim, digo.

Aurora - Meu Deus! Que homem violento!... Ai, ai! Como eu gosto de um homem assim!

(CORTINA MUSICAL)

(ouve-se uma ária de Ópera, de preferencia cantada por soprano. Essa ária terá fim fundo aos diálogos, aumentando sempre que houver uma pausa longa).

Amigo - (após uma pausa em que se ouve forte a musica) Porque olhas tanto para aquele casarote, Alexandre? Conheces aquelas senhoras?

Alexandre - Sim, Marcos. Uma delas foi minha cliente.

Amigo - A moça ou a velha?

Alexandre - A moça.

Amigo - Elas não são daqui, não é verdade? Pelo menos eu não as conhecia nem de vista.

Alexandre - Não. Elas moram fóra. São as Alverengas de quem já tive ocasião de te falar.

Amigo - Ah sim. (Pausa) Agora estou compreendendo a razão da tua demora lá.

Alexandre - Deixa-te de imaginar romances, é o que é.



Amigo - Quem é o rapaz, irmão delas?

Alexandre - Não. É noivo da moça. (Pausa) É medico tambem.

Amigo - Curagete a doente mas parece que adoeceste não é verdade?

Alexandre - Ora, Marcos, deixa-te de tolices. É melhor que prestes atenção à Opera em vez de estares aí a imaginar coisas que não existem.

(Pausa grande, musica forte por alguns momentos, baixando depois)

Guzana - O que tens, Rubens?

Rubens - Nada.

Guzana - Não mintas. Eu sinto que tens alguma coisa. Porque não dizes a verdade?

Rubens - Não é nada, não. Estou com dor de cabeça.

Guzana - Ora, Rubens, porque não me disseste então? Quem sabe queres sair?

Rubens - Sim. Creio que longe daqui talvez eu pudesse melhorar.

Guzana - Pois então vamos. Alcança-me a capa, por favor.

Aurora - O que é isto, estás com frio?

Guzana - Não, prima Aurora, Rubens está com Dor de cabeça e nós vamos para o Hotel.

Aurora - Ora que injustiça! Não bom que está isto!

Guzana - Paciencia, prima Aurora, é um caso de doença o que é que se vai fazer?

Aurora - Imagine só! Uma costura preparar-se toda para vir ao teatro e sair em meio do segundo ato!

Rubens - Desculpe, dona Aurora, mas a minha cabeça parece que rebenta.

Aurora - (baixo) Quem quasi rebenta de raiva sou eu. Porque não deixou a cabeça em casa?

Guzana - Olhe a sua pele, prima Aurora. Vamos sair nas pontas dos pés para não chamar a atenção.

(ouve-se a musica forte e depois, a pouco e pouco, vai diminuindo até desaparecer completamente). (ouve-se musica sempre a mesma altura)

guidado que vamos sair agora. Levante a gola do casaco para não apanhar frio. Essa sua dor de cabeça pode ser algum resfriado.

Rubens - Não é, não. A minha dor de cabeça era de ver o doutor Alexandre com os olhos cravados no nosso camarote desde o momento que entramos no teatro.

Guzana - Foi então por isto que você quis sair, Rubens?

Rubens - Foi. Não podia mais suportar a sua insistencia e temi perder a calma e provocar um escandalo.

Guzana - Francamente! Pensei que você fosse um pouco mais controlado em materia de ciuume. Cheguei a acreditar que você estivesse realmente com dor de cabeça, e quando acaba voce não tinha era dor nenhuma.

Aurora - Como não tinha dor nenhuma? Tinha dor sim senhora. Não era dor de cabeça mas era dor de canelas.

Rubens - Aqui temos um carro. Vamos. (Pausa) Guza Guzana. (Pausa) Agora a senhora dona Aurora.

Aurora - Obrigada não preciso a sua mão para subir. O senhor precisa mais dela para esfregar as canelas.



Ribens - Leve-nos ao Hotel Magistoso. (Ruído de carro forte a principio e depois se afastando pouco a pouco, até desaparecer).

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de passos que ora se afastam e ora voltam. Batem tres badaladas entrecadas.)

Ernani - Meu Deus, como custa a passar o tempo que se espera. Fazem duas horas que me encontro aqui nesta angustia que não termina mais! (PASSOS SUAVES)

Enfermeira - Muito nervoso Capitão? Porque não senta?

Ernani - Não posso. Tenho a impressão que estando sentado o tempo custa mais a passar.

Enfermeira - Tenha calma que tudo ha de sair bem.

Ernani - Demorará muito ainda?

Enfermeira - Creio que não. Será talvez questão de mais alguns minutos.

Ernani - A senhora não pôde imaginar o que um minuto representa para mim num momento destes.

Enfermeira - Calcule, sim, Capitão. Eu já estou nesta casa de saúde ha alguns anos e tenho assistido a muitos momentos como este. Todos ficam assim.

Ernani - O que disse o medico? Ele acha que tudo correrá bem?

Enfermeira - sim, não tenha receio. Depois da tempestade vem sempre a bonança e os momentos de felicidade que depois desfrutará ha de compensar estes instantes de angustia que esta vivendo agora.

Ernani - Obrigado. A senhora é boa e as suas palavras me fazem bem.

Enfermeira - sente-se um pouco. As suas mãos estão trêmulas. O senhor está nervoso demais. Vou trazer-lhe um calmante, quer?

Ernani - Não obrigado. Prefiro que fique aqui a meu lado animando-me com as suas palavras de esperança.

Enfermeira - Está bem, eu ficarei então. (Pausa. Passos que se aproximam) Olhe, aí vem o doutor.

Ernani - E então doutor?!

Medico - Um momento. Dona Clara, vá ajudar a dona Vicentina.

Enfermeira - Pois não, doutor. Com licença, Capitão. (PASSOS QUE SE AFASTAM)

Medico - Está muito nervoso, não é verdade meu amigo?

Ernani - sim doutor, para que negar? O senhor compreende... um momento destes...

Medico - Acalme-se, meu amigo, vai tudo bem. Já não ha mais razão para tremer desta forma.

Ernani - Então... já? (ouve-se, a distancia, um choro de criança recém nascida)

Medico - Aí tem a resposta!

Ernani - (emocionadissimo) Doutor... doutor... é menina ou menino?

Medico - Menino. (RUA) Não era isto que desejava?

Ernani - sim, era. (emocionada) Obrigado meu Deus!... Obrigado doutor!...

(CORTINA MUSICAL).



- Douguinha - Pronto, seu Alberto, as banderinha tá tudo pronta. Colada e coltada.
- Alberto - Muito bem, pôde deixar em cima dessa mesa. E as guirlandas?
- Maurícia - As guirlandas a nega véia tá fazendo, meu fio, mais isso dizore mais. Tem que prende as fro, as parva e esse arame machuca os dedo da nega véia.
- Alberto - Está bem, não tem pressa. Agora a Douguinha acabou as bandeirinhas, pô de ajudá-la neste trabalho.
- Douguinha - Pôssô sim seu Alberto.
- Martha - Onde é que as bandelinha vai se botá, hein bétó?
- Alberto - Desde o portão da entrada até a porta da rua. De um lado e outro da alameda.
- Martha - Que munito que vai ficá. A titiana vai gostá.
- Maurícia - Tu tá cum godadilha dela, minha fia, tá?
- Martha - Nêné tá. A sinhola também?
- Maurícia - Tombem, minha fia. Nôis tudo temo cum godade dela e da dona Gróra. Gra cias a Deus Nosso sinhô que elas vorta amanhã. (Passos que se aprox.)
- Zacarias - Pronto seu Alberto, as parva dos coqueiro já tão arrancada. Dexe lá da banda de fora da porta. É pra prega elas agora ou amanhã de manhã?
- Alberto - Amanhã talvez não nos dê tempo. O trem chega às nove, nove e pouco. Vamos prega-las hoje à noite. O papai não está em casa?
- Zacarias - Não sinhô. Meu Néli foi na cidade comprá os foguete. Disse que quando fôsse sete hora que levasse o carro pra busca ele.
- Alberto - Bem, então trata de botar-te a caminho que são quasi seis e meia. Quando voltares trataremos de prender as palmeiras.
- Zacarias - Tá munto bem, seu Alberto, com a sua licencia, entonce. (Passos af.).
- Martha - Gela que a titiana vai me tazê um pezente, Dôdô?
- Douguinha - Di celto que vai, minha riquinha. O que foi que a minininha pediu pra ela trazê?
- Martha - Um livro de itóia e uma muneca. Uma muneca que diz papai-mãe.
- Douguinha - Que lindesa. Entonce hoje a minha riquinha tem que grumi bem cedinho, que é pra nós aminhá levantá bem cedo e ir na estação cum nós iaperá ela. (Passos que se aproximam).
- Esperança - Óia a janta tá na mesa, seu Alberto.
- Alberto - É cedo ainda, tia Esperança. Vou esperar o Papai que ainda não chegou. Jantaremos juntos.
- Esperança - Mais a minininha nus pôde iaperá mais tempo. Percisa se alimentá.
- Alberto - Sim, tem razão. Dê então o jantar a ela que depois eu jantarei com o Papai quando ele chegar.
- Esperança - Pois é. Vem, minha fia, bamo.
- Martha - Nêné que iperá titifé.
- Esperança - Num pôde, minha fia. Depois fica munto talde. Bamo, bamo que é pra aminhá i iaperá a munequinha que a titiana vai traze pra ela. (Passos)
- Alberto - Está bem, agora se faltam essas duas guirlandas, não é verdade?



- Maurícia - Só, meu fio, só essas duas. Inté de noute, si Deus Nosso sinhô quizé elas é de ficar pronta.
- Alberto - E na porta da rua eu botarei este cartaz.
- Donguinha - Já tá pronto, seu Alberto?
- Alberto - Já. Terminei agora mesmo.
- Donguinha - Que bunito que ficou. Uma côtem viva! Num sabia que o seu Alberto sabia pintar.
- Maurícia - Que lindosa que vai ficar! Deis do portão da rua até a porta da parva, as guerdanda e as banderinha. Na porta esse cartaz e depois aqui dentro fro em tudo quanto é vago.
- Donguinha - E o seu Féli sortando fuguete na chagada deles.
- Alberto - Esse cartaz já se pôde pendurar agora. É um serviço que fica feito.
- Maurícia - O que é que tá iscrevido aí, meu fio?
- Alberto - Ouça, tia Maurícia: "Bemvindas sejam as que em sua suencia a tristeza deixaram no golar".
- Donguinha - Que bunito, seu Alberto! Isso é velso é seu Alberto?
- Alberto - Não, Donguinha, porque?
- Donguinha - Porque eu tava indimrada do sinhô fazê velso. Velso é só pueta que faz.
- Alberto - Não seria nada de admirar se eu fizesse versos. ~~Yaxaxaxa~~ Ouça Donguinha, há um velho ditado que diz com grande acerto: De medico, poeta e louco cada um de nós temo, um pouco.

(CORTINA MUSICAL)

- Gelga - Noticias de casa, dona Lucilia?
- Lucilia - É uma carta do Alberto, Gelga.
- Gelga - Sim? A senhora deve estar contente então.
- Lucilia - Não mais me causa alegria neste mundo, Gelga... depois do que me aconteceu.
- Gelga - Óra, dona Lucilia, não diga assim. A senhora verá como ainda ha de ser feliz um dia.
- Lucilia - Não creio, minha querida.
- Gelga - Me já sabe do que lhe aconteceu, não é verdade? E no entanto garanto que as suas cartas continuam amorosas como antes, não é assim?
- Lucilia - Mas é preciso considerar que ele ainda não viu o estado em que fiquei. E é isto exatamente que me apavora porque tenho a certeza que ao deparar com o meu rosto neste estado ele recuará apavorado.
- Gelga - Se tal acontecer é porque ele não a queria verdadeiramente. Os homens de espirito não se deixam prender apenas pela beleza do corpo. Antes, a beleza da alma os prende muito mais.
- Lucilia - Não sei, Gelga, não sei. Eu deveria renunciar a este amor para não sofrer qualquer decepção futura mas em cada dia que passo eu vou deixando para dia seguinte e a renuncia vai ficando para tras.
- Gelga - Não faça isto, dona Lucilia. Não renuncie ao amor pelo receio de que ele possa lhe fazer sofrer. A decepção é sempre um escudo contra a dor que que ela própria nos causa.



Lucilia - Não sei, Gelga, não sei.

Gelga - A senhora já mandou dizer a ele o que lhe aconteceu. Não ocultou o estado a que ficou reduzida a sua beleza depois do que lhe ~~aconteceu~~ sucedeu. Ele continua a escrever, continua a enviar-lhe seus protestos de amor, porque ha a senhora de renunciar?

Lucilia - Ele não me viu. Não sabe como fiquei. Tôr mais que imagine estou certa de que está longe da realidade. Sou mais velha do que ele, viuva, que ou tra coisa o poderia ter prendido a mim senão a minha beleza?

Gelga - Faça uma coisa então, antes de terminar; mande um retrato a ele, e observe a carta que lhe escrever depois. Será fácil verificar se o seu entusiasmo arrefeceu ou se permaneceu com a mesma intensidade.

Lucilia - Mas não será fácil distinguir o que ele dirá de coração ou apenas por ca valheirismo ou por piedade o que será ainda pior. Não, Gelga, não ha remédio. O que eu tenho que fazer é escrever-lhe a última carta terminando tudo e pondo com ela um ponto final na historia amorosa da minha vida.

Gelga - É pena, dona Lucilia! Enfim, se a senhora pensa desta forma... bem, com licença, eu não quero atrapalha-la. A senhora estava lendo a sua carta e eu vim interrompê-la.

Lucilia - Não, Gelga, eu já havia terminado mas você naturalmente terá o que fazer. Vá.

Gelga - Com licença, dona Lucilia. (Passa que se afasta). (Ruído grande) (Ruído de escrever)

Lucilia - Meu querido Alberto. Não, querido não. Deverei trata-lo sem grandes arroubos de carinho, do contrario ele não acreditará na minha mentira. (Ruído de rir que se escreve) Alberto: Lamento dizer-lhe uma verdade que talvez o magoe mas seria pior, talvez, continuar mentindo. Eu não o amo mais. (Cessa o ruído de escrever e repete) Eu não o amo mais! Que mentira, meu Deus! (chorosa) Que mentira! Dizer que não o amo quando o meu coração lhe pertence inteiramente!... (solucos).

(CORTINA MUSICAL)

Suzana - (mostra o triste, à meia voz) Tia Esperança! sou eu que estou aqui pertinho da senhora. A Suzana. Não se lembra de mim? (Ruído) Vamos, abra os olhos se não pode falar e ao menos sorria para mim para eu ter a certeza que me reconhece. (Ruído) Eu sei. Não se quer ver, não é isto? (Ruído) Ela não atende. (Passa que se aproxima) Cuidado, ~~xxxxxx~~ prima Aurora, não faça barulho. Caminhe nas pontas dos pés.

Aurora - Não adianta. Estes tapetes são horriveis de barulhentos. A sola é muito grossa. Vão ficar um pouco aqui para irem tomar alguma coisa.

Suzana - Obrigada, prima Aurora, eu não vou tomar nada. Não tenho vontade.

Aurora - Foi o doutor Rubens que te mandou chamar. Vai então lá dizer a ele que não queres.

Suzana - Está bem. Fique um pouquinho aqui, então. Qualquer coisa chame por mim.

Aurora - Está bem. Vá decompada. (Passa abaixada que se afasta). (Passa com)

Suzana - Mandou me chamar, Rubens?

Rubens - Sim, você precisa se alisar e sair um pouco da cabeceira de tia Esperança.

Suzana - Não posso, Rubens. Quando penso em deixa-la lembro-me como foi dedicada a todos nós e esta lembrança é o bastante para me prender junto a ela.

Rubens - Ouça, Suzana! esta doença às vezes se prolonga por muito tempo e você não pode continuar a passar todas as noites como você tem feito, uma estra de outra. Uma noite ficará você, outra dona Aurora, outra Danguinha e etc. Do contrario você vai ~~enfermar~~.



- guzana - Diga, Rubens: não ha mesmo nenhuma esperança de salva-la?
- Rubens - Minha querida, para Deus nada é impossível, entretanto não devemos alimen-  
tar sonhos cuja esperança de realização é muito remota. Ela está muito ve-  
lha, muito enfraquecida e acho difícil que consiga vencer esta crise. Se  
conseguir ficará paralisada para o resto dos anos que ainda possa viver.  
Não deve, por isto, pedir a Deus que lhe conserve a vida.
- guzana - Pobre da tia Esperança! (chorando) Tão boa que foi para a mamãe. Criou-nos  
a todos com tanto carinho. Tudo que a Mamãe desejava fazer por nós foi ela  
quem o fez depois da sua morte. Oh Rubens!... Como é triste perder-se al-  
guem a quem se quer um bem tão grande!...
- Rubens - Eu sei que é triste, minha guzana, mas a morte nem sempre é o que existe  
de pior. Você queria que ela se salvasse e vivesse paralisada numa cama ou  
numa cadeira, anos e anos? (Palma) Não posso acreditar que o seu egoísmo  
chegue a tal ponto. Ouça, guzana: eu perdi minha mãe aos dezoito anos. Era  
então estudante de medicina e já sabia que a lei nos negava o direito de  
matar porque então eu lhe teria dado uma injeção que abreviasse os seus so-  
frimentos, tão horríveis eram eles. E teria feito isto a minha própria mãe  
que era uma criatura boníssima e a quem eu adorava acima de tudo na vida.  
Mas era uma tortura infinita vê-la sofrer daquela maneira e saber que o  
seu mal não tinha cura. Que as suas dores se agravariam a medida que os  
dias passassem e que finalmente a morte viria quando ela estivesse exhaui-  
ta de sofrer. Quando queremos muito a uma criatura não devemos desejar o  
prolongamento de nada que a faça sofrer. E agora enxugue essas lágrimas  
e venha tomar um copo de leite que você hoje não jantou.
- guzana - Não tenho vontade, Rubens. Eu jantei, sim.
- Rubens - Você está mentindo. Sei que não jantou porque dona Aurora me disse. Um co-  
po de leite é coisa que se toma mesmo sem vontade. Vamos, faça-me este  
desejo.
- guzana - Está bem, Rubens, eu tomarei.
- Rubens - E hoje você não ficará toda a noite acordada como tem feito ha várias noi-  
tes. Donguinha ficará com sua avó e se houver necessidade ela lhe chamará.
- guzana - Que coisa horrível é a morte, meu Deus!...
- Rubens - Não compreendo que se pense assim, guzana. Quantas e quantas vezes a morte  
é uma libertação, ~~luz~~ Bem dita seja ela quando nos livra das torturas e  
miserias de que esta vida é cheia. Bem dita seja ela quando nos afasta das  
dores e dos crimes! Bem dita seja ela quando nos traz o descanso e o esqui-  
camento!...

(CORTINA MUSICAL)

(ouve-se um choro prolongado de criança pequena)

- Maribel - O que é isto, querido? Que choradeira é esta? O pequinho está judiando com  
ele, esta?
- Ernani - Não sei o que tem este menino. Não consigo fazer com que se cale. Será  
fome que ele tem?
- Maribel - Não, meu querido, não pode ser. Ele tomou a mamadeira não faz uma hora ain-  
da. Talvez seja sono.
- Ernani - Então vamos a ver se ele dorme. (cantando) Nãna filinho, nãna meu amor,  
que a faça que corta, dá talho sem dor. (continua o choro forte) Vamos, va-  
mos, deixe de choradeira. (cantando) Nana, nenê, que o bicho aí vem, rapai  
foi à caça, mamãe foi também. (continua o choro).
- Maribel - Qual, meu querido, você não dá mesmo para sua seca. Pronto, já terminei o  
que estava fazendo. Você vai ver como ele calará num instante.
- Ernani - Pronto, vá com a sua mãe.  
*Vou pegá-lo e*



Maribel - É, mas venha cá. Não fuja, não. Você vai sentar-se ao piano e tocar a canção de ninar que eu cantarei. Você bem sabe que é a forma que ele adormece mais depressa.

Ernani - Não ia fugir, meu amor. Ia apenas buscar os meus cigarros ali no quarto.

Maribel - Pois bem, vá então mas volte.

Ernani - Não, eu fumarei depois. Vamos ver se o fazemos calar.

(ouve-se uma canção de ninar acompanhada ao piano. Logo ao início da canção o choro cessa)

Maribel - (à meia voz, quando o canto termina) Viu como dormiu logo?

Ernani - Pudera! O que não conseguirá essas vos que já arreastou um homem ao crime?

Maribel - Ernani! Não falemos mais disto, por favor. Já lhe pedi várias vezes. Para que despertar recordações que nos fazem sofrer? Esqueçamos os instantes maus que a vida nos reservou no passado e vivamos apenas do presente que é bom e dos sonhos de um futuro que ha de ser ainda melhor!

Ernani - Querida, como eu te amo! (beijo)

Maribel - Cuidado. Não vás acordar o menino.

Ernani - Não tem importancia. se isto acontecesse tu cantarias de novo a doçura de tua voz mais uma vez o faria adormecer.

Maribel - Vamos deita-lo no seu bercinho cor de rosa como devem ser os sonhos que embalam o seu dormir!

(CONTINA MUSICAL)

Alberto - (lendo) Perdão se te decepçiono, é melhor a verdade, por cruel que ela seja a mentira de um amor que não sentimos. Tu és moço e has de encontrar alguém melhor do que eu para a companheira de tua vida. Esquece-me, pois. Lucilla. (Pausa) Esta foi a penultima que recebi. Vejamos agora a ultima. (lendo) Mentí quando te disse que não te amava. Amei-te desde o primeiro momento em que te vi e à medida que a nossa convivência se intensificava mais e mais se solidificava o sentimento que me despertaste. E foi inutil lutar contra esse amor porque ele tomou conta do meu ser, dominando-me, torturando-me, fazendo-me com que te entregasse inteiro o meu coração, vencido, submisso. E se hoje renuncio a esse amor que é toda a minha alegria, toda a minha vida é porque me encontro no estado miseravel que se pode verificar pelo retrato que te remeto. Poderia pretender continuar a inspirar-te o mesmo sentimento com a fisionomia alterada como vês? Não creio. Sigamos pois os nossos destinos. Continua a correr em busca da beleza enquanto que eu vourei célere ao encontro do esquecimento. É a minha tarefa sera bem mais difficil do que a tua porque terei que não só esquecer a ti como a mim mesma. Tua infeliz Lucilla. (Pausa. Passa-se que se aproxima) Ah é a senhora tia Mauricia?

Mauricia - Não eu, sim, meu fio. (Pausa) O que é que o meu fio tem que té anemim tão tristonho.

Alberto - Nada, tia Mauricia, eu não estou triste.

Mauricio - Hum, mas o fio pensa que pode enganar a nega vés? Hum ingana, não. A nega véia conhece bem ele. Tombem, pudera! Criou ele deia de piquinicho anemim.

Alberto - Não é nada, não, tia Mauricia, não se preocupe. são coisas que passam.

Mauricia - Prugué necé num conta pra véia? Hum tem confiança nela?

Alberto - Tenho, sim, tia Mauricia, a questão é que não gosto de entristecer os outros por minha causa.

Mauricia - Bobage, meu fio. Triste a nega véia ia fio! si necé num falasse pra ele!



Alberto - Pois então ouça, tia Maurícia: a minha namorada brigou comigo porque sofreu um desastre e ficou completamente deformada.

Maurícia - Ora, cuitadinha!

Alberto - Mandou-me o retrato para eu ver como está feia agora. Aqui está, veja.

Maurícia - (após uma pausa) Pobrezinha! Tá feia mesmo. O rosto todo lanhado! Do que foi, meu fio?

Alberto - São cicatrizes de umas queimaduras que sofreu num incendio.

Maurícia - Tá bom, meu fio, paciência. Deus Nosso Senhor quis que tudo acontecesse assim a gente tem de se acunfolar com a vontade dele. Hay muitas moças bunitas por esse mundo sem fim. Mecc é de arranjar outra, casa com ela e se munto flizio.

Alberto - Mas a questão é que eu já gostava muito dela, tia Maurícia.

Maurícia - Uai, meu fio, pois entonce casa assim mesmo como ela tá, oriessa.

Alberto - Mas é que assim... eu não sei, tia Maurícia... eu não sei o que sentirei deante dele que eu conheci tão linda!

Maurícia - Entonce, meu fio, a preta véia num sabe o que é de dizer. só quero dizer mais uma coisa pro meu fio e depois a negra véia vai simboxar! A beleza vel daderanum tá no rosto das pessoas, ela tá e dentro do coração!

(CORTINA MUSICAL)

Susana - Ué, prima Aurora o que é isto, vai sair?

Aurora - Eu sair a esta hora? que ideia é esta? Porque?

Susana - Eu lhe vi de vestido novo, pensei...

Aurora - Então só para sair é que se bota vestido novo?

Susana - Ah o seu Felix estava aí, eu não tinha visto. Agora estou compreendendo. Desculpe.

Aurora - Você quer dizer com isto que eu botei o vestido novo por causa dele, não é isto?

Susana - Mais ou menos. E não foi?

Aurora - Quer dizer...

Susana - Diga a verdade, prima Aurora. Não foi?

Aurora - Porque pensa você que tenho sido?

Susana - Porque eu sei que a senhora mandou fazer esse vestido verde porque o seu Felix disse ~~mas~~ que essa cor ficara muito bem na Edelvira Monteiro.

Aurora - Susana, que horror! Como você está ficando, menina.

Susana - Eu estou sentindo, prima Aurora? (Pausa) Vamos, responde. Eu estou sentindo?

Felix - Não está, não. Eu sei que é verdade.

Aurora - O senhor está é muito convencido, é o que é.

Susana - Então não foi por causa dele que a senhora fez esse vestido?

Aurora - Não foi.

Susana - Não faz mal, seu Felix, não fique triste. Outros botarão vestidos novos por sua causa. Ah é verdade esqueci-me de lhe dar um recado que lhe mandaram.



- Felix - Um recado para mim? Qual foi?
- gusena - A Lágóca Araujo mandou convidá-lo para a festa que vai fazer no dia do aniversário dela. E teve conversando muito tempo comigo e seu respeito e dignidade que não pôde esquecer-se de uma tarde em que o senhor foi capam-lá à saída da igreja e depois foi acompanhá-la até em casa.
- Felix - É verdade. Foi uma tarde adorável! Conversamos tanto.
- gusena - Ela me contou. Disse-me que iam lado a lado, conversando, andando bem devagarinho e depois ainda estiveram muito tempo parada no portão da casa dela. Bom, eu estou aqui de conversa e o pingou da tia Esperança por fazer. Com licença. (Para ela se afastar).
- Aurora - Muito bonito, não é seu Felix?
- Felix - O que deve Aurora?
- Aurora - Ainda tem a coragem de perguntar o quê? Um homem da sua idade bancando uma coisa/ligar terrível. Removendo tregas um tempo só.
- Felix - Que tregas, dona Aurora, não sei qual são.
- Aurora - Ora não se faça de ingenuo. A Melvira Monteiro, a Lágóca Araujo e...
- Felix - E quem mais? qual é a terceira que eu não sei.
- Aurora - Eu, seu Felix, eu. Não se faça de bobo. O fato é ridículo para um moço de tanto mais para um homem da sua idade.
- Felix - Fato é, mas o que é que eu vou fazer? Que culpa tenho eu de ser bonito?
- Aurora - Ridículo é o que o senhor é. Ridículo. Mas o meu conselho é que tanto a Melvira Monteiro como a Lágóca Araujo falem bastante de senhor.
- Felix - Isto não tem importância. A senhora também falou.
- Aurora - Mas se eu falei a culpa foi delas mesmas. Mas é que se tinham coisas na cabeça. Mas é que se enganavam a não lhe dar confiança.
- Felix - E depois porque a senhora se modificou tanto?
- Aurora - Porque? Ora porque... porque verifiquei que elas andavam erradas. Que o senhor não era nada daquilo que elas diziam. (Para) Afinal, seu Felix, o senhor tem que se definir por uma de nós duas. O que não está direito, positivamente, é que o senhor esteja a não fazer de bobo. O senhor sabe que nós não somos crianças...
- Felix - Ah sei, não tenho dúvida que sei. Basta olhar para a cara de qualquer uma das duas para ter-se de conta logo com certeza.
- Aurora - Pois então não vai mais para a senhora se resolver em vez de andar a nos enganar o tempo. Basta o tempo e compreender-nos porque afinal outro propósito que porventura possa ter, poderá decidir vindo-nos sempre com palavras pelo senhor.
- Felix - Mas eu não sou enganado. A senhora é que me enganava.
- Aurora - (Para) É muito mal feito o que o senhor está fazendo, seu Felix. Brincar desta forma com o coração das moças. Isto não se faz. Eu sei muito bem que o senhor ia dar para lá de Juan nunca teria fixado os meus olhos nos seus. Maldade horrível que se deixei iludir pelas suas palavras! Maldade horrível em que dei crédito às suas juras de amor mentirosas. Tudo perverdade! Tudo fingimento! Tudo mentira! Tudo maldade! Oh meu Deus! Como eu sou deprimida! (Para) (Para ela se afastar).
- Felix - Mas eu nunca lhe fiz juras de amor, dona Aurora. Só se a senhora contou isto. E se contou a culpa não se cabe.
- Aurora - Mas não, não. E não foi uma vez só. Foram muitas vezes só. (Para)



- guzana - Mas o que é isto, o que foi que houve? Porque está prima Aurora debulhada em lágrimas.
- Felix - Óra porque ha de ser. Porque você foi falar naquela historia da Ligóca Araujo.
- guzana - só por isto?
- Aurora - E você acha pouco? se fôsse com você eu queria ver.
- guzana - Pois bem, prima Aurora se a senhora me disser a verdade eu vou lhe dizer uma coisa que a senhora vai ficar muito contente.
- Aurora - O que é?
- guzana - Antes a senhora terá que responder o que eu vou perguntar. Foi ou não foi por causa do seu Felix que a senhora botou esse vestido verde? se a senhora disser a verdade eu lhe conto o que eu sei, se a senhora mentir eu não lhe conto. Responda: foi ou não foi por causa dele que a senhora botou esse vestido?
- Aurora - (após um pouco) Foi.
- guzana - Eu sabia. Agora ouça: é mentira toda essa historia da Ligóca Araujo. Foi tudo invenção minha para mexer com a senhora.
- Aurora - Não é mentira nada, é verdade. Tu estás dizendo que é mentira para me consolar.
- guzana - Juro-lhe que é mentira, prima Aurora.
- Aurora - Por Deus Nosso senhor, guzana?
- guzana - Por Deus Nosso senhor.
- Aurora - Ah meu Deus, que bom! que alívio! que peso tu me tiraste de cima do coração. (Passos que se afastam)
- Felix - O que é isto? Onde é que vai?
- Aurora - Vou botar um pouco de pó que devo estar com os olhos inchados de chorar!
- Felix - Veja! Veja o que você me arranjou, guzana!
- guzana - Coitada! Está na segunda mocidade! É ridículo, não ha dúvida, mas para e lá será melhor viver assim do que viver sem esperanças! A esperança é a essência suave que nos perfuma a vida. Às vezes o fogo está vivo mas ainda nos satisfaz aspira-lo porque o perfume ainda não se extinguiu de todo

(CORTINA MUSICAL)

- Jorge - Boa tarde.
- Empregado - Boa tarde, senhor.
- Jorge - A dona Maribel está em casa?
- Empregado - Está, sim senhor.
- Jorge - E o capitão Ernani, estará também?
- Empregado - Não senhor. O Capitão só virá à noite.
- Jorge - Faça o favor de dizer à senhora que necessito falar-lhe.
- Empregado - Tenha a bondade de entrar. (Passos. Ruído de porta que se fecha. Ruído) O seu chapéu, faça o favor. (Ruído) Tenha a bondade de sentar-se. (Ruído) A quem devo anunciar?



Jorge - Diga-lhe que é... não. Eu desejo fazer-lhe uma surpresa. Diga que é um amigo que vai embarcar e que veio apresentar as suas despedidas.

Empregado - Perfeitamente, meu senhor. Com licença. (Passa que se afastam).

Jorge - Pelo que eu vejo as coisas correm muito bem para eles. Esta sala está com gosto e com luxo. Piano, rádio, objetos de arte em mármore e bronze... que lindo este retrato de Maribel. Não o conhecia. Provavelmente foi ele que o mandou pintar. Vejamos que tal é o piano. (Acorde a esperança de alguém que experimenta um piano) É, não há dúvida, as coisas correm muito bem para eles. Resta saber agora se ela se sente feliz. (Passa que se aproximam).

Maribel - (Assombrada) Jorge!...

Jorge - Porque tamanho assombro? Vá visita-la. É a coisa mais natural desta vida.

Maribel - seria natural si... Jorge porque veio aqui?

Jorge - Porque embarco amanhã para o sul e queria despedir-me de você.

Maribel - Fez mal, Jorge, não deveria ter vindo. Afinal quando nos separamos ficou deliberado que cada um seguiria o seu destino sem procurar intrrometer-se no destino do outro. ~~XXXXXXXXXX~~

Jorge - Completei o meu curso de aviação, deixo o Rio amanhã, sentia-me feliz por ter conseguido realizar o meu sonho maior e quis comunicar a alguém toda a minha alegria. O alguém que me ocorreu foi você que pareceu me querer tanto bem outrora e que tantos sacrifícios fez para que eu pudesse progredir a minha carreira.

Maribel - E se Brnani chegasse de um momento para o outro e o surpreendesse aqui? Não pensou que isto poderia perturbar a minha felicidade?

Jorge - Tive o cuidado de indagar do seu empregado e sei que ele só voltará à noite.

Maribel - Jorge, porque fez isto? O empregado poderá desconfiar e isto ficará muito mal para mim.

Jorge - Tive o cuidado de indagar de uma forma discreta, não se preocupe.

Maribel - Muito bem, agora você já satisfizes o seu desejo, pois, por favor.

Jorge - Você me despede de sua casa, Maribel? Francamente, não pensei que você fosse capaz de um gesto deste. Contenha-se um momento ao menos para me ser agradável. Eu parto amanhã para o sul, lá, depois de uma pouca dias de férias que me serão concedidas, receberei uma missão a cumprir. É impossível que não volte aqui e que nunca mais nos tornemos a avistar. Nos qui somos tanto outrora, que tal haverá que nos despeçamos com um pouco daquela antigo carinho que dispensávamos um ao outro?

Maribel - Não é possível, Jorge. Eu agora sou uma mulher casada e respeito muito o meu marido.

Jorge - Ana-o?

Maribel - Não é muito bom para mim e adora-me mais do que a tudo na vida.

Jorge - Não foi isto que lhe perguntei. Perguntei simplesmente se você o ama.

Maribel - sim.

Jorge - Não minta, Maribel.

Maribel - Quantas vezes já lhe tenho dito que o amo, Jorge?

Jorge - De todas elas você tem sentido, Maribel. Bem, deixemos de parte esta questão, quero me despedir de você ao menos com um abraço que talvez não o último que trocamos.



- Maribel - Pois bem, Jorge, mas você sairá em seguida, não é verdade?
- Jorge - sim.
- Maribel - Bem então adeus e felicidades. (Pausa) que você seja sempre bem sucedido em todas as suas empresas e que nos momentos de perigo... o que isto Jorge? Não, por favor, solte-me, deixe-me...
- Jorge - sim, Maribel, um só. Um último. Um último beijo de despedida para que eu possa levar na minha boca o perfume magnífico de seus lábios.
- Maribel - Jorge, por favor, Jorge, não insista.
- Jorge - Porque não? É um só. É o último pedido que lhe faço. Amanhã partirei em missão de guerra e quem sabe se voltarei.
- Maribel - (gúlpico, quase chorando) Jorge! Não insista mais! Tenha pena de mim e não se prevaleça da minha fraqueza. Bem sabe que nunca pude esquecê-lo. vá, vá por favor.
- Jorge - Não.
- Maribel - Solte-me antes que me faltem as forças para resistir.
- Jorge - Não. (ouve-me ao longe o choro da criança)
- Maribel - (violenta) solte-me! Ordene-lhe que solte-me ou obrigar-me-á a esbofetear-lo dentro de minha própria casa. Sou uma mulher casada. Tenho um filho e não quero amanhã ter de curvar a cabeça envergonhada diante dele!
- Jorge - Maribel!
- Maribel - Nem mais uma palavra, Jorge. vá, vá antes que eu o faça expulsar pelo criado. (Pausa) (Pausa que se alantam) (Campanha de chamada) (Pausa que se aproximam).
- Empregado - A senhora chamou?
- Maribel - Justino: nunca mais abra a porta da minha casa para este homem que acaba de sair.

(CORTINA MUSICAL)

- Felix - O que tens, meu filho?
- Alberto - Nada, papai.
- Felix - É inútil tentares esconder os teus pensamentos porque o meu coração adivinha que os tens.
- Alberto - O seu coração o enganou, paisinho. Não tenho nada.
- Felix - Tens, eu sei e tia Maurícia, diante da minha insistência, já se pôs ao corrente do que se passa. Quem é essa moça? (Pausa) Vamos, responde.
- Alberto - É... é Lucília Alverenga, Papai.
- Felix - Lucília?!... Como é possível que tenha acontecido uma coisa destas?
- Alberto - Não sei, papai. sei, simplesmente, que aconteceu.
- Felix - Tia Maurícia disse que ela te mandou um retrato, não é verdade?
- Alberto - sim. Aqui o tem.
- Felix - Coitada! a que ficou reduzida!... Tão linda que era antes. (Pausa) E a carta? Deixa-me ver a carta. (Ruído de papel. Pausa grande) " E se hoje renuncio a esse suor que é toda a minha alegria, toda a minha vida é porque se encontro no estado miserável que poderia verificar pelo retrato que

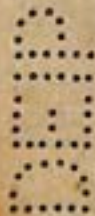


ROBERTO - Meus queridos ouvintes: Este foi o último capítulo da história que, desde o principio do ano, eu venho escrevendo para vos. Fiz sempre o maior empenho em que ela vos agradasse e sobretudo que vos divertisse e se tiver conseguido alcançar o meu intento julgar-me-ei imensamente feliz. Se, ao contrario, ela vos desagradou eu vos peço mil desculpas encontrando apenas, como justificativa para mim mesmo, a ideia de que a minha intenção foi boa. Ficaria agora imensamente satisfeito com os meus ouvintes e recompensa do de todo o trabalho que tive se cada um me mandasse as suas impressões sobre o programa e a sua sugestão se esta historia deve proseguir para o proximo ano ou se deveremos por aqui o seu ponto final. Fica, pois, na vontade dos meus ouvintes a continuação ou não continuação deste programa para o ano de 1944.

// (Características forte novamente)

Tedy - ROBERTO LIS E SEUS ARTIGAS APRESENTARAM!... (características forte)

Gama - O último capítulo do solar dos Alvarengas!... (idem. idem)





= O SOLAR DOS ALVARENGAS =

Barun

-Um programa de Roberto Lis-

(CARACTERISTICA MUSICAL TOCANDO FORTE E CESSANDO DEPOIS)

LOCUTOR -ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM:

ROBERTO -O SOLAR DOS ALVARENGAS!...

LOCUTOR -Um dos romances de maior sucesso da radiofonia sul brasileira e que vive ainda, indelével, na imaginação de todos que tiveram a ventura de escuta-lo. Este romance que se poderia chamar também "A LUTA DOS SENTIMENTOS", reviverá hoje, num pequeno episódio numa homenagem dos artistas do Teatro de P.R.C. 2 ao seu incansável diretor Roberto Lis, com a seguinte distribuição: (DISTRIBUIÇÃO À PARTE)

(UM SINO BATE AO LONGE, O TOQUE DAS AVE-MARIA)

Donguinha -(APÓS UMA PAUSA) Sinhazinha, a vó mandô priguntá se é prá fazê alguma coisa pra janta ou si é só prá aquentá a cumida do armoço?

Suzana -Diga-lhes que faça uns bifés mal passados como o Rubens gosta. Olhe aqui, Donguinha, umas batatinhas fritas também.

Donguinha -Tá muito bem, sinházinha. (PA SOS)

Felix -(APÓS UMA PEQUENA PAUSA)-PASSOS) Lendo ainda, Suzana?

Suzana -É verdade, seu Felix. Estou tão empolgada pela leitura deste livro que não fiz outra coisa durante toda a tarde, senão ler.

Felix -Francamente, Suzana, eu não sou lá muito afeiçoada á leitura mas o seu entusiasmo desperta a minha curiosidade. Quando voce tiver terminado esse livro vai emprestar-mo, sim?

Suzana -Pois não, seu Felix, com muito prazer. O senhor vai gostar muitissimo. Tem pedaços esplendidos! Ouça este: (LENDO) "Serei sobretudo verdadeira. Minh'alma, meu espirito, meu coração, meu instinto, estarão aqui soltos nestas páginas. E minh'alma é uma casa grande em que você mora, só, ocupando-a por inteiro. De janélas cerradas para o mundo vivemos dentro déla. Se as abro ou uma délas se descerra por um movimento inconsciente de censura, é você, ainda, quem espia pelo lado de fóra. Estou escrevendo sentada em nossa cama, num desconforto de céla. Chove. Faz silencio e calôr. Tudo tão longe! Tão longe e tão incérto! Ainda e sempre a mesma obsessão! Preciso sacudir a vida, arrancar-me desta morbidez com todas as raizes, como uma arvore triste, engalanada de parasitas, que não pôde ostentar essa beleza postica que a vai matando, lenta, lentamente!..." Que imagem formidável, não é verdade, seu Felix?

Felix -Efetivamente. Preciso sacudir a vida, diz ela, e é realmente assim. Ha ocasiões em que sentimos necessidade de sacudi-la ou então o tédio nos matará. E não ha nada mais mortificante do que o tédio, não é verdade Suzana?

Suzana -Não sei, seu Felix, porque felizmente nunca o senti. Tenho tido momentos de alegria e outros de tristeza bem profunda. Tenho vivido horas de agonia e de inquietude e instantes de amargura e de revolta, mas essa sensação de aborrecimento e de indiferença de tudo e de todos, até mesmo do meu próprio eu e que eu imagino que deva ser o tédio, ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ essa sensação, felizmente eu ainda não a experimentei.

Felix -que não a experimentes nunca, então, Suzana, porque nenhuma outra, por amarga e cruel, pôde ser á ela comparada.

Suzana -O senhor diz isto com tal convicção que me faz crer que já a experimentou, seu Felix.



- Felix -Se a experimentei, Suzana!... Foi quando separei-me de Natércia, em Recife e busquei no tumulto da cidade maravilhosa esquecer os momentos bons que aquela união nos havia proporcionado. Tudo era em vão. A sua solidão estava estereotipada dentro de minha alma e aturdindo-me no ruído incessante das ruas e dos clubes ou recolhendo-me à solidão do meu quarto triste, era sempre a ela que eu via e sentia junto de mim. Foi quando teu bom avô, sabendo por alguns amigos o que se passara comigo, convidou-me a vir passar alguns dias nesta casa, e esses dias foram se estendendo e eu fui ficando e fui ficando e até hoje me encontro aqui. No Natal vão fazer precisamente 18 anos.
- Suzana -Mas nunca se arrependeu de ter ficado, não é verdade?
- Felix -Nunca, Suzana, nunca. E digo-lhe mais: si não tivesse encontrado naquela ocasião este ameno refúgio nem sei o fim que teria dado à minha vida
- (OUVE-SE O RÚIDO DE UM CARRO QUE VEM SE APROXIMANDO A POUCO E POUCO, PARA PARAR FINALMENTE A UMA CERTA DISTÂNCIA DA JENA)
- Suzana -Prima Auróra vem voltando do terço. Estou sentindo o ruído do carro nas pedras do pátio.
- Felix -Também essa creatura não faz outra coisa que não seja viver dentro da igreja e dizer mal da vida alheia.
- Suzana -Óra seu Felix, não é tanto assim. O senhor é que já a tem de sobre aviso.
- Felix -Não é tanto diz você? aponte-me outra coisa que ela faça a não ser isto? Meter-se na vida dos outros e contrariar a tudo que se deseja fazer. O casamento então é a sua idéia fixa. Vive a fazer e desfazer os noivados dos outros. E diga-se alguma coisa que a contrarie! Meu Deus, vem o mundo a baixo!...
- Suzana -Até certo ponto isto é natural, seu Felix. Ela precisa ter alguma coisa com que se entreter.
- Felix -Está certo, concordo que ela necessite de alguma coisa para se entreter mas que essa alguma coisa seja outra coisa e não falar da vida alheia. (OUVE-SE A VOZ DA DONA AURÓRA LONGE)
- Suzana -Cuidado ela vem aí. É melhor mudarmos de assunto para evitar discussões
- Auróra -<sup>Foi</sup> (ENTRANDO) Boa tarde. (SUZANA E SEU FELIX RESPONDEM)
- Felix -Já pediu perdão dos seus pecados?
- Auróra -Não. Pedi dos seus. Eu não tenho pecados, graças a Deus.
- Felix -Não ha de ter poucos. A senhora se confessa todos os dias...
- Auróra -Seu Felix, o senhor deixe de pretender ridicularizar o meu método de vida porque nada adiantará com isto, está entendendo? Eu sou como sou, sinto-me feliz assim e não tenho que dar satisfações da minha vida a ninguém.
- Felix -Nem eu quero que a senhora me dê satisfações da sua vida. Deus me livre! Faça lá o que quiser e o que entender que pouco se me dá. Olhe, dona Auróra eu com a senhora quero só duas coisas.
- Auróra -E quais são elas, seu Felix? Eu só por curiosidade gostaria de saber.
- Felix -Socego e distancia. (SUZANA DA UMA GARGALHADA)
- Auróra -Este bobo alegre!... Este velho idiota!
- Felix -Vêha cretina.
- Auróra -Seu Felix, antes de chamar-me de cretina olhe para os meus cabelos brancos, está ouvindo?



Felix -E o que tem os seus cabelos brancos? Por acaso os cretinos não envelhecem também? (MUCHOCHO DE D. AURORA - PASSOS QUE SE AFASTAM)

Zacarias-(PASSOS QUE SE APROX.) Deus teje nesta casa, sinházinha. Bastarde.

Suzana -Boa tarde, Zacarias. O que é que tu queres?

Zacarias-É prá arrecoiê o carro prá cochêra ou a sinházinha qué que vá buscá o seu dotô?

Suzana -Não sei, Zacarias, O Rubens não me disse nada se queria que você fôsse busca-lo. Será que á esta hora ele ainda está no consultório?

Zacarias-Carculo que sim, sinházinha. Ele nunca sai inhante das sete hora de lá.

Suzana -Bem, neste caso é melhor você ir. Poupa-o de uma caminhada bem regular o que, para quem passou um dia inteiro trabalhando, não é nada agradável.

Zacarias-Tá munto bem, sinházinha. Entonce com sua licencia. (PASSOS QUE SE AFAS)

Felix -Você reparou com que esplendida disposição a sua amavel prima regressa da igreja?

Suzana -Tambem, seu Felix, cá para nós, o senhor implica um bocado com ela.

Felix -Eu não implico coisa nenhuma, Suzana. Apenas costume dar o trôco ás suas impertinencias. E como é malcriada, valha-me Deus!... E ainda se chama Auróra um diabo destes! Auróra!... Uma Auróra como esta só pôde ser prenuncio de dias tempestuosos!... Bem, bem, deixa-me ir ao meu quarto que ainda quero responder a carta do Jorge antes do jantar para manda-la pelo correio de amanhã. (OUVE-SE O RUÍDO DO CARRO QUE COMEÇA FORTE, AFASTANDO-SE DEPOIS POUCO A POUCO ATÉ SE PERDER NA DISTANCIA)

Suzana -Mande um abraço meu então, seu Felix e diga-lhe que para a semana responderei a sua carta.

Felix -Está muito bem, está muito bem. (PASSOS QUE SE AFAST. - PASSOS QUE SE APROXIMAM)

Donguinha-Chi, sinházinha, a dona Orora chegô da rua tom tiririca que a sinházinha nem não dismagina. Foi direito lá na cusinha e viu a vô perparando as batatinha prá fritá e já butô barulho. Diz que num come batata frita que a galdura ataca munto os figo déla e que a vô já fazia de impricancia prá móde incomodá ela. A vô intonce mandô priguntá prá sinházinha se pôde fazê um mucado das batata ~~frita~~ cusida prá móde a dona Órora pudê cumê.

Suzana -Pôde sim, Donguinha. Eu não me lembrei, realmente, que ela não come frituras principalmente á noite.

Donguinh-Ela tava tom braba, sinházinha, tom braba, que os ôio déla butava ansim umas chispa de fogo. Pariccia esses gato brazino quando a gente vê os ôio deles briá ansim nas noute turva. Como a dona Órora é braba, num é mesmo sinházinha?Pul causa duma coisinha de nada faiz tanto barulho.

Suzana -O barulho não foi por causa das batatas, não, Donguinha. Ela já saiu daqui zangada por causa de uma discussão que teve aí com o seu Felix.

Donguinh-Ahnl... Intão o cunso era deferentel... E a boba da neguinha tava memo pensano que era pul causa das batata. Óia, sinházinha, isculite o que eu vô le disê: o seu Féli inda vai butá a dono Orora no hispicio ou entonce no manicomis.

Aurora -(LONGE) Daqui ha pouco mais o Dr. Rubens está aí e o jantar deve estar pronto.

Donguinh-Chi!... Aí vem ela brigando.

Suzana -Vai-te embóra, Donguinha, vai-te embóra depréssa que se ela te ve aqui conversando vai fazer barulho contigo.



Douguinha-Minha Nossa Senhora dos Afritos! Eu intê vô saí pur lá e depois dá a vorta prá não me incontrá ca cobra. (PASSOS QUE SE AFASTAM) (PASSOS QUE SE APROXIMAM)

- Auróra <sup>entra</sup> - (ZANGADA) É uma coisa horrível!... Eu não pôsso mais sair de casa! Um momento que eu permaneça na rua e já o serviço se desorganiza todo! Essas negras precisam ter sempre os freios nos dentes, senão desandam a correr que ninguém mais as alcança.
- Suzana - O que foi que aconteceu, prima Auróra, que a senhóra está assim tão zangada?
- Auróra - Tu ainda me perguntas o que aconteceu? Saí um pouco e encontrei a casa toda de pernas para o ar.
- Suzana - Como assim, prima Auróra?
- Auróra - Óra, como assim. O banheiro todo molhado. Alguem tomou banho e essa negrinha relaxada não teve nem siquer o cuidado de secá-lo. O mólho para o creme que eu fiz ficou no esquecimento. Estamos sem sobremesa para o jantar. Chego na cozinha a negra vélha a fritar batatas sabendo que eu não como frituras. É demais, Suzana, é demais!
- Suzana - As batatas fui eu que mandei fritar, prima Auróra. A culpa foi minha. Não me lembrei que a senhóra não podia comê-las, mas já mandei que cosinhassem algumas especialmente para a senhóra.
- Auróra - A que horas é que se vai jantar?
- Suzana - Quando Rubens chegar. Creio que ele não demorará muito porque Zacarias já foi busca-lo, mas se a senhóra está sentindo fome não precisa esperar por nós. Lucilia também ainda não chegou...
- Auróra - O que? Lucilia ainda anda na rua? Olhe que já está quase noite. Você não deveria consentir isto, Suzana. Isto fica mal.
- Suzana - Ora esta, prima Aurora, mal porque? (Surge seu Felix em cena e para-se ao fundo com uma caneta na mão)
- Aurora - Tu ainda me perguntas mal porque, Suzana? Pois então não fica? Uma viuva moça como é Lucilia andar até de noite aí sósinha pela cidade?
- Felix - É perigoso, sim, muito perigoso. Dona Aurora tem toda a razão. Uma creança como Lucilia não deve expor-se noite na rua. Pôde ser comida pelo bicho papão.
- Aurora - Já vem o senhor com as suas ironias, já, seu Felix? Pois está perdendo o seu tempo, ouviu bem? Perdendo o seu tempo sim, porque elas nada influem no meu espirito. Eu sei muito bem o que é direito e o que não é. No tempo em que eu costumava sair para passear nunca voltei para casa depois das Ave-Maria.
- Felix - Bem, isso naquele tempo! No tempo em que se amarrava cachorro com linguiça. Hoje as coisas mudaram muito.
- Aurora - Se mudaram!... Eu sei perfeitamente, não é preciso o senhor me dizer. Mas também não é necessario acrescentar que mudaram para peor.
- Felix - E quem nos dirá que o peor não seja o melhor?
- Aurora - Isto para o senhor e para os da sua especie. Para as pessoas de juizo, para as que deixam o cerebro refletir e julgar, os vélhos tempos são ainda considerados como os bons tempos.
- Felix - Talvez, talvez, não discute isto. Mas o que é que vamos fazer se os tempos mudaram, dona Aurora?
- Aurora - Não foram os tempos que mudaram, não, seu Felix. Não tiremos a culpa dos culpados para jogá-la em cima dos inocentes. As creaturas é que mudaram.



—pur isso que me dóe dentro da arma vê a minha fia tá soffreno anssim.

Lucilia -Mas o seu amor era tambem um amor impossivel?

Esperança-Era, minha fia, era. Era pulque despois que nois se casemo o meu preto foi vindido pra otro sinhô e ele nunca mais acunsintiu que nois vivessa juntinhom do otro, como vivia inhante. O consolo d'essa preta véia foi a neguinha Anastaça, a mãe da Donguinha, que nasceu despois que nois se as-suparemo. A nega cumeçô a cuidá da neguinha, a cuidá da neguinha e foi se esquecendo das tristeza do passado.

Lucilia -Póbre tia Esperança!... Todos nós damos á vida o nosso quinhão de sofrimento! (PASSOS LONGA) E a senhora sabe, tia Esperança, o que se passa comigo?

Esperança-Ora, minha fia, pois antão num vô sabê? Pois si a minha fia peldeu o marido dela nessa guerra mardita, num é de tá triste e sofrê a osencia dele? Vem, minha fia, num fica aqui sósinha. A preta véia tem que i lá pra dentro e num qué dexá a sinházinha sósinha aqui. Vem cumigo, vem, minha fia.

Lucilia -Vou sim, tia Esperança. Preciso ir até o meu quarto passar um pente no cabelo. (PASSOS QUE SE APASTAM) Já jantaram?

Esperança-Não, minha fia, num jantaram, não. O dotô Rubi inda num chegô. (SAEM) (PASSOS QUE SE APROXIMAM)

Aurora <sup>entra E.M.a</sup> - (VEM RESMUN ANDO DE LONGE) É uma barbaridade a hora que se janta nesta casa. É uma coisa horrivel!... De dia para dia vão deixando paramais tarde. Qualquer dia suprimem o jantar. Ah, mas eu não sou boba, não vê. Já andei lá pela cosinha e provei de tudo. Até as batatas fritas. No tempo do tio Carlos não vê que esta casa andava assim de pernas para o ar!... Era uma ordem, um respeito que dava gosto. Depois que o coitado morreu anda tudo ao Deus dará. É por isto que eu tinha vontade de sair daqui, mas sair daqui como? Para onde? (PASSOS QUE SE APROXIMAM) Só se eu me casasse, mas os casamentos andam tão dificeis! Tão dificeis!...

Felix -Ó, ú!... (GRITO ESTRIDENTE DE AURORA) Está sonhando acordada?

Aurora <sup>entra</sup> - Ai, seu Felix!... Que susto o senhor me deu!... Ai o meu coração seu Felix!... Eu nem sei como não tive um ataque. Que coisa horrivel, meu Deus!...

Felix -Ficou muito agitado esse coraçãozinho?

Aurora -Ficou, seu Felix. Tambem pudêra. Veja. Veja como ele está batendo!...

Felix -Chi!... Parece um motorzinho de uma embarcação.

Aurora -E o que é o coração, seu Felix, senão o motor da embarcação do amor?

Felix - (CANTANDO) Coração, governador da embarcação do amor! Coração meu companheiro na alegria e na dor!...

Aurora -Ó seu Felix, não cante. Converse direitinho como o senhor estava conversando.

Felix -A senhora não gosta que eu cante porque dána Auróra? A senhora não acha que eu canto bem?

Aurora -O senhor canta bem sim, seu Felix, mas a questão é que não entôa muito.

Felix -Está muito bem, pois então eu não canto mais.

Aurora -O senhor não quer sentar? Está de pé por gosto?

Felix -Não me convidaram para sentar eu fiquei de pé.

Aurora -Óra, seu Felix, então o sr. precisava que eu lhe convidasse para sentar? O sr. é visita por acaso?



- Felix - Não, visita não sou, mas a questão é que a minha presença poderia contrariar-la.
- Aurora - Ah! Contrariar nada. O sr. bem sabe que não. Sente-se, então.
- Felix - Ah, muito bem. Agora sim, eu me sento. (ARRASTAR DE CADEIRA) Pronto está contente agora?
- Aurora - Óra seu Felix, tão longe!...
- Felix - Mas é assim que se começa, dona Auróra. Os movimentos de reconhecimento do terreno são feitos sempre de longe. Depois é que a gente vai apertando o cerco.
- Aurora - Ah, não quero. Sente-se aqui ao meu lado.
- Felix - A senhora garante que o terreno não está minado?
- Aurora - Óra seu Felix, pôde sentar-se com confiança.
- Felix - Está bom, assim sim, assim eu sento.
- Aurora - (DEPOIS DE UMA PAUSA - DENGOSA) Diga alguma coisa, seu Felix.
- Felix - Digo.
- Aurora - Pois então diga.
- Felix - Não. Quem vai dizer é a senhora. Eu quero que a senhora me diga que negocio que a senhora estava falando aí de casamento, quando eu cheguei e lhe dei aquele susto.
- Aurora - Negócio de casamento que eu estava falando? Não sei. Não me lembro. Eu estava falando de casamento seu Felix?
- Felix - Estava, sim senhora. Eu ouvi.
- Aurora - É, então estava, mas com o susto eu esqueci o que foi. E porque o senhor tinha interesse em saber? O sr. anda pensando em casamento?
- Felix - É, mais ou menos, sim dona Auróra.
- Aurora - (ALVOROCADA) O que, seu Felix, é mesmo verdade? O sr. anda pensando em se casar?
- Felix - E porque não, dona Auróra? A senhora acha que eu estou muito velho para isto?
- Aurora - Não, seu Felix, que esperança!... Eu não quis dizer isto, absolutamente. O sr. é tão desconfiadinho!...
- Felix - Pois é verdade, pois eu ando com vontade de me casar, sim, dona Aurora.
- Aurora - Não diga, seu Felix!...
- Felix - Digo, sim senhora. Pois se é verdade mesmo. Quero me casar com uma moça assim de meia idade...
- Aurora - Paz muito bem, seu Felix. Paz muito bem.
- Felix - Baixa.
- Aurora - Isto mesmo, seu Felix, isto mesmo.
- Felix - Nem magra, nem gorda...
- Aurora - Exatamente, seu Felix, meio termo.
- Felix - É que o nome principie por "A".
- Aurora - Com licença, sim seu Felix? Eu estou me sentindo mal. Estou muito nervosa. Vou lá dentro cheirar os meus sais e volto em seguida. (PASSOS QUE SE AFASAM) Sou eu, sou eu, sou eu, sou eu. *fal*



Felix - (ÁS GARGALHADAS) É velhota ridícula. (ARREMEDANDO-A) Vou cheirar os meus sais!... Sal tu precisavas na mioleira. (PASSOS QUE SE APROXIMAM)

Suzana - Ué, seu Felix, o que é isto? Est'á falando sósinho?

Felix - Estou rindo-me aqui da Dona Auróra. Disse-lhe aí meia dúzia de bobagens, ela acreditou e saiu toda entusiasmada. Foi cheirar os meus sais.

Suzana - Francamente, seu Felix, o senhor judia com a coitada. Isto não se faz. A gente não brinca com o coração dos outros.

Felix - É que a gente cansa de ser maltratado, Suzana, então empréga os estratagemas que pôde para conseguir um trato mais ameno. É um jogo um tanto quanto desleal, mas quando a gente se vê perdido lança mão dos recursos que tem.

Suzana - Não se esqueça de uma coisa seu Felix: a gente ás vezes começa as coisas em brincadeira e elas acabam a sério.

Felix - Cruzes, Suzana, cruzes!... Vire essa boca prá lá. Vá rogar pragas outro.

Suzana - Eu não estou lhe rogando pragas, seu Felix, estou apenas lhe prevenindo. É mais vale prevenir do que remediar. (RUIDO DO CARRO QUE VAI SE APROXIMANDO AOS POUCOS) Depois o senhor não vá se queixar que não teve quem lhe abrisse os olhos.

Felix - Não ha perigo. Não se preocupe. Macaco velho não mete a mão em combustão, o carro vem chegando.

Suzana - É sim, vou avisar Tia Esperança para tirar o jantar que o Rubens deve vir tonto de fome. É tão tarde, já. Nunca jantamos assim tão tarde.

(PASSOS QUE SE AFASTAM - CESSA RUIDO DO CARRO) (PASSOS APROXIMAM)

Auróra - Pronto, seu Felix, pronto. Pôde continuar o assunto.

Felix - Que assunto, dona Aurora?

Aurora - O assunto aquele que o senhor estava falando quando eu saí daqui.

Felix - Ei não sei que assunto éra, dona Auróra.

Aurora - Será possível, seu Felix, que o sr. já tenha esquecido? O assunto do casamento. O sr. não se lembra que me disse que estava com idéias de se casar e que iria escolher uma moça assim já de meia idade, nem gorda, nem magra, de preferencia hakra e que o nome começasse pela letra "A"?

Felix - Eu disse isto, dona Auróra?

Auróra - Meu Deus, seu Felix, pois então não disse?

Felix - Olhe dona Auróra eu vou lhe dar um conselho: a senhóra não acredite nada que eu lhe disser. Eu sou mentiroso, mentiroso que é uma barbaridade!

Auróra - Será possível, mesmo seu Felix? Será possível que o sr. tenha tido a coragem de abusar da minha ingenuidade? Pois então saiba que nunca mais lhe perdorei esta infâmia. (COM RAIVA) Farsante! Hipócrita! Canalha! (PASSOS PRECIPITADOS)

Felix - (RINDO COM VONTADE) Agóra sim, agóra ela vai precisar mesmo dos sais. (PASSOS QUE SE APROXIMAM) *Soe*

Zacarias -- Bôas noites, seu Félix. Dá licença?

Felix - Ué, Zacarias, onde é que está o Dr. Rubens?

Zacarias - O dotô num dimóra aí. Quando ele já vinha entrando, veio o jardineiro e tácoá ele prá móde ele i lá vê o fio dele que tá cas catapóra e num táva passando muito bem. Ele foi ali e ja volta. Eu vim priguntá se ar-



quem ainda vai precisá do carro ou si pôsso arrecôie ele prá cochera.

Felix Não sei, Zacarias, é melhor eu ir saber lá dentro se a Suzana não vai precisar de alguma coisa. Eu me parece que ouvi ela estar falando em mandar buscar uma compôta no armazem para a sobremesa do jantar. (PASSOS QUE SE AFASTAM) - (BATE UMA BADALADA)

Zacarias -Hum! Deve de sê sete e meia já. Essa gente hoje vai jantá talde que é um causo sério!... Tombem tinha gente naquele consartório do dotô Rubi que num éra brincadera. Esse home trabalha como boi de canga. (PASSOS QUE SE APROXIMAM)

Donguinha-Óia aqui, seu Zacaria, mandô le dizê que o sinhô pôde gualdá o carro que ninguém num vai mais precisá dele.

Zacaria -Tá munto bai, entonce dexa eu i gualdá ele duma veiz.

Donguinha-Péxa um mucado, seu Zacaria, mecê tem tanta prêssa de i simbôra. Cunvelsa um mucado ca gente o menos.

Zacarias -Cunvelsá o que negrinha? O que é que ocê qué cunvelsá?

Donguinha-Diz alguma coisa, seu Zacaria. Conta uma história qualquer. Diz uma poesia si num sabe nenhuma história.

Zacarias -Que puésia, nem história, negrinha. Dexa de té inventano bobage. Eu num sei nem uma coisa nem otra.

Donguinha-E sonho mecê num tem prá contá, seu Zacaria?

Zacarias -Num tenho nada, já le disse.

Donguinha-Puis sonho eu tenho um, seu Zacaria. Mecê qué que le conte?

Zacarias -Si ocê faz munta quistá, pôde contá.

Donguinha-Eu sonhei... mecê sabe o que foi que eu sonhei, seu Zacaria?

Zacarias -Num sei, não. Conta logo.

Donguinha-(ENVERGONHADA) Eu sonhei que eu tinha se casado cum mecê.

Zacarias -O que?!... Mecê sonhê que tinha se casado cumigo? Mais num qué vê que esse pedaço de pinxe anda se ingraçando pro seu lado? Mecê sonhê isso memo ou isso é invenocência?

Donguinha-Sonhei, sim, seu Zacaria. Juro pul Deus, como eu sonhei. Par essa luz que me alumia.

Zacarias -Tá bão, a gente sonha tanta bobage que nunca se dá-se... Eu tombem uma veiz sonhei que tava mudando as frarda em mecê.

Donguinha-Crédo, seu Zacaria!... Eu agóra intê fiquei incabulada. Isso é que não pudia se dá-se.

Zacarias -Éra mais farci do que a gente se casa-se.

Donguinha-É memo, seu Zacaria, mecê acha?

Zacarias -Dizê que ache memo eu num pôsso palquê ainda num pelourei, mais pelcurando bem eu sou capaz de le dizê que acho.

Donguinha-Mais eu sô munto grande pra usá frarda, seu Zacaria. Mecê num vê logo?

Zacarias -Fois é, mais tombem é munto piquinitôta prá pensá em se casá-se. Mecê precisa se criá premero, negrinha, prá dispois intê pensa nessa cousa. Tá bão e cum essa eu vô andando que a cunvelsa tá munto bôa mais a gente parado num progrêde. (PASSOS QUE SE AFASTAM)



- Donguinha -Crêdo!... O seu Zacaria é tom chucro! Parece que ainda num tá bem manso nesses negoço de amô. Dizê que eu sô piquinitôta prá pensá em se casá!.. Bobage!... OTRAS mais menor do que eu já tom inté casada! É que dicelto ele não se agrado-se de mim. Eu tombem num gôsto munto dele, mais si eu não namurá ele, quem é que eu vô namurá? Num tem otro aqui. (PASSOS QUE SE APROXIMAM)
- Lucilia -Ué, Donguinha o que é isto? Você está falando sosinha?
- Donguinha -É, sinhásinha, eu tava aqui assuntano uma coisa.
- Lucilia -Não sabes que quando a gente fala sosinha é mau sinal?
- Donguinha -É sinhásinha, pulquê? É sinali de quê?
- Lucilia -É sinal de que a gente anda apaixonada. Os apaixonados é que falam sósinhos, conversam com as estrelas, discutem com a própria sombra...
- Donguinha -(RINDO) Crêdo!... Que coisa mais engraçada.
- Lucilia -Pôde ser engraçada, mas é verdadeira. E a próva tu tens em ti mesma. Confessa: tu não andas apaixonada?
- Donguinha -Paxonada, paxonada memo eu num tô, mais que eu tô gostano dum diabo aí, isso é memo veldade.
- Lucilia -Dum diabo. Agora tu dissêste a verdade. Os homens são todos uns diabos Mas quem é esse diabo, vamos a saber. Pôde ser que eu pôssa te ajudar.
- Donguinha- É memo? A sinhásinha me ajuda? Entonce eu vô le dizê. Mais num vá conta prá vô. É o seu Zacaria.
- Lucilia -(ADMIRADA) O Zacarias?!... Então deixa por minha conta que eu arranjo tudo. (PASSOS QUE SE APROXIMAM)
- Rubens -Boa noite.
- Lucilia -Boa noite, Rubens. Donguinha vá avisar á Suzana que o Rubens chegou.
- Donguinha- Sim, sinhásinha, cum licencia. (SAINDO) Entonce num vá se insquecê. (PASSOS QUE SE AFASTAM)
- Lucilia -Não, não me esqueço. (PAUSA CURTA) Essa Donguinha é um numero. Está apaixonada e confia ~~maxima~~ mais no meu auxilio do que na sua capacidade de mulher. Ora, imagine! A Donguinha apaixonada. (RI)
- Rubens -Você está achando graça? Porque? O amor anda indistintamente em todos os corações, Lucilia, sem distinção de côr, de raça, ou de classe.
- Lucilia -Em todos não, Rubens. Ha muita gente para quem o coração é apenas um marmelo. Que não sente, que não vibra e que palpita apenas para manter o ritmo da vida.
- Rubens -Talvez. Mas as criaturas assim, apenas se pôde chamar de gente, porque andam e respiram como os outros, mas é gente cuja alma não tem vôos; que se contenta em flutuar á superficie dos fatos e das coisas, fóra das tempestades, das angústias, dos pecados, dos crimes e das paixões. Gente cuja concepção de viver se resume na estabilidade, na tranqüilidade, na uniformidade.
- Lucilia -Pois affianço-lhe que eu gostaria de ser assim. Viveria muito mais feliz. Comeria contente e dormiria ~~feliz~~ tranqüila, sem sonhos, sem ansios, sem ambições, sem dúvidas e sem temores. Não teria diante de mim o fantasma das fórmulas, das instituições e dos códigos.
- Rubens -Mas voce poderia viver perfeitamente feliz vibrante e sensitiva, assim como é, se não fosse covarde e tivesse a coragem de desprezar fórmulas e instituições.



- ia - Mas não esqueça que para a solução que você apresenta existe ainda um entrave que é o sentimento do remorso de nos havermos apossado indebitamente de algo que por direito não nos pertence. E o remorso é um espinho ~~cravado~~ constante cravado na nossa tranquilidade.
- Rubens - Você recusou a proposta que eu lhe fiz. Ela seria uma solução para esse sentimento de remorso por posse indebita.
- Lucilia - Um desquite? Não me valerá de nada o seu desquite. Não resolverá a minha vida, não consolidará a minha situação, não aplainará as minhas dificuldades e talvez viesse a criar-me novos tormentos. Assim é melhor deixarmos tudo como está e eu levarei a saúde dos beijos que não lhe dei e que ainda palpitam na minha boca como prisioneiros indisciplinados.
- Rubens - O seu problema sentimental, Lucilia, tem as suas raízes na luta imensa do preconceito com o instinto.
- Lucilia - E a sua equação é um círculo vicioso, Rubens, tangenciando duas possibilidades: continuar atormentada ou esperar, corajosa e heroica, o determinismo do destino.
- Rubens - Mas será que a vida é isto mesmo? Então não ha nada que mereça a pena de viver? Heroísmo é vencer o indesejavel e lutar com o preconceito.
- Lucilia - Não Rubens. Heroísmo é imolar diariamente o coração, o pensamento e o carinho ao amor próprio e á altivez. É dolorosa esta fatalidade ironica do destino que nos juntou paradoxalmente; trouxe você para o círculo da minha emotividade, colocou a minha boca ao alcance do meu beijo e, sádica-mente, levantou entre nós uma barreira de impossiveis. Muitas vezes eu mesma me interrogo, aflita, como fugir á sua influencia e penso que sem o seu amor eu serei uma pobre árvore de raízes mortas, sem fôlhas e sem ninhos, sem sombras e sem rumôres. Mas eu preciso curar-me desta obsessão e farei como os chineses que, em vida, mandam fazer o ataúde em que vão para o mundo de cristal de luz eterna. Eu me preparo, mentalmente, numa auto-sugestão de heroicos objetivos, para morrer. Para morrer, sim, porque não é só fisiológicamente que se morre.
- Rubens - Que você se dirija raciocinadamente para essa morte do espirito do coração e dos sentidos, vá lá, mas que você arraste á essa mesma morte uma outra creatura que a fatalidade ligou a você não é razoavel, Lucilia. Eu adôro a vida e só a compreendo vivida ~~intencionalmente~~ com intensidade, com emotividade, com amorosidade. (PEGANDO-LHE AS MÃOS) E eu quero viver, Lucilia. Eu preciso viver!
- Lucilia - E terá você o direito de aspirar a vida assim, sabendo que ela é a morte para Suzana? (PROCURANDO DESPRENDER-SE) Não, Rubens, deixe-me. Não aumente mais o meu tormento.
- Rubens - (Lucilia, pense que a vida é assim e que é inutil lutar contra ela. Para cada dois que sorriem sempre ha um terceiro que chora. Será horrivel para nós vivermos a renuncia ~~desesperada~~ resignada das linhas paralelas. (ENTRA SUZANA E PERMANECE AO FUNDO SEM SER VISTA))
- Lucilia - Não, Rubens, não.
- Rubens - Sim, Lucilia, sim. Foi o destino que nos atirou aos braços um do outro e qualquer resistencia que tentarmos, será... (Transição. Susto. Pausa longa de constrangimento) Suzana...
- Suzana - Não me diga nada, Rubens. Não me diga nada pelo amor de Deus! (PASSOS QUE SE AFASTAM)
- Lucilia - (após uma pausa longa) Suzana, eu...
- Suzana - Não me diga nada, tambem. Saia. Saia, por favor.
- Lucilia - Deixe-me falar, Suzana.
- Suzana - (desesperada, quasi gritando) Vamos, saia, já disse. (PAUSA) Oh meu Deus! Meu Deus!... (Pausa) Você ainda está aí? (gritando, violenta) VAMOS, SAIA! Não ouviu? Desapareça da minha frente. Saia! Saia!... (Passos que se aproximam)
- (PAUSA LONGA. PASSOS LENTOS QUE SE APROXIMAM)



fate

- Otávio - Medo propriamente não. É receio.
- Augustita - Ora que tolicei!...Francamente! Eu pensei que você fosse mais homem.
- Otávio - Penseu o que?
- Augustita - Pensei que você fosse mais homem.
- Otávio - E por acaso não sou?
- Augustita - Não. Você é uma criança grande.
- Otávio - Ah é? E você é uma pirralha metida a moça. E é moça moderna o que ainda é pior.
- Augustita - Tolo! Bobalhão!
- Otávio - Presunçosa. Leviana.
- Augustita - Você veja lá como fala, Otávio. Você está me ofendendo. Retire as expressões que acabou de usar.
- Otávio - Não retiro.
- Augustita - Retire ou você se arrependerá amargamente. Vingá-me-ei de você de uma forma que você não espera.
- Otávio - Pois eu enfrentarei a sua vingança sem nenhum temor, apesar de ser uma criança grande como você disse a pouco.
- Augustita - Não retira então o que disse?
- Otávio - Não retiro.
- Augustita - Pois muito bem, você vai se arrepender. ( pausa. Canto dos passaros mais forte por instantes. )
- Otávio - O quanto tem de pequenina tem de brava. Ah Zacarias, vieste enfim? O que disse ela?
- Zacarias - Disse que o biote num tinha reppeta. Que o sinhô procurasse a dona Augustita que era de mais vantagem pro sinhô.
- Otávio - Agora? Depois que a repeli? Agora nem que eu lhe pedisse perdão de joelhos ela voltaria. Ai está viu? Por querer ficar com duas acabei ficando sem nenhuma.
- Zacarias - É, seu Otávio, tem uma adevébio que diz assim: quem tudo quer, tudo perde. Mas num é desê nada. Não se assustemo. Tem outras meninas na vila.

( CURTINA MUNDIAL )

- Suzana - Alberto!...Você aqui? Quando chegou?
- Alberto - Estou chegando agora, dona Suzana.
- Suzana - E seu pai sabia que você vinha?
- Alberto - Não. Quis fazer-lhe uma surpresa e não avisei nada.
- Suzana - Meu Deus, ele será capaz de morrer de alegria.
- Alberto - Como vai este moço?
- Suzana - Fala com Alberto, meu filho. Você não se lembra mais dele?
- Carlinhos - Lembro, sim.
- Alberto - Como ele está alto. Está quasi da sua altura.



- Suzana - É, sim, ele tem crescido muito. Não parece um menino de dez anos.
- Carlinhos - Eu já estou quasi da altura da mãe. E fico por aqui no papai, ó.
- Suzana - Meu filho, vá chamar o seu Felix. Diga a ele que tem aqui uma grande surpresa para ele.
- Carlinhos - Sim, mãe, eu vou chamar. (passos que se afastam)
- Suzana - Mas sente-se, Alberto, você ficou de pé e eu tão distraída nem me lembrei de lhe mandar sentar.
- Alberto - Não, eu estou bem de pé. Não esqueça que estou há várias horas sentado. Desde as seis da manhã que estou viajando. (passos se aprox.)
- Augustita - Bom dia.
- Alberto - Bom dia.
- Suzana - Você não a conhece, Alberto?
- Alberto - Não.
- Suzana - Esta é Augustita. Morou uns tempos conosco. Quando era pequenina, você não se lembra?
- Alberto - Sim, eu sabia disto mas não me lembrava dela.
- Suzana - Eu não tenho bem certeza mas parece-me que não foi do seu tempo. Este é Alberto, o filho do seu Felix. Capitão aviador.
- Alberto - Muito prazer.
- Augustita - O prazer é meu, Capitão Alberto.
- Alberto - Eu sabia que estava morando agora aqui no Solar; foi meu pai quem a trouxe de São Paulo, não é verdade?
- Augustita - Sim e por sinal que lho dei um trabalho enorme porque a viagem foi péssima e eu vim numa impertinência horrerosa.
- Alberto - É que tal? Tem se adaptado bem á nova vida?
- Augustita - Ao principio o Solar era muito insipido mas agora está se tornando bastante interes. ante.
- Suzana - Eu já disse á Augustita que é uma questão de adaptação. Quando ela se adaptar gostará. (passos se aproximam).
- Carlinhos - Mãe, o seu Felix já vem. Tava tirando um bicho de pé.
- Suzana - Um bicho de pé? (garçalhadas) Ora veja o que o seu Felix foi me arranjar.
- Alberto - É Martinha como vai?
- Suzana - Vai bem, felizmente. Com certeza está estudando.
- Augustita - É, sim, está estudando o Coração Inquieto.
- Alberto - Deve ser um estudo difícil e complexo.
- Augustita - Complexo. Este é o mal de muita gente.
- Suzana - Você ainda não viu Donguinha nem Zacarias, não é Alberto?
- Alberto - Não. Cheguei e fui entrando e a primeira pessoa que vi foi a senhora. (passos).
- Suzana - Áí vem seu pai.



fab

- Felix - (de longe) Esta porcaria de bicho não tinha outro pé para se meter havia de escolher logo o meu? (aproxima-se) Uma creatura já tem tanto com que se incomodar e aborrecer e ainda vem um diabo dum bicho.... (para subitamente. Transição) . Meu Deus, eu não estarei sonhando? És tu meu filho?
- Alberto - Eu, sim, meu pai. Eu mesmo. Eu não lhe disse que qualquer dia apareceria por aqui? (beijos e abraços).
- Felix - Meu filho!... Que felicidade!... Só mesmo a tua presença me consolaria do aborrecimento que me causa este maldito bicho de pé. (passos)
- Aurora - Meu Deus!... Os meus olhos não estarão me enganando? É mesmo o Alberto que eu estou vendo?
- Felix - Pronto, chegou ela. Isto ainda me aborrece mais do que o bicho de pé.
- Alberto - Sou eu, sim, dona Aurora. Como vai a senhora?
- Aurora - Albertinho!... Queridinho!... Pedacinho de céu da gente!... Como eu tinha vontade de estreitar-te nos meus braços, meu filhinho!... Assim. Bem assim. Abraça. Abraça com toda a força a tua mãezinha espiritual.
- Felix - Boa, dona Aurora, chega. Deixe eu falar com o meu filho.
- Aurora - Está bem, seu Felix, eu deixo. Desculpe, desculpe. Não foi por mal. É que eu quero tanto bem a este menino que não pude conter os impulsos do meu coração.
- Felix - Fala, meu filho, diz alguma coisa. Estou louco por ouvir a tua voz. Vais te demorar aqui alguns dias?
- Alberto - Alguns dias não, meu pai. Muitos dias. Vou servir na base daqui.
- Felix - É verdade, meu filho?!... É mesmo verdade o que estás me dizendo?!..
- Alberto - É verdade, sim, meu Pai.
- Felix - Obrigado, meu Deus!... Muito obrigado!... Como tu és bom e misericordioso!...
- ( CORTINA MUSICAL )
- Suzana - Borne, filhinho. É tarde já. Você nunca dormiu tão tarde assim.
- Garlinhos - Eu não tenho sono, mãezinha. Não sei o que é isto.
- Suzana - Você ficou algarado com as brincadeiras do Alberto. Durma que amanhã você tem todo o dia para brincar com ele outra vez. (batem onze horas) Veja, onze horas já. Onde é que se viu um menino do seu tamanho estar acordado a uma hora destas.
- Garlinhos - Está boa, mãezinha eu vou fazer força para dormir.
- Suzana - Fique quietinho e calado. Feche os olhinhos. Assim. (pausa longa. Começa a ouvir-se uma canção de ninar. Suzana escuta alguns momentos e depois fala espantada e meia voz.) Ué!... O que é isto? Quem é que está cantando? (alto nervosa e preocupada.) Meu filho, você fique aí quietinho que a mãe já vem. (passos discretos sempre a mesma altura do microfone a voz vai se aproximando pouco a pouco até até que os passos param e a voz fica bem próxima ao microfone) (apavorada) Meu Deus!... É do retrato de Vôvo que sai a voz!... Será mesmo possível? Eu não estarei sonhando?!... Não, eu estou acordada, eu sei que estou acordada. Não é um pesadelo, portanto, não é uma ilusão auditiva. Eu estou ouvindo esta voz, realmente.. Que horror, meu Deus!... Até os meus cabelos estão arrepiados. Rubens Rubens... Não posso mais. Vou para junto dele, estou com medo!... (passos sempre já mesma altura do microfone. A voz vai se afastando pouco a pouco até desaparecer). (Ruído de porta) Rubens, dá licença?



Rubens - (longe) Entra, querida. (passos se aproximam).

Suzana - Rubens, desculpa se venho interromper ~~o~~ o teu trabalho. Estou nervosíssima.

Rubens - O que foi que aconteceu, Suzana, fala.

Suzana - Eu estava no quarto do Carlitos fazendo-o dormir quando ouvi uma voz que cantava como que para ela adormecer. Extranei aquela voz, levantei-me, fui andando na direção de onde ela provinha e ao chegar ao Gabinete verifiquei que essa voz saía do retrato grande do Vovô que está por cima da lareira. Os meus cabelos se eriçaram todos e eu fiquei toda arrepiada. Estou tão nervosa, Rubens, tão nervosa!...

Rubens - Isto não é nada, minha querida. É uma impressão tua, apenas.

Suzana - Não, Rubens, não me digas isto porque eu tenho a certeza absoluta de que não é uma impressão.

Rubens - Pois bem, admitindo que não seja, teu avô era uma criatura tão boa e te queria tanto não vejo portanto razão para que estejas assim tão angustiada. Se a voz provinha realmente do retrato é porque ele estava aqui e desejou auxiliar-te a fazer o Carlitos dormir. Volta para junto do nosso filho que está só que eu vou terminar este serviço e te levarei uma pequena dose de calmante que te fará bem. E enquanto esperares por mim reza que a prece ha de fazer bem ao teu coração e á alma do teu pobre Avô.

Suzana - (ainda nervosa) Sim, Rubens, eu vou. Até já. Não demores muito. (passos que se afastam).

Rubens - Irei em seguida, Suzana. (pausa) Eu bem sei que não foi uma impressão. Há duas noites, que á esta mesma hora, eu venho escutando essa voz misteriosa!....

(CORTINA MUSICAL)

Aurora - Seu Felix, sente-se aqui ao meu lado. Quere dizer-lhe um segredo.

Felix - Ora, dona Aurora, deixe-se de bobagens. Diga daí mesmo<sup>o</sup> que deseja dizer.

Aurora - Ora, seu Felix, é um segredo eu não vou dizer assim a esta distancia.

Felix - Não, não, nada disto. Eu não me levanto daqui. Estou muito bem acomodado.

Aurora - Está muito bem. Então me sentarei eu a sua lado. (pausa Passos. Voz em tom de segredo). O senhor sabe que existe uma pessoa que gosta muito do senhor?

Felix - De mim? Não acredito.

Aurora - É verdade, sim, juro-lhe como é verdade.

Felix - E quem é essa desgraçada?

Aurora - Ora, seu Felix, não diga assim. Desgraçada porque?

Felix - Porque gestar de um caco velho como eu que já nem tem mais serventia!..

Aurora - Não diga isto. O senhor não é tão velho assim. E depois a pessoa que gosta do senhor não será propriamente uma velha mas não é nenhuma criança.

Felix - Quem é?

Aurora - É uma pessoa muito distinta, ótima dona de casa, de muito bom genio e que nos seus aureos tempos foi considerada um tipo de beleza.



*Felix*

- Felix - Muito bem. Quem é essa beldade. Diga logo.
- Aurora - Ora, seu Felix, o senhor não adivinhou logo? Sou eu, seu Felix, sou eu.
- Felix - A senhora?!...
- Aurora - Eu sim. Porque tamanho espanto? Por acaso eu não tenho também um coração? Ele não vibra e palpita como todos os corações? Sou eu, sim seu Felix. É um amor antigo o que alimento pelo senhor. O senhor seria tão feliz a meu lado, seu Felix!... Eu seria tão boazinha para o senhor. Procuraria adivinhar-lhe todos os pensamentos. Seu Felix..
- Felix - O que é?
- Aurora - O senhor quer ser meu esposo?
- Felix - Não sei, dona Aurora, não sei. Eu vou pensar. Um pedido de casamento assim é aquela roupa a gente fica nervoso, emocionado e necessita de algum tempo para resolver. Amanhã eu lhe darei uma resposta. Se não for pessoalmente escreverei uma cartinha.
- Aurora - É verdade? O senhor não está me enganando? Jura que me dará mesmo uma resposta amanhã?
- Felix - Eu quero que um raio lhe parta se eu estou mentindo.
- Aurora - Está bem, está bem. Então eu esperarei até amanhã. Meu Deus!... Como vão custar a passar essas horas de espera!... Ai! que feliz eu seria se pudesse fazer voar o tempo!...

( CORTINA MUSICAL )

- Rubens - Suzana, aproveitemos a beleza do luar, o silencio que reina nesta sala e procuraremos voltar aos dias do passado. Sente-te ao piano e toca um Noturno de Chopin, como fazias naquele tempo distante em que eramos noivos. Lembra-te? Tu tocavas Chopin e eu dizia-te versos.
- Suzana - Lembro-me sim, Rubens, Ha momentos da nossa vida que ficam gravados nos nossos corações por toda uma eternidade.
- Rubens - É como recordar é viver, vivamos novamente esses momentos bons. (pausa) Toca querida. (ouve-se um noturno de Chopin em sólo de piano.)  
 A noite, como hoje, estava linda  
 e fomos ao jardim.  
 Flutuava no ar uma saudade  
 e em tu'alma essa mesma ansiedade  
 que eu via palpitar dentro de mim!...
- Era um desejo extranho, indefinido,  
 vontade de sorrir e de beijar!  
 Desejo de dormir o sono eterno  
 numa fogueira imensa deste inferno  
 que é o amor quando chega a embriagar.
- A lua lá no céu azul escuro  
 Sorria para nós.  
 E eu sentia o mistério de destino  
 a cantar pela voz de um violino  
 que era a tua voz!
- No perfume suave das glieínias  
 eu sentia o perfume dos teus beijos  
 Cataratas de luz do céu decendo  
 faziam com que em mim fossem crescendo  
 Uns extranhos e lúbricos desejos!
- Desejo de sorrir despedaçado,  
 impiedoso, o teu belo coração



( Característica musical )

( UM SINO BATE AO LONGE O TOQUE DAS AVE MARIAS )

- Donguinha - ( após uma pausa ) - Sinházinha, a vó mandô perguntá se é prá fazê alguma coisa pra janta ou si é só prá aquecê a comida do arroz?
- Suzana - Diga-lhe que faça uns bifos mal passados como o Rubens gosta. Olhe aqui, Donguinha, umas batatinhas fritas também.
- Donguinha - Tá muito bem, sinházinha. ( passos )
- Felix - ( entrando ) - Lendo ainda, Suzana?
- Suzana - É verdade, seu Felix. Estou tão engolida pela leitura deste livro que não fiz outra coisa durante toda a tarde, senão ler.
- Felix - Frequentemente, Suzana, eu não sou lá muito afeiçoado á leitura mas o seu entusiasmo desperta a minha curiosidade. Quando você tiver terminado esse livro vai emprestar-me, sim?
- Suzana - Pois não, seu Felix, com muito prazer. O sr. vai gostar muitíssimo. Tem pedaços esplendidos! Ouça este: ( lendo ) Serei sobretudo verdade. Minha alma, meu espírito, meu coração, meu instinto, estas não aqui soltos nestas páginas. E minha alma é uma casa grande em que você mora, só, ocupando-a por inteiro. De janelas abertas para o mundo vivemos dentro dela. Se as abro ou uma delas se descerem por um movimento inconsciente de censura, é você, ainda, quem espia pelo lado de fóra. Estou escrevendo sentada em nossa cama, num desconforto de côla. Chove. Faz silêncio e calor. Tudo tão longe! Tão longe e tão incerto! Ainda e sempre a mesma obsessão! Preciso sacudir a vida, arrancar-me desta morbidez com todas as raízes, como uma árvore triste, engalanada de parasitas, que não pôde ostentar essa beleza postiça que a vai matando, lentamente!... Que imagem formidável, não é verdade, seu Felix?
- Felix - Efetivamente. Preciso sacudir a vida, diz ela, e é realmente assim. Em ocasiões em que sentimos necessidade de sacudi-la ou então o tédio nos matará. E não há nada mais mortificante do que o tédio, não é verdade, Suzana?
- Suzana - Não sei, seu Felix, porque realmente nunca senti. Tenho tido momentos de alegria e outros de tristeza bem profunda. Tenho vivido horas de agonia e de inquietude e instantes de amargura e de revolta, mas essa sensação de aborrecimento e de indiferença de tudo e de todos, até mesmo de meu próprio eu e que eu imagino que deve ser tédio, essa sensação, realmente eu ainda não a experimentei.
- Felix - Que não a experimente nunca, então, Suzana, porque nenhuma outra, por amarga e cruel, pôde ser á ela comparada.
- Suzana - O senhor diz isto com tal convicção que me faz crer que já a experimentei, seu Felix.
- Felix - Se a experimentei, Suzana!... Foi quando separei-me de Matércia, em Recife e busquei no tumulto da cidade cariocilhana esquecer os momentos bons que aquela união nos havia proporcionado. Tudo era em vão. A sua acuidade estava estereotipada dentro de minha alma e aturdiu-me no ruído incessante das ruas e dos clubes ou recolhendo-me á solidão do meu quarto triste, era sempre a ela que eu via e sentia junto de mim. Foi quando teu bom avô, sabendo por alguns amigos o que se passára comigo, convidou-me a vir passar alguns dias nesta casa, e esses dias foram se estendendo e eu fui ficando e fui ficando e até hoje me encontro aqui. No Natal vão fazer precisamente 18 anos.



- Suzana - Mas nunca se arrependeu de ter ficado, não é verdade?
- Felix - Nunca, Suzana, nunca. E digo-lhe mais: si não tivesse encontrado naquela ocasião este ameno refúgio na sei o fim que teria dado á minha vida.
- (  
( Ruído de um carro que vem se aproximando e pouco a pouco )
- Suzana - Prima Aurora vem voltando do terço. Estou sentindo o ruído do carro nas pedras do pátio.
- Felix - Também essa creatura não faz outra coisa que não seja viver dentro da igreja e dizer mal da vida alheia.
- Suzana - Ora seu Felix, não é tanto assim: o senhor é que já a tem de sobre aviso.
- Felix - Não é tanto diz você? Aponte-me outra coisa que ela faça a não ser isto? Meter-se na vida dos outros e contrariar a tudo que se deseje fazer. O casamento então é a sua idéa fixa. Vive a fazer e desfazer os noivados dos outros. E diga-me alguma coisa que acontrarie! Meu Deus! Vem o mundo abaixo!...
- Suzana - Até certo ponto isto é natural, seu Felix. Ela precisa ter alguma coisa com que se entreter.
- Felix - Está certo, concordo que ela necessite de alguma coisa para se entreter mas que essa alguma coisa seja outra coisa e não falar da vida alheia. (Ouve-se a voz de dona Aurora ao longe)
- Suzana - Cuidado ela vem aí. É melhor mudarmos de assunto para evitar discussões.
- Aurora - (entrando) Boa tarde. (Suzana e Felix respondem)
- Felix - Já pediu perdão dos seus pecados?
- Aurora - Não. Pedi dos seus. Eu não tenho pecados, graças a Deus.
- Felix - Não ha de ter poucos. A senhora se confessa todos os dias....
- Aurora - Seu Felix, o senhor deixa de pretender ridicularizar o meu método de vida porque nada adiantará com isto, está entendendo? Eu sou como sou, sinto-me feliz assim e não tenho que dar satisfações da minha vida a ninguém.
- Felix - Mas eu quero que a senhora se de satisfações da sua vida. Deus me livre! Faça lá o que quiser e o que entender que pouco se se dá. Olhe, dona Aurora, eu com a senhora quero só duas coisas.
- Aurora - E quais são elas, seu Felix? Eu só por curiosidade gostaria de saber.
- Felix - Sonogo e distancia. (Gargalhada de Suzana)
- Aurora - Este bobo alegre!... Este velho idiota!...
- Felix - Velha cretina!
- Aurora - Seu Felix, antes de chamar-me de cretina olhe para os meus cabelos brancos, está ouvindo?
- Felix - E o que tem os seus cabelos brancos? Por acaso os cretinos não envelhecem também? (Mucheco de aurora que sai)
- Zacarias - (entrando) Deus seja nesta casa, sinhócinha. Boa tarde.
- Suzana - Boa tarde, Zacarias. O que é que tu queres?
- Zacarias - É pra arrecoler o carro pra cochera ou a sinhócinha que que vá buscar o seu dotó?



- Suzana - Não sei, Zacarias. O Rubens não me disse nada se queria que você fosse buscá-lo. Será que é esta hora ele ainda está no consultório?
- Zacarias - Caraculo que sia, sinhásinha. Ele nunca sai inbante das sete hora de lá.
- Suzana - Bem, neste caso é melhor você ir. Poupa-o de uma caminhada bem regular o que, para quem passou um dia inteiro trabalhando, não é nada agradável.
- Zacarias - Tá muito bom, sinhásinha. Entende com sua licença. ( Sai )
- Felix - Você reparou com que esplendida disposição a sua amavel prima regressa da igreja?
- Suzana - Também, seu Felix, cá para nós, o sr. implica um bocão com ela.
- Felix - Eu não implico coisa nenhuma, Suzana. Apenas costume dar o trôco ás suas impertinencias. E como é malcriada, valha-se Deus!... É ainda se chama Auróra!... Uma Auróra como este sópode ser prenuncio de dias tempestuosos!... Bem, bem, deixa-me ir ao meu quarto que ainda quero responder a carta de Jorge antes de jantar para manda-la pelo correio de amanhã. ( Ruido do carro que vai se afastando a pouco e pouco. )
- Suzana - Mande um abraço meu então, seu Felix e diga-lhe que para a semana responderei a sua carta.
- Felix - Está muito bom, está muito bom. ( passos se afastam e passos aprox. )
- Donguinha - Chii, Sinhásinha, a dona Órora chegou da rua tom tiririca que a sinházinha nem não dismagina. Foi deralito lá na cozinha e viu a vó perparando as batatinha pra fritá e já butô barulho. Diz que nam come batata frita que a soldara staca muito os figo dela e que a vó já fazia de ispicancia pra mãe leconodé ele. A vó intence manid priguetá pra sinházinha se pôde fazê um quado das batata cozida pra mãe e dona Órora pudê comê.
- Suzana - Póde sim, Donguinha, eu não me lembrei, realmente que ela não come frituras principalmente é leite.
- Donguinha - Ela tava tom braba, sinhásinha, tom braba, qu se ão dele butava ansim uma chispa de fogo. Paricla esses gato brazino quando a gente vê os ão deles brá ansim nasoute turva. Como a dona Órora é braba, nam é mesmo sinhásinha! Pul causa duma coisinha de nada faz tanto barulho.
- Suzana - O barulho não foi por causa das batatas, não, Donguinha. Ela já saiu daqui zangada por causa de uma discussão que teve aí com o seu Felix.
- Donguinha - Ahnni... latão o cause era deferental... É a boba da neguinha tava me no pensano que era pul cause óna batata. Óia, sinhásinha, iscuite o que eu vó le dizê: o seu Félix inda vai butá a dona Órora no Kispicio ou entence no manicomis.
- Aurora - ( dentro ) Daqui a pouco mais o Dr. Rubens está aí e o jantar deve estar pronto.
- Donguinha - Chii... Aí ven ela brigando.
- Suzana - Vai-te embóra, Donguinha, vai-te embóra depressa que se ela te ve aqui conversando vai fazer barulho contigo.
- Donguinha - Minha Mãe Sinhara dos Afritoi! Eu intá vó sai pur lá e depois dá a vorta pra não me incentrá ca cóbra. ( sai ) ( passos aproximam-se )
- Aurora - ( zangada ) É um o isa horrível!... Eu não posso mais sair de casa!



- Um momento que eu permaneça na rua e já o serviço se desorganiza todo! Essas negras precisam ter sempre os freios nos dentes, não desadem a correr que ninguém mais as alcança.
- Suzana - O que foi que se fez, prima Aurora, que a senhora está assim tão zangada?
- Aurora - Tu ainda me perguntas o que aconteceu? Saí um pouco e encontrei a casa toda de pernas para o ar.
- Suzana - Como assim, prima Aurora?
- Aurora - Ora, como assim. O banheiro todo molhado. Alguém tomou banho e essa negrinha relaxada não teve nem sequer o cuidado de secá-lo. O molho para o creme que eu fiz ficou no esquecimento. Estamos sem sobrecoisa para o jantar. Chego na cozinha e negra velha a fritar batatas sabendo que eu não como frituras. É demais, Suzana, é demais!
- Suzana - As batatas fui eu que mandei fritar, prima Aurora. A culpa foi minha. Não se lembrei que a senhora não podia comê-las, mas já mandei que cozinassem alguma especialmente para a senhora.
- Aurora - A que horas é que se vai jantar?
- Suzana - Quando Rubens chegar. Creio que ele não demorará muito porque Zacarias já foi buscá-lo, mas se a senhora está sentindo fome não precisa esperar por nós. Lucilla também ainda não chegou...
- Aurora - O que? Lucilla ainda anda na rua? Olhe que já está quase noite. Você não deveria consentir isto, Suzana. Isto fica mal.
- Suzana - Ora esta, prima Aurora, mal porque? ( Entra seu Felix e para-se no fundo com uma caneta na mão )
- Aurora - Tu ainda me perguntas mal porque, Suzana? Pois então não ficou? Uma viuva moça como é Lucilla andar até de noite aí sózinha pela cidade?
- Felix - É perigoso, sim, muito perigoso. Dona Aurora tem toda a razão. Uma criança como Lucilla não deve expor-se à noite na rua. Pode ser comida pelo bicho papão.
- Aurora - Já vem o senhor com as suas ironias, já, seu Felix? Pois está perdendo o seu tempo, ouviu bem? Perdendo o seu tempo sim, porque elas nada influem no meu espírito. Eu sei muito bem o que é direito e o que não é. No tempo em que eu costumava sair para passear nunca voltei para casa depois das Ave Maria.
- Felix - Bem, isso naquele tempo! No tempo em que se arrastava encobre com a língua. Hoje as coisas mudaram muito.
- Aurora - Se mudaram!... Eu sei perfeitamente, não preciso o senhor me dizer. Mas também não é necessário acrescentar que mudaram para pior.
- Felix - É quem nos dirá que o pior não seja o melhor?
- Aurora - Isto para o senhor e para os da sua espécie. Para as pessoas de juízo, para as que deixam o cérebro refletir e julgar, os velhos tempos não são mais considerados como os bons tempos.
- Felix - Talvez, talvez, não discute isto. Mas o que é que vamos fazer se os tempos mudaram, dona Aurora?
- Aurora - Não foram os tempos que mudaram, não, seu Felix. Não tiramos a culpa dos culpados para jogá-la na cara dos inocentes. As criaturas é que mudaram.
- Felix - De acordo, dona Aurora, de acordo. Foram as criaturas, sim. Até a senhora, por exemplo, está completamente mudada. Olhe-se num espelho e



- verá. Sómente numa coisa a senhora não mudou nada, nada, através nos tempos. Foi nas suas implicações comigo.
- Aurora - O senhor é que é muito antipático, seu Felix. Antipático e grosseiro, sabe?
- Felix - Sei, sei perfeitamente. A senhora já se disse isso tantas vezes que não éra possível ou deixar de saber.
- Aurora - Pois se a te porque não se esforça em tornar-se um pouco mais amavel, um pouco mais suportavel?
- Felix - Porque pau que nasce torto, tarda ou nunca se endireita.
- Suzana - Eaa, bem, chega de discussões. Olhe, prima Aurora, que a senhora não tem feito outra coisa desde que chegou da igreja.
- Aurora - A culpa não é minha. (Significativamente) Provocou-me...eu não sei guardar o que sinto, sou muito sincera...
- Felix - (cantando) Si você fosse sincera, SSS Aurora!...Veja só que boa que era, ôôôô, Aurora!
- Aurora - Eu não digo? Eu não digo que me provocam? Velho cretino! Velho idiota. (gargalhadas de Felix) Vou ouvir doq' jantar que eu ganho muito mais do que estar aqui a dar trela a este paranóico. ( sai )
- Felix - Vai, vai, velho comilão!...Ela não passa de outra coisa que não seja ceder, rezar e implicar com os outros. Eu tenho visto Auroras de todo o jeito, Suzana. Mas desumbravel como esta ainda estou por ver. Oh, Suzana, eu vi pedir ao você se supresta uma pena que a minha está horrivel e eu não consigo sobreviver com ela.
- Suzana - Eu tenho penas novas lá no meu quarto. Vácom até lá. ( sai )
- Lucilia - Que canção meu Deus!...Andei tanto, tanto que quasi nem sinto as minhas pernas. Pôde ser que com este método eu consiga atingir o fim que desejo. Dormir...Descansar....Esquecer!...( pausa longa )
- Esperança - Deus Nosso Senhor!...Que inscuridão que tá nessa vida. ( acende luz ) Ué, minha fia, o que é que tá fazendo aqui nos escuro?
- Lucilia - Descansando, tia Esperança. Andei tanto, tanto que tenho as minhas pernas completamente dormidas.
- Esperança - Mais porque andô des a folma, minha fia? tinha queria tanto que fizesse na rua?
- Lucilia - Pelo contrario. Não tinha nada absolutamente a fazer. Andei simplesmente.
- Esperança - Pelo gosto de si cançá, minha fia? Num faiz assim. A minha fia tá muito magrinha, precisa ingidê e andando assim a minha fia não ingolde.
- Lucilia - O que eu preciso, tia Esperança, é dormir. Dormir para esquecer. Si alguma eu não conseguir esquecer, se posso por algumas horas, este tumulto de idéias que andas a turbilhar dentro do meu cerebro, eu tenho a impressão de que acabouê enlouquecendo.
- Esperança - Cruz, minha fia, num fala assim que o Santensiz pôdeuvi. A minha fia vai druzi aia. Para tanto a prata máia vai fazê um casamento de arfaça com um mendicão de drucidora e a minha fia vai vê caso vai se baa.
- Lucilia - Escute, tia Esperança, a senhora nunca pruba o que foi um amor lapresivel? A senhora num e amou, tia Esperança?
- Esperança - Era minha fia, antonec num havôra de não? Foi se prata assim num tira. Preto tambem tem curaçõ. Andei e soufri muito pelo seu não e



- É por isso que me dóo direito de uma vó a minha fia tá sofrendo assim.
- Lucilla - Mas o seu amor era também um amor impossível?
- Esperança - Ora, minha fia, ora. Era porque depois que nós se casamo o meu preto foi vendido pra outro sítio e ele nunca mais quisatin que nós vivêssemos juntinho um do outro, como vivia inhante. O consolo dessa preta véia foi a neguinha Anastacia, a mãe da Louguinha, que nasceu depois que nós se assumaramo. A nega começou a cuidar da neguinha, a cuidá da neguinha e foi se esquecendo das tristezas do passado.
- Lucilla - Pobre tia Esperança!... Todos nós temos a vida e não se quisão de sofrimento. ( pausa ) É a senhora sabe, tia Esperança, o que se passa comigo?
- Esperança - Ora, minha fia, pois então num vô sabê? Pois si a minha fia perdeu o marido dela nessa guerra maldita, num é de lá triste e sofre a presença dele? Bem, minha fia, num fica aqui sózinha. A preta véia tem que ir lá pra frente e num que vexá a simáquina aqui. Vem comigo, vem minha fia.
- Lucilla - Vou sim, tia Esperança. Preciso ir até o meu quarto passar um pente no cabelo. Já jantaram?
- Esperança - Não, minha fia, num jantaram, não. O Antônio Rubi logo num chegô. ( saca )
- Aurora - ( vem resmungando de longe ) É uma barbaridade a hora que se janta nesta casa. É uma coisa horrível!... De dia para dia vão deixando para mais tarde. Qualquer dia suprimem o jantar. Ah, mas eu não sou bobá, não vô. Já andei lá pela cozinha a prévei de tudo. Até as batatas fritas. No tempo do tio Carlos não vô que está cá sa andava assim de perder parte o ar!... Era uma ordem, um respeito que dava gosto. Depois que o coitado morreu anda tudo ao Deus dará. É por isto que eu tinha vontade de sair daqui, mas sair daqui como? Para onde? ( Felix aparece ao fundo ) Só se eu se cansasse, mas os enfiamentos andam tão difíceis! Tão difíceis!....
- Felix - O, ô!... ( grito de susto de Aurora ) Está chegando mandada?
- Aurora - Ai, seu Felix!... Que susto o senhor se deu!... Ai o seu coração seu Felix!... Di meu sei que não tive um ataque. Que coisa horrível, meu Deus!...
- Felix - Ficou muito agitada esse coraçãozinho?
- Aurora - Ficou, seu Felix. Também pudé-a. Veja. Veja como ela está batendo!...
- Felix - Oh!... Parece um motorzinho de uma embarcação.
- Aurora - É o que é o coração, meu Felix, senão o motor da embarcação de amor?
- Felix - ( cantando ) Coração governador da embarcação de amor! Coração meu coraçãozinho no algará e na dor....
- Aurora - Oh seu Felix, não cante. Converse direito com o senhor estava conversando.
- Felix - A senhora não gosta que eu cante porque dona Aurora? A senhora não gosta que eu cante bem?
- Aurora - O senhor canta bem, sim, seu Felix, mas a questão é que não canta muito.
- Felix - Está muito bem, pois então eu não canto mais.
- Aurora - Mas o senhor não quer cantar? Está de fé por gosto?



- Felix - Não me convidaram para sentar eu fiquei de pé.
- Aurora - Óra, seu Felix, então o sr. precisava que eu lhe convidasse para sentar? O sr. é visita por acaso?
- Felix - Não, visita não sou, mas a questão é que a minha presença poderia contrariá-la.
- Aurora - Ah! Contrariar nada. O sr. nem sabe que não. Sente-se, então.
- Felix - Ah, muito bem. Agora sim, ou se tanto. Pronto está contente agora?
- Aurora - Ora seu Felix, tão longe!...
- Felix - Mas é assim que se começa, dona Aurora. Os movimentos de reconhecimento do terreno são feitos sempre de longe. Depois é que a gente vai apontando o alvo.
- Aurora - Não quero. Sente-se aqui ao seu lado.
- Felix - A senhora garante que o terreno não está alagado?
- Mãe - Ora seu Felix, pode sentar-se com confiança.
- Felix - Está bem, assim sim, assim ou sentar.
- Aurora - ( depois de pausa e deagáua ) Di a alguma coisa, seu Felix.
- Felix - Digo.
- Aurora - Pois então diga.
- Felix - Não. Quem vai dizer é a senhora. Eu quero que a senhora me diga que negocio que a senhora estava falando aí de casamento, quando eu cheguei e lhe dei aquele susto.
- Aurora - Negócio de casamento que eu estava falando? Não sei. Não me lembro. Eu estava falando de casamento, seu Felix?
- Felix - Estava, sua senhora. Eu ouvi.
- Aurora - É, então estava, mas não é susto eu esqueço o que foi. É porque o senhor tinha interesse em saber? O sr. anda pensando em casamento?
- Felix - É, está no senso, sua dona Aurora.
- Aurora - ( alvoroçada ) O que, seu Felix, é mesmo verdade? O sr. anda pensando em se casar?
- Felix - É porque não, dona Aurora? A senhora acha que eu estou muito velho para isto?
- Aurora - Não, seu Felix, que esperanças!... Eu não quis dizer isto, absolutamente. O sr. é tão desconfiadinho!...
- Felix - Pois é verdade, pois eu ando com vontade de me casar, sua dona Aurora.
- Aurora - Não diga, seu Felix!...
- Felix - Digo, sua senhora. Pois se é verdade mesmo. Quero me casar com uma moça assim de mais idade.....
- Aurora - Faz muito bem, seu Felix. Faz muito bem.
- Felix - Nem alta nem baixa.
- Aurora - Isto mesmo, seu Felix, isto mesmo.
- Felix - Mas agora não guarda...



- Aurora - Exatamente, seu Felix, pelo termo.
- Felix - E que o nome principie por "A".
- Aurora - Com licença, sim seu Felix? Eu estou me sentindo mal. Estou muito nervosa. Vou lá dentro cheirar os meus sáls e volto em seguida. (saída)  
Sou eu, sou eu, sou eu, sou eu.
- Felix - ( dando caretas ) É velhota ridícula. ( arresadando-a ) Vou cheirar os meus sáls!..ah tu precisavas na moleira..
- Suzana - ( entrando ) Ué, seu Felix, o que é isto? Está falando sózinha?
- Felix - Estou me rindo aqui da dona Aurora. Disse-lhe aí seis dúzia de bobagens, ela acreditou e saiu toda entusiasmada. Foi cheirar os seus sáls.
- Suzana - Brancamente, seu Felix, pensar judia com a coitada. Isto não se faz. A gente não brinca com a correção dos outros.
- Felix - É que a gente cansa de ser maltratado, Suzana, então caprega os tratamentos que pôde para conseguir um trato mais ameno. É um jogo um tanto quanto desleal, mas quando a gente se vê perdido lança mão dos recursos que tem.
- Suzana - Não se esqueça de uma coisa, seu Felix: a gente às vezes começa as coisas na brincadeira e elas acabam a sério.
- Felix - Cruzes, Suzana, cruzes!...Vira essa boca pra lá. Vá rogar pragas prá outro.
- Suzana - Eu não estou lhe rogando pragas, seu Felix, estou apenas lhe prevenindo. É mais vale prevenir do que remediar. ( ruído do carro se aprox.) Depois o senhor não vá se queixar que não teve quem lhe abrisse os olhos.
- Felix - Não há perigo. Não se preocupe. Macaco velho não mete a mão em combustão. Ouga, o carro vem chegando.
- Suzana - É, sim, vou avisar tia Esperança para tirar o jantar que o Ribens deve vir tanto de fome. É tão tarde, já. Nunca jantamos assim tão tarde.
- Aurora - ( entrando ) Pronto, seu Felix, pronto. Pôde continuar o assunto.
- Felix - Que assunto, dona Aurora?
- Aurora - O assunto aquele que o senhor estava falando quando eu saí daqui.
- Felix - Eu não sei que assunto era, dona Aurora.
- Aurora - Será possível, seu Felix, que o sr. já tenha esquecido? O assunto do casamento. O sr. não se lembra que me disse que estava com idéias de se casar e que iria escolher uma moça assim já de meia idade, nem ser da sua cor, de preferência baixa e que o nome começasse pela letra "A"?
- Felix - Eu disse isto, dona Aurora?
- Aurora - Meu Deus, seu Felix, pois então não disse?
- Felix - Olhe dona Aurora, eu vou lhe dar um conselho: a senhora não acredite nada que eu lhe disser. Eu sou antipático, antipático que é uma barbáridade!
- Aurora - Será possível, mesmo seu Felix? Será possível que o sr. tenha tido a coragem de abusar da minha ingenuidade? Pois então saiba que nunca mais lhe perderei esta infâmia. ( com calma ) Versante! Hipórita! Ocuaha! ( sai precipitadamente )
- Felix - ( riado ) Agora sim, agora ela vai proferir mesmo dos sáls.



- Zacarias - Bom noite, seu Félix. Tá licenciosa?
- Felix - Ué, Zacarias, não é que está o Dr. Ruano?
- Zacarias - O dotô num dá hora aí. Quando ele já vinha entrando, veio a jardineira atacá ele pra vê se ele tá lá e o fio dele que tá nas outapóras e num táva passando muito bem. Ele foi ali e já volta. Eu vim obrigatô se arguem ainda vai precisá do carro ou si posso arreceitô ele pra cochear.
- Felix - Não sei, Zacarias, é melhor eu ir saber lá dentro se a Suzana não vai precisar de alguma coisa. Eu se parece que cavi ela estar falando em mandar buscar uma compôta do armazem para o sobremesa do jantar. (bate uma badalada)
- Zacarias - Hum! Deve de sê sete e mais já. Essa gente hoje vai juntá talde que é um caso sério... também tinha gente naquela consurtório do dotô Rabi que num era brincadeira. Esse povo trabalha como boi de canga.
- Danguinha - (entrando) Ôia aqui, seu Zacaria, mandô lá dizê que o sinhô pôde guardá o carro que ninguém num vai mais precisá dele.
- Zacaria - Tá muito bem, entonce devo eu i pedidô ele duas vez.
- Danguinha - Péra um suado, seu Zacaria, meô tem tanta pressa de i siabôra! Cunvalso um suado de gente, o censo.
- Zacarias - Cunvalso o que negrinha? O que é que você qué cuvalso?
- Danguinha - Diz alguma coisa, seu Zacaria, conta uma história qualquer. Diz umapôesia si num sabe nenhuma história.
- Zacarias - Que poesia nem história, negrinha. Deixa de lá inventando bobage. Eu num sei nem uma coisa nem outra.
- Danguinha - E sonho meô num tem prá contá, seu Zacaria?
- Zacarias - Num tenho nada, já te disse.
- Danguinha - Fala sonho eu tenho, sonho um, seu Zacaria. Meô qué que te conte?
- Zacarias - Si icê faz muita quistá, pôde contá.
- Danguinha - Eu sonhei... meô sabe o que foi que eu sonhei, seu Zacaria?
- Zacarias - Num sei, não. Conta logo.
- Danguinha - (envergonhada) Eu sonhei que eu tinha se casado com meô.
- Zacarias - Oô quê?... Meô sonho que tinha se casado comigo? Mas num qué vê que esse pedaço de pinça ando se engraçando pro seu lado? Meô sonho isso mesmo ou isso é invenção?
- Danguinha - Sonhei, sim, seu Zacaria. Juro pal Deus, como eu sonhei. Por isso luz que se aluzia.
- Zacarias - Tá bô, a gente acha tanta bobage que nunca se dá-se... Eu também uma vez sonhei que tava andando de fralda em meô.
- Danguinha - Credo, seu Zacaria!... Eu agora intô fiquei inabalada. Isso é que não podia de dá-se.
- Zacarias - Era mais feio do que a gente nunca-se.
- Danguinha - É mesmo, seu Zacaria, meô sabe?
- Zacarias - Dizê que ache meo em sua pêsso porque ainda num falou si, mais



- preocupando bem eu sou capaz de la dizê que sono.
- Danguinha - Mas eu sô muito grande pra usá fradia seu Zacarias. Mecê num tá vendo logo?
- Zacarias - Pois é, mais tocoo é muito piquinôta pra pensá em se casá-se. Mecê precisa se criá procrio, negriinha, pra depois intão pensá nes-se coisa. Tá hão a que essa eu vô falando que a curvela tá muito boa mais a gente parado nuá procrie. ( Saí )
- Danguinha - Credo!... O seu Zacarias é teu chucro! Parece que ainda num tá bem nisso nesse negócio de amô. Dizê que eu sô piquinôta pra pensá em se casá!... Bobage!... Otraz mais menor do que eu já tom intê casada. É que dizolto ele não se arrado-se de sim. Eu tomou num goste muito dele, mais si eu não namurá ele, quem é que eu vô assurar? Num tem caro aqui.
- Lucilla - Ué, Danguinha o que é isto? Você está falando sôzinha?
- Danguinha - É, sinházinha, eu tava aqui assumendo uma coisa.
- Lucilla - Não sabes que quando a gente fala sôzinha é num sinal?
- Danguinha - É sinazinha, paque? É sinal de que?
- Lucilla - É sinal de que a gente anda apaixonada. Se apaixonada é que fala sôzinhas, conversa com as estrelas, discute com a propria sombra..
- Danguinha - ( rindo ) Credo!... Que coisa mais ingravela.
- Lucilla - Pôde ser engraçada, mas é verdadeira. É a prova tu tens em ti mesma. Confessa: tu não estás apaixonada?
- Danguinha - Paixonada, paixonada como eu num tô, mas que eu tô gostando dum diabo aí, isso é mesmo verdade. •
- Lucilla - Dum diabo. Agora tu disseste a verdade. Os homens são todos uns diabos. Mas quem é esse diabo, vamos a saber. Pôde ser que eu possa te ajudar.
- Danguinha - É mesmo? A sinházinha se ajuda? Entonce eu vô la dizê. Mas num vá contê pra vô. É o seu Zacarias.
- Lucilla - ( adairada ) O zacarias?!... Então deixa pra minha conta que eu arranjo tudo.
- Rubens - ( entrando ) Boa noite.
- Lucilla - Boa noite, Rubens. Danguinha vê avisar a Suzana que o Rubens chegou.
- Danguinha - Sim, sinházinha, com licença. ( saindo ) Entonce num vá se inquietê.
- Lucilla - Não, não se esqueço. ( pausa curta ) Essa Danguinha é um numero. Está apaixonada e confia mais no seu auxilio do que na sua capacidade de mulher. Ora, imagine! A Danguinha apaixonada! ( Ri )
- Rubens - Você está cobando graça? Porque? O amor anda indistinctamente em todos os corações, Lucilla, sem distincção de côr, de raça ou de classe.
- Lucilla - Em todos não, Rubens. Ha muita gente para quem o coração é apenas um músculo. Que não sente, que não vibra e que palta apenas para manter o ritmo da vida.
- Rubens - Talvez. Mas as creaturas assim, apenas, se pôde chamar de gente, porque andam e respiram como os outros, mas é gente cuja alma não tem vôos: que se contentam em flutuar á superficie dos fatos e das coisas, fóra das tempestades, das agustias, dos pecados, dos crimes e das paixões. Gente cuja concepção de viver se resume na estabilidade, na tranquillidade, na uniformidade.



- Lucilla - Feis afianço-lhe que eu gostaria de ser assim. Viveria muito mais feliz. Comería contente e dormiria tranquilo, sem sonhos, sem anseios, sem ambições, sem dúvidas e sem temores. Não teria diante de mim o fantasma das fórmulas, das instituições e dos códigos.
- Rubens - Mas você poderia viver perfeitamente feliz vibrante e sensível, assim como é, se não fosse covarde e tivesse a coragem de desprezar fórmulas céticas e instituições.
- Lucilla - Nunca não esqueça que para a solução que você apresenta existe ainda um entrave que é o sentimento do remorso de nos havermos apossado indebitamente de algo que por direito não nos pertence. E o remorso é um espinho constante na nossa tranquilidade.
- Rubens - Você recusou a proposta que eu lhe fiz. Ela seria uma solução para esse sentimento de remorso por posse indebita.
- Lucilla - Um desquite? Não se valerá de nada esse desquite, não resolverá a minha vida, não consolidará a minha situação, não aplinará as minhas dificuldades e talvez viésse a criar-me novos tormentos. Assim é melhor deixar-nos tudo como está e eu lavarei a saudade dos beijos que não lhe dei e que ainda palpita na minha boca com prisões indissolúveis.
- Rubens - O seu problema sentimental, Lucilla, está nas suas raízes na luta imensa do preconceito com o instinto.
- Lucilla - E a sua equação é um círculo vicioso, Rubens, tangenciando duas possibilidades: continuar atormentada ou esperar, corajosa e heroica, o determinismo do destino.
- Rubens - Mas será que a vida é isto mesmo? Então não há nada que mereça e pena de viver? Heroísmo é vencer o indesejável e lutar com o preconceito.
- Lucilla - Não, Rubens. Heroísmo é isolar diariamente o coração, o pensamento e o carinho ao amor próprio e à altivez. É dolorosa esta fatalidade e ironica de destino que nos juntou paradoxalmente; trouxe você para o círculo da minha emotividade, colocou a minha boca ao alcance do meu beijo e, sádicamente, levantou entre nós uma barreira de imposíveis. Muitas vezes eu mesma me interrogo, aflita, como fugir à sua afeição. Muitas vezes eu mesma me interrogo, aflita, como fugir à sua influência e penso que se eu a meu amor euerei uma pobre armadura de raízes mortas, sem folhas e sem ramos, sem sombras e sem rumores. Mas eu preciso curar-me desta obsessão e farei como os chineses que, em vida, mandam fazer o atafúde em que vão para o mundo de cristal de luz eterna. Eu me preparo, especialmente, numa auto-sugestão de heróicos objetivos, para morrer. Para morrer, sim, porque não é só fisiologicamente que se morre.
- Rubens - Que você se dirija racionalmente para essa sorte do espírito do coração e dos sentidos, vá lá, mas que você arraste à essa mesma morte uma outra criatura que a fatalidade ligou a você não é razoável, Lucilla. Eu quero a vida e só a compreendo vivida com intensidade, com emotividade, com exortação. ( nega-lhe um beijo ) E eu quero viver, Lucilla. Eu preciso viver!
- Lucilla - E terá você o direito de aspirar a vida assim, sabendo que ela é a morte para Suzane? ( procurando defender-se ) Não, Rubens, deixe-me. Não suporto mais o meu tormento.
- Rubens - Lucilla pense que a vida é assim e que é inútil lutar contra ela. Para cada dois que morriam sempre há um terceiro que chora. Será horrível para nós vivermos a renúncia resignada das linhas paralelas. ( entra Suzane e permanece ao fundo sem ser vista )
- Lucilla - Não, Rubens, não.
- Rubens - Sim, Lucilla, sim. Foi o destino que nos atirou nos braços um do ou-



- tro e qualquer resistencia que tentarmos, será.... ( Transição, susto  
 ( pausa longa de constrangimento) Suzana....
- Suzana - Não me diga nada, Rubens. Não me diga nada pelo amor de Deus!  
 (Rubens sai)
- Lucilia - ( pausa longa ) Suzana, eu...
- Suzana - Não me diga nada, também. Saia, Saia, por favor.
- Lucilia - Deixa-me falar, Suzana.
- Suzana - ( desesperada quasi gritando ) Vamos, saia, já disse. ( pausa ) Oh  
 meu Deus! Meu Deus!... ( pausa ) Você ainda está aí? ( gritando vio-  
 lenta) Vamos, saia! Não ouviu? Desapareça da minha frente. Saia!  
 Saia!.... ( Lucilia sai. Tia Esperança entra)
- Esperança - A janta tá na mesa, sinézinha. ( preocupada ) Ué, o que é isso?  
 A minha fia tá duenta?
- Suzana - ( reagindo ) Não, tia Esperança, não é nada. Eu não tenho nada.
- Esperança - A minha fia não ingana a preta véia. A preta véia tá vendo nos óio  
 da minha fia que a minha fia tá sofrendo muito.
- Suzana - ( resoluta ) Estou sofrendo, sim, tia Esperança. É inutil negar.  
 Estou sofrendo muito e sinto uma vontade imensa de chorar! ( voz  
 de choro ) Mas eu não hei de chorar. Eu não quero chorar!
- Esperança - Chora, sim, minha fia, chora. Chora, praque o pranto alivia muito o  
 coração da gente.
- Suzana - ( quasi a chorar ) Tia Esperança! Tia Esperança! Como a vida é tris-  
 te ge que miséria é amar!... ( chorando convulsivamente)

( pano )